REVISTA

NACIONAL E ESTRANGEIRA,

ESCOLHA

D'ARTIGOS ORIGINAES E TRADUZIDOS POR UMA SOCIEDADE DE LITTERATOS BRASILEIROS.

PUBLICADA POR JOÃO MANOEL PEREIRA DA SILVA, JOSINO DO NASCIMENTO SILVA, SOB A DIRECÇÃO DE PEDRO D'ALCANTARA BELLEGARDE.

Tomo 5.º

Rio de Janeiro.

Typographia de J. E. S. Cabral, Impressor do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

1840.

REVISTA

NACIONAL E ESTRANGEIRA.

LITTERATURA.

VIAGEM PELA ALLEMANHA.

1836. — ART. 2.°

Avistavamos Bamberg; entretanto ainda seis leguas de distancia nos separavam d'ella. Toda a parte da Saxonia que comprehende os ducados de Gotha-Coburgo e Meiningen, Hildburghausen, não nos havia mostrado uma unica cidade, que por suas reminiscencias, sua grandeza e magestade, seus vastos edificios e sua população, nos indemnisasse das penas e trabalhos da viagem. Eram pequenas villas á riba de pequenos regatos, cercadas de alguns jardins, de algumas pittorescas montanhas, e que mais pareceriam quintas amenas de algum capitalista retirado, do que capitaes de estados e residencias de principes allemães, a quem accompanha sempre luzida e numerosa côrte.

A Baviera porêm já reluzia sob outro aspecto. Pela estrada que segue de Coburgo para Bamberg, toda rodeada de ndas e alcantiladas montanhas, descobriamos nos picos, ora

um velho e gothico castello com suas ameias, seus muros elevados, suas pontes levadiças e seus negros torreões, ora bellas e encantadoras igrejas na solidão, que formavam prasenteiro espectaculo; aqui calvarios arranjados com arte e gosto perfeito, acolá cruzes de pedra, imagens de alguns santos padroeiros. Não era o mesmo espirito dos povos do Norte: — aqui tudo denunciava já o amor das exterioridades religiosas.

Bamberg, avistada de longe, dá de si idéa vantajosa; descendo de uma alcantilada montanha, no cume da qual estão edificados a cathedral com suas quatro torres, e o palacio episcopal com seus torreões gothicos, ella se estende pela planicie, abraça o pequeno ribeiro que por alli espraia suas verdes e espumosas aguas, e vem fechar-se em uma grande e antiquissima porta de ferro, d'onde corre uma grossa muralha que guarda e circumda a cidade inteira. Cem negras torres gothicas, desdobrando nos ares suas engraçadas e movediças flechas, aformoseavam o painel que anteviam nossos olhos. E em torno uma natureza rica, alegre, esbelta, uma vegetação pittoresca e agradavel, um céo puro, claro e limpido, e o rei dos astros, desapparecendo do mundo, deixava no firmamento nuvens de oiro, que pouco e pouco se esvaeciam . . . .

Ao passo que nos iamos approximando, este espectaculo parecia metamorphosear-se em outros, si não mais bellos, ao menos tão agradaveis e pittorescos. No meio da negridão dos tectos e das torres, que se perdiam em uma atmosphera clara e azulada, lá refulgia um palacio gothico pintado de mil côres differentes, que produziam maravilhoso effeito e mudavam inteiramente o aspecto do painel. Mil diversas inscripções gravadas nas portas da entrada, todas em honra de Deus e de seus santos, cruzes pintadas n s cantos das ruas, imagens da Santissima Virgem em pequenos oratorios, tudo revelava que ainda animava hoje o povo de Bamberg o velho e catholico espirito da idade media.

Toda esta parte da Baviera, que comprehende Bayreuth, Bamberg, Wurtzburgo e Nuremberg, é muito célebre em toda a idade media, célebre nas poesias do tempo e nas modernas composições. Um dos nove circulos do antigo imperio da Allemanha, a Franconia, tem honrosa menção nos annaes da historia desde a occupação dos

Francos até quasi nossos dias. A feudalidade tanto ecclesiastica como secular, a feudalidade com toda a sua força e magestade, com todo o seu brilho e independencia, a feudalidade com seus grãos-mestres da ordem teutonica de Mergentheim, com seus bispos de Bamberg e Wurtzburgo, com sua cidade imperial de Nuremberg, a feudalidade com seus fortes castellos, seus combates de morte, suas usanças militares, seu espirito cavalheiresco, a feudalidade emfim com toda a sua galhardia, dominava na Franconia.

É uma terra toda de emoções e cheia de interesse e de poesia; alli as guerras religiosas distillaram sangue, as reformas de Luthero e de Melanchton se travaram em combate de morte com o catholicismo de Roma. O papa e o imperador, essas duas imagens de Deus sobre a terra, essas duas representações da sciencia e da força, deram se as mãos para destruir a obra do clero de Wittemberg, que ameaçava invadir com suas novas crenças o sanctuario do antigo culto.

Foi na Franconia que tiveram seu berço os *minesangers*, os primeiros canticos populares que conhece a litteratura germanica. E a Franconia tambem ha sido a patria de grandes escriptores, de poetas abalisados; a Franconia tambem tem derramado inspirações celestes nas obras de alguns genios da Allemanha. Em Bayreuth nasceu João Paulo Frederico Richter; Hans Sachs e Alberto Durer, em Nuremberg. Na Franconia estabeleceu Schiller o castello do velho Moor. Foi a Franconia que a mão de ferro de Goetz de Berlinchingen revolucionou, segundo nol-o refere Goethe. È a patria dos *Mestres cantores*, qne tantas inspirações deram a Hoffmann.

A proposito de Hoffmann, eis alli o theatro onde elle, depois de ter sido magistrado em Posen e em Varsovia, constituiu-se director de orchestra, em Bamberg, deu-se a compôr musica, a pintar decorações, a representar farças as mais extravagantes, e a fazer morrer de riso com suas graças e seus malignos saïnetes a um povo immenso de curiosos.

Que extraordinario homem é este Hoffmann! Que perda immensa soffreu a Allemanha com sua morte!.. Metaphysico, extravagante, philosopho e poeta, de um character melancholico, e entretanto sorrindo-se para todos, divertindo a todos, elle rasga a becca de magistrado, toma a vida de artista, passêa por toda a Allemanha, embriagando-se nas

cavas de Vienna, nas grosseiras tabernas de Bamberg e no meio das exhalações do ponche e do vinho do Rheno, da cerveja e da atmosphera de tabaco, eil-o que escreve um admiravel romance, um primor da arte; e, atirando-se em um reino de chimeras, no idealismo o mais vago e imperceptivel, chamando em seu apoio Satanaz e gnomos, sylphos com suas azas diaphanas, e nymphas com seus seios de rosas, elle electrisa, transporta, arrebata a imaginação.

Homem tão bizarro como seu proprio talento, tinha, como Scarron, a triste coragem de rir-se no meio das mais agudas dôres que o atacaram em seus ultimos dias, e que o tornaram completamente paralytico. Seu destino e sua vida foram tão extraordinarios, tiveram phasés tão diversas, mudavam com tanta facilidade, eram emfim tão grotescos e tão terriveis, tão alegres e tão dolorosos, como qualquer dos seus contos e novellas.

« Dae vinho a Hoffmann, dizia Schlegel, não que elle tenha sede, não que elle ahi procure esse prazer brutal com que tanto se embriaga a canalha; não é do vinho que elle gosta, mas sim d'esse novo calor, d'essa vida, d'esse ardor que corre pelas veias: então desapparece sua imaginação louca, ella parte a todo o galope, soltas as redeas. Então uma longa familia de bizarros entes, filhos de seu pensamente vagabundo, approxima-se a seu appello, responde á sua voz, augmenta-se, estende-se em sua presença, grupa-se em derredor d'elle. »

Como é em Hoffmann poderoso o sentimento das artes, como é cheio de eloquencia e de energia, e tambem de desesperação! Elle é, ora burlesco, ora sublime, ora pathetico, ora espirituoso. Tudo varia e desapparece no mesmo momento; tudo porêm é grande, tudo admiravel. Elle tem uma paixão, uma idolatria pelas artes, que se manifesta com uma graça encantadora em *Zacharias Werner;* tem um enthusiasmo pelas cousas maravilhosas, que não póde negar ser filho d'essa terra, d'essa Allemanha que adora tudo quanto é maravilhoso, ideal e phantastico.

Hoffmann, emfim, possuia uma imaginação vigorosissima e um espirito perfeitamente claro, uma profunda melancholia e uma inesgotavel superabundancia de extravagancias e ditos espirituosos e alegres: desenha com mão firme as mais phantasticas personagens, mostrando-as reaes, pela

naturalidade dos detalhes e bem acabado de seus quadros; apresenta scenas as mais differentes, que fazem tremer e sonhar com defuntos e diabos, que fazem rir desesperadamente. Inventa como as *Mil e uma noites*, descreve como Walter Scott, liga, reune e harmonisa tudo como Lesage.

Por tal sorte elle se electrisava quando escrevia suas novellas, que todas se basêam em um fundo mais ou menos maravilhoso e phantastico, que, apezar de não crer no que inventava, tanta era a verdade com que pintava, tamanha a naturalidade com que descrevia, que ás vezes, pela noite em diante, elle tinha medo de si mesmo, parava de escrever, suas proprias concepções lhe incutiam terror, seus cabellos se erriçavam, e começava á gritar por sua mulher que o viesse salvar.... e sómente quando esta se assentava a seu lado, e que com sua companhia o reanimava, é que elle, livre da visão que o atormentára, continuava a escrever e a compôr.

Entretanto não é o maravilhoso, não são as feiticerias, as apparições, os diabos, as almas do outro mundo, que nos fazem mais admirar o genio de Hoffmann, ainda que elle tratou todos esses objectos com um talento tal, que é impossivel que não incuta medo, que não faça tremer contra a vontade, mesmo o mais animoso e o mais precavido dos seus leitores

Tudo isso é admiravel, é sublime; o que melhor porêm revela, em nosso entender, o genio de Hoffmann, é essa maneira de narrar tão naturalmente, de ligar os factos uns aos outros, de combinar os effeitos, de arranjar as scenas, de modo que vão pouco e pouco subindo, que tudo parecem sonhos, presentimentos que o acaso verifica, sympathias, fascinações, certos acontecimentos, certas impressões indefiniveis, mas que são reaes, palpaveis, verdadeiras. A loucura, a mania, estas idéas fixas, essas disposições bizarras da natureza, essas organisações exaltadas, tudo lhe serve, tudo lhe fornece materia, elle sabe tirar de tudo prodigioso partido. E o seu conto vae correndo naturalmente por entre terror e delirios, pathetico e grotesco, por entre scenas admiraveis de sentimento e de enthusiasmo.

E eis que do meio d'essa vida deboxada, o rei da Prussia o manda buscar a Bamberg, reintegra-o em um logar de magistratura; mas Hoffmann não resiste muito tempo a essa

vida sedentaria e material: sem companheiros de deboches, sem embriaguez, sem artistas e sem theatro, elle definha e morre....

Bamberg porêm lhe conserva verdadeiras saudades. Seu nome ainda alli se repete com respeito, veneração e amor.

Internamente, esta cidade corresponde ao aspecto externo. Bellas casas, todas gothicas, velhos edificios, cobertos de imagens, igrejas magestosas, magnifica cathedral, e sobre o Regnitz, que é o ribeiro que a atravessa, uma ponte gothica com um torreão no meio, toda pintada de figuras extravagantes, anjos, diabos, toda cheia de lettreiros e incripçōes latinas e allemães, como, por exemplo — *Gelob sey Jesus Christus* — Louvado seja Jesus Christo. *Non tantum dominus domu, quàm domino domus.* —

É assim que gostamos de uma velha cidade; suas antiguidades ainda apparecem e realçam: esses edificios gothicos, esse espirito religioso da idade media que ainda hoje se revela, tudo incute ao viajor um respeito e uma admiraçao que o encantam, e se conservam eternamente em seu pensamento.

Deixámos Bamberg e seguimos para Nuremberg, que distava d'ahi oito a dez leguas.

Diz Attmeyer que Nuremberg é o ornamento, o encanto, a reliquia da Franconia. Na verdade, ella é uma perola; rivalisando com Bamberg nos edificios e casas gothicas, nas ruas estreitas e nas muralhas de ferro, tem um encanto superior que se não póde exprimir. Aqui inventaram-se os relogios, as clarinetas, as espheras celestes; aqui as pinturas de Alberto Durer, o cinzel de Kraft, e o genio de Fischer, tudo aformosêam. Em seus muros a historia do passado nos cerca por toda a parte. O tempo, as revoluçōes, as guerras, as oscillaçōes do imperio germanico, não conseguiram rasgar-lhe suas vestes dos dias antigos. È a mesma Nuremberg que nos séculos XIII e XIV negociava com Augsburgo, Ulm e Veneza; é a mesma Nuremberg que Rodolpho de Habsburgo constituiu cidade imperial, onde se guardam ainda os ornamentos do imperador e a corôa de ferro de S. Sebaldo, onde Carlos IV decretava a bulla de ouro.

N'esta cidade, o genio allemão apparece puro, original e sem mescla alguma; nada tem de grego, nada de ita-

liano: a arte germanica tem seu typo differente e original. Si na Italia apresentam-se Raphael e Miguel Angelo, aqui tendes Durer e Cranach, que nada lhes ficam devendo em talento, em obras e em serviços ao paiz S. Sebaldo, S. Lourenço, a casa da camara, suas altas fortificações; o tumulo de bronze do protector da cidade, do primeiro d'estes santos, o monumento da fonte publica, tudo é grande e admiravel, tudo chama e sacia plenamente a curiosidade do viajor.

Adeus Nuremberg, a bella das bellas da Franconia! — Ratisbonna nos espera, nós para lá marchamos.

Rolava a nossa carruagem por aquellas estradas, quando em uma igreja isolada soaram dez horas da noite. De repente o som de uma harpa veio arrebatar-nos o somno, que se apoderava de nosso cançado corpo. Era de um pequeno castello gothico, que ficava encostado ao caminho, que vinham esses sons encantadores. A harpa no deserto, a aquellas horas mortas da noite, tocada sem duvida por algum anjo, produzia um effeito maravilhoso, que ninguem poderá fielmente recontar. Seria o gemido da idade media que sohia apparecer n'aquelle castello contemporaneo de seus memoraveis feitos.? O silencio da noite, allumiada apenas por algumas poucas estrellas que scintillavam no céo, concorria para melhor apreciarmos esse instrumento divino, cujos sons melancholicos e dôces, solemnes e magestosos, influem poderosamente sobre todas as fibras de nossa alma.

Não, essa impressão que recebêmos inopinada, repentina e deliciosa, não poderiamos descrevêl-a. Ha em toda esta scena nocturna, n'essa scena do deserto, frente á frente com os tempos antigos do cavalheirismo, da galanteria, do amor e da fidelidade, frente á frente com essa épocha memoravel dos triumphos e glorias da religião christãa, ha em todo este espectaculo, n'esta apparição subita, um encanto tal, um tão grato e ao mesmo tempo tão melancholico sentimento, que nossa penna refusa pintal-o.

E a carruagem continuava sua marcha por um caminho cercado de grandes arvores, e o som da harpa nos ia accompanhando como si fôra o anjo da nossa guarda que velava sobre nós. De repente uma voz, não menos bella que a harpa, não menos melodiosa, rivalisou com os sons do angelico instrumento. Ella entoava a bella legenda de

Schiller, intitulada—O *Cavalleiro Tockenburgo*, — ballada admiravel de poesia, de sentimento e de paixão. Não havia duvida nenhuma; um castello gothico repercutia uma legenda feudal, scenas do tempo antigo harmonisavam com velhos edificios. Não havia duvida nenhuma; era a voz da idade media que enviava seus gemidos aos tempos modernos, era a voz de alguma virgem de nossos tempos que cantava canções de antigas eras. E esta canção era admiravelmente appropriada ao logar e á occasião. Nós aqui a transcrevemos, traduzida em portuguez pela habil penna de um nosso compatriota e amigo:

O CAVALLEIRO TOCKEMBURGO.

„ — Cavalleiro, este meu peito
„ — Por ti sente amor de irmão,
„ — Nem com outro amor exijas
„ — Te pague meu coração.

„ — Si quebro o voto sagrado,
„ — Eu serei infortunada,
„ — Não me atormentes, te rogo;
„ — Quero viver descançada.

„ — Não me é dado, cavalleiro,
„ — Nem devo comprehender
„ — Esse pranto que teus olhos
„ — Estão tristes a verter.

Elle a ouve taciturno
Entre suspiros chorando,
Mal a aperta nos seus braços,
Veloz se vae apartando.

Eil-o monta audaz ginete,
E manda que em continente
Lá das terras da Suissa
Parta toda a sua gente.

Que partam quantos vassallos
Lhe rendem submisso preito;
Marcham p'ra o santo sepulchro,
Tendo uma cruz sobre o peito.

Lá façanhas se praticam,
Arrostam-se mil perigos,
Vôam elmos e pennachos
Na lucta c'os inimigos.

Então elle se despede
De infanções e cavalleiros,
O campo deixa dos bravos,
Parte só sem escudeiros.

Em um navio se embarca,
Que já prompto a partir vira,
E vae á terra da patria,
Onde *ella* vive e respira.

Bate á porta o peregrino
Do castello assoberbado,
E uma voz, ai! lhe responde
Em tom rude e magoado.

Ao nome de Tockemburgo
Estremece o Mauritano;
Mas nada o mal lhe mitiga
Nascido de amor insano.

Um anno o tinha soffrido,
Já não póde mais soffrer;
Em balde busca o socego,
Embalde busca morrer.

„ — Essa que vós procuraes
„ — Já tomou o sacro véo,
„ — Uniu-se hontem a Deus
„ — E' hoje noiva do céo.

Elle então deixa p'ra sempre
O castello de seus pais,
Nem suas luzidas armas,
Nem seu palafrem vê mais.

De seu soberbo castello
Elle sahe desconhecido,
Que lhe cobre o corpo inteiro
Grosseiro e rude tecido.

E construe pobre choupana
Em um sitio retirado,
Que olhava para o convento,
De arvores tristes cercado.

E desque a aurora nascia
Até que a noite apontava,
Muda esperança no rosto
Assentado elle esperava.

A olhar para o convento
Passava o inteiro dia,
D'olhos fitos na janella
Té que a janella tremia.

Então da gentil amada
O semblante divisava,
Tão puro como o de um anjo,
Quando para o valle olhava.

Satisfeito então ficando,
Ia dormir consolado,
Nova ventura aguardando
Logo que o sol fôsse nado.

Muitos dias, longos annos,
Em triste langor jazia,
Sem mostrar queixa nem dor,
Té que a janella tremia.

Então da gentil amada
O semblante divisava,
Tão puro como o de um anjo,
Quando para o valle olhava.

E uma manhãa assim 'stava...
Frio cadaver sentado...
Inda olhava p'ra a janella
Com semblante esperançado...

Fomos poisar em Neumarkt, aonde chegámos pela meia noite, maltratado e cançado da viagem: a triste e dura realidade veio roubar-nos o mundo de illusões e de poesia, em que haviam lançado nosso pensamento aquelle gemido delicioso da harpa e aquella voz angelica da virgem.

Qual não foi nosso prazer, quando no dia seguinte, descendo de uma montanha elevada, o mais rico painel se desenrolou a nossos olhos! O Danubio, magestoso e célebre, descia suas aguas por meio de grandes campinas, aonde boiadas, manadas de carneiros, sem conta e sem numero, pastavam alegremente. Muitas choupanas de pastores estavam edificadas ás suas ribas. Bellissimas casas de campo espalhadas por alli, umas pintadas de diversas côres, outras com jardins encantadores na frente, á maneira dos palacetes dos arredores de Londres, faziam o aspecto agradavel. E a cidade de Ratisbonna a tres ou quatro leguas de distancia, elevando suas negras torres ao céo, e mostrando a bella e grande ponte que atravessa o rio, solida e trabalhosamente construida, enfeitava admiravelmente o quadro.

A presença do Danubio não póde ser indifferente á quem se recorda de Roma e do cantor sublimado das *Tristes*. Foi alli, ás ribas d'esse rio magestoso, que o desterrado de

Augusto carpia seu destino, lembrando-se da patria, arrancava de seu seio os mais sublimes accentos de dôr: perto dos Scythas, entre barbaros. que habitavam n'aquella épocha estes contornos, Ovidio escrevia á seus insensiveis amigos de Roma; retratava-se de tudo, tudo abjurava, contanto que á seus olhos fôsse ainda presente o espetaculo da grande cidade que o destino lhe dera por patria.

Cúm subit illius tristissima noctis imago,
Quæ mihi supremum tempus in urbe fuit.
Cúm repeto noctem, qua tot mihi cara reliqui
Labitur ex oculis tunc quoque gutta meis.

O tyranno de Roma porêm não dava ouvidos a essas inspiraçõeS do genio desamparado e triste: qual seu crime, o futuro não rasgou ainda o véo, que o encobre; entretanto o castigo foi extremo, e a posteridade com horror se lembra d'elle, e a posteridade nunca absolverá Augusto.

Ratisbonna é uma velha cidade; seus edificios gothicos, e suas casas, todas negras e enfumaçadas, têm atravessado muitos séculos. Alli reunia-se a dieta germanica; acolá foi ferido Napoleão durante o combate. Cidade imperial, possuindo suas bandeiras e seus estandartes, apresentando seus soldados e chefes, lá perdeu ella tudo que lhe constituia gloria, e cahindo em poder da Baviera, curvando-se ao jugo de Munich trocou seus cavalleiros e suas aguias pelas côres azul celeste e branca, que tremulam nas torres de sua cathedral, no alto de suas fortificaçõeS, e no pico do seu famoso *Walhala* (1).

Munich, Munich, eis-aqui a bella e nova cidade, com suas novas vestes, seus enfeites voluptuosos, seu luxo moderno, suas grinaldas e toucados. Deixemos essas margens amenas do Danubio, que só tempos antigos nos trazem á memoria; nós somos filhos de hoje, saudemos antes nossos contemporaneos.

Si ha uma pequena, mas linda cidade, que em si contenha todos os thesouros, que agradam á vista, quĕ arrebatam os sentidos; si ha uma cidade que, como uma for-

---

(1) Montanha aonde está edificado um magestoso castello, que tem esse titulo.

mosa virgem, possua os attractivos e encantos que prendem o coração, encadêam as mãos e enlaçam o pensamento; si ha emfim uma cidade que se não póde deixar sem dôr, que se não póde trazer á memoria, sem que a dura saudade venha contristar-nos — depois de Veneza — é, sem duvida alguma, Munich.

Os Alpes e o Tyrol se avistam da cidade: continuamente essas célebres montanhas giram diante das outras, brancas e alvas; com os seus cumes cobertos de neve eternamente, ellas amostram a Italia e a França que d'alêm correm e se estendem, reccordam Annibal e Napoleão, os dous genios que as dobraram e as curvaram.

Bellas ruas, cercadas de modernos e elegantes palacios, de edificios apenas acabados, de formosas igrejas; lindas praças com os palacios reaes, Leuchtemberg, Maximilianno, Glyptoteca, Poniapoteca; theatros, bazares, estatuas de bronze, obeliscos; um parque magestoso, atravessado por um rio plantado de flôres, com montanhas artificiaes; grandes galerias de esculptura, grandes museus de historia natural, que o célebre e honrado Martius vos mostrará, com toda a amenidade de seu character, a grandeza de seu coração e a delicadeza de suas maneiras; immensos quadros dos mais célebres pintores allemães, italianos, francezes, hespanhoes e hollandezes, desde Durer e Cranach até Rembrandt e Murillo, desde Raphael e Corregio até David e Poussin; muitas ricas equipagens, muito luxo, uma côrte esplendida um rei, que passêa só ás tardes, de casaca e chapéo redondo, e a pé, por entre o seu povo, que apenas lhe tira o chapéo e continúa seu caminho: — eis aqui a cidade de Munich, a capital do reino da Baviera, d'esse reino de 4 milhões de habitantes, creado em 1806 por Napoleão depois da victoria de Austerlitz.

A Baviera é um paiz constitucional; tem um exercito de 45 mil homens em pé, duas camaras legislativas, convocadas todos os tres annos: a aristocracia tem privilegio na primeira e assento na segunda, a dos deputados, que se compõe de 115 membros, devendo ser um oitavo de pessôas nobres. Esta pequena monarchia porêm desapparece ao lado de Vienna, que lhe tira toda a força, a domina na sua politica interna; e, quanto á externa, lá está a dieta em Francfort, aonde a Austria e a Prussia se combinam

e decidem os negocios da confederação com a maior sem ceremonia do mundo.

A arte e a sciencia ornam Munich; e quando nós sahiamos das casas de Martius e de Schelling para visitarmos a Glyptoteca e a Poniapoteca, sentiamos como affinidades secretas entre os marmores de Egina e os genios d'estes modernos Aristoteles. Munich, em galerias de pintura e esculptura, possue toda a qualidade de riquezas; poucas cidades a igualam na Europa. Que bella collecção de retratos dos mais célebres escriptores da Allemanha!. E alli, ao lado de Schiller, de Goethe, perto de Klopstock, Burger com razão e justiça se acha collocado!..

Conheceis vós Burger pela sua ballada de Leonor?

A lua brilhante está,
Os mortos andam depressa;
Accaso tremes, amiga?

Ella d'estes versos antigos sahiu, e é impossivel ouvil-a, sem tremer de medo, sem se erriçarem os cabellos.

Frederico partiu para o combate, e não voltou com os seus companheiros; Leonor sua amante o procura, e não o encontra. nada a consola, e ella accusa a Providencia de zombar dos mortaes. É noite: um cavalleiro batte á porta: — Leonor! Leonor! vem, minha cara! dormes acaso, ó bella? — É a voz de seu amante; Leonor a escuta, corre para elle, entrega-se em seus braços. Meia noite sôa. Eil-os ambos montados em um cavallo, que corre á redea solta pelos campos, pelas mattas, pelos rios, pelas montanhas. Silencio, ó bem amado! — nós vamos para o leito nupcial. — O cavallo negro respira fogo, parece voar como o vento. — Que rumor é aquelle, lá entre trevas? Os corvos vôam para alli, os sinos tocam sons funebres; eis um lugubre cortejo que acompanha um cadaver!.... Mais tarde enterrareis esse corpo, acompanha-me, que eu conduzo minha esposa ao leito nupcial. E corre, corre o cavallo, e tudo desapparece. — Eis um raio faz tudo estremecer com sua queda, o cavalleiro desfaz-se em pó a terra treme, e se entreabre. — Os mortos andam depressa; é um cemiterio, e Leonor acha-se n'elle, no meio de almas desconhecidas, e a alma de seu amante, que a tinha ido procurar.

Esta curta analyse não dá perfeita idéa da ballada; é preciso lêl-a no original toda inteira, ver como a rima se quadra com o objecto, como são proprias as expressões, como a poesia exprime maravilhosamente a situação da alma. Tudo incute o terror, o relincho do cavallo, a rapidez de sua marcha, esses paizes desertos e aridos que elle percorre a galope, essa natureza silenciosa do inverno, esse enterro que se encontra no caminho, os gritos dos corvos, o som dos sinos, o cantico funebre, e estas palavras pronunciadas por seu amante, de quando em quando e baixo para Leonor: — *Os mortos andam depressa*! — e a desgraçada que tremendo lhe responde: — *Deixa, meu bem, em paz os mortos*; — esse cemiterio, theatro de apparições fantasticas, essa igreja em que se precipita o cavalleiro a travéz de sepulchros e tumulos que elle piza aos pés, tudo está admiravelmente calculado para gerar e entreter na alma do leitor essas poderosas emoções de dôr e de terror que o maravilhoso produz em nós.

O mesmo Burger tinha muito elevada idéa d'esta ballada, e do terror que ella devia incutir aos que a lessem. Elle escrevia a um dos seus amigos: — Si, lendo a ballada, toda a pelle do leitor não estremecer, consinto em que toda a minha vida me chamem um Jão-Jão. — Em outra carta dizia elle tambem: — Leonor augmenta em popularidade todos os dias; quando a lerdes pela primeira vez a nossos amigos de Goettingen, ponde em cima da mesa uma caveira, e atraz uma alampada de baça luz e depois lêde. Acreditamos que assim o estremecimento seria insupportavel; nem Macbeth teria tanto susto!

Burger é autor de outras balladas, sinão tão affamadas, ao menos tão bellas e tão dramaticas e interessantes. O *Caçador feroz* e a *Peregrina* são primores d'arte, e causam tambem um sentimento de terror igual ao que produz *Leonor*. A parte do *Caçador*, em que se descreve a morte do pastor e a perseguição do cervo, é sublime; os canticos da morte cessam repentinamente.

« O caçador lança em torno de si olhos espantados; assopra no seu corno, e som nenhum sahe; grita, e nada ouve; sacode o seu chicote, e nemhum estalo; mette as esporas no seu cavallo, e este não se move. A obscuridade que o rodêa engrossa progressivamente e cada vez mais, como a noite

dos tumulos. Elle ouve de repente um rumor surdo, como o gemido do mar sobre penedos.... »

Esta pintura, e a da perseguição do caçador em castigo de seus crimes, é admiravel, e a versificação arranjada com taes termos e expressões, que exprime o som das palavras a propria idéa do autor.

Burger foi toda a sua vida infeliz; morreu cheio de afflicões e curvado sob o peso de dôres moraes. É escriptor porêm digno de collocar-se a par de Klopstock.

A universidade de Munich é uma das mais reputadas na Europa pelos seus professores. Ella é completa, e contêm a faculdade de Direito, a de Medicina, de Lettras, Mathematicas e Historia natural. Fundada em 1826 por Luiz Maximilianno, e sob a inspiração e influencia catholica, ella guarda em seu seio professores da maior nota da Allemanha, depois da de Berlin. Si esta universidade conta leccionando em suas aulas o célebre romanista Savigny, o grande philosopho Gans, o geographo Ritter, os historiadores Neander e Raumer, e o naturalista Humboldt, Munich ouve tambem as eloquentes e illustradas vozes de Schelling, de Gœrres, de Baader e de Martius.

A Allemanha conta hoje seis universidades da primeira ordem, aonde se encontram os homens mais illustrados do paiz, que, na ausencia de outra carreira que percorram, constituem-se professores e leccionam a mocidade. Alli no retiro e na solidão, no meio dos estudos e da intima confidencia de alguns amigos, escondem-se esses sabios, esses distinctos varões, e passam uma vida de sciencia e de paz. Depois das universidades de Berlin e Munich, temos a de Goettingen, aonde leccionam os célebres historiadores Heeren e Wendt, o sabio jurisconsulto Hugo, os philologos Othfried Muller, Ewald, e os irmãos Grimm, aonde leccionaram os grandes litteratos Boutterweck e Eichhorn; temos a universidade de Bonn, que ainda sente a morte tão fatal para as sciencias historicas de Niebuhr, e aonde hoje professam Welcker, Brandis e Schlegel; temos a universidade de Heildelberg, aonde o illustre jurisconsulto Miltermeyer explica a origem do Direito aos seus discipulos com aquella amenidade, doçura e clareza propria de um sabio; temos emfim a universidade de Iena, que, apezar de haver perdido a mais bella parte de sua gloria com a morte de

Fichte, comtudo ainda hoje brilha com alguns nomes illustres e modernos.

As universidades da Allemanha são as mais novas em data de sua fundação, e entretanto nos nossos dias, principalmente na jurisprudencia, historia, medicina e sciencias naturaes, têm-se ellas elevado muito ácima das mais universidades da Europa. Damos aqui a data da fundação das principaes universidades, e que extrahimos da historia de Meiners.

Do século XII são 3: Pariz, Bolonha e Salerno.

Do século XIII são: Napoles, Tolosa, Salamanca, Padua, Montpellier, Lisboa, Oxford e Cambridge.

Do século XIV são: Roma, Orleans, Pisa, Valhadolid, Praga, Pavia, Vienna, Heidelberg, Colonia, Ferrará, Parma e Sienna.

Do século XV são: Leipsick, Cremona, Louvain, Florença, Glasckow, Friburgo, Saragossa, Upsal, Tubingen e Copenhague.

Do século XVI são: Wiltemberg, Sevilha, Toledo, Compostella, Lausanna, Kœnigsberg, Reims, Genebra, Leyde, Oviedo e Dublin.

Do século XVII é Parma.

Do século XVIII são: Turim, Breslau, Goettingue, Moscow, Milão e Coimbra.

Do século XIX são: Berlin, em 1810; Bonn, em 1818; e Munich, em 1826.

Munich é a cidade mais catholica da Allemanha; a reforma nunca pôde introduzir-se no antigo ducado da Baviera, ainda que trinta annos de guerra perseguissem a Allemanha, ainda que seu baptismo fôsse de sangue humano, ainda que viessem exercitos do Sena e do Baltico pisar essa terra, que, si unida estivesse, mais respeitada seria. Por alli marcharam a Suecia, a Dinamarca e a França; Turenne e o duque d'Enghien, Richelieu e Gustavo Adolpho, Torslenton e Wraugel. Ganhou a casa de Brandenburgo, fez-se reino independente; enfraqueceu-se a casa da Austria, tornou-se imperio nominal da Allemanha, e alguns ducados e principados foram-se separando e dividindo.

Lá apparece Stuttgard, a capital de Wurttemberg, da antiga Suabia. Deixemos Munich, deixemos Augsburgo, essa velha cidade imperial, companheira de Nuremberg, deixemos Ulm com sua cathedral gothica. A Suabia tem mais direito

a chamar nossa attenção; a Suabia é a patria de Schiller, de Hegel, de Wieland, de Schelling, de Uhland, de Spitler, de Moser Paulus.

Estes pequenos estados constitucionaes da Allemanha, ainda que sejam uma miniatura dos grandes povos que admittem o systema representativo, dão comtudo bastante cuidado á dieta de Francfort; a Austria e a Prussia não podem olhar com bons olhos para Wurtemberg e Baden, por isso que alli se desenvolvem todas essas idéas modernas de governos mixtos, se encontra o brilhante espectaculo de camaras deliberantes e legislativas com todo o fulgor, com partidos ministerial e opposicionista; com a imprensa, si não inteiramente livre, ao menos bastantemente forte para resistir ás tentativas insanas do poder, e regular sua marcha no que toca aos interesses internos: alli, em Stuttgard, estão os chefes da opposição, Uhland o grande poeta moderno, Menzel o litterato, e Pfizer o historiador; alli em Carlsruhe fazem frente ao poder Rotteck, o autor da melhor historia universal que existe, Mittermeyer, o professor de direito criminal na universidade de....

È impossivel que essas idéas se não communiquem ás duas grandes potencias, que tanto as temem e as repellem como prejudiciaes! A Baviera não lhes causa susto pelo espectaculo tranquillo que apresenta, pela indifferença geral do povo quanto aos negocios publicos, pela fraqueza dos deputados que parecem mais servos do governo do que um poder livre e independente do estado. O direito é nada, o facto é tudo. Que importa que haja uma constituição, que existam camaras, si os membros d'estas são eleitos sob a influencia e proposta da côrte, si a nobreza tem alli entrada e prepondera, si sua missão, em vez de ser a de analysar e perscrutar os actos do poder, como lhes é marcado pela lei fundamental, na pratica não passa de approvadora de tudo quanto o rei Luiz e seu ministerio faz e cumpre? A Baviera pois lhes é indifferente, mas os deputados de Baden e Wurtemberg os *sans-culottes* allemães, como os appellidam a *Gazetta Universal de Augsburgo* e a de Vienna, apresentam theorias encantadoras que podem influir no animo do povo, levantal-o do seu tranquillo e voluntario lethargo, destruir governos assentados sobre direitos vindos de Deus e sobre bens antigos da velha Germania:

é preciso destruir esses principios, essas theorias, essas idéas que se não coadunam com os principios, theorias e idéas do principe de Metternich e do ministro Ancillon; a dieta já tomou sobre si tão pesada responsabilidade. Por maioria de votos já têm sido multados por vezes, e por vezes retirados das camaras, Rotteck, Uhland e Pfizer, os mais valentes campeões da tribuna. Baden e Wurtemberg que remedio têm sinão subjeitarem-se á força, á decisão da dieta!

Como cidade, Stuttgard pouco vale; é pequena e triste. Alli porêm existe a maior typographia da Allemanha; o mais rico livreiro, Cotta, faz d'ahi sahirem milhares de obras, que se espalham por todas as cidades e villas do norte, do centro e do sul da Confederação. Tudo se imprime, se publica e se vende em Stuttgard. Luiz Tieck e Raupach estavam ambos na capital de Wurtemberg, na occasião em que por alli passámos. Não quizemos deixar de visitar essas duas illustrações modernas, que tanto brilho espargem sobre o seu paiz.

Tieck é o homem mais espirituoso da Allemanha; seu genio assemelha-se um pouco ao de Scribe, sem ter tanta mordacidade. Seus romances todos extravagantes, todos originaes, são de uma graça incomparavel, de um espirito penetrante, vivo, e entretanto o mais indecente que se possa imaginar. Talvez se nos intitule *barbaro*, por aventurarmos que, em nossa opinião, Tieck, como escriptor, como romancista, é muito superior a João Paulo Frederico Richter, que teve as honras funebres em Bayreuth as mais extraordinarias que nunca couberam a poeta algum do mundo.

Tieck é de facil, alegre e divertida comprehensão; João Paulo é autor inintelligivel, começa com um estylo, acaba com outro, muda a cada passo, a cada pagina, a cada periodo, a cada phrase, a cada expressão. Depois, lê-se e chega-se ao fim, sem se saber o que nos quiz elle dizer. Os titulos das obras não tem relação alguma com o seu conteudo e materia. *Titan*, que é considerado como sua melhor composição, póde-se apregoar philosophica, poetica, sublime, tudo quanto quizerem seus adoradores, sem que pretendamos contestal-os nem fazêl-os descer de seu elevado enthusiasmo; sómente observaremos que temos por vezes querido lêl-a e entender, e sempre temos esmorecido e desacoroçoado. Tieck, no emtanto, exprime tudo com uma

ligeireza de estylo, um encanto e amenidade que agradam, entretem o pensamento e o dominam completamente.

Raupach é poeta dramatico; suas tragedias contêm bellezas superiores e irregularidades indesculpaveis. Lança mão de um facto historico, disseca-o, corta-o, divide-o, augmenta-o, metamorphosêa-se completamente a ponto de ficar desconhecido, e amolda-o por fim a um systema proprio, que o bom senso não póde deixar de reprovar. N'isto assemelha-se muito com Victor Hugo e Alexandre Dumas. Suas personagens não são as da historia, são as que convêm ao drama, á sua imaginação. Não foi assim que procederam os mestres da arte, os Shakspeares, os Schillers, os Goethes, os Corneilles — esses semi-deuses do drama.

A melhor composição de Raupach é a *Morte de Torquato Tasso* (Tasso's Tod). Ella foi representada em Stuttgard, emquanto lá estivemos, e produz maravilhoso effeito na scena. O poeta, morrendo e queixando-se do mundo, com o nome de *Leonor d'Este* ainda nos labios, n'essa Roma, asylo dos desterrados, dos orphãos desvalidos, dos reis desthronisados, dos moribundos poetas, causa uma impressão difficil de exprimir-se.

Carlsruhe é uma insipida e monotona cidade. Uma duzia de ruas, que vão todas dar a uma grande praça, aonde estão o palacio do gran-duque, as camaras, o theatro, alguns pequenos museus de historia natural, eis aqui a capital de Baden.

Entrámos em França por Strasburgo, cidade franco-allemãa. Avista-se de longe a brilhante agulha de sua maravilhosa cathedral gothica, que tem sido visitada por quasi todas as celebridades do século passado e do presente; os nomes de Voltaire, Goethe, Lavater, Schiller, Angoulême, Olenschlager, alli estão gravados. Antiga *Argentoratum*, alli combateu o imperador Julião os Allemães, que pretendiam invadir as Gallias. Alli nasceram Kleber e Guthemberg.

P. da S.

PHILOSOPHIA MORAL.

DA RELIGIÃO NAS SOCIEDADES MODERNAS.

É o espirito do tempo deplorar a condição do grande numero, do povo, que assim o chamam. Mostra-se o que elle soffre, o que lhe falta. Conta-se qual é sua vida tão sobrecarregada e tão monotona, tão rude e tão precaria; tanta fadiga para tão pouco, tanto risco e enojo, um trabalho tão pesado, um repouso tão vario, um futuro tão incerto!

Diz-se a verdade. A condição do grande numero no mundo não é facil, nem risonha, nem segura. Impossivel é ver, sem profunda compaixão, tantas creaturas humanas carregando do berço ao tumulo tão pesado fardo, e carregando-o sem descanço, bastando apenas a suas precisões, ás precisões de seus filhos, de seu pae, de sua mãe; procurando incessantemente, para o que nossa alma tem de mais charo, o que ha de mais urgente em nossa vida, e nem sempre achando-o, e até tendo-o hoje sem segurança de o ter á manhãã; e n'esta continua preoccupação de sua existencia material, podendo apenas ter algum cuidado de seu ser moral.

É doloroso, muito doloroso vêl-o, muito doloroso pensal-o. E é preciso pensar, e pensar muito. Em esquecêl-o ha grave mal e perigo grave.

Mais ou menos, sempre n'isso se ha pensado. Que diziam em outro tempo aquelles que pensavam mais?

Aos felizes recommendavam a justiça, a bondade, a charidade, a applicação em procurar e alliviar os infelizes; aos infelizes, o bom procedimento, a moderação dos desejos, a submissão á ordem, a resignação e a esperança.

Elles explicavam o destino humano, o que têm de tris-

te e de sublime as compensações que se encontram nos diversos estados, os gozos que a todos pertencem. Applicavam-se a pensar, entre as chagas do homem, aquellas que o homem póde curar; a elevar, para as chagas n'este mundo incuraveis, as vistas do homem para os remedios de Deus.

Tal era a linguagem da religião. Taes eram as palavras, os conselhos que ella dirigia aos grandes e aos pequenos, aos ricos e aos pobres, em seus cathecismos para os meninos, em seus sermões para os homens, do alto dos pulpitos, no fundo dos sanctuarios, junto ao leito dos enfermos, a todos, em todos os lugares, por todos os meios.

E então pertenciam quasi só á religião os meios de publicidade, de acção popular. O que são hoje a tribuna, a imprensa, a posta, todos os conductores da civilisação moderna, eram em outro tempo as igrejas, o pulpito, o ensino religioso, as visitas pastoraes. A religião fallava ao grande numero; ella nunca esqueceu o povo, soube sempre chegar a elle.

E ao mesmo tempo que se ella inquietava pelo povo e por alliviar-lhe o peso da vida ou ajudal-o a leval-o, inquietava-se tambem por todos, em todos os estados, e pelo fardo que todos nós carregamos, por esses golpes que nos attingem, por essas feridas que todos nós recebemos, marchando cada um em nossa senda.

Ora, eu acho que hoje, occupando-nos muito, e bem justamente, dos soffrimentos e das fadigas materiaes que cabem em partilha a tantas creaturas, esquecemos muito essas fadigas, esses soffrimentos moraes que são partilha de nós todos, essas provanças, esses transes da alma, essas decepções, esses despedaçamentos, todas essas dôres emfim, essa enfermidade universal do destino humano, tanto mais pungente quanto maior desenvolvimento tem a alma e mais vagar a vida.

Grandes ou pequenos, ricos ou pobres, escolha ou multidão, tenhamos compaixão uns dos outros. Tenhamos compaixão de todos. Todos nós, avançando em nossa carreira, somos «fatigados e pesadamente carregados.» Nós todos merecemos compaixão.

E hoje a merecemos mais do que nunca. Nunca, é verdade, a condição humana foi mais igual e melhor; mas os

desejos do homem marcharam com passo differente dos de seus progressos. Nunca a ambição foi mais impaciente e mais espalhada! Nunca tantos corações foram presa de tal sêde de todos os bens, de todos os prazeres! Prazeres orgulhosos e prazeres grosseiros, sêde de bem-estar material e de vaidade intellectual, gosto de actividade e de molleza, de aventuras e de ociosidade, tudo parece possivel, e invejavel, e accessivel a todos. Não é isto porque seja forte a paixão, nem o homem disposto a ter muito trabalho para a satisfacção de seus desejos. Elle quer fracamente, mas deseja immensamente. E a immensidade de seus desejos o lança em uma indisposição no seio da qual quanto ha já ganhado é a gotta d'agua esquecida logo que é bebida, e que irrita a sêde em vez de estancal-a. O mundo não viu ainda tal conflicto de velleidades, de fantasias, de pretensões, de exigencias, não ouviu ainda tal rumor de vozes, elevando-se todas juntas para reclamar, como direito seu, o que lhes falta e o que lhes apraz.

E não é para Deus que essas vozes se elevam. A ambição se espalhou e se abateu ao mesmo tempo. Quando os preceptores do povo eram preceptores religiosos, applicavam-se a destacar da terra seu pensamento, a elevar para o céo seus desejos e suas esperanças, para contêl-os e acalmal-os no mundo. Elles sabiam que no mundo, faça-se o que se fizer, não ha meio de satisfazêl-os. Os doutores populares de hoje pensam de outra sorte e fallam outra linguagem. Em presença d'esta condição difficil e d'esta ardente ambição do homem, no mesmo momento que mostram a seus olhos todas as suas miserias e fomentam em seu coração todos os seus desejos, dizem-lhe que esta terra tem com que contental-o; que, si não vive feliz e a seu gosto, não se deve queixar nem da natureza das cousas, nem de sua propria natureza, mas dos vicios da sociedade e da usurpação de seus iguaes. Todos existem n'este mundo para a felicidade, todos têm á felicidade o mesmo direito; o mundo tem felicidade para todos.

Taes são as palavras que todos os dias resôam a todos os ouvidos, battem á porta de todos os corações, penetram por todas as vias nos mais obscuros recantos da sociedade.

E admiram-se da profunda agitação, do incommodo immenso que perseguem as nações e os individuos, os estados

e as almas! Por mim, admiro-me que o incommodo não seja maior, mais violenta a agitação, mais repentina a explosão. Ha em taes idéas, em taes palavras, com que desvairar, com que sublevar a humanidade inteira. E é preciso que a acção conservadora da Providencia, que essa sabedoria innata e espontanea de que os homens não poderiam despojar-se, sejam bem poderosas para que tal linguagem, incessantemente repetida e por toda parte ouvida, não retorne o mundo ao cháos.

Não, não é verdade que esta terra tenha bastante para satisfazer a ambição e a felicidade de seus habitantes. Não he verdade que a desgraça dos acontecimentos e o vicio das instituições sejam as unicas causas, as causas dominantes da condição triste e pesada de tantos homens. Façam-se diariamente mais justas as instituições, cuidem melhor do bem de todos, é esse o direito da humanidade. Para honra de nosso tempo, pertence-lhe o haver-se ligado a esse pensamento e procurar o seu complemento: os tempos antigos tomavam mais facilmente seu partido a respeito dos soffrimentos do grande numero. Suas pretensões eram muito humildes em facto de justiça e de felicidade para todos; mais extensas, mais altivas as temos nós, e damos com razão, a nossos progressos n'esta via, o bello nome de civilisação. Não consinta Dens que nos desviemos d'este trabalho salutar, que nos desanimemos n'esta nobre esperança! Não vivamos porêm de orgulho e de illusão; não nos promettamos alcançar por nós mesmos e por nosso saber aquillo que não poderiamos obter. Ha em nossa natureza um vicio, em nossa condição um mal, que escapam a todo o humano esforço. A desordem existe em nós, e, ainda quando se secasse qualquer outra fonte, de nós e de nossa vontade nasceria a desordem. O soffrimento, o soffrimento desigualmente repartido, existe nas leis providenciaes de nosso destino. É ao mesmo tempo superioridade e enfermidade, grandeza e miseria. Entes livres, podemos crear, e com effeito creamos sem cessar o mal. Entes immortaes, nem os segredos de nossa sorte, nem os limites de nossa ambição existem n'esta terra, e a vida que aqui passamos não é talvez sinão uma bem pequena scena da vida desconhecida que nos aguarda. Regulae como entenderdes todas as instituiçoes, distribui como vos aprouver todos os gozos; nem

vossa sabedoria nem vossa riqueza enchem o abysmo. A liberdade do homem é mais forte que as instituições da sociedade. A alma do homem é maior que os bens do mundo. Haverá sempre n'elle mais desejos do que os que podem ser regulados ou satisfeitos pela sciencia social, mais soffrimentos do que os que ella póde prevenir ou curar.

Religião, religião! é o brado da humanidade em todos os logares, em todos os tempos, salvo alguns dias de crise terrivel ou de vergonhosa decadencia. Religião para conter ou calmar a ambição humana! religião para sustentar-nos ou consolar-nos em nossas dôres, nas de nossa condição ou nas de nossa alma! Não se lisongêe a politica, a politica mais justa, de levar ao cabo, sem a religião, uma tal obra. Quanto mais vivo e extenso fôr o movimento social, tanto menos bastará a politica para dirigir a humanidade abalada. É mister um poder mais alto que os poderes da terra, perspectivas mais longas que as d'esta vida. É mister Deus e a eternidade.

É mister tambem, entre a religião e a politica, intelligencia, harmonia. Chamadas a obrar sobre o mesmo ente, e em ultima analyse para o mesmo resultado, como trabalhar juntas, si entre ellas não existir um certo fundo commum de pensamentos, de sentimentos, de designios? Seja qualquer que fôr a distancia que as separe, ha uma relação intima, um contacto frequente entre as idéas terrestres e as idéas religiosas do homem, entre seus desejos temporaes e seus desejos eternos. Si não houvesse sinão incoherencia e contradicção; si nossos negocios, nossas opiniões, nossas esperanças do mundo, fôssem completamente estranhas ou hostis a nossos negocios, a nossas crenças, a nossas esperanças de alêm-mundo; si a religião, por seu lado, reprovasse e combatesse nossa vida e nossa sociedade actual, suas idéas, seus trabalhos, suas instituições, seus costumes, bem longe de se servirem e ajudarem mutuamente, a religião e a politica seriam nocivas, se travariam, se enfraqueceriam reciprocamente. Rir-se-hia o mundo de compaixão: a compaixão se indignaria contra o mundo; e o que deve ser na terra fonte de ordem e de paz, não seria sinão mais uma causa de anarchia e de guerra.

E não se assustem a religião e a politica por sua independencia ou por sua dignidade. Essa harmonia que deve subsistir entre ellas, não quero que ellas a comprem uma á outra por alguma vil concessão, por algum sacrificio oneroso. Que-

ro ao contrario que ellas obrem, em todas as occasiões, segundo a verdade essencial das cousas, e que preencham plenamente sua missão commum, cada uma por sua conta, sua missão propria e especial.

Homens habeis viram na religião um meio de ordem, de policia social; meio util, mesmo indispensavel, mas sem valor intrinseco, sem importancia real e definitiva para o individuo, sinão para dar a certas fraquezas do espirito e do coração humano uma chimerica satisfacção.

Segue-se d'ahi um respeito superficial, hypocrita, que encobre apenas uma desdenhosa frieza, que mal resiste ás experiencias de uma applicação um pouco prolongada, e que humilha a religião si com isso se contenta, ou a irrita e desvaira si recusa contentar-se.

Espiritos sublimes e religiosos por seu turno consideram o mundo e a vida social, ou sempre, ou em certas épochas e sob certas fórmas, como um mal em si, um obstaculo essencial ao imperio das leis divinas e ao cumprimento de nosso destino moral.

Seguem-se d'ahi as loucuras asceticas, e tambem as de seita, e tambem as pretensões theocraticas; tristes desvarios do espirito religioso, que se constituiu em hostilidade com a sociedade humana, e quiz ora fugir d'ella, ora subjugal-a.

De ambas as partes grande é o erro e hirto de perigos.

As crenças religiosas aspiram resolver os problemas fundamentaes e bem reaes de nossa natureza e de nosso destino. Tal é seu primeiro e grande designio, maior que a propria mantença da ordem na sociedade. Por este unico titulo e sobretudo por este titulo, deve-se-lhes serio e sincero respeito, porque ellas se prendem ao que ha no homem de mais profundo, de mais poderoso e de mais nobre. A politica que não vê estes factos, ou se não inclina respeitosamente quando os vê, é futil, não conhece o homem, e não saberá dirigil-o nos grandes dias.

Não é a terra logar de proscripção onde o homem viva como exilado. Não é a sociedade um theatro de perdição que o homem deva atravessar com desgosto e terror. A terra é a primeira patria do homem: Deus ahi o collocou. Este mundo e a vida social não contêm todo o nosso destino; é porêm n'este mundo e pela vida social que nosso destino começa e se desenvolve, só Deus sabe como e para que. Devemos á

sociedade nosso concurso, um concurso affectuoso e respeitoso, sejam quaesquer que forem as fórmas de sua organisação e as difficuldades de nossa tarefa. Estas fórmas, estas difficuldades variam segundo os logares e os tempos; mas sómente têm uma importancia secundaria e nada mudam á condição geral do homem, nem a seu dever fundamental.

A religião sobretudo, sem ser indifferente ao que ha de verdadeiro ou falso, de bom ou mau na parte accidental ou variavel do mundo social, liga-se ao que é essencial, permanente, e dispõe o homem a marchar direito e para o céo, sob todos os astros e por todos os caminhos.

Ao christianismo pertence a gloria de haver primeiro elevado o homem a essa altura e com esse ponto de vista, o unico religioso. Certo não lhe faltavam em sua origem nem razões, nem tentações para maldizer a sociedade temporal e separar-se d'ella ou declarar-lhe guerra. Em tal não ha pensado o christianismo. Quando a fé christãa tornava ao homem sua dignidade e o levantava de sua queda original, acceitava por elle, sem murmurar, a escravidão, o despotismo, iniquidades, desigualdades, miserias incomparaveis. Nem uma intenção, nem uma idéa revolucionaria, para fallar a linguagem de nosso tempo, se deixa entrever no berço do christianismo. Os christãos, em nome de sua fé, resistem heroicamente á perseguição, á tyrannia; não emprehendem mudar o estado da sociedade nem a condicção da humanidade. Adoptam a sociedade, prestam-se a ella, quaesquer que sejam seus principios, e as formas, e as consequencias. Fazem mais. O mundo está cheio de vicios, de corrupção: elles denunciam, combattem com força sua corrupção e seus vicios, mas não amaldiçoam, não fogem do mundo. A seu respeito estão possuidos de indignação e de affeição, de dôr e de esperança. Espiritos rigidos, imaginações ardentes espantam-se com o espectaculo mundano, e entranham-se pelos desertos da Thebaida ou elevam os muros dos claustros para n'elles se esconderem. Brilhantes apparições que ferem o espirito dos povos e tornam a empenhar a lutta, de ha muita esquecida, das paixões austeras contra as paixões impuras, não são da historia do christianismo sinão excepções, importantes, poderosos sem duvida, mas não o characterisam, não o dominam. não constituem sua essencia e sua tendencia geral. O christianismo fez os frades,

e jámais houve religião menos monacal ; jámais houve religião que mais entrasse pelo mundo, que mais livremente se accommodasse ao mundo, a todos os seus fastos. Ainda combattido nos lugares em que nasceu, o christianismo toma as direcções do éste e do oeste, do norte e do sul ; penetra nas antigas monarchias da Asia, no fundo dos bosques da Germania, no seio das escholas de Athenas e de Roma, entre as tribus errantes do deserto, e em parte alguma se importa com as tradicções, com as instituiçoes, com os governos ; vive em paz com as diversas sociedades. Elle sabe que por toda a parte, atravéz de todas as variedades, de todas as formas sociaes, póde proseguir em sua obra, obra verdadeiramente religiosa, a regeneração e a salvação das almas.

Mais tarde, depois de sua victoria definitiva, no meio das ruinas romanas e do cháos barbaro, por necessidade e por gosto de dominação, o christianismo pretendeu e exerceu sobre a sociedade civil huma influencia mais directa e mais imperiosa : influencia que foi ora salutar, ora inutil, contraria a natureza das cousas e nociva á mesma religião. Entretanto, considerando os factos em seu todo e a despeito de brilhantes desvios, é, tudo pesado, uma das admiraveis sabedorias da Igreja christãa o ser extranha, em suas relaçoes com o mundo, a todo o espirito mesquinho e exclusivo ; o não ter ligado a tal ou tal forma social sua honra e seu destino. Viveu em boa e intima relação com os mais diversos governos, com os mais contrarios systemas sociaes, com a monarchia, com a republica, com a aristocracia e com a democracia ; aqui parallela o estado, alli subordinada, em outra parte independente ; larga e variada em sua interna organisação, segundo a necessidade de suas relaçoes externas ; applicando-se por toda a parte a manter entre a vida social e a vida religiosa, entre as idéas e os sentimentos que dominam o homem na terra e as idéas e os sentimentos que o fazem tender para o céo, uma intelligencia, uma harmonia de que igualmente se approveitam a terra e o céo.

Em nossos dias, pelo curso dos eventos, por faltas reciprocas, esta intelligencia, esta harmonia, estão profundamente alteradas. A religião e a sociedade deixaram de comprehender-se, de marchar parallelamente. As idéas, os

sentimentos, os interessos que presentemente prevalecem na vida temporal, foram e são diariamente condemnados, reprovados em nome das idéas, dos sentimentos, dos interesses da vida eterna. A religião anathematisa o mundo novo e conserva-se separada d'elle; o mundo está quasi para acceitar o anathema e a separação.

Mal immenso, mal que aggrava todos os nossos males, que rouba á ordem social e á vida intima sua segurança e dignidade, seu repoiso e sua esperança.

GUIZOT.

TACTICA ELEITORAL.

JOVEN. Inglez, que sahiste hontem do collegio, tens ambição, uma fortuna mediocre inda que honrosa, altas pretensões, alguma litteratura e uma flexibilidade feliz de consciencia e de principios? Toma e lê: estas paginas são o manual e a base da politica em Inglaterra. Si por accaso te fallece alguma das qualidades que acabo de enumerar, renuncia ao desejo de brilhar nas fileiras de nosso exercito ministerial. Sê militar; o mechanismo d'esta profissão é facil. Sê capellão; poderás, com o adjuctorio de um ou dous sermões cheios de ardente realismo, conquistar a corôa episcopal. Sê juiz do campo; é um officio que requer sómente a paciencia de escutar e a capacidade do estomago. Emfim, si tua nullidade excede estes limites extremos da estulticia, põe côr no rosto, arma teu peito com um espartilho de aço, protege os jogadores

do sôcco, corre a New-Market, vae vadiar a travèz da Europa, compra uma dançarina em Pariz e um mudo na Asia: sê *dandy*. Esta profissão tem sua gloria; a immortalidade de *Brummel* (1) esta reservada a teus esforços.

Supponhamos porêm que nomeada tão frivola tem poucos attractivos para ti, e que tua nobre ambição aspira ás honras publicas que durante sua vida gozaram os Burkes, Pitts, os Shéridans: depois que tiveres cousultado tuas forças e experimentado, como diz Horacio, « o que valem teus hombros e o que elles podem carregar, » abre, folhea, estuda este cathecismo que eu componho para servir-te de guia e de instrucção. N'elle, tudo é realidade; nada é utopia: digo o que os homens fazem e o que fingem, o que são e não o que parecem. Ainda embevecido nas recordações de Pelopidas e no grande nome de Sidney, julgarás talvez que estou zombando, e tomarás minha veracidade por satyra: fecha Plutarcho, aprende a ler no livro do mundo. Quem falla dos homens sem lisonja e dos costumes sem reticencia parece sempre calumnial-os.

O nobre tirocinio que te convido a fazer commigo, e que não póde deixar de elevar-te ás dignidades e á fortuna, é ao mesmo tempo uma arte e uma rotina; tem seus principios mechanicos, porêm exige faculdades raras, mais raramente unidas. Da mesma maneira o escudeiro, para se fazer habil na sua profissão, precisa das lições de um mestre e dos exercicios da picaria; mas, antes de tudo, releva que elle tenha recebido da natureza vigor e agilidade, viveza nos movimentos, destreza em dirigil-os, intrepidez misturada com prudencia. Tua carreira não é menos trabalhosa: renuncia ás doçuras da vida domestica e a felicidade do cauto do fogo; abjura amor, prazeres, estudo: ambição, eis tua amante e tua mulher. Para lhe satisfazeres os caprichos e conquistares seu agrado, reveste quantas fórmas revestia Jupiter, quando sua magestade temivel se abatia até as mortaes: sê alternativamente o toiro que raptava Europa, o cysne que seduzia Leda, a chuva d'oiro que enternecia Danae;

---

(1) O bello *Brummel*, que seus espartilhos, sua fatuidade e seus bons ditos fizeram famoso, e que inventou o que se chama *dandysmo*.

mistura o vigor e a eloquencia com a persuasão inda mais forte d'esses argumentos sonoros e irresistiveis, aos quaes a nossa lealdade britannica tem tão poucas cousas que responder.

De um lado, é a corôa a dispensadora das honras e a fonte das graças; de outro lado, a voz do povo e o suffragio das classes intermediarias indicam sempre os individuos sobre quem devem cahir as mercês do throno. Portanto, adula, affaga estas duas potencias; sabe captival-as e assustal-as alternativamente, o que, na opposição constante de seus interesses, é o primor da destreza. Tua popularidade te servirá de passaporte para o poder: sê patriota para vires a ser ministro. Si o ouro e as dignidades emanam do governo, como o orvalho fecundante dimana das nuvens, o povo é a terra d'onde se exhalam os vapores que alimentam estes grandes reservatorios do céo. Dirige-te pois em primeiro logar á confiança popular, agrada á sua credulidade, capta-lhe as paixões, e faz com que uma porta aberta do lado do poder te permitta, quando fôr chegada a hora, que te insinues nas fileiras de seus eleitos. O momento é mais propicio que nunca; o mundo soffre metamorphose immensa, maravilhosa, inevitavel: tudo muda nas sociedades civilisadas. Aproveita-te de uma época de transição, em que o combate se trava entre a massa dirigida pela razão universal do genero humano e alguns magotes segregados, ardentes em peal-o em sua marcha. Servindo e apressando o movimento geral, grangearás gloria, popularidade, estima; si te queres alliar com aquelles que o retardam, honras e fortuna te aguardam. Aprende a combinar estes dous meios e a fazer de um o instrumento do outro. Si tens o genio de tua missão, bastarão as seguintes paginas para te esclarecerem: eu não faço mais que resumir os principios, bosquejar o codigo de nossos adeptos politicos; escrevo o que elles dictam. Borgia reinava antes de Machiavel fazer o *Principe*.

I. AVISO DO CANDIDATO PARLAMENTAR.

Entre nós, o primeiro passo de um candidato ao Parlamento é notificar suas intensões ao publico; é o que se chama *Aviso*. É uso não deixar n'elle escapar uma só palavra

do que se pensa: as promessas não obrigam a nada; as protestações politicas, como os votos dos amantes, são para os deuses e para os homens objecto de escarneo; são mentiras convencionadas, protocollos sem importancia, entregues á bonhomia que com ellas se alimenta e lhes dá voga. Si estiverdes em paiz estrangeiro quando se dissolver o Parlamento, si vos fallecer tempo para reunirdes vossos amigos e peroral-os, vosso *Aviso* deve ser redigido com o maior cuidado, supprir a eloquencia fallada e lisongear habilmente as esperanças do partido mais forte. Evitae a emphase, que desagrada a um povo de homens de fôro e de commercio; deixae a farfalhada da rhetorica empolada a esses povos que, encetando sua carreira policica, julgam que a vehemencia das declamações de collegio é o mais nobre emprego de sua liberdade de fresca data.

Não tenhaes medo de exagerar; os partidos só gostam das côres fortes. Si contaes sómente com uma facção, adoptae toda a vehemencia de sua linguagem, requintae-a até; ella vos será grata. Examinae de antemão o estado politico do condado cujos suffragios sollicitáes; si fôr viva e evidente a dissidencia das opiniões, escolhei vossos sustentadores e coadjuvae sua violencia. Si o paiz estiver calmo, atirae-vos á politica geral, ás protestações vagas de patriotismo. É esta uma arte que fareis bem em estudar nos discursos das ministros e nas fallas do throno: promette-se tudo, não se determina nada; cada qual espera lel-os, mas ninguem sabe o que espera. Louvae a generosidade liberal do monarcha, separando de sua causa os principios de alguns de seus adherentes; lançae contra a França uma palavra que lisongêe o odio popular, gabae a immutavel fidelidade de vossa familia aos principios de nossa gloriosa revolução; não aventureis cousa alguma; elogiae vossa franqueza, encobri vossa habilidade, e, quaesquer que possam ser vossos ulteriores intuitos, reservae-vos recursos de tódos os lados.

II. O BOSQUEJO OU A CANDIDATURA.

Eis-aqui o suprasummum da arte e o grau mais subido da destreza; todos os candidatos o emprehendem, a mór parte ficam mallogrados. Ousarei dizer, como Cicero fallando da eloquencia, que nunca homem se pôde jactar de

reunir, em sua proporção exacta, todas as faculdades do espirito, todos os azares felizes, todo o aproposito, toda a impudencia, toda a força de intelligencia, todas as qualidades amaveis, necessarias á perfeita realisação de uma maravilha, tão rara como o grande arcano da philosophia hermetica.. Um bom *bosquejador* (relevem-me esta expressão technica) é ao mesmo tempo um bom Cicero e um bom Lovelace; sabe trovejar como Mirabeau, corromper como Walpole, seduzir como Bolingbroke, embriagar-se como Shéridan, lançar o chiste como Horne Tooke, e popularisar-se como Graccho.

Por uma singularidade que os sabios, si quizerem, explicarão circumstanciadamente, chama-se *bosquejo*, nas eleições inglezas, essa serie de visitas por meio das quaes o candidato prepara ou julga preparar um triumpho. È a tela sobre a qual um grande pintor vae esboçar suas figuras e distribuir suas côres; é a base primaria e necessaria de toda vantagem eleitoral. Pensaes talvez que são cousas faceis a lisonjaria, a corrupção, a arte de ganhar os homens? pois é um engano. Ha em nós tanta fraqueza quanta avidez: nosso amor proprio é cioso, agastadiço, inquieto, difficil de satisfazer, facil de escandalisar; mil relações secretas com objectos incognitos, uma multidão de circumstancias leves e mysteriosas, decidem de nossos juizos: o homem é um objecto singularmente caprichoso. Ora, para sermos bem succedidos em politica, mister é que o governemos a nosso grado, que o dominemos como o habil musico faz sahir de seu instrumento os sons apaixonados ou languidos que lhe pede: a profundidade de um Shakspeare, a graça de um Chesterfield (1), a versatilidade de um Buckingham (2), seriam apenas sufficientes para aplanarem todos os obstaculos; ainda assim, a só combinação de suas qualidades não poderia conseguir fim tão difficultoso. Buckingham, falto de perseverança, iria naufragar contra o primeiro cachopo; a polidez ceremoniosa de Chesterfield desagradaria a

---

(1) Lord Chesterfield escreveu cartas engenhosas, nas quaes se acha um tratado completo de polidez e machiavelismo social.

(2) O célebre Buckinghum, autor do *Reearsal*, *etc.*

mais de um eleitor, e Shakspeare, entregue a seus delirios poeticos, teria sido um candidato soffrivelmente ridiculo.

Antes de começardes vossas visitas, estudae o terreno que ides pisar: vossos agentes devem instruir-vos das particularidades de cada familia; um voto póde dar-vos o triumpho, um voto vol-o póde tirar, e nada é sem importancia. Sobretudo tende toda a cautela de nunca confiar em vossas acções, em vossa reputação, em vossa popularidade; seria entregar-vos, sem lastro e sem bussola, á inconstancia procellosa dos ventos. Em 1819, vimos o célebre Cochrane, adorado do povo, affeito a arrostar a fortuna, o mar e a sorte mortifera dos combates, descer vergonhosamente dos *hustings* (1) a que com tanta confiança subira. A plebe havia despedaçado o seu idolo; o heroe da vespera, accomettido pelas vaias, coberto de lama, cedia o lugar a M. Hunt (2), a quem estava reservada a mesma sorte. Insultado, perigosamente ferido por essa turba da qual se constituira patrono, á qual sacrificára sua fortuna e uma existencia honrosa, M. Hunt aprendeu a avalial-a pelo que ella vale; e o unico candidato favorecido, escutado, applaudido, foi (quem teria podido crêl-o?) um membro da alta aristrocracia, mais habil que seus competidores, e que, sem apoio da parte da corôa, soube derrotal-os a ambos e ganhar as honras da eleição de Westminster.

Pisae pois os vestigios d'esses mestres, e escutae minhas lições. Escolhei, para fazerdes vossas visitas eleitoraes, a época precisa em que cada familia está satisfeita de si mesma, brilha com todo o seu brilho e só pede ser admirada. Si não é bem escolhida a vossa hora, correis risco de achar a dona da casa de papelotes, o tapete da sala despregado, o

---

(1) Palanques levantados para as eleições.

(2) As eleições de Westminster, em 1819, foram violentamente contestadas. M. Hunt, que não deve ser confundido com Leigh Hunt, jornalista e autor de memorias contra lord Byron, seu antigo amigo; M. Hunt, conhecido pela exageração de suas doutrinas republicanas e pela publicidade que lhes deu nas ruas e bê cos de Londres, por onde discorria, em 1818 e 1819, sentado em um calexe puxado por dous cavallos russos, foi carregado de golpes pela plebe que elle havia muitas vezes perorado. E' o mesmo M. Hunt que appellidam *white-hat*, porque elle tem por costume trazer sempre um chapéo branco nas suas excursões politicas.

marido dirigindo os trabalhos de seus operarios; nada será mais nocivo aos vossos interesses. Quando o amor proprio se sente constrangido, a lisonja a mais astuta perde o seu tempo: sabei pois chegar no momento opportuno. Dirigí-vos ás mulheres, é por ellas que se ganham os homens; e si vos repugnam todas estas pequenas astucias, lembrai-vos que n'isso imitaes Richelieu e Mazarin. Alguns exemplos historicos e dramaticos vão pôr meus preceitos em acção, aclarar minhas doutrinas e prestar-lhes interesse.

Conheci um rico candidato que, por fazer mimo de um collar de perolas á filha da casa, ficou mal visto por toda a familia; outro que não conseguiu o seu intento, por se descuidar de conversar com uma velha tia; um terceiro que foi igualmente infeliz, por sustentar indiscretamente a opinião do marido contra a mulher. O primeiro ignorava que a môça, recentemente salva dos perigos de um rapto, soffria rigores domesticos; o segundo não sabia que toda a autoridade do logar, que o governo da familia pertenciam a essa velha taciturna, encarquilhada a um canto do salão; o terceiro tinha a imprudencia de adular o senhor, sem se lembrar que este tambem obedecia a uma potencia superior e feminina. Em todo estado de causa, ponde o bello sexo nos vossos interesses; sua acção é secreta e caprichosa, porêm universal e certa, e se communica, como o magnetismo, por uma potencia invisivel que se revela por seus resultados multiplicados e por suas numerosas anomalias. Os homens são de uma só peça, sabe-se o que elles fazem e o que querem; para se ajuizar das mulheres com rectidão, são precisas a regra e a definição contrarias. Por isso, nunca se póde prever nem calcular a extensão de seus serviços possiveis ou o perigo de sua influencia.

Shéridan, homem sagaz e politico engenhoso, tinha adoptado um systema de bosquejo tão original como suas comedias: lisongeava por zombaria; a satyra era seu instrumento de seducção. Longe estou de aconselhar a todo o mundo que use de tão difficil expediente; a vivacidade dos chistes, a penetração, o dom do aproposito, são qualidades raras. Shéridan as empregava com admiravel destreza; mesmo quando affagava directamente os gostos do eleitor, fazia-o, por assim dizer, com reticencia. Em casa de um homem apaixonado pelas flôres, colhia negligentemente uma rosa,

continuando a passear com o dono da casa, sem mudar o assumpto da conversação, com ar natural e desleixado, e como si um instincto invencivel e irreflectido houvesse determinado este movimento espontaneo. Com o curioso de quadros, parava de repente diante de um Teniers ou de um Van-Huysum, punha a luneta e não dizia uma palavra de pintura. Fox se servia de outros meios mais especialmente adaptados a seu character. Bebedor tão intrepido como Shéridan, menos desenvolto em sua linguagem, menos elegante em seus habitos, levava-lhe vantagem por esse tom de franqueza, de negligencia e de lisura popular que ganha os corações dos lojistas: a familiaridade de uma pancada com a mão no hombro do mechanico, a paciencia em escutar os longos discursos de um narrador burguez, taes eram os grandes recursos que empregava para com as classes inferiores; expedientes estes que apagam as distancias, ensoberbecem o eleitor, mudam em vaidade satisfeita sua secreta inveja, e tornam mais faceis essas seducções positivas, que são consideradas como arrhas desde o momento que são acceitas. Uma palavra ao velho pae, uma caricia ao filho da casa, a complacencia de dançar com aquella das irmãas com quem a natureza foi menos prodiga, uma urbanidade de todos os momentos, a arte de não deixar suspeitar o fim interessado de nossas lisonjarias e de trazermos a elle as pessôas sem que o presintam; eis-aqui uma fraca parte das qualidades, segredos e talentos que exige uma empresa tanto mais difficil, quanto sua perfeição consiste em enganarmos aquelles que percebem muito bem que os enganamos.

Cumpre portanto que saibaes usar de familiaridade sem affectação para com os proletarios; para com os homens que pertencem ás classes intermediarias, deveis empregar uma bonhomia affagadora, que pareça pôl-os ao vosso nivel. Não ha minucia, por trivial que seja, que devaes negligenciar. Si eu continuasse esta analyse exacta e descrevesse a grande arte do bosquejo em suas mais leves modificações, vós accusarieis de pueris as minhas observações; o tempo vos ha-de ensinar que, no mundo physico e moral, os mais fracos átomos têm sua influencia.

Emquanto vós vos ides assim assegurando da bôa vontade dos eleitores, vossos agentes se derramarão pelo condado; vosso

empenho é ganhar os espiritos, o d'elles é semear a divisão: subsistem nas provincias mil paquenos motivos de odio e de guerra civil; a elles compete fècundal-os. Ha contendas ácerca dos limites de um campo, de uma ponte a construir, de uma igreja a reparar; estas grandes discordias são tão inveteradas, muitas vezes tão terriveis como as de que está cheia a *Iliada*. Mandae insinuar ao eleitor que o vosso competidor, assim que entrar para o Parlamento, será avesso a seus projectos e favorecerá o seu adversario. Tal rendeiro quer que seu filho seja feito *constable:* inventae uma multidão de razões engenhosas para lhe provardes que o outro candidato prometteu a outro *constable* futuro todo o apoio de seu credito; inspirae-lhe o receio de que seu velho inimigo da aldêa, o Montaigu d'este outro Capuleto, não obtenha para seu proprio filho uma dignidade tão invejada. Si as ambições pessoaes não vos offerecem presa alguma, aproveitae-vos das inquietações da vaidade, das desconfianças dos interesses particulares. M. Thomás é eleitor e mestre de musica, e a paixão das meninas da visinhança pelo piano forte lhe augmenta o rendimento: amedrontae-o com a noticia de que vosso rival tem horror á musica, e que o piano principalmente excita sua colera. Fazei saber ao doutor que vossos filhos têm sarampo ou não estão ainda vaccinados; o engodo do ganho é mais poderoso sobre os homens do que o mesmo ganho, e a esperança é crédula.

Não tendes esperança alguma de chamar ao vosso partido certos eleitores obstinados ou prevenidos? tentae ao menos desligal-os de vosso adversario ou impedil-os de votar a favor d'elle. Fazei constar ao boticario que, si abandonar sua botica para ir á cidade onde se fazem as eleições, expõe-se a perder a freguezia de M^me^ B*** que está em vesperas de parir. Outro individuo, que não é valente, temerá encontrar-se com seu inimigo; e si mandardes participar a um terceiro que o mancebo, temido por seu ciume e preferido por sua mulher, deixou Londres e não deve tardar a chegar, os cuidados importantes de sua familia retêl-o-hão no lar domestico.

Tudo isto, sem duvida nenhuma, sao meios mesquinhos e baixas intrigas. Quem vos diz que um curso de politica é um curso de moral? Dou estes preceitos, não como bons nem como meus, mas como necessarios e usuaes. Si, por exemplo, um

joven candidato, achando-se rodeado no principio deseu bosquejo por uma multidão de personagens que lhe offerecem seus serviços e cujo character é equivoco, cedesse a vãos escrupulos e os arredasse de si sob pretexto que é má sua reputação; que um è expulso da bôa sociedade, que o outro é banca-roteiro fraudulento, que o terceiro é um jogador desenfreado, privar-se-hia de seus instrumentos mais uteis e lançaria elle mesmo grandes obstaculos em sua propria estrada. Essa gente se assemelha ao papel de embrulho, que se despreza e de que se tem grande precisão: são elles que se incumbem de mil serviços obscuros de que se não ousaria encarregar um homem de bem, e que elle mesmo se não atreveria a pedir a ninguem; intrigam para vós, espalham noticias que vos são uteis, e muitas vezes não exigem em recompensa sinão um aperto de mão, um *bons dias* pronunciado com cordialidade e a honra de jantar á vossa mesa. Assim vossos interesses se confundem com os de seu amor proprio; é para si mesmos que elles trabalham: quando fordes membro do parlamento, si por acaso os chamardes por seu nome de baptismo *simplesmente* e sem ceremonia, julgam levantada sua reputação; por esse preço estão ás vossas ordens. Portanto, é prudencia da vossa parte aproveitar uma especie de homens que offerece tão grandes vantagens e se vende tão barato.

III. DO DINHEIRO E DO EMPREGO QUE D'ELLE CUMPRE FAZER-SE.

Assim como uma lisonja largueada sem discernimento vos prejudicaria em vez de servir-vos, assim tambem deveis ser acautelado em não abusardes de vossos recursos pecuniarios: ponde vosso dinheiro a juros, mas não o dissipeis. Aqui, como em todo o resto de vosso proceder, seguí um plano, adoptae um systema. Vossos beneficios devem ser germens ferteis, e lembrae-vos que a mesma somma, dividida em vinte partes, póde assegurar-vos vinte pessôas dedicadas, em quanto que. dividida em mil, fará mil ingratos. Escolhei bem, e sêde generoso com exame, previdencia e tino.

Quer o uso que o candidato tenha mesa franca; a mesma sagacidade deve regular o curso d'essa hospitalidade despendiosa. Eu conheço certo membro do parlamento que, n'uma primeira candidatura em que ficou burlado, esgotou seus re-

cursos, dando jantares a seis rendeiros cujos votos estavam longe de compensar os gastos de sua munificencia. « Como sou infeliz! dizia-me elle; com igual somma teria duas vezes conseguido o meu fim! Para me preservar do tedio contagioso que em torno de si diffundem esses bons cultivadores, julguei-me obrigado a convidar dous ou tres mancebos de Londres, homens de engenho, que escrevem nas gazetas e pagam jantares com ditos agudos. Os meus eleitores se teriam optimamente contentado com o vinho do Cabo, para os meus recreadores era preciso Sillery ou Chambertin. Um quarto de carneiro teria composto, para os primeiros, um festim dos deuses; os segundos exigiam pastel de figado gordo, narsejas, trutas e sôpa de tartaruga. Estabeleço pois assim o balanço da minha despesa e da minha receita, para eterna instrucção dos candidatos sem experiencia:

RECEITA.

	Lib. st.
O voto de seis rendeiros, avaliado em 10 lib. st. cada um..	60

DESPESA.

Doze jantares, afóra os extraordinarios, avaliados em 8 lib. st. cada jantar.	96
Comestiveis para os homens engraçados. . . .	25
Tres bailes dados em duas semanas para reter os homens engraçados.	120
Presentes aos homens engraçados para induzil-os a deixarem Londres.	6
Vinhos de Bordeos, Sillery, Chambertin, etc., para os homens engraçados.	10
	257
	60
Balanço em detrimento do candidato. . . .	197

Ninguém caia em imitar semelhante exemplo; muitas vezes, dispondo-se habilmente de fundos mui mediocres, conseguem-se resultados preciosos e inesperados. Tudo depende do grau

de destreza que cada qual emprega n'este desenvolvimento de sua força financeira. Um procurador, verdadeiro agente de comedia, activo, habil, desleal, ávido, sem fé, sem escrupulo, sem honra, sustentava com todo o seu credito um candidato rico, rival de outro candidato que tinha apenas fracos meios. No meio das eleições, no momento em que esse homem desenvolvia por seu patrono uma actividade incrivel, quando tudo parecia ameaçar o candidato pobre, um credor manda agarrar e metter na cadêa o formidavel procurador. Grande alegria entre os sequazes d'aquelle cujas esperanças o intrigante havia quasi inteiramente destruido. A divida era consideravel e o procurador insolvavel. Que faz o nosso candidato? paga generosamente o importe da somma devida, e faz sahir da cadêa o seu adversario. O velhaco (pois tal era a sua qualificação mais verdadeira), indignado de o haver seu patrono abandonado no momento da necessidade e resoluto a vingar-se *per fas et nefas*. abraça immediatamente a causa d'aquelle que o ha salvado; nada esquece para se sahir com honra. Consegue-o: este estratagema, que um homem de bem teria desdenhado, ganhou a victoria.

Sabei pois, vós que pretendeis seguir a carreira da politica, crear para vós mesmo uma consciencia especial e uma moral á parte. Julgaes por ventura que Napoleão e Souvarow foram avaros de sangue humano? A profissão d'elles era a guerra; a profissão de um politico é a fraude. Não digo que devaes jámais empregar uma astucia inutil, nem sobretudo expôr-vos á deshonra e á vergonha: os homens os mais habeis cahiriam, si se não tivesse fé em sua palavra. Logo que haveis posto o pé na arena legislativa, exercer as virtudes christãas é inutil, ou antes, perigoso. São-vos necessarios virtudes especiaes, brilhantes, apparentes, misturadas com vicios proveitosos. Vós vos queixaes; que quereis? fui eu que fundei a sociedade? eu fui inventor d'esta gsande machina de molas vis? Eu esbóço e não a crio.

IV. DO EMPREGO DE ALGUNS OUTROS RECURSOS.

Deveis, em primeiro logar, ser homem destemido e não recuar ante a ponta de uma espada; uma palavra dita ao ouvido do cobarde é muitas vezes de grande efficacia nos negocios: o mesmo homem de bem, cuja reputação ainda

está sem mancha, teme, não os perigos reaes, porêm a especie de infamia que se liga ao nome de duellista. Quando não poderdes seduzir, assustae. É um meio excellente, diz Machiavel: o amor e a benevolencia exércem sobre os homens fraca attracção; o temor obra como essas substancias deleterias que corroem e consomem. Distingui, nas eleições, o homem corruptivel d'aquelle que deveis intimidar: quanto aos que não cedem nem ás corrupções, nem ás ameaças, seu numero limitado é a nossa salvação.

A estes instrumentos de triumpho, á lisonja, ao emprego do dinheiro, ao emprego do medo; a estes dous argumentos célebres na eschola, e que se dirigem *ad crumenam*, *ad ventrem*, á bolsa e á barriga, juntae, quando preciso seja, o *argumentum bacillinum*, o do pau, ou, si preferis, da espada. Sabei sobretudo fazer uso da chufa, arma açacalada e que muitas vezes fere a seu dono. Eis-ahi, dizeis vós, muitos talentos e muitos meios que pôr em pratica! Sem elles, nunca fareis fortuna; nunca o écho de vossa voz legisladora, repercutindo-se sob as abobadas de Santo Estevam (1) e ferindo vosso ouvido encantado, vos fará estremecer de jubilo e de orgulho.

O ridiculo, sobretudo! o ridiculo! Vós sabeis o que a respeito diz Horacio, e eu vos poupo o tedio de uma citação pedantesca. Nunca ataqueis as mulheres; sua vingança é lenta e segura, perseverante e cruel. Poupae igualmente as corporações: tendes só uma arma para feril-as; ellas têm cem braços para se defenderem. Assemelhar-vos-hieis a esse desgraçado Averroes, que, por ter dito um pouco de mal de todos os imans em geral, foi condemnado a ter-se de pé á porta da mesquita, afim de receber os ultrajes successivos d'esses venerandos padres. São-vos adversos os ecclesiasticos? abstende-vos de uma satyra indiscreta; todo o corpo se amotinaria contra vós, e a lutta viria a ser impossivel. Accusam-vos de predilecção muito pronunciada pela igreja estabelecida? não respondaes, accusando por vosso turno vossos inimigos de atheismo ou de jacobinismo; essas velhas

---

(1) A capella de Santo Estevam, onde se fazem as sessões do parlamento.

invectivas só produziriam mau effeito e vos estigmatisariam como *ultra*. Pelo contrario, escolhei, nas fileiras do exercito contrario, algum individuo bem singular, bem facil de ser mettido a ridiculo; um d'esses entes creados e vindos ao mundo para nosso divertimento: fazei que uma ironia mordaz, viva, amarga, popular, se crave em seu nome, como essas settas que os selvagens embebem n'uma materia viscosa e envenenada. Metade de seus amigos o abandonará, tereis por vós os que gostam de rir, e o partido será desconceituado.

Mal empregado, o ridiculo é fatal a quem d'elle se quer servir; é uma espingarda que arrebenta entre as mãos do caçador malgeitoso. Lançado contra um homem ardente e generoso que apenas vos ha offendido de leve, muda-o em inimigo declarado, irreconciliavel; contra uma mulher amavel, irrita todos os homens; contra uma mulher que o não é, expõe-vos ás mais terriveis represalias, porquanto, de todas as viboras, a mais cruel é a mulher que não agrada e que o sabe.

Atacae sem misericordia os homens de talento, que são agastadiços, inquietos, assomados; e sua agitação nervosa, ao golpe que os fere, é um espectaculo bastante engraçado para o publico. Demais, sua mesma superioridade é vista com olhos de inveja por seus proprios amigos; rebaixal-a é satisfazer um mister geral. Comtudo, quando os agastam, elles se tornam perigosos; muitas vezes é bastante ameaçal-os e conservar suspensa sobre sua cabeça a espada de Damocles. Adisson teria poupado a Pope, si houvesse suspeitado a cruel satyra que este ultimo devia confiar a seus versos immortaes (1); e Hogarth teria affagado a Churchill, si tivesse podido prever a centesima parte do ridiculo de que a *Apologia* do poeta (2) ia fazêl-o victima. Ó melindre dos tôlos é materia excellente para a ironia; nunca

---

(1) O retrato de Adisson, debaixo do nome de *Atticus*, é uma das mais vivas satyras sahidas da penna de Pope, que o pinta como um homem engenhoso egoista, centro de pandilha, vivendo de adulação e pagando elogios com elogios ás mediocridades que lhe servem de cortejo.

(2) *The Apology*. Esta invectiva de Churchill contra Hogarth apressou, segundo dizem, os ultimos momentos do pintor.

porêm vos arrosteis com essa tolice solida e massiça, que será a primeira a rir-se de vossos epigrammas, e opporá aos esforços de vosso espirito a impenetravel égide de sua pesada estupidez.

Si tiverdes a ventura de encetar vossa primeira campanha politica sob a bandeira das liberdades nacionaes, esse partido vos privará de alguns recursos, porêm ha-de salvar-vos de mais de uma mentira inutil: franqueareis assim uma estrada brilhante e nobre para o futuro. N'este caso, açoitae-me sem commiseração as asneiras perigosas do poder, o tom santeiro dos sycophantas, suas vãas promessas e sua immobilidade pretendida, que o século força a avançar a despeito d'ella mesma, como um navio vae levando aquelles que a seu bordo andam para traz. Empregae então o ridiculo, a invectiva, a satyra, a caricatura; a verdade vos prestará forças, e o assenso publico responderá em chôro aos vossos epigrammas. Sobretudo, no meio d'este grande movimento e d'este despendio continuo de espirito, de actividade, de coragem e de dinheiro, conservae todo o vosso sangue frio. É uma partida de xadrez que jogaes: a mais leve exaspeção vos perturbaria; embrulharieis o jogo, soffrerieis *mate*, e considerarieis com espanto o golpe fatal que vos houvesse deitado a perder.

V. DISCURSO ANTE AS COMMISSÕES PREPARATORIAS.

Brindou-nos a natureza com um orgam tenue e delicado, que tem incalculavel poder e imperio sem limites. Uns sabem apenas servir-se d'elle para pronunciarem: *Como passaes?* outros o empregam para embairem, ameaçarem ou prejudicarem. Viram-o, por alguns leves movimentos e com algumas palavras ditas a proposito, salvar reinos ou perder nações. Este orgam é a lingua, seu imperio é a eloquencia. Si ignoraes seu uso e seus recursos, nunca aspireis ás honras politicas.

Em todas as circumstancias da vida parlamentar, a eloquencia é não só util, sinão indispensavel: anima de marcial ardor os batalhões eleitoraes, por meio dos quaes podeis alcançar a victoria; encanta vossos amigos, reunidos n'esses banquetes politicos, onde se discutem os grandes interesses das nações no meio das fumaças do vinho de Cham-

pagne ; troveja sobre os *hustings*, onde toma character particular e se reveste de toda a energia popular; sustenta na camara dos communs os planos do ministerio ou as tramoias da opposição: mais grave na camara dos lords, sem perder o movimento e a força que distinguem os debates da outra camara, adquire mais alto grau de solemnidade. Quando emfim o feliz membro da opposição lança por terra todos os obstaculos, quando consegue sentar-se no conselho do principe, tem novos combates que sustentar, novos triumphos que alcançar: a eloquencia ainda aqui é a garantia e o penhor de seu bom successo.

Procedamos por ordem e guiemos o orador politico, da classe que elle occupa na vida privada, ao posto que deseja occupar um dia na camara dos communs. É uso em Inglaterra, e uso deve ser em todos os paizes onde domina o systema representativo, prepararem-se as eleições por juntas particulares. N'essas assembléas, em que um candidato reune os seus amigos ou aquelles que reputa como taes, elle deve empregar um genero de eloquencia, e até uma elocução especial; não é nem a familiaridade da conversação commum, nem a affectação e emphase de um discurso escripto. Tornar-vos-hieis ridiculo si em vosso auxilio chamasseis a rhetorica; e quando varias pessôas guardam silencio para escutarem vossas palavras, esta condescendencia de sua parte bem merece que penseis um pouco o que lhes ides dizer, e que os não trateis sem consequencia.

Adoptae pois uma dicção simples e igual, uma enunciação clara dos factos, que não admitta nada de trivial nem de ambicioso. Esse é o logar onde o genero moderado, como diziam os antigos, é mais conveniente do que em toda qualquer outra parte. Nada de gestos, nada de theatral: vossa acção deve ser tão calma como a vossa linguagem; arredae as metaphoras, proscrevei o accento das paixões. Estaes fallando com amigos ou adherentes: consultae seus olhares, procurae n'elles ler seus pensamentos, prevení docemente suas objecções; demorae-vos de maneira a deixal-os fallar, si tiverem vontade A benevolencia e cordialidade devem emanar de vossos olhos e respirar em vossas palavras.

Para melhor fazer sentir a differença que se deve encontrar entre uma arenga no Parlamento, um discurso recitado n'uma

roda de amigos e uma allocução familiar, eu supponho que acabaes de saber uma bôa noticia, um acontecimento feliz, quer para vós mesmo e para os interesses do vosso partido, quer para a Inglaterra e para a segurança publica: o sentimento de alegria que resentis exige expressão diversa nas tres circumstancias que acabo de citar. Si encontraes, na porta da commissão, dous ou tres dos vossos amigos: «Bravo! dizeis-lhes, está feito o nosso negocio; é nossa a victoria. Ora adivinhae o que acaba de succeder? é a cousa do mundo a mais inesperada, etc., etc., etc. »

Depois de estardes dentro da sala das sessões, todo o mundo presta attenção ao que ides dizer, e deveis mudar de tom: « Meus amigos (e, ao pronunciardes estas palavras, deve o vosso accento ser simples e cordial), acabo de receber uma noticia que todos ouvireis com prazer, e que me enche de confiança e de esperança para o bom successo da nossa empresa, etc, etc, etc. »

Na camara dos communs, outra linguagem. Sem excederdes os limites d'esta simplicidade, que é sempre de bom gosto, podeis empregar leve côr de hyperbole: « Emfim, senhor, direis dirigindo-vos ao *speaker* (1), devemos esperar ver chegar o termo d'esses receios patrioticos que a todos os seus filhos inspirava a sorte da Inglaterra. Noticias positivas, etc, etc, etc. »

Podeis (sem deixardes de conservar a circumspecção e até a escolha das expressões que hei assignalado como convenientes, quando fallardes ante uma commissão) dar ás vossas palavras um geito familiar e uma apparencia de singeleza que não desça até a vulgaridade ou baixeza. Interpellae os vóssos ouvintes, nomeae-os, tomae-os por testemunhas da verdade do que acabaes de citar: « Coronel, vós estaveis presente .... Sir Carlos, vós vos lembraes d'esse dia.... » Não abjureis a nobreza e elegancia, sabei porêm despir-vos da rudeza.

Que de bom senso, e de paciencia e de sangue frio exige semelhante papel! Mais difficil vos é regular o zelo mal

---

(1) O *speaker*, presidente, ao qual se dirigem nominativamente todos aquelles que fallam na camara dos communs.

entendido dos nossos partidarios, do que combater o odio de nossos inimigos. Contra os ataques d'estes ultimos, tendes a injuria, a ironia, o raciocinio, a invectiva; tudo vos é licito. Mas, quando vossos partidarios (o que ás vezes acontece) têm a desgraça de serem tôlos, quando seu ardor por vossos interesses os arrastra e precipita de loucura em loucura e de absurdo em absurdo, que fazer em tal caso? De quantas contemplações não sois obrigado a usar! Mister é affagar essas philaucias, escutal-as sem enfadamento, neutralisar sua extravagancia, sem repellil-a nem humilhal-a. È inconcebivel quanto os homens se esquentam ás vezes por uma cousa que não lhes póde ser de nenhuma utilidade actual ou remota: só a sua vaidade os liga á opinião que snstentaram, ao homem que tomaram sob sua protecção. Seu zelo lhes persuade que todas as suas hypotheses são de grande valor; propoem-se alternativamente mil planos ridiculos, todos inapplicaveis e todos contradictorios. Eis-vos forçado a supportal-os indistinctamente, a agradecêl-os aos vossos amigos, a assentir a elles na apparencia. Vêde que somma inesgotavel de bom humor e de coragem requer prova tão rude.

Tende toda a cautela de os não contradizer com dureza nem fazer o que elles desejam; alienal-os-hieis de vós, ou vos perderieis a vós mesmo. Sobretudo, não os guerreeis nunca em massa: chamae de parte os mais teimosos, conversae simples e ingenuamente com elles, fazei por acalmar o ardor e a vehemencia de uns, indnzí os outros a que deffiram um pouco as medidas que elles propoem, enfraquecei assim o obstaculo geral; trabalhae por desunir e abalar por esforços parciaes o dique que elles oppoem aos vossos interesses. Todas estas difficuldades se esvaecerão uma após outra, e podereis sahir-vos bem apezar de nossos amigos.

VI. DOS JANTARES POLITICOS E DA ELOQUENCIA CONVENIENTE N'ESSAS OCCASIÕES.

Si devem os discursos de commissão reunir a familiaridade nobre, a elegancia sem affectação, a simplicidade e a força, as allocuções que o uso exige de um homem politico, no fim d'esses banquetes em que elle reune os seus amigos pre-

tendidos e os seus inimigos secretos, requerem outra especie de talento. O bom humor está na ordem do dia n'essas circumstancias solemnes: a vossa eloquencia deve, por assim dizer, ser toda gastronomica. Evitae o pedantismo; vá cada uma de vossas palavras ferir vivamente o espirito dos vossos ouvintes. Si exigis d'elles applicação continua, perturbaes a actividade laboriosa de seus orgãos digestivos. Sêde zombador, mordaz, jovial: empregae o equivoco e o jogo de palavras, fazei-os rir; porêm, no meio d'este enthusiasmo de loucura e parecendo entregar-vos, não vos abandoneis jámais. O compositor abalisado tem cuidado de não perder de vista seu motivo principal; modula, varia, muda de tom, prodigalisa os arpejos, os ornatos, entranha-se no chromatico, diversifica sua harmonia, porêm torna sempre ao seu thema. Fazei como elle; fingí esquecer-vos do fim a que tendeis, e não cesseis de vos approximar d'elle.

Preçisaes de toda a vossa presença de espirito. Uma pergunta perfida, uma resposta imprudente, um dito inconsiderado, uma palavra que vos escape na alegria do banquete ou no meio dos brindes ruidosos que excitam o vosso estro ou anima a vossa loquacidade, podem fazer-vos perder o pleito. Moderae-vos pois; lembrae-vos que estaes cercado de ciladas, e que n'essa mesa de união, de fraternidade e de paz, mais de um traidor vos está observando, mais de um Judas se prepara para trahir-vos.

Tenho visto estadistas mui distinctos succumbirem n'esta prova. Elles vinham entreter seus convivas com grandes palavras e graves materias; os convivas não comprehendiam nada: o estadista era tido por homem ridiculo ou professor pedantesco. A vivacidade das allusões, a feliz destreza do aproposito, valem mais, n'essas occasiões, do que todo o floreio da linguagem e todos os recursos da erudição. Outros fingem frivolidade, fazem-se de engraçados, a despeito da natureza: tal affectação é triste e ridicula. Si o bom dito se apresenta sem esforço, si o sentis prestes, por assim dizer, a partir-vos dos labios, dae livre curso a vosso bom humor; poupae-nos porêm ao espectaculo de um gracejo laborioso, e occultae-nos cuidadosamente os limites do vosso engenho.

Si tendes segurança de captar a attenção dos vossos ouvintes; si uma reputação já feita vos dá o direito de pronunciardes longo discurso; si a urgencia das circumstancias,

a posição social que occupaes, dão peso ás vossas palavras; essa situação é especial, e podeis então sem risco mostrar-vos grave, eloquente: sómente não esqueçaes nenhuma das circumstancias do tempo e do logar, e fallae sempre á imaginação mais que ao raciocinio, mais ás paixões do que á reflexão. Tal era a posição de M. Canning, quando em 1823, depois de um banquete a que o convidaram os mais notaveis habitantes de Plymouth, pronunciou esse admiravel discurso, que aqui offereço como um modelo de eloquencia e de aproposito.

« Senhor Maire, Senhores!

« Acceito com gratidão, e com um sentimento mais vivo do que posso aqui exprimir, este testemunho lisongeiro da vossa confiança, da vossa benevolencia, da vossa estima (1). Devo accrescentar que o valor real do presente que me é feito recebe novo realce pela graça que o accompanha e pelos elogios com que vosso relator julgou dever honrar o meu comportamento politico.

« Senhores, nada é mais justo que a reflexão que elle acaba de fazer: — Todo aquelle que, n'este paiz de liberdade e de luzes, aspira aos grandes empregos do estado, deve esperar ver suas acções submettidas a toda a severidade de um exame sem reserva e de uma critica muitas vezes ciosa. — Tal tem sido a sorte de todos os homens politicos da Ingaterra, tal deve ser tambem a minha; mas a critica injusta tem sempre, senhores, sua compensação no futuro. Essa justiça póde tardar, mas emfim chega; e si, como disse o relator, o meu destino é gozar mais cedo que outros d'essa feliz compensação, d'esse premio tão appetecido de meus esforços; si eu posso lisongear-me que os sentimentos da maioria dos meus concidadãos concordam com os que elle acaba de exprimir; si devo crer, como elle se digna de dizer-m'o, que não só os meus amigos reconhecerão a lealdade do meu comportamento, sinão que minhas acções e minhas obras serão avaliadas por meus adversarios politicos com generosa imparcialidade; por certo que nenhum homem

---

(2) Os habitantes de Plymourh acabávam de offerecer a M. Canning uma caixa talhada n'uma das pedras que tinham servido para a construcção do dique do porto de Plymouth.

mais do que eu se deve gloriar da fortuna e abençoar o paiz que o viu nascer.

« Não é difficil achar-se a causa de semelhante felicidade: quando o estadista se propõe por fito aquillo que elle considera como honesto, justo e necessario; quando se dirige para esse fito com perseverança inabalavel; quando em seu proceder se vê reinar esse todo, essa harmonia, essa firmeza de principios que provam que, em vez de viver de dia em dia e de soffrer as leis das circumstancias, obedece á sua consciencia e tem por norma unica essa probidade politica, muitisssimas vezes desdenhada, todos os homens honrados lhe dão seus suffragios, e ainda quando alguns de seus planos e de seus designios desagradassem aos preconceitos e offendessem os interesses dos partidos, o todo de sua vida seria avaliado com indulgencia, ou antes com favor. Todo o mundo póde-se enganar na escolha e no emprego dos meios; mas, quando o objecto de nossas esperanças e de nossos esforços é louvavel em si mesmo, basta elle para nos justificar: é por elle que definitivamente se regulam o juizo dos contemporaneos e a sentença mais severa da posteridade. »

Vivos applausos interromperam o orador, que continuou:

« Senhores, o fito para o qual me tenho constantemente dirigido, o objecto de todos os meus desejos, tem sido sem custo adivinhados por meus compatriotas. Outros affectam uma philanthropia tão vasta, que abraça o globo inteiro: são os inimigos do genero humano. Quanto a mim, que sinto palpitar meu coraçao com tanto calor e força como esses philosophos, assim que se põe em questão o interesse geral dos homens; por mim, que sou animado de philanthropia menos orgulhosa talvez, porêm tão verdadeira, devo confessar aqui, senhores, que, na direcção dos negocios, o objecto especial de meus desvellos e de meus esforços é a Inglaterra! *(Applausos.)*

« Não que eu olhe como isolada a salvação da Gran-Bretanha. O egoismo lhe é vedado por sua posição: seus interesses se ligam aos interesses da Europa, e os interesses da Europa aos do mundo; de sùa prosperidade depende a prosperidade dos outros povos, e de sua estabilidade a independencia univeral dos homens! *(Applausos estrondosos e prolongados.)*

« Seja porêm qual fôr a intima combinação dos nossos in-

teresses com os da Europa, d'ahi se não deve concluir que nos devamos ingerir nos negocios das naçōes visinhas, e empregar em nossas relaaçōes externas a solicitude de uma actividade intrigante. È ponderando as vantagens e deveres de sua posição é pesando com escrupulo as diversas alternativas e sua utilidade presumida, utilidade muitas vezes rival, quasi sempre incompativel, que um governo saberá si deve permanecer neutro ou tomar partido nas contendas politicas, desenvolver sua força, ou moderal-a e suspendêl-a.

« A pāz do mundo, tal deve ser o nosso fito. Ora, para a alcançarmos, cumpre-nos obrar e combater; óra, observar, temporisar e esperar; ás vezes ser actores, muitas vezes espectadores das luttas que não está em nosso poder prevenirmos. Assim, como acaba de dizer com razão o meu honrado amigo. na circumstancia que ultimamente se apresentou, nenhum interesse politico induzia o governo britannico a tomar parte activa na guerra excitada entre a França e a Hespanha. (*Applausos.*)

« Muitas pessôas queriam arrastar-nos a esse combate; o relator as ha optimamente characterisado. Algumas esperavam sem duvida que uma lutta tão terrivel acarretasse difficuldades a que succumbisse a administração; outras mais generosas, vendo uma aggressão que nada autorisa, levadas só pelo sentimento de uma indignação heroica, queriam que a Gran-Bretanha se fizesse a vingadora da equidade offendida; que, de uma á outra extremidade do mundo, se oppozesse á oppressão; que, para tolhêl-a ou punil-a, seu formidavel gladio saltasse fóra da bainha! *(Vivos applausos.*)

« Mas, como a impassibilidade das leis modera o fogo apaixonado dos individuos, açaima-lhes as propensões mesmo louvaveis, propensões que póde seu excesso tornar perigosas, deve o governo oppôr a fria sagacidade de seus calculos ás ardentes emoçōes da sensibilidade nacional, a essa energia util e necessaria, mas que póde vir a ser nociva; deve regular o cursoe dirigir o movimento d'esses impulsos honrosos, que elle preza, ao mesmo tempo que lhes impõe leis e limites. De todos aquelles que entram n'esta segunda classe (não me occupo com os outros e nada tenho que dizer-lhes), haverá um só, pergunto eu, que duvide ainda da sabedoria que mostrou o governo, não cedendo a esse violento enthusiasmo que parecia dever precipitar-nos para a guerra de Hespanha? *(Applausos.*)

« Haverá um só, pergunto, que não reconheça agora que o dever da administração, n'esta conjuctura, era examinar suas mais longiquas relações, as influencias e as alternativas? que uma questão tão complicada reclamava um exame attento? que era de mister sabermos si iamos soccorrer uma nação opprimida ou intromettermo-nos nas dissenções intestinas de um povo dividido em facções inimigas, ajudal-o a repellir a usurpação ou fomentar suas guerras civis? *(Applausos)*

« Quem não vê hoje a que perigos escapou a Inglaterra, que fardo ella esteve a ponto de impôr-se, de que rediculo se teria coberto? Quem não divisa de um só lanço de olhos o verdadeiro character de uma empresa cujos heroes teriam feito lembrar o heroe da litteratura hespanhola, o generoso cavalleiro da Mancha? de uma empresa fundada em esperanças romanescas, seguida de pezares e de escarneo!... »

Os applausos interrompem por longo tempo o orador, que continúa assim:

« Com quanto saibamos impôr silencio ás nossas emoções e submettel-as a nossos deveres não ha-de a Europa dizer que queremos a paz porque tememos a guerra. Muito pelo contrario! Ha quasi oito mezes que o governo declarou sem hesitar que, si infelizmente a guerra se tornasse indispensavel, a Inglaterra estava preparada para ella; depois d'esses oito mezes, a paz de que temos gozado não tem feito sinão augmentar nossas forças. È' a paz, senhores, que prepara e acumula em silencio os recursos, os meios e os instrumentos da guerra. *(Applausos.)*

« Tomemos pois cuidado d'esses recursos; são elles que nos fazem formidaveis. Nós estamos immoveis, mas é como essas massas fluctuantes que a ancora tem encadeadas no vosso porto, e cuja força e potencia parecem adormecidas sobre as aguas. Vós o sabeis, senhores, essas massas gigantescas que dormem hoje sobre suas sombras, esses vasos inactivos, esses castellos fortes que parecem inabalaveis, á voz do perigo, á voz da patria vêlos-hieis animar-se, arrojar-se cheios de vida, atravessar o Oceano com suas rapidas azas, discorrer por elle, dominal-o em sua belleza, força e grandeza, e fazer troar sobre as ondas seus raios ora adormentados. »

Um trovão de applausos interrompeu a M. Canning, e durou alguns minutos. Elle proseguiu:

« Pois bem, senhores, esses magnificos productos do genio

do homem, sahindo de repente da inacção e arremessando-se á victoria, offerecem o justo symbolo das forças secretas da Gran-Bretanha, e d'esse repouso fecundo durante o qual ella os concentra e os accumula em silencio. A primeira occasião poderá provar toda a energia d'estas forças occultas; mas queira Deus que esteja longe essa occasião! Depois de uma guerra que durou perto de um quarto de século, a Inglaterra sempre armada, ora luttando com a Europa ligada contra ella, ora com a Europa cercando-a de todas as partes, necessita de descanço, e póde logral-o sem ser accusada de cobardia. Oxalá, senhores, que nós possamos conservar longo tempo esta paz, que nos permittirá aproveitar-nos de nossa prosperidade actual, cultivar as artes e dar ao commercio renascente essa vasta extensão que só póde firmar nossa força e nosso socego.»

M. Canning, depois de algumas allusões mais directas ao commercio de Plymouth e á prosperidade d'esta cidade maritima, terminou o seu discurso no meio das acclamações universaes.

Não se póde tributar demasiada admiração á destreza, energia e sobretudo perfeita conveniencia d'esta arenga em que M. Canning lisongeava os seus ouvintes: nenhuma de suas metaphoras se eleva ácima da comprehensão d'elles; dirigia-se a seus interesses, ás suas paixões, ás suas lembranças. A mais brilhante imagem que se tenha talvez aventurado em um discurso politico feria a imaginação com a rapidez instantanea do raio do sol que fere os olhos. Seu titulo e seus serviços lhe davam direito de fallar muito tempo; e ao passo que ia desenvolvendo seus intuitos politicos, na presença dos bons habitantes de Plymouth, não só agradava a seu amor proprio, como achava o meio de avisar a diplomacia européa. Eu não fallo nem na graça nem na elegancia da linguagem, qualidades mais nocivas do que uteis em tal circumstancia, e com a qual este grande orador soube unir uma simplicidade quasi familiar e a gravidade conveniente. Si não sois ministro, como M. Canning, nem já célebre por vossa eloquencia, contentae-vos com chasquear agradavelmente, encantar vossos ouvintes com bons contos; vosso vinho de Champagne fará o resto. Juntae-lhes as protestações usuaes, e poupae-vos aos gastos de uma rhetorica inutil. Os estomagos satisfeitos tornam indulgente a critica.

VII. O CANDIDATO NOS HUSTINGS.

Podeis conseguir de diversas maneiras captivar a attenção d'essa hydra de mil cabeças, *bellua multorum capitum*, que se apinhôa aos pés do tablado onde vos expondes ás apupadas e insolencia de seus projectis. Prodigalisando as metaphoras, as allusões eruditas, as citações doutas, os termos de philosophia e de chimica, lisongeaes o orgulho d'esses senhores, que não comprehenderão uma só palavra, mas que escutarão, e vós sereis applaudido. Tenho visto oradores divertirem o povo, dirigindo-lhe uma linguagem tão enigmatica para elle, como o discurso d'esse embaixador que fallava, ao imperador da China em lingua hollandeza.

Um meio mais seguro e menos facil é dirigir-vos ao povo em sua propria linguagem: si vos decidirdes a tomar este partido, sêde jovial, caustico, vulgar, obsceno mesmo; aformoseae a vossa arenga com alguns termos de giria; pilhae o vocabulario da taverna; mesclae com o ridiculo popular, com a zombaria chocarreira, allusões frequentes aos prazeres e aos costumes da canalha; não poupeis a M. Martin, cuja humanidade pelos cavallos e carneiros o constituiu inimigo dos carniceiros e cocheiros de praça; sustentae, á força de sarcasmos e de equivocos, a attenção dos vossos ouvintes: o mercador de antidotos poderia n'este sentido, ser vosso mestre de rhetorica. Sobretudo atacae vivamente as superioridades sociaes ou intellectuaes. Homem novo, si tendes um adversario encanecido nos negocios, aproveitae com destreza esta bôa fortuna; accusae todos os actos de sua existencia politica, segregando-os das circumstancias que os justificam e que os hão determinado; depois, com ar de afoiteza, chamae o exame sobre vossa vida: sua obscuridade tornará impossivel esse exame. Por esta tactica habil, tereis por vós as paixões invejosas dos que nada têm feito e nada têm sido, e, ao mesmo tempo, escarnecereis todos os antigos adversarios do vosso antagonista.

Si o povo estiver de mau humor, o vosso papel se torna difficil. Armae-vos de sangue frio; os insultos não são deshonrosos quando o triumpho é sem honra. Recebei com frieza imperturbavel os ultrajes que vos forem prodigados; quando vos accusarem, quando vos atropellarem com apodos grosseiros, com perguntas ridiculas, com dichotes affrontosos, res-

pondei sem desdem, mas com dignidade. A vossa posição se assemelha á de um homem que quer só por si fazer uma aberta n'um batalhão inimigo; arroja-se impetuosamente, vae aparando os golpes que não póde restituir, derriba de quando em quando um inimigo separado, deita a correr mais que depressa e dá-se por feliz si sómente traz d'esta façanha algumas feridas leves das quaes nenhuma é mortal.

Observae sobretudo com cuidado os diversos symptomas que se manifestam n'esse grande corpo em delirio: sua colera póde um momento aplacar-se; sabei aproveitar-vos do intervallo lucido. Uma palavra picante, um chiste vivo, o chamarão a sentimentos mais brandos. Ponde de lado essa delicadeza de sensibilidade que vos reduziria ao silencio e daria alento ao inimigo; quanto mais vigorosos forem vossos pulmões, quanto mais descaramento vos revestir a fronte, mais lances favoraveis tereis.

Os movimentos das massas, esse instincto violento e espontaneo que as rege e que podeis observar no theatro, são muito caprichosos; deveis explorar esses caprichos. Lembra-me um candidato que a natureza dotára de exterior muito feio, de physionomia irregular e de rugas prematuras. Havia meia hora que, encostado na grade ou balcão dos *hustings*, tentava em balde fazer-se ouvir; as apupadas e vaias continuavam sempre. Emfim, um dos membros do honrado auditorio, vendo sua perseverança, exclamou em sua linguagem grosseira: *Escutemos ó mono velho!* Todo o mundo desatou em risadas: o nosso homem, que fallava bem, aproveitou o momento favoravel, fez-se applaudir apezar de tory e ministerial, e sua desgraça se terminou por um triumpho. Eis os vossos mestres, eis os modelos que vos cumpre seguir; e assim é que descereis dos *hustings* coberto de lama e com a fronte cingia da corôa civica que sobre vossa cabeça houver collocado uma eleição feliz.

(Political Primer.)

VARIEDADE.

DIARIO D'UM MEDICO (*)

X.

O jogador de socco e a moça.

Nos fins do verão de 1824, arrebentou sobre Londres violenta tempestade. Nunca me hade esquecer essa tempestade, ao qual se prendem circumstancias singulares e recordações cheias de interesse e de dôr para mim. Tentarei fazer o leitor participe das emoções que ainda vivem em meu pensamento.

Ao meio dia, reparei que na atmosphera se estava operando uma alteração que ia pouco e pouco submettendo a natureza a uma especie de silencio, de entorpecimento e de expectação; as nuvens se abatiam, agglomerava-se a electricidade, o céo amarellejava e parecia contrahir-se e enroscar-se em derredor de nós. Os animaes estremecidos pareciam presentir seu perigo, e tremiam de antemão da desgraça que seu instincto advinhava. Havia como uma ameaça suspensa no céo. O calor redobrava a cada instante; os cães andavam arquejantes, e suas linguas resequidas e afogueadas lhes cahiam das bôccas abertas; os bois, que eram levados ao matadouro, recusavam marchar e permaneciam immoveis. Apezar do intenso calor produzido pelo sol que dardejava a prumo, as ruas estavam apinhoadas de gen-

---

(*) Vid. Revista n. 4 do 1.º Tomo, ns. 1 e 3 do 2.º, ns. 2 e 3 do 3.º, e ns. 1, 2, 3 e 4 do 4.º

te. Reinava muita agitação nos espiritos. O *Fim do mundo* e o *Dia de Juizo*, que alguns enthusiastas e loucos haviam annunciado, deviam ter logar n'esse mesmo dia. A mudança de temperatura, o aspecto do céo, a approximação da tempestade, abalavam todas as imaginações: invoco as memorias d'aquelles que moravam então em Londres; elles hão-de estar lembrados como eu d'esse dia, e da febre de terror que se propagava entre o povo; e do fanatismo de uns, e do abatimento dos outros.

Tem tamanho poder a religião em Inglaterra, que estes terrores se apoderaram da nação com extrema intensidade: entre as pessoas que visitei, durante o meu giro da manhãa, apenas um ou dous homens, pertencentes á nobreza, haviam escapado a esta influencia. De familia em familia, eu só colligia palavras de terror. Sobre os marcos de pedra, nas esquinas das ruas, prégadores, de quem eu não ouvia a voz, se dirigiam a uma multidão que os escutava com assombro: seus gestos traduziam claramente o texto de suas homilias. Eu mesmo cedi a essa impressão geral; e quando me recolhi, cançado de minhas visitas, coberto de suor, experimentei um estremecimento de que não fui senhor, e que me abalou todos os nervos.

Achei na salla minha mulher, meus filhos e uma môça, amiga da nossa familia, que sua mãe nos havia confiado e com quem ella devia vir ter d'ahi a alguns dias. Miss Helena W***, filha unica de mistress W***, viuva de um coronel de cavallaria, morava, com sua mãe perto de Windsor. Ella era toda imaginação, toda poesia, mas tambem toda simplicidade. Educada com desvélo no retiro, nada tinha alterado a finura de percepção, o enthusiasmo e a ingenuidade que a destinguiam: nós a consideravamos como nossa filha, e a affeição que lhe tinhamos ia crescendo de dia em dia. Ninguem podia conhecêl-a sem amal-a, nem deixar de admirar a delicadeza de suas feições e a graça de sua cintura; mas não era tanto sua belleza que maravilhava os olhos, como o encanto de toda a sua pessôa que penetrava a alma. Ella era baixinha, modelada pelo typo da Hebé antiga. Sua physionomia, que não exprimia nem a melancholia de uma mulher romanesca, nem a vivacidade do engenho, annunciava a riqueza dos sentimentos ternos, o luxo interior da sensibilidade, os thesouros do pensamento raras vezes unidos com

a belleza physica. O som de sua voz, cheia, vibrante e suave, a flexibilidade de seu andar, o ardor pensativo de seus olhos, se coadunavam com o character de seu semblante. Ella parecia antes assentar mollemente do que lançar a vista que se escapava de seus olhos pretos, penetrantes e avelludados, que brilhavam sob pestanas finas e longas como pinceis. Apenas ella appareceu no meu salão, affluiram em minha casa as homenagens, as civilidades e as visitas. Os mancebos, que eu não tinha visto sinão uma vez em casa de alguem, faziam-se apresentar por seus amigos, e aquelles que costumavam vir visitar-me todos os mezes se tornaram assiduos. Informavam-se da minha saude e da de meus filhos com admiravel sollicitude e terna regularidade. As mães e as tias lançavam atravez da conversação algumas palavras que o acaso parecia trazer.

« A senhora W *** é muito amavel. Tem ella fortuna? » Ou então: « A vossa joven amiga não póde deixar de achar excellente casamento. Cuida ella em pôr casa? »

Perguntas estas de que eu penetrava facilmente o sentido e ás quaes já me ia acostumando como a uma necessidade da minha profissão. Quantos mancebos embaraçados de suas pessôas buscaram penosamente desculpas futeis para explicarem a frequencia singular de suas visitas! Um valido, cuja mão derrama mercês e graças, não se vê mais festejado nem mais procurado do que eu o era então.

Helena tinha feito a sua escolha. De todos os pretendentes, o mais socegado, o mais pacato, e talvez o mais digno, foi por ella preferido: um joven ministro que ia receber as ordens, e que não tinha nenhuma semelhança com sua noiva. Era uma d'essas almas doces e puras, virtuosas por temperamento, capazes de uma affeição grave e sentida, mas que olham toda especie de enthusiasmo como loucura, todo vôo de imaginação como funesto. Helena e Frederico Dalwer não se conformavam em nenhum ponto e amavam-se muito; cada um d'elles admirava no outro as qualidades que a si faltavam. Depois de suas longas discussões, acontecia-lhes sempre terem-se em maior estima; e era cousa curiosa este contraste da poesia e da prosa, da imaginação e do bom senso, do enthusiasmo e da razão fria.

Helena, cujo espirito ardente abraçava todas as idéas que tinham esplendor, foi vivamente commovida da crença no

proximo fim do mundo; crença que os theologos da Inglaterra não rebatiam, e a que davam voga os diarios, as predicas dos oradores sacros, e até os livros de alguns sabios.

Frederico estava longe de pensar como ella. Antes de se transportar para Oxford, onde o chamavam seus deveres ecclesiasticos, teve com ella uma conversação bastante prolongada: elles differiam de idéas e de sentimentos, e, em consequencia d'esta discordancia de opiniões, seus adeuses foram menos ternos que de costume. Helena sustentára a sua these com um calor de eloquencia que fizera sorrir o seu amante, mas que obrára sobre a imaginação de minha mulher e de meus filhos.

Demorei-me alguns minutos sómente na sala, e entrei no meu gabinete onde tinha que inscrever algumas notas. Quando me sentei, o céo estava amarello, e algumas nuvens esverdinhadas e pardas augmentavam a tristeza do aspecto que elle offerecia. O peso insupportavel da atmosphera não cessava de crescer. Com o cotovelo encostado na mesa e os olhos fitos n'essa massa opaca, véo obscuro do firmamento, reflecti alguns minutos sobre este estranho repouso da natureza: nem uma só folha de arvore se agitava no meu jardim, nem uma aragem de vento fazia soar o mais leve objecto. Eu abafava: abri a janella, tirei o lenço do pescoço, e ia molhar a penna na tinta, quando uma luz verdadeiramente infernal, fendendo a nuvem, atravessando o espaço, abrindo o céo, pareceu, durante seis ou sete segundos, revelar-me o abysmo do inferno. Duas ou tres largas gotas de chuva cahiram pesadamente sobre o peitoril do balcão; um instante depois, rebentou o raio. Que explosão, grande Deus! Si eu tentasse dar uma idéa de semelhante estrondo, minhas expressões passariam por hyperbolicas: si o globo tivesse abandonado violentamente a sua esphera, si os fragmentos da nossa terra houvessem voado em pedaços atravéz do espaço, creio que essa destruição de um mundo não teria causado fracasso mais horroroso. Permitta Deus que nunca meus ouvidos sejam feridos por estrondo igual! Precipitei-me, lançando por terra a cadeira em que estava sentado, incapaz de nenhum pensamento, tapando os ouvidos e com os olhos fechados, para escapar ao vivo clarão d'esse relampago.

Estupefacto e como petrificado por algum tempo, meu

primeiro movimento, quando tornei a mim, foi sahir precipitadamente do meu gabinete e ir procurar minha mulher e meus filhos. Achei-os ainda na sala: minha mulher desmaiada, meus filhos em torno d'ella, arrancando longos gemidos e julgando que ella tinha cessado de existir. Levantei-a, apertei-a em meus braços; immediatamente outro trovão, outro relampago, fizeram tremer e refulgir ao mesmo tempo toda a casa. Mil descargas de canhões, vomitando a um tempo suas chammas, teriam talvez rivalisado com esse tumulto inaudito. Todos os vidros se tinham quebrado; minha mulher, de joelhos, me estreitava em seus braços. Eu agitava vigorosamente a campainha, e desceu em fim uma criada em completa desordem. Mandei por ella buscar saes e ordenei-lhe que desapertasse minha mulher, que se achava um pouco melhor; eu tinha-a deitado no sofá, e já as creanças iam abaixando o diapasão de seus gritos agudos, quando me occorreu que miss Helena W*** se não tinha mostrado durante esta scena de terror. Ia passando um criado por diante da porta aberta:

— Eduardo, gritei-lhe, onde está Helena?

— Miss Helena, senhor?... Não sei dizer-vol-o.... Ah! sim, vi-a subir muito depressa a escada, ha cinco minutos. Depois d'isso, não tornei a vêl-a.

— Então vós a vistes no momento em que brilhou o primeiro relampago?

— Precisamente, senhor.

Subi a escada, gritando: « Helena! Helena! onde estaes? » Ninguem respondia. Chegando ao topo da escada, bati na porta do quarto que ella occupava. Essa porta estava fechada, porêm a chave se achava na fechadura. Nada de resposta.

— Em nome do céo, Helena, respondei, ou vou abrir.

Pasmado, assustado do silencio que ella guardava, abri. Descrever o que vi é difficil; communicar e fazer comprehender o terror que de mim se apoderou, impossivel.

Defronte da porta, a tres pés do lumiar pouco mais ou menos, estava Helena de pé, immovel, com os braços estendidos e com os olhos abertos e fixos. Uma parte de seus cabellos lhe fluctuava pelos hombros, e a doçura de suas feições estava alterada por uma expressão de ameaça. Vestida de branco, estava mais pallida e mais branca ainda do que

a cassa que a cobria. Seus olhos, privados de movimento, scintillavam não sei que brilho sobrenatural, cuja claridade sepulchral ainda me persegue em meus sonhos e estará sempre presente á minha imaginação. Helena parecia petrificada; seus labios não se mexiam, seus braços permaneciam suspensos no ar, e ella me olhava, me olhava!...

Meus pés estavam como pregados no lumiar da porta; eu não ousava nem fallar, nem avançar: a cabeça me andava á roda, apoderava-se de mim involuntario atordoamento; ia perdendo o uso dos sentidos: novo trovão m'o veio restituir.

Exprobrei-me então o meu terror pueril, avancei para a moça e peguei-lhe nas mãos, que estavão frias.

— Helena! Helena! exclamei.

Ella não respondia: seu corpo estava rijo como um cadaver, e seus braços estendidos não mudavam de posição. Tomei-a nos braços, levei-a para seu leito, deitei-a, abaixei-lhe as palpebras, forcei, não sem custo, as juntas de seus cotovelos e de seu hombro a deixarem recahir seus braços, e contemplei com dor este estranho espectaculo. Ella alli jazia, privada de sentimento, mas não de vida, da faculdade de mover-se e de operar, mas não de respirar. Dos labios azulados lhe sahia um bafo imperceptivel; palpitação extremamenfe fraca annunciava que a circulação não estava suspensa. Chamei por ella com toda a força, sacudi-lhe violentamente os membros O trovão continuava a bramir, o relampago sanguinolento tingia o céo. Helena não ouvia, não via nada, não se mexia; era uma estatua. Em balde procurei descobrir sobre ella um d'esses vestigios que em suas victimas imprime o raio: o fogo do céo não lhe havia tocado. Pois então o que lhe havia succedido? Seria a morte? Mas ella respirava. Estava viva? Mas que vida era esta sem conhecimento e sem movimento, esta vida de um cadaver?

Minha mulher assustada de me não tornar a ver, correu acompanhada de uma criada, e veio augmentar ainda mais a minha perturbação com suas perguntas multiplicadas.

— Está ella morta? feriu-a o raio? perguntava-me ella, encostando-se a mim com terror.

Sua presença só servia para constranger-me; por isso, soltando-me de repente de seus braços que me enlaçavam, fil-a entrar n'um quarto visinho, onde dei ordem a uma criada que lhe obedecesse e tratasse d'ella. Depois voltei para junto

do leito onde jazia estirado o corpo de Helena. Mas que fazer ? Meu saber, meus estudos, minha pratica, minha longa experiencia, não me offereciam nenhum soccorro, nenhuma luz. Eu apertava a cabeça com ambas as mãos, e interrogava todas as minhas lembranças, para procurar um exemplo semelhante a este, um caso cuja cura me podesse guiar n'esta circumstancia difficil : não era nem epilepsia, nem hysteria, nem desmaio ordinario. Si lhe pegava n'um dos membros e tentava mudal-o de posição, o membro cedia com esforço, conservava por algum tempo a attitude que eu lhe dava, mas não tardava á voltar á suá primeira posição. Si lhe movia o braço, elle obedecia á pressão da minha mão ; depois executava lenta e progressivamente a evolução contraria. Assentava-a na cama, ella se deixava ficar, com os olhos fixos e espantados. Levantava-lhe a palpebra, ella tornava a fechar-se pouco a pouco. Era cousa horrivel este ente animado, mas sem vontade, sem poder ; estes olhos vasios de intelligencia e de alma ; este corpo onde girava o sangue, e d'onde a alma parecia banida.

— Ah ! senhor ! clamava a criada espavorida, ella está possessa ! Satanaz se apoderou d'ella ! é Satanaz !

Emfim, occorreu-me um pensamento : este mal singular não podia ser sinão a *catalepsia*, affecção rara, mysteriosa, terrivel, e que parece trazer na vida todos os characteres da morte, e na morte as principaes condições da vida. Nunca á minha observação se tinha offerecido um caso d'este genero. Comprehendi como esta imaginação activa e ardente, já preoccupada de todos os terrores que o temor do ultimo dia espalhára pelo povo e por entre as classes superiores da sociedade, não tinha podido resistir ao movimento de susto causado por esse trovão que tão vivamente me assustára. Ella se tinha precipitado para a porta de seu quarto ; e de repente, congelando-se-lhe o sangue nas veias, o cérebro como atacado de paralysia, achára-se detida n'essa rapida fuga, permanecêra estatua, tal qual a achei quando me apresentei á sua porta.

Tinha porêm o raio determinado alguma lesão organica ? Estava ella cega? Tinham suas palpebras dilatadas perdido a faculdade de perceber raios solares? Atormentado d'estas duvidas, que me deixavam ver mui claramente os limites da sciencia e o circulo estreito em que se encerra o poder do homem, eu não sabia que modo de tratamento empregar.

Entretanto não havia um momento que perder; longo tempo passeei a passos largos pelo quarto de Helena: resolvi seguir o tratamento anti-spasmodico. Uma sangria abundante dada no braço, vesicatorio atraz das orelhas, um escalda-pés de mostarda, não produziram nenhum effeito; uma pequena dóse de opio e de ether, que forcei a pobre doente a tomar, não teve melhor resultado. Seus pés, quasi queimados por sua immersão em agua fervendo e sinapisada, permaneciam brancos e sem calor. Era tão forte e tão obstinada a determinação do sangue para a cabeça, que todos estes meios, empregados ao mesmo tempo, não tinham podido triumphar d'ella. Decidi-me a fazer-lhe applicar uma ventosa entre as duas espaduas.

No momento em que escrevia uma palavra ao meu pharmaceutico, minha mulher, que se achava, como eu disse, no quarto visinho, deu uma gargalhada. Corri a ella; violenta convulsão nervosa causava este riso spasmodico. Sangrei-a, mandei meu criado á casa do pharmaceutico, e tornei para junto do leito onde se achava Helena sempre sem movimento.

Eu estava-lhe prodigando meus cuidados, quando bateram na porta com muita força; veio então o criado dizer-me que precisavam de mim n'uma das casas visinhas, que o doente estava na ultima extremidade, e que eram necessarios os mais promptos soccorros. Eu tinha inteira confiança na habilidade do pharmaceutico que devia applicar a ventosa, e segui o homem que me viera chamar. A chuva não cessava a cahir copiosamente, a tempestade continuava com furor. A tres portas da casa que eu habitava, o meu guia parou e me fez subir a um terceiro andar cuja porta estava aberta.

. . . . . .

Eu tinha visto essa môça tão interessante, tão bella, submersa em lethargia pelo raio; novo espectaculo mui differente do que ainda me penetrava de sensaçōes as mais dolorosas, me esperava em casa do doente que eu ia visitar.

Era um jogador de sôcco de profissão, chamado Billy Wedelkiff, homem athletico, um dos mais célebres da sua confraria, e que muitas vezes ganhára o premio dos combates sanguinolentos em que brilhava. N'essa manhãa, tinha elle assistido como juiz a uma d'essas solemnidades, que coroára um grande banquete. Tocado de vinho e incapaz de guiar-se,

tinha-se mettido n'um carrinho e voltado para Londres; seu cavallo, espantado pelo relampago, tinha tomado o freio nos dentes e virado o fragil carrinho, que, arrastrando o jogador de sôcco em sua queda, lhe deslocára o peito do pé esquerdo. Alguns caminhantes, que o acharam n'esse estado no meio da estrada, mandaram transportal-o para a sua casa, cujos baixos eram occupados por uma taverna. Assim principiei a subir a escada, ouvi logo seus gemidos, ou antes seus urros, mesclados com maldiçōes espantosas.

No fundo de um quarto em desordem: mas cujas alfaias annunciavam algumas pretensōes a um luxo de mau gosto, estava o jogador de sôcco estirado n'uma cama cercada de cortinados vermelhos. Sua perna núa estava pendente até o chão; no mais estava todo vestido: seu fraque azul de botōes de ouro, seus calçōes curtos de velludo pardo, estavam manchados de lama e rotos em varias partes. Vermelha de vinho e de colera, esta figura gorda e bochechuda rangia os dentes e blasphemava, entregue a horrivel agonia. Terieis estremecido de ver o rosto de Billy desfigurado pelo tormento que elle padecia, sua fronte e suas faces de um bronze ardente. seus musculos esticados como cabos que se torciam, seus grossos dentes que rangiam com furor; ter-vos-hieis horrorisado de ouvil-o vomitar anathemas contra a tempestade, contra o tempo, contra o banquete, contra a embriaguez, contra sua mulher que estava junto d'elle, contra si mesmo, contra sua loucura, contra seu cavallo, contra o trovão, que roncava, contra Deus que fazia roncar o trovão. Nada se póde imaginar de mais hediondo. Recuei um passo.

— Não era a mim, minha bôa mulher, disse eu a mistress Billy que estava toda a tremer, era ao cirurgião que divieis ter mandado chamar.

— Elle nos hade matar a todos! Aliviae-o, senhor, por mercê; fazei alguma cousa por elle! clamava a pobre mulher desolada e torcendo as mãos.

Então o furioso voltou-se, e, levantando-se um pouco sobre o cotovêlo:

— Sim, doutor, disse-me, fazei *alguma cousa* por mim, como diz essa patifona... E que todos os diabos vos embalem! Oh! como soffro! Vêde este pé, esta perna! Cavallo maldito! Hei-de arrebental-o, moêl-o, comêl-o, esse cavallo infernal, assim que a minha excommungada perna poder andar!

Dizendo estas palavras, sacudia o pé que pendia sanguinolento, e no qual estava ainda um pedaço de meia azul grudado pelo sangue coalhado que lhe cobria a ferida. Esta força physica e brutal luttando contra a agonia e debatendo-se com desesperação, este athleta privado de toda a sensibilidade moral e entregue a seu furor, este homem sem Deus, sem alma, abandonado ás convulsões de uma dôr intensa, allumiado de quando em quando pelos sulcos ardentes que se cruzavam no céo, davam a idéa do archanjo decahido, bramindo no fundo do abysmo que o encerra. O estampido do raio continuava a fazer-se ouvir; sua mulher poz-se de joelhos ao pé do leito.

— Meu charo Billy, disse-lhe ella, o doutor ir-se-ha embora si fallardes assim. Meu Deus! peço-vos que vos acalmeis, ou o doutor não vos ha-de querer tratar.

— Elle que experimente, que experimente, exclamou o jogador de sôcco apertando os punhos; si fôr capaz que se vá embora! Eu estou côxo, não é assim? Pois bem, côxo como estou.... hei-de apanhal-o.... hei-de ensinar-lhe a polidez.... Aqui está a minha perna, senhor medico, que se deve fazer?... Respondei depressa, doutor; creio que é este o nome que vos daes?

O meu primeiro movimento foi retirar-me e abandonar á sua sorte o homem brutal que me insultava; porém lancei os olhos sobre sua mulher, e foi d'ella que tive dó. Sem replicar uma palavra, sem olhar para o doente, puz-me de joelhos e procurei despegar a meia que estava adherente á ferida. Apezar de toda a cautella que eu empregava, a operação era bastante dolorosa: ao passo que a meia ia cedendo á acção da minha mão, o corpo do padecente tremia, horrivel furor lhe contrahia as sobrancelhas, a raiva parecia ir-se apossando d'elle, seus labios escumavam; emfim ella prorompeo:

— Doutor, Doutor! miseravel! desazado! vós não sabeis o vosso officio! Uma creança, uma creança, c'os diabos! teria mais geito do que vós! Oh! deixae-me, deixae-me, largae-me!... ide para o inferno! não vos quero!

E levantou-se, com a mão fechada, disposto a esmagar-me. Armei-me de todo o meu sangue frio, e disse á mulher d'elle que fôsse chamar alguem. Escrevi algumas palavras com lapis, e dirigi esse bilhete a um cirurgião

meu amigo que morava na visinhança. Eu ia sahir; a mulher de Billy lançou-se entre mim e a porta, e me supplicou que ficasse: seu marido, dizia ella, tinha bebido, e sofria muito; eu devia perdoar-lhe. No dia seguinte elle me agradeceria todos os meus cuidados.

— Tende dó d'elle! exclamava, tende dó d'elle! bem vêdes que elle está ebrio.

— Vem cá! disse o jogador de sôcco á sua mulher, com voz de trovão.

— Ella chegou-se; elle agarrou-a pelo hombro, e sua mão herculea arrojando-a com a maior violencia para longe de si:

— Vae, vae, desce depressa, miseravel!... Ah! eu estou ebrio!... Ah! tu affirmas que eu estou ebrio! Fóra d'aqui! já e já, fóra d'aqui! ou eu te....

A infeliz, passada de susto, desceu a escada com precipitação e me deixou sozinho em presença d'este réprobo. Confesso que o unico motivo que me pôde alli reter foi o receio de vêl-o levantar-se, saltar da cama e usar contra mim d'essa força redobrada pelo furor. Curei a ferida, que devia fazêl-o soffrer muito; fiz um banho de agua tepida e esperei pela chegada do cirurgião, que não tardou a apparecer. Respirei mais livremente, e ia emfim sahir e voltar para junto d'aquella angelica creatura qne reclamava os meus cuidados.

— Por mercê, ficae aqui, disse-me o cirurgião em voz baixa.

Elle tinha experimentado o mesmo receio que eu.

Custou-nos muito a pôr o primeiro apparelho. Nunca bôcca de homem vomitou contra seu semelhante invectivas mais sujas, mais grosseiras. A tempestade não tinha cessado; mas a chuva tinha abrandado um pouco, os relampagos e trovões tornavam-se mais frequentes e mais approximados uns dos outros. Pensei que essa claridade viva e terrivel poderia incommodar o enfermo, e abaixei uma das gelosias.

— Ora queira levantar essa gelosia! bradou Billy. Levantae-a depressa, c'os diabos! Apressae-vos! Julgaes acaso que eu me assemelho ao meu cavallo, e que tenho medo de um relampago?... Não, não, continuou praguejando; quero ver esse relampago que me quebrou a perna.... quero vêl-o.... Ah! é isso; quero amaldiçoal-o, amal-

diçoal-o a meu gosto, a elle e ao Deus que o fez!

E com a mão fechada, os labios cobertos de escuma, levantava a cabeça; novas ondas de claridade avermelhada o inundavam por assim dizer, e elle continuava a blasphemar. O cirurgião, homem muito religioso, fez um movimento de horror e de nojo, e ameaçou deixal-o, si se não calasse.

— . . . Fazei a vossa obra, importae-vos com o que vos diz respeito! clamou o jogador de sôcco.

Eu puz então ambas as mãos sobre os olhos para preserval-os contra a claridade vivissima de um novo relampago. Quando, depois de ouvida a explosão do raio, olhei em derredor de mim, vi o jogador de sôcco em pé na cama, com os braços estendidos, a cabeça pendida para traz, os olhos esbugalhados e fóra de suas orbitas, o rosto livido, as palpebras immoveis e dilatadas; elle fazia lembrar Elymah o magico, um dos personagens de um quadro de Raphael. Seus labios comprimidos já não buliam; elle não dizia nada, não se mexia: estava cego.

O relampago que tinha passado em torno de nós, sem nos offender, acabava de extinguir a potencia visual do blasphemador. O cirurgião e eu examinámos-lhe os olhos: sua immobilidade, sua insensibilidade eram completas; interrogámol-o, elle não respondeu, e recahiu sobre o leito como uma massa inerte e sem vida. Por intervallos, surdo gemido lhe roncava no intimo do peito arquejante; murmurio horrendo, estertor de agonia, de raiva ou de arrependimento. Emfim virou-se na cama, apertou com a mão suas duas palpebras; e, depois d'este movimento, por assim dizer, convulsivo, não se mexeu mais. Desde então, o cirurgião fez-lhe da perna o que quiz. De furioso, tinha-se o nosso jogador de sôcco tornado um ente estupido, abatido, insensivel ás mais pungentes dôres. Eu me apressei a deixar seu quarto, onde ficou o cirurgião, e transportei-me para junto de Helena cujo situação me assustava,

. . . . . .

Helena se achava ainda no mesmo estado que antes da minha partida: um cadaver que respirava. Os sinapismos tinham avermelhado e queimado a pelle; os vesicatorios tinham levantado a epiderme, sem despertarem a sensibilidade da doente, sem arrancal-a a seu entorpecimento. Seus olhos

estavam fechados, as maçãas de seu rosto mui pallidas, sua bôcca se entreabria como para fallar. Minha mulher, sentada á cabeceira da enferma, estava muda de espanto, e a criada não podia tornar a si do assombro que tornava inuteis sua presença e seus serviços. Acabavam de dar nove horas. Que dia! As predicçōes dos enthusiastas; o effeito d'essa electricidade, cuja massa accumulada tinha emfim rasgado as nuvens que a continham; essa tempestade mais violenta que as tempestades do tropico; a catalepsia fulminando a mais angelica das mulheres, o objecto das mais ternas affeiçōes da nossa familia; esse homem do povo, cegado na minha presença por um relampago que parecia vingar a Deus mesmo; essa coincidencia de acontecimentos, essa mistura de todos os terrores, teriam prostrado as almas as mais fortes. Eu sentia a minha firmeza abalada; apenas me restava o sangue frio necessario para consolar minha mulher que se desfazia em pranto.

Pedi luz, passei duas ou tres vezes uma vela accesa por diante dos olhos de Helena; as palpebras não se mexeram, as pupillas não se contrahiram. Abri um canivete, fiz um gesto como para cravar a lamina no olho direito da doente; ella não buliu. Peguei-lhe na mão; estava fria e humida. Encostei a ponta de um raspador sobre a raiz das unhas, parte mais sensivel talvez de todo o corpo; fiz soar-lhe ao ouvido os ruidos os mais dissonantes, os mais agudos, os mais estrondosos: nenhuma d'estas experiencias sortiu effeitō. Cançado de tantos esforços inuteis, desanimado, confiei a doente a uma enfermeira que mandei chamar, disse-lhe que me avisasse si ella viesse a fazer o menor movimento, e recolhi-me para o meu gabinete.

Escrevi immediatamente á mãe de Helena e ao joven Frederico, supplicando a ambos que não perdessem um instante, que se pozessem a caminho e viessem á minha casa. Os meus livros de medicina que consultei lançaram mui pouca luz sobre o ponto que me interessava; eu procurava remedios, e achava theorias fantasticas, classificaçōes inuteis, hypotheses vagas. A fadiga me opprimia; subi para tornar a ver a môça, e achei-a na mesma postura: sentei-me um momento ao lado d'ella.

« Pobre menina! disse commigo, no momento em que a deixei, beijando sua testa pallida e fria; pobre menina!

Qual é pois o sello mysterioso que te feriu? Que demonio singular se apoderou de tua belleza? Fria como a lousa, e bella como a vida! Brilhante de juventude, e morta sem cessar de respirar. Ainda vive a tua intelligencia sob a mortalha que te cobre? Deixou a alma o seu envoltorio? Onde estás? Quem és? Ver-te-hei longo tempo nos confins d'estes dous mundos que te reclamam ambos, e aos quaes pertences ao mesmo tempo? Ah! pobre anjo! Deus me illumine! Deus me ensine, a mim, homem fraco e sem recursos contra a tua desdita, um meio de salvar-te! »

Não pude demorar-me mais tempo no quarto, sahi com as lagrimas nos olhos, e fui procurar um descanço que não achei. Ás crueis agitações d'este dia devia seguir-se uma noite agitada: ora eu via Billy Wedelkiff, de pé em cima da cama, blasphemando e inundado pelo fogo do céo que o cegava; ora a desditosa môça, em sua tumba, com os olhos abertos e as mãos estendidas. Os objectos se confundiam depois, e sua infernal mistura me acordava sobresaltado; por isso me levantei muito cedo.

Helena, que visitei, não tinha mudado de posição, e estava mais pallida ainda do que na vespera. Tive o pezar de observar que os sinapismos cessavam de produzir effeito, e que não havia diminuição alguma na frieza glacial das extremidades. Pareceu-me entretanto que uma contracção nervosa, apenas perceptivel, lhe havia comprimido as ventas; introduzi-lhes um pincel embebido em sal ammoniaco delido em agua. Este estimulante, cuja energia é poderosa, foi sem effeito. Já eu não sabia mais o que fazer nem de que remedio lançar mão; um só meio me restava: a applicação de um cauterio ao longo da espinha dorsal. Pensava eu que talvez esta excitação violenta de todo o systema nervoso triumphasse da lethargia. Comtudo, antes de empregar este ultimo remedio, tencionei ir consultar um dos medicos mais célebres da nossa época, o doutor A***, meu amigo, que tinha feito da catalepsia um dos objectos de seus estudos especiaes. Ás oito horas da manhãa, achei-me em casa d'elle.

— Que! exclamou elle, depois de haver escutado a minha exposição, essa môça tão notavel que vi ao vosso lado na igreja?

— Ella mesma.

— Sua physionomia me fez impressão. Em quanto no chôro se cantava, seus olhos brilhavam com singular exaltação. Infeliz menina! E como a tendes tratado?

Dei ao doutor todas as informações que elle desejava; elle approvou o modo de tratamento que eu tinha empregado, e me citou varios exemplos de catalepsia, a mór parte d'elles seguidos de morte. Exporei aqui alguns dos resultados de sua conversação e de sua alta experiencia, resultados tanto mais apreciaveis, por isso que têm relação com uma molestia pouco conhecida, mal estudada, de que os fanaticos se apoderaram para seu interesse, e que varios homens da arte riscaram de sua nosologia como um mal illusorio, filho da fraude e da credulidade.

— Não é uma molestia verdadeira, dizia-me o doutor; é uma anomalia pathologica. O doutor Cullen não quer reconhecer verdadeira catalepsia; confunde-a com a apoplexia fulminante, e tem como illusorios e simulados todos os exemplos de catalepsia citados por differentes autores. Não posso ser da opinião de Cullen; penso com Van-Swieten que essa petrificação da existencia, gelando os membros, embargando os movimentos, paralysando a vontade, sem suspender a circulação e sem extinguir a vida, embora rara seja, é real e merece ser observada. Celso chama a estes doentes *attoniti*, designação que lhes convêm admiravelmente. Van-Swieten compara, e não sem justeza, a figura dos catalepticos com essa cabeça de Medusa que feria de estupor aquelles que para ella olhavam:

. . . . . Medusæ
Saxifici vultus *.

— Vós mesmo, doutor, tendes tratado de catalepticos?

— Sem conseguir salval-os. Vou dar-vos o exemplo mais notavel d'este genero de molestia, que se me offereceu no curso da minha pratica. Ha cinco annos, fui chamado para assistir a uma môça que tinha cahido em catalepsia. Quando entrei, estava ella sentada, fazendo tapeçarias, com o corpo direito, a cabeça levemente abaixada, tendo n'uma mão a lona e na outra a agulha que enfiava pela malha. Era

---

* Claudiano.

cousa graciosa e tocante ver essa estatua animada, n'uma attitude simples e natural, com a testa liza e serena, rosto mui pallido, respiração imperceptivel: nunca a arte e a imaginação hão-de produzir nada igual. Si se lhe bolia n'um dos membros, si se lhe agitava uma das juntas, todo o seu corpo cedia, como um manequim de molas, aos movimentos que se lhe imprimiam; até os musculos de seu pescôço estavam subjeitos a esta lei: podia-se á vontade levantar, voltar, abaixar-lhe a cabeça, que obedecia a todos os impulsos e conservava a postura que lhe era dada.

« Ergui-lhe docemente a palpebra; o iris da pupilla tremia e radiava; a palpebra foi pouco a pouco descendo e abaixando-se. Renovei esta experiencia, e cheguei-lhe aos olhos uma alampada accesa. O iris contrahiu-se fortemente, e a palpebra desceu com um movimento espasmodico. Meia hora depois da minha chegada, ella não tinha mudado de attitude; mas de repente, sem se mexer, e quasi sem abrir os labios, poz-se a cantar. Sua primeira cantilena foi uma melodia escosseza, sentidamente modulada, de que ella repetiu os sons, mas não pronunciou as palavras. Depois repetiu e pronunciou mui distinctamente as palavras e a musica do romance de Othello,

Assisa al pie d'un salice;

e emfim cantou uma aria mui languida, cujo autor me é desconhecido. Paixão profunda, melancholia intensa, respiravam n'essas tristes melopéas: não me causou admiração saber que um amor illudido occasionára esta molestia nervosa, que em seu ultimo paroxysmo tinha alguma cousa de tão extraordinario. Cinco minutos depois, sahiu-lhe do peito um longo suspiro: seus membros se relaxaram, ella levou as mãos ao olhos e queixou-se de não poder abril-os; o corpo todo lhe tremia violentamente: tentou levantar-se, porêm foi debalde.

« Entretanto, ella tinha recuperado a memoria e a faculdade de obrar; contou circumstanciadamente todos os symptomas de seu mal, e nos explicou o que soffrêra, o que sentira. Então renovou-se o espasmo universal, porêm debaixo de outra fórma. A expressão de seu rosto era apaixonada: de quando em quando, ella proferia palavras inar-

ticuladas e gritos agudos; suas mãos postas e fortemente comprimidas, suas sobrancelhas abaixadas, sua testa franzida, seus musculos violentamente esticados, metiam pena ver. Uma apoplexia fulminante terminou-lhe a vida.

« Sem fallar d'esses phenomenos do systema nervoso de que abusam o charlatanismo e o fanatismo, e que podem ser postos em duvida; d'esses doentes citados pelo doutor Petetin de Lyão, que vêem, sentem e escutam pelo estomago; um dos meus collegas, longo tempo cirurgião n'um dos regimentos do nosso exercito de Hespanha, contou-me um facto d'este genero, muito singular e muito curioso.

« Um frade franciscano, viajando a pé pelas Asturias, viu cahir o raio a dous passos de si e ficou sem sentidos. Outros viajantes o encontraram, suppozeram-o morto e fizeram-o transportar para o convento mais visinho. Fez-se-lhe o enterro, e elle ficou exposto no caixão aberto, no meio da igreja, segundo o uso de Hespanha. As tochas allumiavam o negro recinto da igreja, o *De profundis* retumbava, quando o frade, sahindo d'esse estado comatoso, estendeu os braços, sacudiu a mortalha e levantou-se de pé no caixão que se ia fechar sobre elle para sempre.

« Em geral, as mulheres são mais subjeitas do que os homens a esta especie de *hysteria*. Os revulsivos são excellentes; si a vossa doente estiver ainda esta noite entregue ao mesmo espasmo, dou-vos de conselho que façaes uso da pila galvanica. Gosta ella de musica?

— Com paixão.

— É preciso experimental-a. Quando a pila de Volta lhe houver abalado o systema nervoso, faremos tocar musica ao pé d'ella. Tendes em vossa casa um orgam de magnificos baixos; servir-nos-hemos d'elle esta noite.

Decidimos que essa mesma noite o doutor se acharia em minha casa, que se apromptaria o apparelho galvanico, e que tentariamos este meio de cura, que aliás me inspirava receios, pois me fazia lembrar circumstancias da minha vida que me haviam causado o maior susto.

Eu estava estudando anatomia em Londres, nos fins de setembro de 1808. Um chamado Caster tinha sido enforcado de manhãa, e seu corpo fôra entregue ás experiencias do amphitheatro. Logo que se cortou a corda que o atava ao patibulo, tirou-se-lhe o capuz que recahe sobre os olhos

dos suppliciados; seu rosto contrahido era horrendo. Elle ainda estava com sua vestia de fustão, velhas calças de velludo azul e colete preto. Condemnado a morte como assassino, podia-se-lhe ler na physionomia os traços characteristicos do homicidio e do crime. Quando o feriu o primeiro choque galvanico, esse cadaver sentou-se, abriu a bôcca, mostrou duas carreiras de dentes alvos, mexeu os braços, deribou com um sôcco um dos assistentes que se achavam perto d'elle, fez scintillar olhos ameaçadores, e pareceu prestes a arrojar-se sobre nós. Recuámos todos, consternados, convencidos que era uma resurreição verdadeira. Um joven estudante cahiu desmaiado; nós mesmos permanecêmos algum tempo anniquilados, antes de recuperarmos o uso de nossas faculdades, e de acharmos a calma necessaria para proseguirmos em nossas experiencias. O corpo tinha recahido sobre a mesa.

Foi mister tomar o partido de ferir de commoção tão formidavel essa delicada menina, na esperança incerta de salval-a. Achei-a mais pallida do que na vespera; não tinha sido possivel fazêl-a tomar uma colherada de *arrow-root*. A enfermeira tinha cruzado as mãos de Helena sobre o peito, e voltára-lhe a cabeça para o lado da parede; o corpo obediente tinha conservado essa postura.

— Esta chara menina, dizia a bôa mulher, custava-me avêl-a como um cadaver, com os braços pendentes ao longo do corpo; quiz que me parecesse estar dormindo.

A inutilidade de todos os remedios que eu tinha ordenado, a impossibilidade de fazêl-a tomar alimento algum, a pallidez crescente de suas faces, o receio que não a ferisse morte subita no meio da catalepsia, talvez antes da chegada de sua mãe e de seu noivo; todas estas considerações, juntas com a desesperação em que me mergulhava o sentimento de minha inhabilidade, me opprimiam ao mesmo tempo. Não cessei de contemplal-a, de apalpal-a, de chamal-a, porêm debalde. Emfim chegou a noite, e o doutor A*** appareceu.

Levantei a doente, que ficou sentada, sempre bella, e da belleza a mais tocante. Abri-lhe as palpebras: os olhos estavam fixos, brilhantes; um não sei que da terrivel expressão que se observa nos olhares dos epilepticos tornava sinistro e difficil de supportar-se o aspecto d'esses olhos. Seus braços, que nós haviamos levantado, se abateram com lentidão.

Não posso descrever o vacuo, a ausencia, o ar pasmado, o frio de marmore d'esta physionomia. Mandei sahir a ama e trazer o apparelho galvanico. Assim que a commoção se fez sentir, o sangue afluiu para as maçãas do rosto, depois refluiu para a testa; suas palpebras se mexeram vivamente, sua bócca se abriu ella pareceu olhar em derredor de si e querer saltar fóra da cama. Julguei que se debruçava para mim, que ia fallar, que me reconhecia.

— Helena! Helena! exclamei, estreitando-a vivamente em meus braços; minha chara Helena! dizei uma palavra, uma só; dizei-me que estaes viva!

Ai de mim! ouvir-me, reconhecer-me, fallar-me, ella não podia; e já tinha recahido, presa d'essas convulsões que causa o galvanismo e cuja vista é tão medonha. Exprobrei-me a crueldade d'esta experiencia. Si as molas d'esta fragil machina se fôssem despedaçar sob um esforço demasiadamente violento para ella! Si as ruinas de uma existencia tão compromettida cahissem em pó sob a pila de Volta! Olhei tristemente para o meu amigo, que, com ar tao desolado como eu, depoz a varinha e assentou-se pondo a mão na testa.

— Não sei mais como proceder, disse-me elle; eu esperava muito d'esta experiencia: agora meu saber está esgotado. Julgaes que ella seja subjeita á epilepsia?

— Não, que eu saiba.

— Tem medo do raio?

— Gosta de ouvir o ronco do trovão e de ver brilharem os relampagos.

— Pensaes que o relampago a tenha cegado?

— Não posso ter a este respeito nenhuma idéa positiva. A immobilidade das pupillas não é talvez sinão um dos symptomas de seu mal.

— Que situação! E vós esperaes por sua mãe?

— Sim. O joven Frederico W***, que deve desposal-a, e sua pobre mãe, não tardam a chegar; estou esperando por elles.

— Ah! grande Deus! exclamou o doutor, pondo as mãos, que de desgraças a u n tempo! Que cáhos de pezares! Mas, meu charo, vós não resistireis a tantos abalos. Animo! meu amigo, animo! Eu sou forçado a deixar-vos agora; meus numerosos doentes reclamam minha presença, devo retirar-me. Até mais ver; si succeder alguma cousa de novo, mandae chamar-me.

Não cançarei o leitor com a eterna descripção de um estado que não mudava. Mandei esfregar com mostarda as partes mais sensiveis do corpo, introduzi nas ventas materias sinapisadas: sempre a mesma insensibilidade. Um de meus filhos entrou com sua mãe na alcova, trepou-se na cama, sacudiu o braço de Helena, julgando-a adormecida, affagou-a com suas mãosinhas, abriu-lhe os olhos com seus dedinhos.

— Minha prima, minha bella prima *Lena*, vamos, acordae; papae diz que é tempo de levantar-se. Pára que dormis com os olhos abertos?

Emfim, não podendo supportar esse olhar de Medusa, o menino terrificado saltou da cama abaixo e correu esconder-se atraz de sua mãe. Trouxeram-me uma carta; reconheci a lettra de Frederico, dirigida a miss Helena W***: trazia o sello de Lincoln, e não de Oxford, o que me maravilhou. Abri-a. Com que desesperação encontrei n'ella palavras levianas, alegres, facetas! Frederico, em vez de ir para Oxford, tinha tomado o caminho do condado de Lincoln, onde morava uma de suas primas, para as nupcias da qual estava convidado. Elle escrevia á sua noiva:

« . . . . . Querida Helena, espero que o dia de juizo e suas trombetas vos deixaram toda aquella vida, toda aquella graça, todo aquelle encanto que vos distinguiam. Eu que vos amo sinceramente, ficaria desoladissimo que um bello anjo tivesse levado sobre suas azas a mais fraca parte de vós mesma. Tendes no emtanto um grave peccado sobre a consciencia. Dissestes-me *adeus* bem friamente; mereceis toda a vingança e colera divina: si o céo é justo, em breve serei encarregado d'essa vingança, etc., etc. »

Minha mulher desfez-se em pranto com a leitura d'esta carta; eu me apressei a escrever a Frederico, e mandei minha carta para Lincoln, em casa de sua prima, convidando-o instantemente a que quanto antes viesse a Londres á minha casa. Para augmento de nossos pezares, a situação de Helena se fez publica e foi pintada com côres falsas; e os diarios, apoderando-se d'ella, como sempre succede, desfiguraram a verdade, cobriram-a e alteraram-a com suas ridiculas amplificações: é esse um dos males que acarreta a publicidade. O segredo das familias, a intimidade das dôres as mais secretas, tornam-se ludibrio e presa de um escrevinhador esfaimado! Pobre Helena! ser o objecto da com-

paixão publica! quem sabe? do ridiculo talvez! Affligia-me esta idéa . . . Já me não era possivel fitar n'ella os olhos: eu não ousava mais subir a seu quarto.

O deão de Winchester, pae de uma das minhas doentes, reparou na minha tristeza, no meu abatimento, e me perguntou a causa: contei-lhe o succedido, elle me escutou; e quando acabei minha narração, lagrimas humedeceram os olhos d'esse homem venerando.

— Mas porque não experimentastes o effeito que produziria a musica? disse-me o deão.

— Confesso que fiquei tão perturbado pelos resultados medonhos da commoção galvanica, e pelo receio de ver essa infeliz menina succumbir na minha presença, que me não lembrei mais d'este ultimo remedio, no qnal eu tinha entretanto confiado.

— Vamos, meu charo doutor, é preciso fazer esta experiencia. Perdoae a um velho ministro, accrescentou elle, encostando sua mão sobre meu braço, si misturo um pensamento religioso com vossas afflicções e cuidados: porque não seria a da oração essa harmonia em que fundaes algumas esperanças? Invocae a bençam de Deus sobre nossos esforços, que isso nunca prejudica.

Eu me calava; elle proseguiu:

— Eu não sou fanatico, bem o sabeis, sou sim homem razoavel e de imaginação assaz fria: sempre desconfiei muito do enthusiasmo; mas, quando nos fallecem todos os recursos humanos, quando nosso poder e nossa força se acham exhaustos, que fazer, dizei-me, sinão voltar-nos para o lado de Deus? Concedei-me pois o que vos peço. Esta noite irei á vossa casa ler, diante da doente, as orações do nosso ritual; os sons do vosso orgam seguirão ou precederão as orações. Si tivesseis a desgraça de perdêl-a, ao menos não vos exprobrarieis uma tentativa tão innocente, uma experiencia sem perigo. Meu amigo, repito-vos, o pensamento de Deus nunca fez mal.

Cedi. As palavras do velho me haviam commovido. Esta ceremonia solemne, singular, e que em outra circumstancia eu teria talvez reputado pueril, devia ter logar ás oito horas da noite. No intervallo, chegou a mãe. Que scena!

Esta mãe desvairada, fóra de si, apertando em seus braços sua filha immovel, muda, incapaz de responder-lhe; os

gestos apaixonados, as lamentações terriveis, os movimentos violentos de uma; a insensibilidade de pedra e o silencio imperturbavel da outra; a agonia da dôr na mulher idosa, a vida suspensa e gelada na môça! E quando a desditosa Helena, levantada por sua mãe, permaneceu sentada sobre o leito, com a mão no ar e a cabeça voltada para nós, como si tivesse querido annnnciar-nos algum grande mysterio, alguma ameaçadora revelação do céo; ah! que coração bastante firme não teria estremecido! Affastei mistress W***, que, quando tornou a si, me instruiu que varios acontecimentos semelhantes tinham tido logar na sua familia, e que o avô de Helena ficára oito dias em lethargia.

Dei ordem a um criado que fôsse da minha parte convidar o meu collega doutor A*** e o mestre de musica de Helena, para se acharem ambos em minha casa ás oito horas da noite. Fiz transportar para o salão o orgam, instrumento sobre o qual a môça se tinha muitas vezes exercitado, e que, por sua bella e magestosa harmonia, tinha para ella encanto particular. Derradeira e fraca esperança! Si este meio não sortisse effeito, ia a campa abrir-se para ella, tão môça, tão fresca, tão digna de interesse, de ternura e de amor! Partia-se-me o coração. Talvez, dizia eu commigo, alguma fibra secreta, vibrando unisona com esta harmonia de que ella gosta, desperte em seu seio; talvez Deus não queira tirar do mundo esta menina innocente e pura, a quem sua mãe e seu noivo não poderam si-quer fazer as supremas despedidas.

Chegou a hora aprazada. Ouvi rodar a carruagem do deão, e depois parar á minha porta: fui recebêl-o.

— A paz esteja em vossa casa, disse-me o ancião; esteja ella com todos os que a habitam.

Introduziu-o no salão; o organista o seguia. Alguns minutos depois, annunciaram o doutor. O deão sentou-se diante de uma mesa, sobre a qual se havia collocado uma Biblia e um livro de orações. Eu e tres criadas descêmos a môça que minha mulher acabava de vestir: uma pallidez mais empanada lhe cobria o rosto; ella estava mais magra do que na vespera, e não era possivel, sem uma emoção que se approximava da angustia, contemplar-lhe as faces cavadas e brancas, a physionomia languida, melancholica, immovel. Embrulhada n'um grande chale branco, com seus

cabellos pretos mettidos n'uma touca de filó, com os olhos fechados, as mãos postas, mais pallida que a roupa que a cobria, mais semelhante a um cadaver em sua mortalha que a uma mulher viva, colloquei-a sobre uma velha cadeira comprida que eu tinha mandado pôr entre o deão e o orgam. O doutor A*** sentou-se á direita da doente, e eu á esquerda; o deão fez aceno ao organista que podia principiar.

Tudo se calava; o hymno sublime de Martinho Luthero se fez ouvir no meio do mais profundo silencio. Meus olhos estavam fitos em Helena. Aquella melodia magestosa, aquelles sons harmoniosos e suaves que desciam em nossas almas, que exaltavam nossos espiritos, cahiam sobre ella como a musica das cathedraes sobre os pilares immoveis que permanecem direitos em seu recinto. Desesperei do bom successo! Si fôr inutil este meio, que fazer? Todo o mundo ajoelhou: o deão levantou-se, e com voz solemne, porêm tremula, leu primeiramente o 71.° psalmo; depois, pegando na mão fria da enferma e pondo-se tambem de joelhos, recitou os versiculos seguintes do 8.° capitulo de S. Lucas:

« Ainda elle não tinha acabado de fallar, quando veio um dizer ao principe da Synagoga: É morta tua filha, não lhe dês o trabalho de cá vir.

« Mas Jesus, tendo ouvido esta palavra, disse para o pae da menina: Não temas, crê sómente, e ella será salva.

« E depois de chegar a casa, mandou que ninguem entrasse com elle, sinão Pedro, Thiago, e João, e o pae, e a mãe da menina.

« Entretanto todos a choravam, e se feriam de pena. Porêm Jesus lhe disse: Não choreis, que a menina não está morta mais dorme.

« Mas os que sabiam que ella estava morta, zombavam d'elle.

« Então Jesus, tomando-lhe a mão disse em alta voz: *Menina, levanta-te.*

« Então a sua alma tornou ao corpo, e ella se levantou logo.... »

Não se mexeram os labios de Helena, não se abriu sua bôcca? Eu o julgava: precipitei-me para ella; mas minha imaginação exaltada me illudia. Nenhum symptoma annunciava a convalescença. No quinto ou sexto versiculo, foi o

deão detido em sua leitura por um grande ruido. Batiam a golpes redobrados e violentos na porta da rua.

— Ide ver, disse minha mulher com voz entrecortada e tremula.

Antes porêm de ter o criado executado a ordem de minha mulher, vimos Frederico precipitar-se no quarto, com os vestidos em desordem, os olhos espantados, todo coberto de pó.

— Helena! Helena!

Á vista d'este cadaver todo branco, elle cahiu no chão; depois, cobrando os sentidos, arrastrou-se até junto d'ella e a tomou nos braços. Reproduzir continuamente quadros que reclamam as mesmas côres, exprimir gota a gota, por assim dizer, a longa e inexprimivel dôr d'esses dias, é tarefa ao mesmo tempo muito penosa para mim e muito cançativa para aquelles que me lêem.

— Não me queres fallar, Helena? não queres?

E pronunciando estas palavras, Frederico se abandonava a actos de completa insania. Levei para seu leito a malfadada menina, que, no meio d'esta scena, tinha permanecido calma como a morte.

..... De que serve prolongar a descripção d'esses dias dolorosos?

Apressemo-nos a chegar ao desfecho d'este drama cruel. O joven Frederico, depois de uma sangria abundante, recuperou o uso da razão. A mãe, accommettida de ardente febre, foi obrigada a ficar de cama. No dia immediato áquelle em que haviamos tentado a experiencia inutil que acabo de narrar, voltou o velho deão visitar-me, e subimos ambos ao quarto de Helena. Tudo annunciava que a morte real succederia brevemente a esta morte apparente.

— Então! meu amigo, disse-me o ancião, sentando-se ao pé do leito, ella está entre as mãos de Deus. Nós temos feito tudo o que podiamos fazer; só nos resta um unico e doloroso asylo: a resignação com os designios da Providencia. Só o Ente eterno que lhe deu a vida a póde salvar.

— Ai de mim! nada mais temos agora que esperar sinão do céo.

— Quanto tempo julgaes que possa durar este estado?

— Bem pouco tempo. Ella não tem tomado alimentos

desde o começo da crise. A organisação a mais robusta não supportaria esta prova.

— Grande Deus! si esta lethargia durasse mais do que pensaes! si se julgasse a vida extincta n'ella, e si fôsse isso engano!... Ah! eu espero, ou antes estou certo, meu charo doutor, que nunca confiareis seus restos á terra, antes de haverdes adquirido a prova a mais segura de sua morte.

Não respondi; a pena que eu resentia era amarga, profunda.

— Sabeis, continuou o ecclesiastico, fallando um pouco mais baixo e quasi timidamente, sabeis que singular pensamento me atravessou o espirito esta manhãa? N'esta estagnação das faculdades physicas, supponde que o espirito e a alma tenham conservado sua energia, sua actividade, seu poder!...

Não pude deixar de estremecer. Com effeito, na maior parte dos exemplos de catalepsia citados pelos medicos, os doentes que se conseguiu curar declararam ter ouvido tudo o que em torno d'elles se dizia.

— Pobre Helena! exclamei, si ella nos ouvisse!

Ouvi alguma bulha na porta; fui abril-a para saber o que se passava da parte de fóra. Tornei a fechar essa porta, e ia voltando a cabeça para o lado da cama, quando a voz do deão me feriu de novo os ouvidos.

— Grande Deus! exclamou elle.

Vi-o affastar-se, pallido, e cahir sobre a cadeira que se achava ao pé da janalla. Helena que, poucos segundos antes, eu vira em sua attitude e immobilidade ordinarias, com os olhos fechados e a côr do rosto livida, tinha agora os olhos abertos, scintillantes de uma especie de clarão sinistro; o sangue lhe corria em borbotões da bôcca e do nariz. Nunca espectaculo mais terrivel se offereceu a meus olhos! Eu não podia nem avançar, nem recuar, nem sentar-me. Estava pois desfeito o encanto! O espasmo tinha cessado.

Chamei por alguns criados, disse-lhes que sustentassem o deão, que o levassem para o quarto visinho e tomassem cuidado d'elle. A enfermeira, toda tremula, trouxe esponjas, toalhas, agua quente. Lavando-se o nariz e a bôcca da doente, favoreceu-se a evacuação do sangue e impediu-se

que elle se coagulasse. O primeiro som que lhe sahiu do peito foi um longo suspiro; parecia que peso intoleravel a havia esmagado, e que, uma vez tirado esse peso, ella respirava livremente. Suas palpebras se foram abaixando pouco a pouco, ella voltou a cabeça e levou á cara uma de suas mãos tremulas; deu depois segundo suspiro e abriu os olhos, cuja expressão, com grande alegria minha, era mais natural e mais vivente; lançou-os languidamente em redor de si, pareceu examinar os cortinados da cama, e tornou a fechal-os. Custou muito a levar uma colherada de agua misturada com aguardente. Mandei preparar um banho de pés, afim de igualar a circulação do sangue; depois, debruçado sobre seu leito, interrogando os movimentos de sua physionomia com a mais penosa anxiedade, beijei-a na testa e disse-lhe em voz baixa:

— Helena, como vos achais?

Ella voltou-se, abriu olhos languidos e tristes, abanou fracamente a cabeça, e não respondeu nada.

— Soffreis alguma cousa?

Meio sorriso se lhe debuxou nos labios, mas ella não pronunciou palavra. Eu sentia que seu estado de prostração requeria descanço; ordenei que uma beberagem levemente calmante lhe fôsse administrada gota a gota, e recolhi-me para o meu gabinete, depois de ter conduzido até a sua porta o velho deão, que fôra grandemente abalado por esta resurreição inesperada, e que desmaiára. Até a uma hora da madrugada fiquei encerrado, antes meditando do que estudando, e mergulhado em profundo desvario. A uma hora subi ao quarto de Helena. Posto fôsse andando muito de vagar, a minha chegada a despertou em sobresalto: ella tinha dormido desde a minha partida. Olhou para mim com aquelles olhos meigos, ternos, enthusiasticos, que eu tinha muitas vezes admirado, e cuja expressão só a ella pertencia; ella ia pois ser-me restituida! Meu coração pulava de alegria. Depois de me ter attentamente contemplado, pareceu reconhecer-me. Seus labios moveram-se apenas e ella murmurou estas palavras tão baixinho, que antes as adivinhei do que as ouvi:

— Abraçae-me!...

Correram-me as lagrrimas, quando depuz o beijo de um pae sobre a testa d'aquelle anjo.

— Não choreis, disse ella com voz tão fraca como antes.

Estendeu molemente fóra da cama sua mão que tremia, pol-a na minha, e eu apertei seus dedos delgados e emmagrecidos com uma emoção que não posso expressar. Ella viu a minha agitação, lagrimas lhe molharam os olhos, e pareceu querer fallar. Suppliquei-lhe que não pronunciasse uma palavra até ter recobrado todas as suas forças, e decidi-me a sahir do quarto para que ella ficasse no silencio e no repouso. Tornei a dizer-lhe adeus, beijei-a segunda vez, apertei de novo aquella mão delicada cuja pressão respondeu á minha, e fui procurar um pouco de descanço. De que fardo me achava alliviado! Com que jubilo communiquei esta noticia a minha mulher! Eu tinha recommendado á enfermeira que me fôsse avisar si se operasse alguma mudança na situação da doente; mas esta dormiu profundamente até ás nove horas, que se lhe deu um pouco de *arrow-root*. Achei-a muito mais forte do que o teria esperado.

— Como estaes? perguntou-me ella com voz firme que me surprehendeu.

Dei-lhe os parabens, e sentei-me ao pé d'ella.

— Já passou a tempestade?

— Oh! ha muito tempo, muito tempo, minha bôa Helena!

Ella não sabia nada do que se tinha passado, de sua lethargia, do perigo que corrêra, e nem suspeitava o tempo que tinha decorrido.

— Assim, ninguem de vossa familia está doente? tornou a môça. Vossa mulher?

— Ides vêl-a.

— E ninguem está ferido?

— Ninguem.

— Ah! meu Deus! como tive medo! como tive medo!

— Vamos, Helena, não falleis n'isso!

— E o mundo não está. . . ? Nada aconteceu? . . . Tudo está como d'antes? . . .

Seus olhos me interrogavam curiosa, avidamente.

— Vós me perguntaes si o fim do mundo . . . .

— Sim, sim.

— Oh! não; era uma tempestade violentissima.

— E já passou?

— Inteiramente.

Tentei depois, porêm debalde, desviar sua attenção de um

assumpto que ainda a agitava. Perguntei-lhe si tinha fome. Ella respondeu, não á idéa que eu exprimia, porêm a seu proprio pensamento.

— Vistes jámais relampago semelhante a esse?

— Era medonho.

— Oh! sim, muito medonho . . . . E eu vi, atravéz de sua claridade, figuras tão horrendas, doutor . . . .

— Fallaes como uma creança . . . . Calae-vos, Helena!

— O'doutor, eu as vi; ellas se approximavam, se approximavam de mim . . . .

Ella empalledecia e corava alternativamente, e a voz lhe tremia. Ordenei-lhe com tom severo que pozesse termo a estes discursos.

— *Dizei a Frederico que venha logo de tarde.* Quero vêl-o; tenho alguma cousa que communicar-lhe.

O impeto e energia com que ella proferiu estas palavras me perturbaram. Não se lhe tinha dito que Frederico estava em Londres; como o adivinhára ella? Começaria a loucura a accomettêl-a? Fui vestir-me e tornei a ir vêl-a antes de começar as minhas visitas. Achei-a muito melhor, e disse-lhe algumas palavras. No momento em que eu ia sahir, ella me fez aceno com a mão e tornou a repetir com tom solemne:

— Quero ver Frederico esta tarde!

Depois virou-se, como si n'esta intimação estivesse contido todo o seu desejo, tudo o que em sua alma se encerrava.

Cedi. Apressei-me a ir á casa do mancebo, que ainda estava muito fraco, porêm capaz de levantar-se. Elle escutou em silencio o que eu tinha que communicar-lhe. A alegria que lhe causava a noticia tão feliz, tão inesperada que eu lhe levava, não rompeu em lagrimas nem em gritos violentos; seu extase foi mudo. Extremamente surprehendido do convite que lhe dirigia Helena:

— Que! exclamou, ninguem lhe disse que eu estava aqui?

— Ninguem, de certo.

— Haveis de confessar, doutor, que esta especie de adivinhação é singular. Que pensaes? Devo ir?

— Eu creio que sim. Uma recusa causaria talvez accidentes mais graves que a vossa presença mesma. Demais, d'aqui até á tarde, tornar-me-heis a ver, e eu vos avisarei do que tiver occorrido.

Elle prometteu esperar por mim. Recolhi-me para casa. Helena estava muito melhor do que pela manhãa; seu res-

tabelecimento me pareceu certo. O pulso estava regular, a pallidez tinha diminuido: ella me reconheceu e me fallou com tom affectuoso; depois, quando me viu tocar na chave de sua porta, assentou-se na cama:

— *Não vos esqueçaes!* disse-me com energia extraordinaria; é necessario que elle esteja aqui esta tarde!

Esta obstinação, a solemnidade com que eram pronunciadas estas palavras, o accento quasi tragico de sua voz, me enchiam de confusão. Mandei dizer a Frederico que podia vir.

A tarde estava bella; uma tarde de junho, transparente, magnifica: nem uma aragem de vento, nem uma nuvem no céo. No occidente, algumas pintas vermelhas e azues, admiravelmente fundidas; no resto do firmamento, um azul celeste profundo, aqui mais pallido, alli mais carregado. Minha mulher estava assentada nos pés do leito da nossa convalescente; eu estava em pé na cabeceira. Ella estava bella ainda e calma; ar de serenidade angelica lhe reinava no rosto: seus cabel'os, negligentemente separados na testa, faziam realçar a alvura d'ella; seus olhos brilhavam com esplendor singular; pintas purpureas lhe coloreavam de quando em quando as faces, depois eram substituidas por completa pallidez: esta circumstancia me parecia extravagante e me causava alguma inquietação.

— Helena, disse-lhe minha mulher, como é bello este sol no seu occaso!

— Quero vêl-o! quero vêl-o! exclamou ella.

Ergueu-se um pouco, contemplou alguns momentos aquelle bello espectaculo; depois disse de repente:

— Elle não tarda, não é assim?

— Estou á espera d'elle, não póde tardar. Mas, minha chara Helena, porque tendes tantas vezes manifestado o desejo de vêl-o?

Ella suspirou e abaixou a cabeça.

Eu tinha recommendado ao mancebo que se comedisse, que se constrangesse e não deixasse apparecer a menor emoção possivel. Ouvi emfim seus passos; elle vinha subindo a escada com o doutor A***, a quem eu tinha pedido que o acompanhasse. Meu coração palpitava violentamente; eu tinha receado esta entrevista, e ainda temia as consequencias d'ella.

— Frederico já chegou, disse eu devagarzinho.

Observei com attenção a convalescente, que não mostrou perturbação.

— Quereis que o mande entrar, Helena?

— Não, ainda não, respondeu a extraordinaria menina; d'aqui a alguns segundos!

Fechou os olhos, e pareceu recolher-se durante perto de um minuto.

— Agora, mandae-o entrar.

Peguei no braço da pobre môça, e puz o dedo sobre a veia para observar a pulsação de seu pulso; estava muito igual, e não se accelerou um só instante. O doutor A***, no braço do qual se encostava o mancebo, entrou com passo lento. Assim que Helena avistou a Frederico, uma especie de sorriso sereno e divino lhe radiou no formso semblante: era uma graça ineffavel, um sorriso de anjo. Estendeu-lhe a mão direita, que elle apertou sobre o coração sem pronunciar um palavra.

Meus olhos não se despregavam do leito onde repousava esta chara menina. Ainda não sei si foi uma illusão; porêm julguei ver operar-se n'ella uma mudança extraordinaria, uma nuvem velar-lhe as feiçõ s, suas faces empallidecerem e tornarem-se lividas, fecharam-se-lhe os labios. Levantei-me; o doutor approximou-se. Os olhos de Helena, que radiavam, permaneciam cravados em seu amante, em Frederico, cujas feições estavam transtornadas. Ella ergueu docemente os braços para elle; elle debruçou-se para ella:

— PREPARA-TE!

Só pronunciou estas duas palavras com voz vibrante, porêm fraca.

Augmenta-se-lhe a pallidez, seus braços recahem: são suas derradeiras vozes, é seu derradeiro sôpro.

Os romancistas que desenredem, segundo seu capricho ou seu talento, os dramas que lhes apraz crear. Por mim, que conto os factos da vida, os dramas da realidade, não tenho explicação que dar, nem commentario que submetter ao leitor. O joven Frederico morreu a cabo de um anno, com o coração cheio d'esta lembrança, com os ouvidos ainda feridos pelas ultimas palavras que tão solemnemente pronunciára Helena. *(Blackwood's Magazine.)*

1840. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
Rua do Hospicio n. 66.

HISTORIA CONTEMPORANEA.

A INGLATERRA E A CHINA.

(2.º ARTIGO.)

No 1.º artigo procurámos estabelecer que a moral publica não tem interesse na questão do opio, e que o celeste imperador inquieta-se muito mais por seu numerario do que pela saude de seus subditos. Quanto á natureza e perigos dos effeitos do opio, ser-nos-hia muito difficil escolher uma opinião entre todas as que se contradizem n'este ponto. Os detractores do opio attribuem-lhe effeitos terriveis: accelera-se o pulso, disem elles, augmenta-se o calor geral do corpo, a respiração torna-se apressada e arquejante, os olhos brilhantes e em uma agitação incessante; em summa, todas as acções vitaes, todo o systema nervoso, são excitados no mais alto grau. Correspondente excitação tem logar em todas as funcções moraes, a imaginação é arrastrada ao delirio. Mas, como esta exaltação physica e moral é seguida por uma depressão igualmente rapida, o fumador de opio, para achar a mesma sensibilidade, é obrigado a augmentar a dose de dia em dia, a qual de dez a vinte grãos acaba ás vezes por elevar-se até quatro drachmas por dia. Um consumidor d'esta ultima quantidade é facil de conhecer, dizem, por sua horrivel pallidez e pelo tremor universal de seus membros.

Pretendem outros que o opio é calumniado, que é uma droga innocente em certa proporção, e que o Chinez fumador de opio é um ente muito mais inoffensivo que o Europeu civilisado que abusa dos licôres fortes. Sem querer estabelecer a perfeita innocencia do opio, póde-se acreditar

com effeito que não é mais nocivo que o *gin*, e que tanto os effeitos de um como de outro são proporcionados ao uso ou ao abuso que d'elles se faz. Mas o homem embriagado pelos licôres fortes é muitas vezes um louco furioso, entretanto que o homem embriagado pelo opio não tem mesmo a força necessaria para o mal: um é membro nocivo da sociedade, o outro é inutil. Um homem que habitou muito tempo na China affirma ter conhecido muitos Chinezes que fumavam opio habitualmente sem sentir a menor alteração. Eram, diz elle, homens moderados como os que na Europa bebem vinho *gentlemanly*. « Cantão, diz outro, tem um milhão de habitantes; mas não me recordo de ter visto em seus bairros mais populosos essas caras inflammadas, essas feições decompostas que se encontram a cada passo nas ruas de Londres, e que accusam a embriaguez do *gin*. » E demais, como dizia um mandarim com muita graça: « Não sabeis que os prazeres da meza e do leito nupcial podem tambem ser nocivos á saude, usando d'elles com excesso? Tudo é usar d'elles *gentlemanly*. »

Si accrescentarmos que o opio é de um uso quasi universal na Turquia, na Persia, na Arabia, em Sumatra, Java e na India, onde, dizem, distribuem-se raçôes d'elle ás tropas indigenas, difficil será comprehender que uma parte da humanidade voluntariamente se envenene. Si o imperador da China quizesse realmente proscrever o opio como veneno, começaria por prohibir sua cultura. Ora, é constante que algumas provincias da China se consagraram á cultura da papoila, o que fazia dizer a lord Palmerston que na prohibição do opio estrangeiro devia-se talvez ver tambem uma medida de interesse agricola. Assim, o edicto do imperador será uma especie de lei de cereaes.

A questão não foi melhor exposta e debatida do que nas Memorias apresentadas ao imperador por dois dos seus mandarins. Ha n'estas Memorias, não só esclarecimentos historicos muito preciosos, mas tambem curiosissimos esboços de characteres. O primeiro mandarim, Heu Naetse, abundando em engenho e scepticismo, innovador sem escrupulo, levando á insensibilidade a ausencia dos preconceitos, entendendo maravilhosamente a economia politica, offerece sensivel contraste com o mandarim Choo-Tsun, mui justamente chamado o Catão chinez, conservador inflexivel das leis antigas, dos costumes

velhos e dos velhos abusos, e inimigo jurado de toda a innovação. As duas Memorias são a refutação uma da outra, e não podemos deixar de dialogal-as. Assim começa a primeira:

« Heu-Naetse, vice-presidente do Tribunal dos Sacrificios, apresenta esta Memoria, acerca do opio para demonstrar que a severidade crescente das leis, contra elle promulgadas, tem augmentado e espalhado os males que d'elle se originam, e que é urgente modificar essas leis. »

Eis o exordio da segunda Memoria:

« Choo-Tsun, membro do conselho dos ritos, dobrando o joelho, apresenta esta Memoria na qual expõe a necessidade de redobrar a severidade dos actos prohibitivos, para manter a dignidade das leis, e extirpar do seio do povo uma grande causa de mal. »

Este prologo colloca os dois mandarins em seu logar: ambos são reformadores; mas um quer reformar as leis para acomodal-as aos tempos e aos costumes: o outro reformar os tempos e os costumes para submettêl-os ás leis. Heu-Naetse é favoravel ás concessões. As leis são impotentes, logo são inuteis. Elle continúa por este theor:

« Os fumadores de opio foram a principio condemnados aos supplicios do pelourinho e do bambú, depois á deportação, finalmente á morte. Entretanto, seu numero foi sempre em augmento, e elles se multiplicavam por todo o imperio.... Querem, para oppôr uma barreira ao mal, acabar com o commercio com todas as nações? Mas centenares de mil habitantes que vivem nas costas tiram do commercio sua existencia; que quereis fazer portanto? De mais, os navios barbaros, que estão em pleno mar, podem escolher por emporio uma de nossas numerosas ilhas onde os nossos indigenas os irão procurar. E' por conseguinte impossivel destruir o commercio. Ha muito tempo que os navios estrangeiros visitam todos os portos de Fuhkeen, Chekang, Keangnan, Shau-Tung, e mesmo de Teeinksin e de Mantchura, para vender opio, e as autoridades não podem impedil-os. Assim, ainda quando se destruisse o commercio em Cantão, não se obstaria ao contrabando em outras partes. Demais, as leis são hoje meio de eriquecer a ladrões e concussionarios; e quanto mais severas as fiserem tanto mais elevado será o preço da corrupção. »

Ja se vê que Heu-Naetse julga da lei pelo que ella póde e não pelo que quer; mas o puritano Choo-Tsun quer a lei pela lei, pelo principio.

« Quem ignora, diz elle, que, quando um governo faz uma lei, ha necessariamente infracçoes a essa lei! Mas porque a lei fica ás vezes sem effeito, será isso razão para abolil-a, e deveriamos deixar de comer quando a enfermidade embaraça a garganta? As leis que contêm o povo no pendor do mal são como os diques que obstam a irrupção das aguas. Si se propozesse destruir os diques sob pretexto de serem velhos e inuteis, que palavras poderiam exprimir as consequencias d'essa irrupcão universal?... É mister não deixar nunca que as leis caiam em desuso. Para governar a nação central, e para fazer entrar na razão os barbaros, existem leis, perfeitas em sua natureza. São porêm os que as devem executar que têm falta de energia. »

A economia politica de Heu-Naetse soffre pouco damno d'esses argumentos. O sceptico mandarim professa a mais perfeita indifferença pelos milhões de Chinezes que podem morrer pelo uso do opio; ainda ficarão muitos milhões.

« Novos nascimentos, diz elle, augmentam diariamente a população, e não é de recear diminuição alguma por esse lado; não serão porêm demasiadas as precauções que tomarmos contra a sahida do dinheiro, que é a substancia do imperio. Quando o opio pagava direitos, permutavam-o por chá e por outras mercadorias; mas, depois que foi prohibido, permuta-se secretamente por dinheiro. Si as aguas d'esta fonte que não é inexgotavel forem de dia em dia cahir no abysmo sem fundo dos mares longinquos, breve estaremos reduzidos a um estado que não tenho animo de descrever. »

Heu-Naetse propoz portanto que se renuncie ao systema prohibitivo e que se regularise o commercio do opio, já que as leis sao impotentes para destruil-o.

« O unico methodo que devemos adoptar, diz elle, é o de voltar ao systema antigo, e permittir aos mercadores barbaros que importem o opio, pagando direitos, com esta condiçao que, depois de passar pela alfandega, o opio nao será dado aos mercadores hongs sinao em troco de mercadorias e que jámais será pago em dinheiro. O dinheiro estrangeiro ficará igualado ao indigena, e da mesma forma se prohibirá sua sahida. »

Mas Choo-Tsun repelle energicamente qualquer idéa de transacção.

« Eis portanto, diz elle, os meios de accommodação que se nos propõe! Mas, depois de havermos expellido os Inglezes, iremos procural-os e convidal-os a voltar? Que seria da dignidade do governo? E demais, si está em nosso poder impedir a exportação do dinheiro, porque não poderemos tambem impedir a importação do opio? Si conseguirmos sómente impedir a importação do opio, cessará por si mesmo a exportação do dinheiro, e assim suprimiremos os dois males ao mesmo tempo. »

« — Ah! diz judiciosamente Heu-Naetse, si olharmos para traz, si hesitarmos ainda em voltar sobre nossos passos e formos bastante loucos para sustentar inutil dignidade, acontecerá que esperaremos muito tempo e que a nação se arruinará. E si então voltarmos as costas, veremos que a reforma vem muito tarde. »

Heu-Naetse continúa a expôr seu systema. Propõe que se autorise a importação do opio; propõé depois que se permitta a todos seu uso, « excepto aos officiaes civis e militares, aos lettrados e aos soldados, por serem os primeiros obrigados a cumprir os deveres de sua classe e de seus empregos, e os segundos a cultivar suas faculdades para o serviço publico. » Todos os d'esta classe que forem convencidos de ter fumado opio ficarão subjeitos ás leis penaes. Mas « a compra e o uso do opio serão livres ao povo em geral. »

Choo-Tsun porém repelle com a mesma inflexibilidade o systema pouco moral de seu collega, e com argumentos que nos parecem bastante difficeis de responder.

« Tudo isso é um miseravel sophisma, diz elle. Os officiaes, todos os lettrados e todos os soldados nao fazem mais de um decimo da população do imperio; os nove decimos restantes se compõem do povo. Permittir o uso do opio a todo o povo é animal-o n'aquelles que não tem ainda o habito. Demais, como impedireis aos soldados e aos lettrados que fumem como o povo? Nasceram elles lettrados e soldados? Seguramente não, e todos sahem do povo. Si ha vaga em um corpo de tropas, como o prehenchereis? necessariamente com homens do povo. E quando estes forem soldados, como os fareis perder o habito do opio que adquiriram quando eram do povo? Em quanto não se mudar a fonte do opio

impossivel será saber si os campos estão por elle infectados. E então, como poderão os soldados fazer seus exercicios com as pernas fracas, com as mãos tremulas, e com os olhos cegos por lagrimas de creança? »

Não podemos deixar de citar ainda algumas passagens d'esta notavel Memoria de Choo-Tsun, na qual se encontram trechos de verdadeira philosophia exprimidos em linguagem cheia de grandeza e de simplicidade. Um dos systemas propostos ao imperador era animar a cultura do opio indigena e fazer assim cahir o commercio estrangeiro. O sabio mandarim responde a esse systema com raciocinios que mostram que a natureza humana é a mesma em todos os climas; e vendo a preferencia que os Chinezes manifestam pelos productos mais communs da Europa, por virem de longe, comprehendemos e justificamos esse gosto singular que professamos pelas cousas chinezas as mais feias e extravagantes.

« Não sabeis, diz Choo-Tsun, que é da natureza do povo em geral estimar as cousas que não conhece sinão por ouvir dizer, e depreciar aquellas que estão a sua vista; passar sem parar por aquillo que está a seu alcance para ir buscar o que está longe; e, bem que tenha qualquer cousa em seu paiz, gostar mais d'ella quando vem d'alêm dos mares! Assim os productos de seda e de algodão da China são em quantidade sufficiente, e entretanto procuram-se os algodões e sedas dos barbaros de ultramar. »

E esta reflexão se applica não só ao opio, não só ás mercadorias, mas ainda a moeda. O mandarim cita a este respeito factos curiosos.

« É assim, diz elle, que em Keangsoo, Chekeang, Fuhkeen, e Kwantung, o povo quer absolutamente fazer uso da moeda estrangeira; e essa moeda, posto que de um valor intrinseco inferior, elle a troca por preço mais elevado com a moeda indigena, que é pura. E bem que a moeda indigena tenha sido cunhada exactamente pelo mesmo padrão, com o nome de moedas de Keangsoo, de Fuhkeen, etc., todavia nunca pôde ter curso entre o povo.

« Tomando os homens em massa, acrescenta Choo-Tsun, todos elles são desarrasoados, gostam do que é estranho, e despresam o que é usual. »

Em outra parte encontramos o antigo Chinez da tradição, com o culto da santa agricultura, essa gloria fabulosa

da China. Elle falla da provincia de Yunnam, onde as planicies e collinas estão cobertas de papoilas, e esclama:

« Si a terra rica e fertil é consagrada á cultura da papoila, onde cultivareis o canhamo e a amoreira, onde o trigo e o arroz? Desviar assim as aguas da grande fonte que alimenta a vida, para despejal-as na raiz d'onde procedem a ruina e a morte, é obrar como o medico que, tratando de mal puramente externo, o fizesse entrar no coração e no centro da vida. E as bellas planicies de Kwantung, que dão tres colhêtas por anno, essas planicies sem iguaes, a par das quaes nenhuma outra parte do imperio merece ser nomeada, entregal-as-heis á cultura d'um veneno? »

O mandarim termina assim sua Memoria ao imperador:

« Em quanto o imperio mantiver suas leis, o homem simples e honrado verá o castigo que o espera e se desviará d'elle; e o homem de intelligencia e de educação se absterá do mal pelo conhecimento que terá do bem. Como ministro de V. M., sei que as leis de seu imperio, sabias como são, não serão levianamente mudadas. Mas desde que esta mudança foi posta em questão, vimos de todas as partes os ladrões e os malfeitores levantarem a cabeça e abrirem os olhos, e, mostrando o que se passava, acreditarem-se livres de todo o temor e de toda a repressão. Havendo submettido a meu soberano meus fracos e obscuros pensamentos, supplico humildemente a S. M. Sagrada haja por bem lançar os olhos para esta respeitosa Memoria. »

Foi o mandarim conservador quem venceu. O opio, como se viu, foi de novo prohibido; e Heu-Naetse, o mandarim progressivo, foi desterrado para os confins da Tartaria por ter dito o que pensava.

Si do palacio imperial de Pekin nos transportarmos a West-minister-Hall, ahi veremos a mesma discussão, em presença da celeste magestade da Europa, a opinião publica. Aqui temos muitos Heu-Naetses, e nenhum Choo-Tsun; muito pouca moral e philosophia, mas em troca muita economia politica. O governo chinez vê-se muito embaraçado para impedir o contrabando; ver-se-ha que o governo inglez partilha mui sinceramente seu embaraço. Ouvi M. Macaulay, ministro da guerra:

« Ainda quando, diz elle, quisessemos prohibir o commercio do opio, acreditaes que o poderiamos fazer? Quando

a Inglaterra, com 6,000 homens e 50 crusadores, não pode impedir o contrabando em suas proprias costas; quando entram por fraude annualmente mais de 600,000 galões de aguardente de França; quando mais da metade do tabaco consumido no paiz é introduzido da mesma maneira, que quereis que vamos fazer na China? Si prohibirmos o commercio em Cantão, elle mudará de logar na costa e continuará como d'antes. »

Quereis ouvir lord Palmerston? elle vos dará as mesmas rasões sob forma mais picante.

« Para supprimir o commercio, diz elle, seria de mister uma armada consideravel na costa, o que seguramente seria muito pouco do gosto dos Chinezes. Que diria o parlamento si viessemos pedir-lhe um credito para uma armada destinada a impedir o contrabando na China, e a fazer na casa alheia, o que não podemos conseguir em nossa casa! »

Mas si o governo inglez não pode prohibir a importação do opio na China, não poderia ao menos prevenir a exportação da India, e cortar o mal pela raiz, prohibindo sua cultura?

Questão ociosa á qual o presidente da secretaria das Indias vos responde que de 42,000 caixas de opio, só 20,000 vão da India ingleza propriamente dita; que o resto vae dos territorios independentes, que a Inglaterra nada pode a esse respeito, e que qualquer intervenção seria um attentado contra a liberdade d'esses territorios; ora, todo mundo sabe que respeito religioso professam os Inglezes pela independencia dos principes da India.

O que mais admiramos n'esta discussão do Parlamento é o trabalho que toma o governo inglez para justificar-se de não ter prohibido o commercio do opio. Ah! si elle tivesse a desgraça de supprimil-o,. e por consequencia supprimisse os milhões que d'ahi provem, outros clamores se levantariam. Tracta-se de opio! trata-se de moral! tracta-se simplesmente de uma crise ministerial. Não se quer saber si se fará guerra á China, mais sim saber quem a fará, si os whigs, si os torys. Isto era tão claro, estava tanto na consciencia de todos, que o presidente da secretaria das Indias, cançado da comedia, exclamou repentinamente: « Si o parlamento, é de parecer que a cultura do opio deve ser abolida, diga-o claramente; mas não censure á Companhia ou ao governo um commercio que elle sempre sanccionou. »

E a esta interpellação a camara respondeu pelo silencio mais significativo.

No entanto, o commercio do opio, no meio de todas estas tempestades que deviam abattel-o, está mais florente que nunca. Em quanto o poderoso Lin continúa a lançar de Cantão seus terriveis edictos, a Companhia das Indias prepara tranquillamente a cultura do opio de 1841, para as necessidades da China; e tem publicamente annunciado a venda de 18,932 caixas para os cinco primeiros mezes de 1840 N'este momento o contrabando que se fazia em Cantão passou para toda a costa oriental, e, longe de diminuir, augmenta de uma maneira inaudita. Fizemos já menção de um navio pequeno que trouxe perto de dois milhões em dinheiro chinez. Outro facto igualmente characteristico é que o governo inglez não sabe onde hade achar barcas para sua expedição, por estarem todas empregadas no trafico do opio. Nós citaremos um despacho do governador geral.

« Os melhores bateis, diz lord Auckland, são essas barcas rapidas conhecidas pelo nome de *opium clippers*. Mas n'este momento, é tão lucrativo o trafico do opio que é absolutamente impossivel haver uma só: todas ellas estão empregadas na costa. È possivel entretanto que, durante as hostilidades, algumas queiram receber commissão do governo. »

Em presença de taes factos, como pensar ainda na prohibição? Cedo ou tarde o celeste imperador não terá remedio sinão resignar-se ao systema do politico mandarim Heu-Naetse, e regularisar o commercio em vez de prohibil-o inutilmente. Entretanto o governo inglez repelle officialmente a pretenção de impôr á China a importação do opio. Tudo que elle pede, por agora, é uma indemnisação pelo opio confiscado, e uma reparação pelo insulto feito a seu representante. Bem aventurado insulto!

Si o celeste imperador, confiando na extensão de seu territorio, na divindade de sua raça e no numero de seus subditos que ninguem contou seguramente, e que vemo-nos embaraçado para clascificar entre duzentos e trezentos milhões, recusar admittir estas modestas reclamações dos barbaros, qual será o plano de campanha dos Inglezes? Já se tem examinado os projectos de bloqueios das costas, de expedição contra Pekin, de occupação das ilhas visinhas do littoral. Tudo induz a crer que este ultimo projecto será adoptado e

que os intelligentes barbaros se estabelecerão solidamente na ilha Formosa ou em outra, e ahi permanecerão si se derem bem. Por ora não se podem fazer sinão conjecturas sobre o modo porque os Inglezes dirigirão esta nova guerra; chamaremos entretanto a attenção sobre um plano cuja execução nos parece tanto menos impossivel, quanto mais se conforma com os habitos da politica ingleza.

Sabe-se que a dynastia tatara que occupa hoje o trono na China é tão senhora do celeste imperio como os Inglezes são senhores da India. Ha ahi a raça conquistadôra e a raça conquistada. Nas provincias mais ricas, nas do centro e nas do sueste, ha ainda frequentes insurreiçoes politicas suscitadas pelo antigo partido chinez contra a dominação tatara. Esta preoccupação do espirito revolucionario apparece até na Memoria do mandarim Choo-Tsun: « A esta hora, diz elle, em todo o imperio, os espiritos dos homens estão em imminente perigo, e seduzidos por propagadores de doutrinas falsas. » A dynastia tatara teve sempre grande cuidado da estabelecer entre seus subditos e os estrangeiros um cordão sanitario. Quando lord Amherst foi mandado em embaixada junto ao imperador, parece que em sua viagem deu audiencia a deputados do antigo partido chinez, e que este facto, que chegou ao conhecimento do imperador, muito contribuiu para a promptidão com que a embaixada ingleza foi despedida.

Ora, com o auxilio do descontentamento que causaria a suppressão do commercio do opio em toda a população do littoral, que vive somente d'este commercio, nada talvez seria mais facil do que excitar uma revolução que não deixaria de embaraçar o gabinete. de Pekin. Os Inglezes aprenderam tão bem na India e no Afghanistan a arte de utilisar os pretendentes, que pouco trabalho teriam para descobrir, ou, em caso de necessidade, para inventar um Orpham da China; e si o celeste imperador tataro soubesse que um representante da antiga dynastia Ming vae reclamar o trono de seus paes a testa de um exercito auxiliar inglez, poderia ser mais facil em compôr-se.

Quanto á occupação territorial, os Inglezes são muito politicos para pensar n'ella: já sabem que para elles, a extensão é a ruina. A Ingaterra está condemnada a crescer sem descanço, até que um dia uma victoria a matará. Os es-

piritos mais habeis da Inglaterra o sentem; sir Robert Peel, fallando da batalha de Plassey em 1757, que importou toda a conquisla da India, disia: « Não se sabia então que immensos resultados se seguiram a essa batalha. Em quatorze dias completou-se uma grande revolução em um quarto do globo, com o auxilio de 700 Inglezes e 1,500 indigenas. Quem nos affiança que se não reproduzirão os mesmos factos? Pode haver revolta do povo, deposição do soberano, anarchia universal. Quem sabe si não seremos obrigados a fazer o que fizemos depois da batalha de Plassey, e occupar um paiz ainda mais vasto que a India! »

A perspectiva com effeito é horrivel; mas confessemos que a inquietação é pouco modesta. Os Inglezes já estão talhando o vestido da pelle do urso; de antemão se mostram embaraçados com sua conquista, e temem que a China lhes fique ás costas! O que nos parece mais provavel é que esta divergencia acabará, como acabam quasi todas as divergencias inglezas, por um tratado do commercio.

JOURN. DES DEBATS.

TACTICA PARLAMENTAR.

CANDIDATO popular ou ministerial, vossos longos esforços, coroados emfim com a victoria, acabam de abrir-vos as portas da camara dos communs; o vosso nome figura a par dos nomes do honrado Brougham, de M. Martin, eterno advogado dos quadrupedes e dos volateis, e de sir James Mackintosh, gloria da *Revista de Edimburgo*. Vossa renda

está consideravelmente diminuida pelas custas de vossa eleição; vosso capital mesmo está encetado: descantado pelas ruas, calumniado nos diarios, tendes demais o singular prazer de reconhecer, nas lojas de todos os mercadores de caricaturas, o vosso retrato grosseiramente estampado pelos Zeuxis e Apelles da satyra politica. Por baixo d'essa imagem, que não é lisongeada, lêdes o vosso nome escripto em grossas lettras, com estas palavras: *Membro por tal bourg-pourri do cantão de Rottenbeef, condado de Sinecura, sob a influencia da Thesouraria.* Trata-se agora de fazerdes uso do que tão caro vos custou. Para vossa fortuna ou para vossa gloria, póde este posto que occupaes entre os representantes da sabedoria ingleza vir a ser-vos utilissimo, si d'elle vos souberdes aproveitar. Sereis acaso um d'esses mudos que, formando seus batalhões sob o commando do ministerio, executam machinalmente e com regularidade mechanica as evoluções que lhes são prescriptas? O vosso caminho está traçado. A corôa, fonte de graças, não se ha-de esquecer de vós na distribuição de suas mercês; e si a natureza vos ha dado espessa intelligencia, impudencia a toda prova, cara estanhada, voz de Stentor, ou sómente a paciencia de assistirdes ás sessões da camara, e o grau de engenho necessario para não votardes diversamente da senha, tendes segura a vossa fortuna; accommodareis alternativamente, em todas as avenidas do poder, vossos filhos, sobrinhos e primos: o exercito dos vossos parentes occupará os officios subalternos, que a Companhia das Indias, o Thesouro, o Almirantado, têm de reserva; e vossa estupidez leal póde, sem tentar o menor esforço, esperar algum dia a corôa de baronete e o titulo de cavalleiro (1).

Quero porêm suppôr que em vós á ambição do poder se une alguma capacidade, e que este caminho directo para as honras e para a fortuna, caminho incerto, mas que sómente requer paciencia, servilismo e baixeza, repugna á vivacidade do vosso espirito. Alêm d'isso, fizestes os vossos estudos no collegio de Oxford: a metaphysica, a algebra, Tito

---

(1) *Knight*, cavalleiro. O titulo de cavalleiro, no estado actual da sociedade brazileira, está longe de lhe corresponder. E' sabido que a hierarchia feudal se conservou quasi intacta na Gran-Bretanha.

Livio, Tacito e Blackstone se confundem em vossa intelligencia. Não vos basta o bom successo; quereis que a gloria vos conduza a elle. Aqui a questão se complica; quanto mais talento tem ou julga ter um individuo, menos presa offerece a essa tyrannia ministerial, que exige obediencia passiva e docilidade sem limites: nada é mais emperrado que o amor proprio. N'este caso, dar-vos-hei de conselho que comeceis por unir-vos á opposição, via indirecta, obliqua, porêm segura, que vos levará, por pouco que vos saibaes conduzir, dos bancos occupados pelos Burdetts e Broughams ao gabinete dos ministros, ou pelo menos aos empregos lucrosos que a seus adherentes distribue um partido, quando triumpha. O grande Chatham, Fox mesmo, não seguiram outra vereda; por fim constrangeram o rei, fizeram-se ministros a despeito da vontade do mesmo rei, e conservaram sua popularidade, adquirindo o poder: nossas instituições singulares nos hão habituado a estes phenomenos politicos; e essas apostasias, que causariam pasmo a outras nações, se identificaram com os nossos costumes. A vós compete colher-lhes o beneficio e apagar, pelo esplendor de vossa eloquencia e pela habilidade a mais consummada, a nodoa que podesseis recear que em vosso nome imprimisse mudança tão repentina.

Para conseguirdes este fim, de que vos separa mais de um obstaculo, é-vos necessario muito talento; deveis ter sobretudo o conhecimento dos negocios e dos homens. A eloquencia da nossa camara dos commnns não se assemelha nem ás arengas da antiguidade, nem ás pomposas admoestações dos parlamentos francezes, nem ás discussões das dietas da Polonia, nem aos debates dos congressos diplomaticos; é um genero de eloquencia á parte: anomalia extravagante, nascida de nossas estranhas instituições, nas quaes se confundem as singularidades e os contrastes de todos os governos que nos têm regido. Facilmente se descobrem n'ellas as traças da servidão antiga, os vestigios da democracia religiosa, o cunho da preponderancia da aristocracia; mas seu character dominante é esse habito de exactidão e de analyse, que devemos á influencia de nossos costumes commerciaes. A camara dos communs se esmera principalmente nas cousas positivas; os intuitos geraes, as idéas philosophicas, as especulações vãas ou os vôos oratorios, pouca acção exercem

sobre ella. Procede pela analyse, desdenha o enthusiasmo poetico, rejeita as theorias vagas; em uma palavra, é toda pratica. Quereis chegar a dominal-a um dia? habituae-vos com cedo a despir de seu prestigio os planos e medidas ahi propostas, a trazer uma questão a seus principios, a reduzir um raciocinio á sua mais simples expressão. A pureza e força de vosso espirito devem saber apoderar-se do pensamento principal que reina na substancia de tal ou tal projecto de lei. Arredae as argucias da chicana, as flôres da rhetorica: ide direito ao fito; mostrae-vos util: fôsse embora o vosso discurso tão grosseiro como o do villão do Danubio, nem por isso a vossa influencia seria menos poderosa nem menos real.

Não vades crer entretanto que eu quero banir a eloquencia do senado inglez: pelo contrario, admitto-a, não como fim, mas como meio; não como objecto de triumpho, mas como instrumento de victoria: a eloquencia dos factos e das cousas, não a das imagens, da seducção ou do terror. Si vos maravilha esta distincção, é porque nunca assististes a uma sessão da camara dos communs. Entrae n'ella commigo, e então penetrareis melhor as distincções do meu pensamento.

É um espectaculo bastante singular, para quem o contempla pela primeira vez, a reunião dos nossos legisladores sob as gothicas arcadas de seu palacio. Em Inglaterra, onde todo o mundo se occupa com o Parlamento, poucas pessôas ha que d'elle façam idéa adequada: todos o entrevêem e o admiram de longe, como esses astros em que nos parece que distinguimos manchas e claridades, montanhas e abysmos, cuja carta topographica porêm muito nos custaria traçar. Como o uso quer que no interior da sala sejam admittidas umas vinte pessôas por dia, e como esses eleitos, assaz mal accommodados n'uma alpendrada estreitissima, são de quando em quando obrigados a evacuar a sala, seria mister quasi meio século revoluto para que toda a população masculina da Gran-Bretanha chegasse a gozar successivamente d'este prazer difficil de conseguir-se. Mil idéas contradictorias, mil hypotheses extravagantes circulam ácerca do estado real d'este corpo venerando; cada diario concorre ainda mais para se multiplicarem os erros: um nos apresenta M. Peel como o Solon da camara; outro reserva todas as suas columnas para a santa eloquencia de M. Wilberforce; um terceiro se compraz

em parodiar a dos wighs; emfim, si me é dado proseguir em uma metaphora de que acabo de fazer uso, este planeta politico, este grande corpo do Parlamento, entrevisto por meio de um telescopio armado de vidros diversamente coloridos, se offerece a seus admiradores debaixo dos aspectos os mais variados e os mais dissemelhantes. Vós mesmo, que acabaes de conquistar o titulo de M. P. (1), vós que fazeis parte da *sabedoria collectiva do povo*, como se comprazem em denominal-a os nossos publicistas, ignoraes os usos e os costumes da alta região em que entraes. Para vos amoldardes a estes habitos legislativos, para comprehenderdes o sentido dos numerosos enigmas que se vos apresentam e zombam de vossa sagacidade, sereis reduzido, durante alguns mezes, a esse modesto silencio, aprendizado que os Chatams e os Pitts julgaram necessario a seus futuros triumphos, salvo si, por util previdencia, o tiverdes feito antes entre os simples espectadores das galerias; mas este ultimo genero de aprendizado não é facil de fazer-se, como o vamos ver, e requer paciencia e até saude a toda prova.

Com effeito, desde dous mezes, todas as folhas publicas annunciam o *dia do combate;* expressão technica consagrada a essas memoraveis sessões em que os partidos estão em presença, em que se decidem grandes interesses, em que a invectiva e a argumentação lidam em força e vehemencia no seio da camara dos communs. Tres vezes tem este grande dia sido differido: de todas as provincias tem chegado petições pro e contra, a mesa do senado está carregada de uma montanha de pergaminhos. Os exercitos adversos receberam a senha, cada soldado está em seu posto. Os oradores têm vinte vezes refeito, desfeito e recomposto suas arengas; a tropa dos mudos e dos comparsas, que tem repetido suas evoluções, sabe precisamente em que hora, em que minuto deve, por uma *chamada á questão*, por um grito *á ordem*! suspender a carreira oratoria de tal fallador. Em uma palavra, todos os papeis estão aprendidos; e este combate ficticio, cujo resultado é de antemão conhecido pelos peritos, deve ter logar hoje mesmo. Vossa curiosidade vos dá cora-

---

(1) M. P. *Member of Parliament.*

gem, e, com a algibeira provida d'esses nacos de presunto, protegidos por duas fatias de pão, aos quaes lord Sandwich deu seu nome aristocratico (1), arrojaes-vos sem susto no meio d'essa multidão tumultuosa que circumda Westminster, e que vos não deixa o tempo nem de admirardes a magestosa e sombria grandeza do velho edificio, nem de amaldiçoardes o mau gosto dos architectos modernos, que tão ridiculamente parodiaram a delicadeza original das arcadas e pilastras gothicas. Sois levado, impellido, arrastrado, e eis-vos n'esse corredor sombrio que conduz ao senado. D'ahi passaes para a galeria e vos lembraes que Bellingham, depois de ter dado o seu tiro de pistola no ministro Percival, se sentou com calma no banco que se offerece aos vossos olhos, á direita. Si a natureza vos ha dado em partilha alguma cousa da actividade franceza ou da audacia estouvada dos Irlandezes, penetraes affoitamente até a porta da sala: apenas tendes avistado tres janellas abobadadas, um grande aposento sombrio e varias ordens de bancos de carvalho, nos quaes cada membro inscreve o seu nome e marca o logar que reserva para si; apenas haveis começado estas observações cheias de interesse, vem logo o porteiro agarrar-vos pelo braço, avisa-vos de vossa imprudencia e vos diz que, segundo um uso immemorial, esse tecido de juncos que alcatifa o assoalho, e que estaes pisando, só deve ser manchado por pisadas parlamentares. Vossos nervos são irritaveis; aterram-vos a imagem longinqua de um alcaide regio e o desembolso de alguns pences: voltaes para traz, e, na imprudente precipitação de vossa fuga, abalroaes com a giga d'essa velha mercadora judia que vende laranjas aos membros da camara dos communs; as fructas cahem em desordem no chão, a Judia vos praqueja, vós vos refugiaes a toda pressa na sala dos messageiros (2) onde está reunida consideravel multidão. Por espaço de duas horas ahi soffreis o supplicio do aperto, sois martyrisado; e esses alimentos de que vos munistes por previdencia inutil, triturados pelos cotovelos e hombros de vossos robustos visinhos, parecem destinados,

---

(1) *Sandwiches*. Este manjar favorito dos Inglezes é sobretudo servido na segunda comida da manhãa.

(2) *Messengers*. Os mensageiros trazem e levam os officios e mensagens do Parlamento ao rei e do rei ao Parlamento.

como diz Pedro Pindaro (*), a entrar em vosso estomago, não por seu canal natural, mas por um caminho lateral e obliquo. Durante este tormento preliminar, tendes o dissabor de ver M. Wright, o porteiro, homem magestoso, de cabeça calva e testa larga, entreabrir, áquelles que conhecem melhor do que vós a persuasão da eloquencia palpavel e amoedada, uma portinha secreta que os conduz ao interior da sala. Emfim, fez o *orador* (**) a sua entrada; abrem-se as portas. Impellido por uma onda impetuosa que se comprime atraz de vós, haveis franqueado os degraus que conduzem á galeria: uma descarga de mosquetaria vos não teria arrojado com mais violencia para a meta: olhaes em derredor de vós: ah! todos os logares estão tomados, á excepção de um unico que se acha no centro e que está absolutamente encoberto pelo grande relogio do Parlamento.

Avistaes com satisfação que a ultima banqueta permanece vasia, e apressaes-vos em ir n'ella sentar-vos, quando um mancebo, trazendo uma penna e um tinteiro, vem lançar-vos fóra d'este novo posto: é o representante do *Morning Chronicle*, ou de tal outro jornal; é o tachigrapho encarregado de colher, em notas rapidas, a pomposa ou arida eloquencia dos membros de todos os partidos; em uma palavra, é um dos privilegiados da Camara dos Communs, um dos eleitos cujo logar é inamovivel. Dizeis algumas palavras ao ouvido de vossos visinhos da direita e da esquerda, que se arredam, se empurram, se apertam, dão-vos logar, e vós respiraes um pouco. O primeiro espectaculo que attrahe vossas vistas é o de alguns legisladores indolentemente recostados sobre os bancos: uns batendo com o salto de sua bota no tapete da sala, outros repetindo seus discursos e examinando suas notas, ou então, sem respeito pela magestade do logar, entregues a profundo somno.

Semelhante espéctaculo não tem nada que infunda gra-

(*) *Peter Pindar*. O doutor Wolcott, poeta satyrico, fez-se conhecido com este nome, pelo fim do século passado e principio d'este. Suas odes burlescas sobre assumptos politicos tiveram muita acceitação. Tendo algumas reformas sido feitas, em 1799, no serviço das cozinhas do rei, Pedro Pindaro escolheu este grande acontecimento para texto de um poema epico, cujo titulo mesmo é difficil de traduzir-se sem offender-se o decoro e bom gosto: *The-Louse*.

(**) *The speacher*, o presidente.

vidade; e a propria sala, por sua escuridão, por sua antiguidade, e, si assim ousamos exprimir-nos, pela estreita e monachal physionomia de sua architectura, se assemelha menos ao recinto occupado por senadores do que a uma capella protestante de alguma aldêa remota. Suas paredes são negras e sujas, o tecto é baixo; os lavores de carvalho, unico adorno d'este logar, soffreram a acção dos annos e trazem o sombrio cunho de sua vetustez. Aquelle entresolho estreito, onde se acham apinhoados uns vinte e tantos ouvintes estrangeiros, produz o mais grotesco effeito; e as galerias lateraes que estão vasias, e onde só os membros do Parlamento têm o direito de penetrar e distrahir seu tedio, augmentam por sua construcção extravagante a singularidade do todo. De um lado d'essa grande mesa oblonga, coberta com um tapete verde, e que separa os dous exercitos parlamentares, repousa a *massa*, sceptro e symbolo da autoridade legislativa. Na outra extremidade sentam-se os secretarios, e por traz d'elles o *orador*, cuja cabeça se adorna com os anneis encrespados de uma magnifica cabelleira empoada, e nos labios do qual brinca eterno sorriso. Quem é aquelle dandy que está com elle conversando, que tão familiarmente se encosta na aba de seu throno e affecta ao mesmo tempo, em seu garbo e maneiras, a leviandade, o desembaraço e a imperturbabilidade? é algum novo membro do Parlamento que quer deslumbrar com seu credito os espectadores da galeria superior? Vós o consideraes como grande personagem; enganaes-vos: é um diplomata de camarim, que por politica só tem sua vaidade.

Lançae os olhos para a esquerda: no banco mais proximo á mesa de tapete verde estão reunidos os nossos ministros, por traz d'elles seus adherentes mais fieis, mais longe os aspirantes ao favor da côrte e ás graças da Thesouraria. Emfim, no ultimo plano, se formam todos esses membros eleitos por condados, multidão cujos votos se contam e não se pesam, que recebe sua opinião já feita; é, si o ousamos dizer, a plebe do Parlamento. A' direita, defronte dos ministros, ostenta a opposição suas forças. O primeiro banco é occupado pela grossa artilheria; as tropas ligeiras estão postadas na retaguarda. Os bancos que se arredondam e formam um semi-circulo vão perder-se e confundir-se atraz do throno do *orador*. E ahi que as côres se mesclam, e que

os membros de ambos os partidos vêm, como em territorio neutro, trocar suas civilidades, seus offerecimentos de paz ou de alliança, suas apologias, seus bons ditos e suas pitadas de rapé. Ahi se assentam ordinariamente os homens que prudentes se reservam o direito de passar, na occasião, do campo dos whigs para o exercito dos torys.

Torno ao meu discipulo politico e áquelles que com elle enchem a especie de gaiola de pau d'onde suas vistas pairam sobre a assembléa. O nosso homem escuta com espanto os estranhos discursos de seus visinhos, os representantes dos diarios. Este pragueja de Peel, aquelle anathematisa Burdett, aquell'outro deixa escapar contra Mackintosh queixas, cuja amarga vivacidade vos maravilham. Elle não sabe que pensar d'esta colera dirigida contra os mais célebres oradores da Camara, ignora que a obrigação de reproduzir em signaes tachygraphicos todos esses argumentos, todas essas phrases, todas essas flôres de rhetorica, obrigação muitissimo trabalhosa, deve inspirar, aos desgraçados que a soffrem, um verdadeiro sentimento de odio contra os mais eloquentes falladores e sua inesgotavel facundia. Que! apanhar no ar tantos raciocinios, subtilezas, sophismas, invectivas, paralogismos, tantologismos, onomatopéas! antes lançar mão do sceptro de Eolo e tomar a cargo o reconcentrar em seus profundos antros os ventos que pelejam nos céos. Perdoemos pois á fraqueza humana este agastamento muito legitimo que os tachygraphos nutrem contra a Camara dos Communs; agastamento que, pelos emolumentos que lhes grangêa sua occupação e pelo longo tedio a que se resignam, é ao mesmo tempo seu veneno e seu alimento.

Do seio da Camara se ergue uma voz melodiosa, methodica e solemne, que repete com graça e facilidade todo o alphabetico numerico. Dir-se-hia que o Parlamento se converteu de subito em eschola de arithmetica; mas não, é o *orador* que preenche a formalidade imposta pelos antigos estatutos, e faz o recenceamento completo da Camara: « Trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove.... e eu *quarenta.* » Diz, senta-se, e a sessão está aberta.

Como vae começar esta discussão memoravel? Que accentos magestosos vão encetar estes debates que occupam a attenção de toda a Gran-Bretanha? Sobre a mesa se desenrola e repousa um vasto cartapacio, que á primeira vista tomase

por uma peça de algodão ou por um esboço de pintura: é uma petição, assignada por cincoenta estalajadeiros, que reclamam contra as patentes concedidas a estalajadeiros novos. Depois de uma ou varias phrases de M. Brougham e de uma resposta igualmente breve de M. Buxton, a grande petição é deitada para debaixo da mesa: é para ella a voragem do olvido. O coronel Davies ataca um honrado gentilhomem, sentado precisamente defronte d'elle, em virtude de uma questão de politica e de commercio, cuja importancia lhe parece de urgencia. Trata-se de permittir ou vedar-se a importação das luvas que em França se fabricam com a pelle de gamo. Deixa-se cahir esta interessante observação do coronel, e sir James Graham propõe um bill para o esgotamento de um pantano no condado de Cumberland. O bill passa sem objecção. A sir James Graham succede outro membro, o qual vota para que seja relido e emendado um acto passado durante o curso da sessão precedente, e que tem por fim regularisar as ceremonias e formalidades dos consorcios. O leitor chega a estas palavras: « Considerando que, em muitos casos, têm resultado grandes inconvenientes dos casamentos.... » A gravidade legislativa, um pouco desarranjada por estas estranhas palavras, em vez de se desmentir por estrondos clamorosos, contenta-se com exprimir os movimentos secretos de um jubilo pouco decoroso com segredinhos, sorrisos e olhadas muito significativas. Cada qual se aproveita d'esta allusão fortuita aos debates de um processo famoso (*). Levanta-se o reverendo doutor Philimore, e começa, a proposito do acto dos matrimonios, um discurso eloquente, erudito, floreado, engenhoso, que desgraçadamente dura tres quartos de hora, adormece a seus adherentes e adversarios, e permitte que as pennas activas dos tacygraphos descancem durante esse espaço de tempo; jubileu inesperado, que os enche de alegria e mitiga um pouco seu tedio.

Pois que! perguntaes vós, é este o uso que faz a Camara dos Communs d'essas horas preciosas de que depende a salvação do imperio? Esperae um pouco, ainda não chegou o momento; M. Hume vae ler o seu discurso sobre o

---

(*) O processo da rainha.

estado da Irlanda: deixae-o amontoar os erros de estatistica, pôr ao norte Connaught que está ao sul, e ao sul Leinster que se acha ao norte. M. Spring Rice se encarregará de rebater o primeiro d'estes erros, M. Ricardo Martin corrigirá asperamente o segundo, e vós tereis ainda de ouvir, depois d'estes honrados membros, as questões financeiras de M. Baring a resqeito da caixa de amortisação; as reclamações de M. Hobhouse, que quer que as cavalheriças do rei se transformem n'uma bibliotheca publica; as observações do honrado M. Henrique Grey contra a legislação penal e os trabalhos forçados; a sabia resposta de M. Holme Sumner; a satyra que M. Brougham se aventura a fazer contra a fórma do processo inglez, que elle tem estudado toda a sua vida e que não é do seu agrado; emfim os sophismas de sir J. Copley para defender essa mesma fórma de processo. Cada um d'estes debates tem logar, por assim dizer, *á parte*; o *orador* parece adormecido; os membros da Camara conversam baixinho, lendo os diarios, ou meditam, ou vão para as galerias lateraes conversar a seu gosto, estender-se commodamente, suspirar ou bocejar.

Está-se n'isto, quando o tecto da sala estremece sob a impressão de passos precipitados: alçaes os olhos para o lado d'onde vem este ruido, e avistaes, atravéz do ventilador erguido, duas ou tres senhoras (*), que, achando meio de illudir a lei por uma astucia toda feminina, postam-se ao pé d'essa abertura e assistem a sessão, d'onde o regimento as affasta. O *orador*, por um leve movimento de suas palpebras que se levantam, indica a parte que elle toma no prazer innocente e prohibido que tomam as taes senhoras. Quem é este *alderman* (**) que depois se levanta, declama com vehemencia e commenta com interminavel delonga a petição de alguns Judeus que pedem a abolição das leis contra a usura? Agitam-se na assembléa; os gentishomens camponezes, que têm conservado contra

---

(*) Está interdicta ás senhoras a entrada do Parlamento, porque se reconheceu que, quando ellas assistiam ás sessões, os debates tomavam um character insolito de azedume e de vivacidade. Era assim que outr'ora as armas *cortezes* dos torneios se tornavam muitas vezes, em sua presença, armas mortiferas.

(*) Especie de magistrado municipal.

o israelitismo todo o verdor dos preconceitos populares, combatem vigorosamente o nosso alderman, que, a despeito de seus esforços, consegue que seja admittida a petição. Succede-lhe o honrado M. Martin de Galway. Escutae sua narração pathetica; ouvi-o contar como um jumento desventurado, victima do bordão que periodicamente lhe assentava no paciente espinhaço um mercador de queijo, deveu o descanço e talvez a vida ás admoestações do honrado membro, e como sua generosidade comprou pela somma de cinco soldos a clemencia do mercador! A esta narração maviosa, que almas bastante duras permaneceriam indifferentes? A assembléa se commove, correm algumas lagrimas: vêde nos bancos do centro M M. Dennis e Williams Maule, cuja obesidade notavel sustenta com difficuldade a fadiga de uma sessão tão longa e consagrada a interesses primarios, tirarem das algibeiras magnificos lenços das Indias e os desdobrarem com ostentação. O esplendor da purpura que os operarios hindous estamparam n'essas vastas peças de seda fere as vistas de dous membros da opposição. M M. Ellice de Conventy e Pedro Moore começam uma diatribe alternativa contra a importação fraudulenta das mercadorias prohibidas. Seus apodos vehementes derramam alegria na sala: M. Peel lança um epigramma sobre M. Martin e seu jumento; M. Canning se diverte alguns minutos á custa dos lenços das Indias, de seus donos e de seus antagonistas. Uma petição de M. Hunt interrompe este churrilho de bons ditos; elle se queixa de que o *orador* da Camara, nos banquetes publicos que dá não tem querido admittir os productos culinarios de sua industria (*): grande combate a proposito d'esta reclamação; a Camara se anima, dão oito horas, enchem-se as galerias lateraes e o recinto interior. Até aqui não se tem feito mais que escaramuçar. O *orador* pronuncia o nome célebre de sir James Mackintosh. Emfim, estes longos preparativos vão dar logar aos debates reaes, e a verdadeira sessão do Parlamento vae principiar.

(*) Todos sabem que Hunt, o demagogo, adquiriu consideravel fortuna, vendendo, com nome de *café radical*, cereaes que fazia torrar e reduzir a pó. Em sua opinião, o fim d'esta especulação era inteiramente politica, e elle queria sómente libertar o povo inglez do fardo que lhe impunham os monopolistas das duas Indias.

Sir James faz-se esperar: este direito é adquirido a todos aquelles que são desejados. Entra emfim, apresenta uma petição cujo titulo, pronunciado com voz apenas distincta, escapa ao ouvido dos ouvintes, e na qual se pede que o proceder dos officiaes judiciarios da corôa seja submettido a uma inquirição, e o codigo criminal a uma revisão. Tira depois da algibeira um grosso rolo, desata a fita que o amarra, folhêa os papeis n'elle contidos e extrahe dous numeros da *Revista de Edimburgo;* dá um a lord John Russell e o outro a lord Althorp, avança lentamente para a mesa, tosse e principia, não sem ter lançado uma vista d'olhos preliminar para a galeria superior onde se acham os jornalistas que devem fazer ao publico a confidencia de sua gloria. Sua voz primeiro é fraquissima e apenas intelligivel; vae-se pouco a pouco elevando, azeda-se, exalta-se, torna-se penetrante, gritadora mesmo, e, apezar da redondeza dos periodos, difficil é penetrar o sentido d'esses accentos ora gutturaes, ora estrepitosos, alternativamente acres e roucos, surdos e atroadores: o orador discorre por todas as cordas, desde o baixo mais grave até aos ultimos limites da prima, até ás raias da escala diatonica. É um tumulto e uma cacophonia de todos os sons contrarios, que só podem ser comparados com esses estranhos concertos indianos que se compoem de discordancias. Procuro descobrir as *palavras* occultas sob musica tão ruidosa; e, quando o consigo, fico maravilhado do profundo conhecimento das leis inglezas, normandas e saxonias, que desenvolve o honrado membro, mas não da pouca attenção que lhe prestam seus collegas. Sir James é um professor que declama, e não um senador que discute. M. Canning lê um diario; M. Peel cruza os braços com ar de enojo; Huskisson percorre com o dedo e com a vista uma das informações submettidas á Camara, e resolve, no meio dos brados do orador, um problema de algebra que lhe apresentam seus calculos. Entretanto Mackintosh, depois de ter esgotado o codigo inglez, mistura com esta sciencia árida uma erudição mais elegante. Uma passagem de Cicero, *de Republicâ*, lhe serve de texto; elle o desenvolve, cita um fragmento de Seneca, torna a desenvolvêl-o, accumula as metaphoras, lança-se nas idéas geraes, aproveita uma hypothese que se apresenta, e enche de admiração e de pasmo

os membros recentemente eleitos, os gentishomens provincianos e os ouvintes das galerias. A cada periodo, esta multidão agitada interrompe o orador por um susurro confuso, no qual não distinguis sinão o som rude da letra *r*, que resulta da repetição tumultuosa da palavra *hear* (escutae), reproduzida por longo écho. Cinco ou seis membros adormecidos despertam a este ruido, que se assemelha á crepitação da saraiva que cahe sobre vidraças, e, esfregando os olhos apenas entreabertos, julgam que a decencia os obriga a fazerem choro, e repetem, por pundonor e com voz tremida: *hear! hear!* (escutae! escutae!)

A esta erudição impetuosa, que não produziu o mais leve effeito sobre os estadistas nem sobre os chefes de partido, succede uma facundia menos violenta. M. Denmann se levanta para apoiar a moção: orador eloquente, mas singularmente prolixo, e em cujos discursos sessenta palavras não equivalem a uma idéa. Si o Parlamento de Inglaterra fôsse uma academia de musica, este honrado membro ganharia sem duvida nenhuma o premio do concurso; o ouvido é lisongeado pela feliz coordenação de suas palavras: sua elocução é dôce, seu tom moderado e decente, seus argumentos são bem encadeados; faltam-lhe porêm força e energia: assim um corpo, carregado de gordura, encobre sob esse luxo inutil uma fraqueza real.

Entretanto as leis inglezas e aquelles que as administram querem defensores. Apresentam-se dous: o advogado geral, que se assenta perto do *orador* do Parlamento, e M. C. W. Wynne, que está no mesmo banco, porêm um pouco mais longe. O *orador* avisa M. Wynne, que tem a palavra. De M. Denmann a M. Wynne é immensa a distancia; é o flautim que succede ao fagote. M. Wynne adianta um pouco o pé esquerdo, deita a cabeça para traz, até que sua linha facial forme com o tecto um angulo de 45 graus; e, no falsete o mais agudo, pronuncia uma defesa habil e erudita do codigo britannico, defesa que não tomaes o incommodo de ouvir, tão assustado ficaes da impetuosidade do orador e do effeito que sua voz produz sobre vossos nervos irritaveis. Depois d'elle, toma a palavra o advogado geral: sua doçura insinuante vos encanta; achaes suas premissas incontestaveis e seus corollarios inadmissiveis. Dir-se-hia que, pela seducção de seus syllogismos, elle vos

força a não serdes de vossa opinião. Levanta-se M. Hume e deixa escapar uma estulticia que faz rir seus collegas. Vem depois M. Hobhouse proferir, contra o advogado geral e as medidas por elle sustentadas, uma de suas philippicas ordinarias: todos os membros da Camara tapam os ouvidos, e quanto mais fulminante se torna a voz do orador, tanto maior cuidado tem M. Canning de fechar hermeticamente os canaes auditivos, que M. Hobhouse não tem costume de poupar. Senta-se o nobre membro; nas galerias gritam *bravo!* e o *procurador do rei* julga de seu dever reparar os damnos, cicatrizar as feridas e vingar os ultrajes feitos á legislação penal. Este pio officio custa-lhe uma bôa hora de trabalho; a mór parte dos membros, fugindo a estafa, vão distrahir-se um momento nos salões de Bellamy, ou dirigem-se para esse esplendido dormitorio que se chama *galeria lateral*, onde repousa por muito tempo a flôr da nossa legislatura, e onde os membros mais eminentes da assembléa formam, em junta secreta, um Parlamento mudo e adormecido.

Pintarei a coragem de que ordinariamente dão provas n'essas circumstancias sir Isaac Coffin, o coronel Davies, sir Francis Ommaney e o alderman Smith? Opprime-os o somno: seu queixo treme, sua fronte se abate, suas palpebras se fecham, seu corpo vacilla; mas elles resistem, triumpham, e, até o momento em que Plunkett principia o seu discurso contra a preponderancia do ouro, luttam valentes contra as seducções de Morpheu. Plunkett semêa de palavras oratorias e de metaphoras irlandezas sua arenga, a que seus compatriotas applaudem: os desertores não tardam a reapparecer. Brougham e Canning, que ainda não concluiram seu tratado de paz, voltam para seus logares; Plunkett termina no meio do ruido que fazem os honrados membros ao tomarem seus assentos.

Os dous athletas estão em presença, interrogam-se com os olhos: qual dos dous começará? Canning toca levemente no cotovelo de Plunkett, que, fiel Achates, abre a discussão com algumas phrases lançadas contra Brougham, e destinadas a decidir seu ataque. O formidavel chefe da opposição responde a este chamado; levanta-se: todo o mundo se calla, e vós não ouvis mais que os fracos murmurios dos tachygraphos ameaçados de longa fadiga, e cujos lapis

se poem em movimento para só descançarem d'ahi a tres horas.

Ao primeiro aspecto, Brougham se assemelha a esses prégadores nomades, apostolos voluntarios de uma fé por elles creada, e que vão catechisar no meio dos campos; sua estatura é elevada, sua physionomia selvagem, seu trajar simples e sem elegancia. Entre uma barba quadrada, ossea, quasi deforme, e uma testa cuja singular elevação parece indicar a mais vasta capacidade intellectual, a natureza reuniu e, por assim dizer, amontoou confusamente o resto de suas feições: olhos pequenos e penetrantes, cercados de rugas e sepultados sob longas e asperas sobrancelhas; bôcca cujos labios comprimidos e delgados se contrahem com violencia; nariz irregular, cuja curva se compõe de uma congregação extravagante de linhas angulosas. Emquanto Brougham guardou silencio, suas palpebras abaixadas encobriam o brilho terrivel de seus olhares; elle permaneceu immovel, impassivel e como pregado á sua cadeira, sem manifestar pelo menor movimento as emoções intimas de sua alma, as meditações de seu espirito. Levanta-se; seu corpo está pendido, sua cabeça baixa, seus olhos restam meio abertos: dirieis um luttador antigo no momento em que, enroscando-se sobre si mesmo, reune suas forças e forma seu vigoroso e formidavel arremesso. As sobrancelhas de Brougham se abaixam, e em seu rosto que se torna carrancudo julgaes ler em mysteriosos characteres não sei que poder secreto e fanatico de destruição, de ruina e de conquista. Falla: suas primeiras phrases são simplices; treme com a voz, parece hesitar: para que fim se quer elle dirigir? qual sua intenção secreta? que quer concluir? Todos o ignoram, e este segredo que só elle possue augmenta o interesse que inspiram seu nome e sua presença. Quanto mais avança, quanto mais se vão dissipando estas nuvens, tanto mais sua voz se eleva, torna-se sonorosa, esplendida e fulminante. Vós applaudis suas deducções philosophicas, mas o verdadeiro assumpto de seu discurso é ainda um enigma para vós, e até para a Camara. Reconhecendo a verdade de cada uma das proposições que elle desenvolve, é-vos impossivel entrever o resultado definitivo de todas estas proposições reunidas.

Entretanto os annaes do mundo inteiro acabam de servir-

lhe para provar o seguinte axioma cuja verdade deploravel é attestada pela historia universal : « Que o genio póde alliar-se com o vicio, sacrificar sua dignidade no altar do poder, e prostituir-se á ambição e ao amor do ganho. » Bacon, Mirabeau, Seneca, grandes homens que a corrupção e a cobiça deslustraram, comparecem alternativamente ante o tribunal severo, á barra do qual o orador os cita e os accusa. O Parlamento pasmado segue-o em sua marcha ao mesmo tempo forte e rapida ; os argumentos succedem as citações, os exemplos historicos aos argumentos. Como um general habil que manda tomar á baioneta todos os postos importantes, e só começa o grande ataque quando está bem seguro de suas posições, Brougham não desprega todos os seus recursos sinão depois de ter esgotado toda a philosophia da questão, lançado todas as suas bases e dominado todos os pontos da argumentação qne quer fazer triumphar. Então sua estatura envergada se endireita, apparece o triumphador ; seu accento se torna ao mesmo tempo mais penetrante e mais grave, sua eabeça pende para traz com o orgulho de uma victoria ganha e com o presentimento de outra victoria por ganhar. Seus dedos descuidosos batem amiudada e compassadamente no tapete verde da mesa, elle lança uma olhada cheia de altivez sobre todos os bancos da Camara : dirieis que sua audacia atira com o guante do desafio a todos aquelles que o rodêam. Sua mão se ergue, seu gesto adquire vehemencia, e já indica essa parte da sala onde se assentam seus inimigos ; seu olhar chammejante os designa com mais certeza ainda. Elle entra nos factos, olha fixamente para Canning, que presciente dos golpes terriveis que sobre elle vae descarregar a eloquencia, se agita sobre o velludo que lhe serve de assento, e revela sua anxiedade secreta pela mobilidade nervosa de sua physionomia. O primeiro tiro desfechado no secretario de estado é violento e compartilhado por todo o lado esquerdo : os outros membros observam alternativamente e no maior silencio o accusador e o accusado. Julgaes que n'esse ultimo esforço se exhauriu o vigor de que a natureza dotou Brougham : é um engano, elle continúa. De repente sua pronuncia, de vehemente e rapida, torna-se branda a lenta ; aos accentos vencedores que accabam de retumbar succede a mesma hesitação que characterisava a primeira parte do seu discurso : o orador soffre nova metamorphose : deixa cahir a cabeça, sua postura é humilde e timida e sua vóz languida.

Não vos illudaes; estas palavras apenas pronunciadas que sahem dos labios de Brougham são o preludio de um ataque novo e mais violento: é o momento do repouso e da calma que succede aos golpes multiplicados do raio; pausa solemne, mais pavorosa que o estampido do trovão. Observae o estado de vexame, de constrangimento e de terror em que se acha a assembléa. Este alderman ministerial enterra ambas as mãos debaixo da almofada que o supporta, como o marinheiro se afferra aos cabos do navio quando o vento ameaça varrer e submergir a tripolação. Aquelle fraco orador que, esperançoso n'um emprego, ousou arrostar o gigante, encolhe-se como para escapar a seu olhar e a seus golpes. Aquell'outro, forcejando por sorrir-se, faz provas de coragem analoga á do menino medroso que canta para se distrahir no meio das trevas. Só Canning conhece toda a gravidade do perigo que lhe está imminente; e sua sensibilidade prompta, seu irritavel melindre não disfarça o temor inquieto que atormenta o ministro. Em quanto as palavras de Brougham continuam a apressar com essa austera e sombria vehemencia que faz lembrar o ribombo surdo da flamma electrica comprimida pela massa das nuvens, é tal o silencio guardado pela Camara, que, deixando um dos secretarios cahir uma penna sobre o tapete, esse leve ruido se fez ouvir até no fundo das galerias onde desde manhãa ficaram adormecidos alguns gentishomens camponezes, os quaes se levantam precipitadamente, correm para a sacada, encostam-se na balaustrada, e, ao verem que é Brougham que falla, ficam petrificados, com a bôcca aberta e os olhos espantados, como si o anjo do dia de juizo ahi estivesse diante d'elles, prestes a lançar o anathema sobre suas cabeças, e a contar, em presença do mundo inteiro, seus peccados politicos.

Debalde as acclamações do partido de Brougham lhe interrompem a marcha triumphante: elle continúa; sua voz atroadora domina os *bravos* que retumbam de todas as partes. A inflexivel severidade de suas feições se transforma n'uma expressão sublime em sua vehemencia; sua physionomia se anima do fogo sagrado que abrazava a alma e as feições da pythonissa. Elle resume seu discurso inteiro, lança sobre os membros ministeriaes a invectiva, e escarneo, submette a longa agonia seus chefes e seus guias, corre os olhos pela

Camara muda e agitada, e, firmando as duas mãos sobre a mesa, pendendo o corpo para o secretario de estado Canning, reunindo contra seu adversario todas as provas, queixas e imputações que lhe ha fornecido sua longa arenga, esmaga-o sob o peso da accusação a mais envenenada, a mais cruel, a mais inesperada, ao mesmo tempo a mais difficil de rebater, que ha dous séculos tem assustado o recinto das discussões parlamentares. O effeito produzido por estas ultimas palavras é electrico e instantaneo: a prudencia, a paciencia e destreza do ministro cedem a um movimento irresistivel; elle se arroja, e. esquecendo sua dignidade pessoal, pallido, fóra de si, acha apenas força para responder: *Isso é falso!*

Brougham senta-se; Canning, socegando-se pouco a pouco recobra o uso de seus sentidos. Observae com attenção sua physionomia e sua attitude que tão vivamente contrastam com as de seu inimigo. O ministro é gordo; mas seu todo é elegante, seus gestos têm graça, e em seu semblante respira amavel serenidade, mesclada de penetração e de viveza. Ao passo que sua agitação se vae acalmando, e elle se mostra com superioridade, vós admiraes a dignidade e desembaraço de seu porte, a feliz escolha de suas palavras, a eximia elegancia das imagens que emprega. Brougham vos terrificou; Canning vos seduz. As allusões engenhosas, as zombarias delicadas, as reticencias malignas, as lisonjarias finas, compoem, por assim dizer, o tecido da eloquencia de Canning, que não opprime o seu adversario; fere-o sim muitas vezes, mas prefere agradar e seduzir. O talento de um parece attestar o vigor, o do outro o attractivo irresistivel de que se póde alternativamente adornar ou armar a intelligencia humana.

Depois de haverdes examinado com a devida attenção o perfil gracioso, o sorriso nobre, em uma palavra a elegancia das fórmas exteriores que distinguem este homem insigne, prestaes ouvidos á sua eloquencia, que é tão persuasiva e tão dôce quanto a de Brougham é impetuosa e rude. O ministro não recorre, como este ultimo, aos syllogismos de uma argumentação que não deixa resfolego algum ao adversario. Brougham vos cançou, Canning vos allivia e vos acalma. Vós folgaes de saborear o encanto facil de uma elocução animada, engenhosa, brilhante de enthusiasmo sem-

pre de bom gosto. Brougham aterra pelo vigor de seu sepirito, não só aquelle a quem ataca, sinão aos que o escutam: julgaes assistir aos combates dados por um ente de natureza superior; tributaes-lhe admiração, ao passo que o temeis. Com terror o seguis nas viravoltas tortuosas e instantes de uma dialectica cujas vias são mysteriosas e cujos resultados terrificam: assim a gigantesca serpente da America enrosca com vasta espira a arvore que escolheu, e estreita gradualmente o circulo em que vae comprimil-a. A este espectaculo cuja grandeza magestosa se mescla de pavor, Canning faz succeder dôce voluptuosidade: sua marcha é directa, rapida, agradavel, o odio, a vehemencia, a inevectiva, não são musas. Começa por seduzir-vos, ides pouco e pouco perdendo a lembrança das asserções e inculpações de Brougham, e é tal o prestigio de que se cerca o o orador, é tal a magia de seu talento, que vos não occupaes mais sinão d'esse talento só, do prazer que resentis, do feliz mortal que o recebeu em partilha; e até o objecto principal da discussão fica esquecido.

Assim se acha embotado o gladio que Brougham suspendeu sobre a cabeça do ministro. M. Canning senta-se no meio de prolongados applausos. Animados pelo exemplo de seus chefes e de seus mestres, levantam-se de todas as partes os membros da Camara dos Communs e pedem a palavra; responde-se-lhes com os gritos *á questão!* e elles se deixam cahir em seus assentos, vencidos pela manisfetação expressa da vontade universal. No entretanto este grande drama necessita de um desfecho: *o orador* faz um aceno a sir James Mackintosh, e sir James se levanta. O discurso com que elle encetou o debate se assemelhava a um livro bem escripto; sua replica é o appendice d'esse livro. Mas, ah! quão pallidos parecem o saber, a elegancia do estylo, e mesmo a arte oratoria, diante da verdadeiaa eloquencia! Os argumentos de Mackintosh parecem frios e descorados; elle mesmo nota o pouco effeito que produz, perturba-se, balbucia, retira a sua moção e promette apresental-a de novo no anno seguinte; o que não deixará de fazer com igual proveito e com o mesmo resultado, porquanto, de todos os membros d'esta assembléa, o mais perseverante, o mais erudito e o menos feliz, bem como o menos positivamente util, é sir James.

Pasmada de uma conclusão tão imperfeita e de um resultado tão incompleto, a Camara principia a cuidar na retirada : os membros mais tenazes vão-se escafedendo , os caudilhos da opposição e os advogados do ministerió se escôam um após outro ; as galerias se despejam, os bancos já estão desertos. Vós ouvis na calçada de Westminster o rodar precipitado das carruagens que conduzem os honrados membros para longe do templo onde repousam confundidos os reis e os poetas inglezes. Assustado, prestaes ouvidos, e esse grande tumulto parece annunciar-vos a chegada dos bombeiros chamados para algum incendio. Estaria a camara do Parlamento a arder « Não responde-vos o vosso visinho jornalista, mas esteve-o ha apouco. » Sem discutirdes o grau de precisão e de bom gosto do jogo de palavras, vêde com effeito Brougham e Canning levantarem-se e sahirem : alguns membros isolados , *rari nantes* , apparecem de longe em longe ; suas fracas vozes acham écho mais sonoro no recinto da sala obandonada, e , reconhecendo com pezar a solidão que os cerca , a mór parte d'elles deixou seus logares.

Nunca vos succedeu , ao sahirdes de um esplendido palacio onde passastes a noite, observar a luz vacillante, o clarão sombrio que a alguns passos de seu foco projectam lampiões collocados no pateo para alluniarem a multidão attrahida pelos prazeres de um grande baile ? Nunca comparastes , com a claridade primittiva que elles lançavam seis horas antes , os fracos raios que d'elles emanam depois que a noite inteira tem esgotado a substancia com que se alimentava a sua chamma ? Pois tal é, si posso dizêl-o sem offender o respeito devido aos nossos legisladores, tal é pouco mais ou menos o effeito que produzem pela volta da noite os luminares moribundos da nossa eloquencia parlamentar. È então que M. Fysshe Palmer se torna um Demosthenes, e M. Pedro Moore um Eschino. Este crepusculo incerto fovorece o desenvolvimento de seu talento e dá fraco brilho a suas palavras : M. Hume é o autocrata da assembléa, ninguem mais contradiz seus calculos ; M. Martin de Galway torna a pedir immunidades para seus animaes queridos, privilegios para suas abelhas favoritas, leis protectoras para os bois e carneiros iniquamente mortos por um gastronomo assassino. Vota-se o budget, e este importante negocio, este dever inherente e capital imposto á Camara dos Communs , é entregue aos mem-

bros pouco numerosos cuja pertinacia ainda occupa o velludo parlamentar: o entresolho onde estaveis abafado está despido de seus habitantes; á excepcão de vós e dos jornalistas, a Camara não tem mais ouvintes: os tachygraphos adormecem, suas pennas estragadas e seus lapis gastos negam-se a reproduzir a continuação dos debates; elles fecham bocejando s as pastas de pergaminho, e vós vos achareis unico depositario de uma massa de eloquencia tão preciosa quanto respeitavel, si um dos membros não fizesse a proposta de « contar-se a *Camara.* » O *orador* torna a começar sua formalidade arithmetica; a sabedoria *parlamentar e collectiva* compõe-se sómente de dezoito senadores. « Vamos ceiar! » A proposta passa unanimemente, e os dezoito membros obedecem, como vós tambem, a esta proclamação vinda tão a proposito.

Este quadro vivo e real de uma sessão da Camara dos Communs pôde divertir-vos alguns momentos; isso porêm não basta: sabei tirar d'elle o partido conveniente á vossa educação politica; aprendei a fugir os ridiculos que vos apresenta, e a alcançar os grandes resultados e os triumphos de que elle vos offerece o espectaculo; sabei reconhecer a inutilidade de uma facundia sómente elegante. M. Denmann falla bem; mas quem lhe presta attenção? Os defeitos que a observação vos fizer notar devem ser os pharoes que vos desviem dos mesmos escolhos. Imitareis acaso a Mackintosh, cujo talento superior e vastos conhecimentos nunca exerceram a menor acção sobre as medidas politicas e decisões de seus collegas? Reunireis, como M. Plunkett, todas as metaphoras e todas as graças de uma elocução floreada. para tudo vir a dar em nada absolutamente? Adoptareis como o honrado M. Martin, uma especialidade paradoxal, para vos tornardes a caricatura do Parlamento e o alvo commum de todos os epigrammas? Não por certo; vós quereis alcançar a fortuna pela gloria, e a gloria pela estima. Primeiro que tudo deveis fazer-vos escutar, e bem vêdes quão difficil é attrahir, n'esse recinto parlamentar, a attenção dos membros que a enchem. Para constrangêl-a a fixar-se sobre vós, tentae reunir factos: n'uma assembléa semelhante, os factos triumpham sempre das palavras.

Si no vosso primeiro discurso, em vez de instruirdes a Camara, procuraes agradar-lhe; si vossa arenga tem resaibo

de professor ou de rethorico, estaes perdido. Huskisson com seus algarismos, Brougham com suas deduçōes logicas, vos confundirão em menos de um instante. Mais tarde, ser-vos-ha licito abandonar-vos a toda a magia da eloquencia; no entanto esperae: uma vez feita a vossa reputação, podereis, como Canning, misturar os artificios da linguagem com as razões do estadista; mas, para começardes, o que vos recommendo sobretudo é que deis de rijo e com acerto, e que vos apresenteis como um athleta formidavel, e não como um fazedor de palavras de quem se não deve esperar outra cousa sinão um feliz enlaçamento de metaphoras e de periphrases. Achaes-vos a bordo de um navio a cujo commando aspiraes; não basta que tenhaes o gesto imperioso e a voz sonora, cumpre principalmente que conheçaes a monobra.

Afim de illustrar, como dizem os commentadores, nossas asserçōes com exemplos, eu supponho que seja a discussão encetada sobre esta questão de primeira ordem: os direitos e a existencia do catholicismo irlandez. Tres membros recentemente eleitos preparam seus discursos. O primeiro principia n'estes termos:

«È penoso levantar-se pela primeira vez no seio de uma assembléa tão augusta, e ser forçado a recordar aos membros que a compoem os direitos inalienaveis e sagrados da natureza humana. Os livros santos, as tradiçōes universaes, o assenso do mundo inteiro, a observação dos philosophos, nos provam, da maneira a mais evidente, esta confraternidade geral dos homens. A mão de Deus gravou-a em nossas almas em characteres que nada póde apagar. Sob a purpura e sob o burel, sob o manto grosseiro que o Kamschtkadale tira dos animaes que habitam seus gelos, sob a veste de seda que cobre o mandarim, gira o mesmo sangue, as mesmas paixões se agitam. Pois que! senhores, os catholicos da Irlanda, etc., etc. »

Exordio detestavel. Que importam aos membros da Camara dos Communs os mandarins e os Kamschtkadales? Daelhes informaçōes positivas e especiaes ácerca do estado da Irlanda; mostrae-lhes o camponez em sua choça, não tendo de seu sinão seu leito de palha, seu campo de batatas e seu velho crucifixo, impellido á revolta por seu cura, exaltado pela fome, raiva e miseria, atormentado pelos recebedores, embrutecido pela ignorancia, exasperado pela injustiça, aviltado

pela servidão, fanatisado por um clero cujo poder se augmenta com todo o peso dos males communs. Não vos contenteis com indicar estes factos espantosos, provae-os; citae vossas autoridades. . . . Torno porêm aos meus exemplos, e submetto ao juizo do meu discipulo politico o segundo exordio, brilhante ensaio de um novo membro do Parlamento.

« Quando percorro a historia da Irlanda, diz este segundo orador, para formar uma idéa exacta da natureza das relações que com este malfadado paiz tem entretido a Inglaterra, vejo-me forçado a confessar que os nossos legisladores parecem ter tomado á sua conta contradizerem o axioma magnanimo do poeta romano: poupar os vencidos e combater os soberbos; *parcere subjectis, et debellare superbos!* A aquelles que imploravam a nossa clemencia e se curvavam ao nosso jugo, havemos imposto os mais duros grilhões. Mas os nossos proconsules e vice-reis, esses Verres inquinados de rapinas, esses homens perseguidos pelo clamor da opinião publica, objectos da nossa indulgencia, se recolheram aos seus lares, para ahi gozarem uma fortuna adquirida por suas espoliações, e affrontarem os brados de vingança com que debalde os persegue a Irlanda. É por esta mistura inaudita de crueldade para com os fracos e de clemencia para com os poderosos, que a Gran-Bretanha, senhora do Oceano e rainha das Indias, tem para sempre alienado de si uma população que faz parte de seus proprios dominios, e que este imperio, regulador da politica européa, tem visto mallograrem-se seus reiterados esforços para domar a alma feroz do camponeo irlandez, *atrocem animum Catonis!* »

Isto não é melhor. O outro orador affectava philosophia especulativa; este, cujas palavras acabo de citar, faz alardo de saber desaprop sitado e inutil. Apenas tem elle pronunciado seu terceiro periodo, vejo Huskisson conversar com seu visinho, Peel voltar-se, e Brougham puxar por seu lapis. Evitae com cuidado cahir n'este pedantismo de citações, justamente reprochado a Mackintosh, e que annuncia o estudante de rhetorica. Ora dizei-me que relação ha entre a alma do camponeo irlandez e a de Catão? Deveis deixar para os maus escriptores de folhetos esses ornamentos ridiculos e essas allusões de collegio. O meu terceiro orador começa assim:

« Si queremos assegurar o repouso da Irlanda, devemos

assegurar sua liberdade. Não basta tornar felizes e pacificos os habitantes da Irlanda, cumpre que leis fortes e uma organisação possante fixem para sempre esse estado de segurança. O navegante que embarca na estação das procellas precisa de um navio de excellente construcção : elle vae sustentar longo combate contra os ventos e as ondas, etc. »

Si um joven membro do Parlamento se dignasse de lerme o discurso que preparou, e si seu exordio fôsse semelharte ao que acabo de referir, eu o suspenderia a esta terceira phrase; dir-lhe-hia : A Camara dos Communs é antipoetica por essencia ; supprimi vossa metaphora, e ficae certo que lucrareis tudo quanto houverdes perdido. Si tendes imaginação rica e abundante, empregae estes recursos ; mas a imagem deve estar sempre nas cousas e nunca nas palavras ; deve ferir como relampago, de clarão vivo e subito, os objectos que tem de circumdar com seus raios ardentes ; deve maravilhar a razão, commover a alma por um d'esses abalos imprevistos e terriveis a que se não póde subtrahir a intelligencia a mais vigorosa. Foi assim que Burke, depois de recordar os serviços prestados á metropoli pela joven America, exclamou : « A fome estava em vossos muros; vossos cidadãos morriam, quando esta filha de vossa velhice veio alimentar-vos em vosso desastre ; charidade verdadeiramente romana, á qual devestes a vida. Sustentados por seus desvelos, reanimados em vossa languidez por sua fecundidade generosa, dir-lhe-heis agora: *Tu me deste pão, eu te envio a morte !* »

Assim tambem M, Caning, quando a noticia da batalha ganha em Vittoria reanimou as esperanças da Inglaterra e as do partido monarchico ; em vez de começar seu discurso por uma enumeração árida das vantagens que deviam resultar de semelhante acontecimento, exclamou : « Emfim sahem e se elevam do seio das nuvens as velhas muralhas da Europa monarchica, as antigas instituições, as grandes memorias que se tinham perdido e apagado durante as nossas borrascas. » A esta imagem tão viva e tão natural, a Camara inteira rompeu em acclamações: parecia qne o proprio espectaculo descripto por Canning feria as vistas da assembléa; parecia que as velhas ameias de uma fórtaleza gothica, longo tempo cercada de nevoeiros, appareciam de repente, e allumiados por uma claridade viva e inesperada, aos olhos dos membros do Parlamento. Poderiamos citar igualmente aquella bella figura

de M. Pitt, quando um membro da opposição o ameaçava com os armamentos maritimos da Convenção, e elle respondeu: « A Convenção poz suas esquadras sob a protecção das tempestades. »

São raros estes exemplos; só aos talentos mais consummados pertence empregar recursos ordinariamente inuteis ou mesmo perigosos. Si o céo vos dotou de faculdades intellectuaes elevadas ou extensas, as paginas precedentes vos terão ensinado qual o genero de eloquencia que convêm e qual o que não convêm á Camara dos Communs. Escolhereis para campo da batalha uma questão sobre a qual vos tenha a a vossa experiencia pessoal fornecido noções especiaes. De factos estabelecidos e provados tirareis inducões imprevistas e irrisistiveis; reunireis uma massa de factos, que enlaçareis, por assim dizer, e que sabereis firmar com uma serie de argumentos vigorosos. Quando estiverdes seguro de vossas forças, e quando estas diversas partes da vossa arenga compozerem uma cadêa logica cujos elos apertados offereçam uma resistencia que julgardes invencivel; então, reunindo todo os vossos meios, concentrareis em um só ponto os argumentos dispersos que tereis tido o cuidado de sustentar com exemplos e factos. N'este particular, Brougham é um modelo admiravel. Si conseguirdes, imitando-o, fixar sobre vós, por uma dialectica possante, as vistas da Camara, continuae, lançae-vos em todos os combates, participae de todas as luttas: quer vos dirija a ambição ou o patriotismo, tendes certeza de ser bem succedido.

Principiae por interrogar-vos a vós mesmo. Si a mór parte dos homens que a ambição conduz ao Parlamento vêem de continuo frustrados seus votos e illudidas suas esperanças, é porque não consultam suas forças. Este, que só serve para argumentar, quer patentear sua eloquencia; aquelle que tem voz dôce, maneiras agradaveis, em vez de se contentar, como deveriam fazêl-o, com a apresentação de algumas petiçoes provinciaes, quer passar por dialectico; aquell'outro, que tem bôa cabeça, instrucção variada e intelligencia tão poderosa quanto sagaz, se obstina em recitar seus discursos no Parlamento: desgraçadamente elle gagueja, tem má postura, e como as mais das vezes é bastante sua presença para prejudicar ao partido que elle quer servir, seus mesmos amigos o forçam ao silencio. Seu logar é nas commissões; é por

meio d'ellas que elle póde remediar as desvantagens que lhe obstruem o caminho e elevar-se ás honras publicas, a despeito da mesma natureza.

O trabalho das commissões exige sobretudo o talento da analyse: imcumbe-lhes preparar as discussões por meio de uma investigação severa e de uma classificação rigorosa dos factos e dos principios que lhe devem servir de bases. Sois vós dotado de juizo claro, de discernimento capaz de distinguir as idéas falsas das idéas justas, e os documentos incontestaveis dos que são equivocos ou sómente plausiveis? Sabeis dividir uma questão, subdividil-a, não segundo as regras arbitrarias de uma logica artificial e muitas vezes erronea, mas conforme as inducções de uma razão sãa e dirigida para a utilidade pratica? Sabeis desconfiar das apparencias, verificar um testemunho por outro, confrontar as asserções oppostas, assignar a cada uma d'ellas seu logar e sua ordem distinctas, ligar a um ponto central todos os factos secundarios, supprimir as supposições inuteis, conciliar ou expôr com clareza as contradicções? Entregae-vos todo ao trabalho que indico. A especie de genio que elle exige, pouco brilhante sem duvida, porêm indispensavel, não tardará a assignalar-vos á estima e á attenção d'esses homens influentes que têm nas mãos as duplas molas da politica da opposição e da politica do gabinete. Tenha o joven membro do Parlamento, qne se destina de uma maneira especial ao trabalho das commissões, a coragem de ler os numerosos e enormes volumes que enchem os debates da Camara dos Communs, onde encontrará lições uteis, toda a variedade, toda a incerteza que characterisam os juizos humanos, uma multidão de erros, porêm verdades importantes e grandes resultados. Estude Ricardo, Say, Smith, Hume e Stewart, e saiba premunir-se contra os defeitos a que se deixam arrastrar esses homens notaveis, por amor dos problemas e pelo habito de considerar os homens e as cousas como quantidades algebricas. Consulte Arthur Young e os outros escriptores agronomos, mas repilla com justa desconfiança aquellas de suas asserções que sahem da esphera de sua experiencia pessoal: as obras publicadas em França, nos ultimos annos do decimo oitavo-século, sobre a importação e exportação dos grãos; as obras dos economistas; os melhores d'estes folhetos que a Inglaterra vê brotar todos os annos em tão grande quantidade, devem ser-lhe familiares. Não

ignore nenhuma das mudanças sobrevindas nas nossas leis sobre os trigos, no preço dos generos em diversas épochas, nos habitos e bem-estar do povo. No principio do século passado nós exportavamos trigo; pouco tempo depois, foi-nos mister importar. Ha dez annos, o governo declarou que a Gran-Bretanha não podir consumir tudo quanto produzia; em 1826, annunciou que o trigo indigena não bastava para as necessidades da população. D'onde podem provir variações tão subitas e tão frequentes? Ao mancebo que diante de si vê abrir-se a carreira politica pertence procurar nos acontecimentos, nos diversos planos dos ministros, no estado moral e physico da Inglaterra, a origem d'esses estranhos phenomenos:

Si a estes estudos serios elle juntar conhecimentos positivos e reaes acerca da fertilidade do solo inglez, do grau d'essa fertilidade nos diversos condados, das relações que se acham entre o trabalho e os productos, da quantidade que o cultivador consome comparada com a que entrega ao commercio, dos limites impostos á producção pelos alqueives, da volta periodica dos annos de fome e dos annos de abundancia; si interrogar por si mesmo as testemunhas que se apresentam diante da commissão, não para fazer alardo de seu saber ou da funcção que exerce, mas para se exercitar na arte difficil de arrancar aos homens a verdade que elles se obstinam em occultar; si, dando, por assim dizer, *caça* aos feitos importantes e secretos que uns desfarçam por interesse, e que outros calam por estulticia, souber melhor que qualquer outro colligir os materiaes, cuja massa ainda confusa se desbastará entre suas mãos e servirá de esboço ás leis que devem ser feitas; então não será, no seio da commissão, um d'esses ridiculos e simplorios espectadores que se adornam com um titulo esteril, e que não entram n'uma reunião destinada ao cumprimento de laboriosas pesquisas sinão para satisfazerem sua vaidade legislativa. Homem necessario, reconhecido por todos os partidos como um dos *homens de commissão* mais uteis á Camara, ser-lhe-hão reservados longos trabalhos; porêm esperam-o a reputação e a fortuna. Brougham, que deve ser sempre citado, une á eloquencia parlamentar a mais energica e a mais efficaz, o talento, a paciencia, a sagacidade e o saber do homem das commissões. Certamente que só teria dependido d'elle o aspirar ás maiores honras; algumas concessões feitas ao par-

tido contrario teriam bastado para revestil-o da dignidade de par, do titulo de cavalleiro, e talvez mesmo do esplendor da jarreteira.

Eu supponho que haveis aproveitado minhas lições. Misturado primeiramente nas fileiras da opposição, começastes com modestia; a Camara escutou em silencio vossas deducções simples e logicas, os factos novos que revelaveis, os ataques vigorosos, mas sem emphase, que tivestes a audacia de dirigir. Pouco a pouco vos fostes elevando para mais altas regiões; adversario dos ministros, viram-vos perseguil-os de medida em medida, de asylo em asylo. Os jornaes echoaram vossos accentos. Então misturastes os recursos, o brilho, as côres, a pompa da eloquencia, com a vigorosa e austera nudez de vossos primeiros discursos. Todos se acostumaram a considerar-vos como o grande *trabalhador das commissões:* sempre sois escolhido para ellas, e suas pesquisas as mais espinhosas vos são confiadas. Parae ahi, si a ambição patriotica é o vosso unico guia. Quereis, pelo contrario, que o palacio de S. James vos abra suas portas? esperae por uma convulsão ministerial; guardae algum tempo o silencio, e, por uma conversão subita, passae para as fileiras d'aquelles que governam. O logar que vos fôr offerecido se achará em proporção composta de vossas intrigas e talentos. Vós clamareis contra semelhante manejo! Desgraçadamente foi Chatham que deu o exemplo; e si alguma cousa o póde desculpar, é o uso que soube este grande homem fazer de um poder adquirido por tal meio.

O joven membro do Parlamento, submettido á minha tutela, e que cresceu nos trabalhos e nas dignidades, entra emfim na Camara dos Pares. É ahi que o reclamam outros deveres, e que elle deve fazer o aprendizado de uma nova especie de eloquencia, mais grave, mais temperada, mais solemne. Infelizmente, como a mór parte dos homens distinctos encetam sua carreira na segunda Camara e só na velhice é que chegam á dignidade de par, já então seu ardor está extincto, seu talento vae fraqueando, e nada é mais raro do que ouvir um discurso verdadeiramente notavel soar n'esse sanctuario, onde se assentam os mais veneraveis ministros da religião, os conselheiros hereditarios da corôa, os homens no meio dos quaes a magestade real vem frequentemente procurar conselhos e soccorros; aquelles emfim que

a constituição ingleza destina para examinarem as medidas da Camara popular, moderarem a violencia de suas resoluções, detêl-a em sua marcha e refreal-a em seu fogo. O orador que se dirige aos pares reunidos deve fazer mais impressão na intelligencia do que nos sentidos, e desprezar os movimentos de que se póde servir o orador da Camara dos Communs. Profundidade unida á clareza, energia mesclada de calma, simplicidade forte, dignidade sem affectação e sem emphase: taes são as qualidades que devem distinguir os discursos dos membros da Camara alta. Muitissimas vezes sua gravidade é pallida, fria e solemnemente monotona; é a dignidade triste de que a natureza dotou o môcho, e não a altivez severa, e, por assim dizer, real, com que prendou a aguia em suas attitudes e em seu vôo.

Eu metti entre as mãos do meu discipulo politico uma arma de dous córtes, de que elle se póde servir para solapar os alicerces das liberdades publicas, e abrir, a travéz de suas ruinas, seu caminho para as honras; póde tambem empregal-a sómente para a utilidade publica e para a sua propria gloria. Elle que escolha, e sua consciencia que decida.

(Political Primer.)

VARIEDADE.

DIARIO D'UM MEDICO (*)

XI.

Culpa e arrependimento.

A mais abjecta e mais desprezivel de todas as creaturas, uma pobre rapariga escornada da sociedade, será o objecto e não a heroina d'esta narração. Leitor, vós não exigis sem duvida que a minha penna aformosêe e colore para vossos desenfados esses sonhos sem vida e sem calor que os romancistas denominam um heroe e uma heroina; eu arranco das folhas da minha vida alguns fragmentos dispersos, taes quaes absolutamente se elles apresentam, desbotados, emmurchecidos, lacerados, humidos de lagrimas e algumas vezes de sangue. Possa esta reproducção de minhas impressões encontrar écho nas almas! Direi tudo o que senti e tudo o que vi; nem mesmo recuarei ante a vergonha de mostrar-me accessivel a sentimentos de dó que o mundo poderia achar indecorosos e desapropositados. Pobre menina! fragil mulher! punida tão cruelmente! ovelha desgarrada do curral e marcada com hedionda lepra! algumas lagrimas serão consagradas á tua memoria.

Imagine-se, si é possivel, a miseria a mais completa,

---

* Vid. Revista n. 4 do 1.º Tomo, ns. 1 e 3 do 2.º, ns. 2 e 3 do 3.º ns. 1, 2, 3 e 4 do 4.º e n. 1 do 5.º

uma victima reduzida á maior abjecção. Deve-se já ter adivinhado que eu quero fallar de uma mulher que só o designal-a excita, entre as mulheres, não a compaixão, porêm a colera e o enojo das almas as mais honestas e as mais ternas. Nenhum ente pensava em ti, ninguem se interessava por tua sorte, e tua agonia era a do crime horrendo a todos, quando me condoí de ti.

Eis-aqui, em toda a sua simplicidade, a narração de opprobrio e de dôr, mas tambem de arrependimento e de reconciliação moral, que colhi junto a esse leito de morte abandonado. Lendo estas paginas, demorae-vos um momento, e reflecti que esta historia é uma historia de todos os dias, um facto commum e trivial como a calçada de nossas capitaes; meditae com angustia, e n'essa rapariga vereis milhares de raparigas, roubadas pelo mesmo monstro, tragadas pelo mesmo sorvedouro. A quinta parte pelo menos da população feminina não tem outros annaes. Medonho pensamento sobre o qual os homens do governo e da philanthropia deveriam emfim lançar suas vistas!

. . . . . .

Ia a findar o outomno de 1818. Nós estavamos sentados em roda do fogão da familia, reanimando o fogo para se não apagar; eu estava cançado dos meus giros, e todos guardavamos silencio: a chuva, que tinha cahido todo o dia, continuava com violencia, e o ruido surdo de sua queda se mesclava com o sibilo lûgubre do vento de outomno. Eu saboreava vivamente esta paz da familia, a que dava maior encanto o tumulto externo. Tendo emfim chegado a essa quadra da vida em que todo o homem laborioso póde colher o fructo de suas fadigas e de seus trabalhos, fitava com complacencia os olhos sobre esta scena interna, contemplando ora um de meus filhos que repetia sua lição nos joelhos de sua mãe, ora outro que brincava junto do fogão: gozos bem simplices certamente, mas que serão sempre os mais vivos e os mais profundos que possa sentir um homem de bem.

— Que é? perguntei ao criado que ia entrando.

— Está lá embaixo uma mulher que vos quer fallar, senhor.

Desci e avistei, sentada em uma banqueta no corredor, uma figura gorda, negra, desbotada e bochechuda, que a alampada suspensa na abobada allumiava em parte, e que se levantou quando d'ella me approximei: era uma mulher

mal vestida, baixa e reforçada, cujos olhos amortecidos pareciam nadar ainda na embriaguez do dia antecedente. Ella me apresentou uma tira de papel sujo, e me disse com ar indolente:

— É uma joven senhora que tem precisão de vós, senhor doutor.

Li estas palavras escriptas no pedaço de papel: « Miss Edwards, pateo do Leão, rua de Blenheim, n.º 11, no terceiro andar. » Estas linhas estavam traçadas com mão tremula e debil, porêm fiquei admirado da ligeireza e delicadeza dos characteres.

— Está doente esta senhora? perguntei á mulher velha.

— Doente? oh! eu vol-o asseguro! É uma mulher que não póde viver muito tempo, está estragada; não ha remedio!

Repugnava-me singularmente o ar de deleixo e de impudencia d'essa mulher, e não era precisa grande sagacidade para eu saber com quem fallava. Alêm d'isso, estava tão feia a noite e a rua de Blenheim era tão distante da minha casa, que confesso que eu não tinha muita vontade de me incommodar inutilmente nem de seguir o estranho guia que me era enviado.

— Precisam realmente de mim? perguntei á mulher.

— Ella quer absolutamente ver-vos; tem-se achado muito mal.

— É um mal subito, uma indisposição momentanea?

— Não, senhor. Ha já muito tempo que ella anda languida; depois que veio morar na minha casa, nunca a vi passar bem.

— Seria melhor que a levasseis para o dispensatorio.

— Não tenhaes susto, senhor, não tenhaes susto; ficae certo que sereis pago.

— Muito bem, muito bem, eu vos sigo, respondi-lhe vivamente, para me ver livre d'ella, porque sua presença em minha casa me enjoava.

Ella ia descendo os degraus do poial, e eu ia a fechar a porta, quando voltando-se me disse:

— A minha casa é um pouco ruidosa, mas não vos assusteis com isso; eu porei cobro e direi ás minhas....

Ella ia continuar sua explicação, de que eu não tinha precisão alguma: commentarios inuteis que eu adivinhava

sem custo, e que interrompi desabridamente, fechando a porta da rua. Fiquei indeciso alguns momentos, ácerca do que devia fazer; emfim, o sentimento do dever prevaleceu sobre todas as outras consideraçōes. Munido do meu guarda-chuva e coberto com o meu capote, aventurei-me n'essas ruas, atravessadas por torrentes de lama, sombrias, e cujo silencio e solidão tinham alguma cousa de pavoroso. Vieram-me logo ao espirito algumas reflexōes pouco animadoras. Depois de ter andado um quarto de hora, cheguei ao bairro de Lambeth, onde era situada a casa que eu procurava. N'essas ruas tortuosas, nem um só reverbero acceso, nem uma só luz que scintillasse a travéz das vidraças, nem um só *watchman* de guarda. Lembrei-me de ter lido nos diarios da semana precedente a historia de um medico que, como eu, se tinha arriscado de noite n'esse bairro immundo, habitado por uma população viciosa. Seu guia o tinha levado a uma casa isolada, d'onde elle sahira nú, despojado de seus objectos preciosos, e cruelmente espancado. Enterrei no bolso a corrente de ouro do meu relogio, e, abotoando com cuidado a sobrecasaca, entrei valentemente no pateo do Leão.

A velha porta de carvalho pintada de vermelho permanecia sempre aberta. Um quadrado de casas de tijolos, de tres andares, era allumiado por um só reverbero central, que, agitado pelo vento e obscurecido pela chuva, lançava clarões desiguaes e embaciados; esse semi-raio incerto se projectava alternativamente sobre dez ou doze portas abertas, onde se achavam reunidas algumas mulheres, cantando com toda a força, conversando com familiaridade vulgar de uma á outra extremidade do pateo, atroando os ares com seus gritos e risadas. Eu estava mettido n'um horrendo covil, verdadeiro ninho de vespas. Achei emfim o n.º 11, cuja porta estava aberta como todas as outras. Entrei e encontrei-me na escuridão com uma mulher sentada n'uma esteira, que começou por praguejar de mim; e, quando eu lhe disse quem era:

— Ah! exclamou, é o doutor que vem ver Sally.

Appareceu a mesma cara negra e marcada com o vicio, que eu tinha despedido com tanta semceremonia. Era a dona da casa, a *mãe*, segundo a giria d'esses logares infames; trazia na mão um castiçal de cobre com sua vela accesa.

— Por aqui, senhor, por aqui; eu vou conduzir-vos. Betty, pegae no guarda-chuva do senhor.

— Agradeço-vos, elle não está muito molhado.

Segui a essa mulher, sempre armado do meu guarda-chuva, que ia traçando um grande risco com a agua que d'elle pingava: pareciam-me pouco seguras as mãos a que devia confial-o, e eu não via razão para me privar, não só de um utensilio necessario, sinão de uma arma defensiva em caso de necessidade. A velha escada vacillante tremia debaixo de meus pés, e a porta da alcova se abriu. Meu receio e inquietação foram então substituidos por outras emoções. Quem pintaria, sem inspirar nojo, a immundicia d'esse asylo? Uma vela ordinaria fincada n'uma garrafa estava sobre a chaminé, e fazia companhia a duas ou tres chicaras rachadas e a alguns boiões de pomada quebrados. O comprido pavio da vela fumegante derramava sombria claridade sobre duas ou tres cadeiras empenadas, sobre uma pequena commoda quebrada em varias partes, sobre uma mesa redonda com pedra de marmore quebrada, sobre um velho bahú de couro, privado da metade de sua tampa. Ao entrar, sentia-se um cheiro pesado, espesso, doentio, que causava nauseas; fazia muito calor no quarto, e um bom fogo de carvão de pedra ardia n'uma pequena chaminé. Para supprir a falta de todos os vidros quebrados, tinham tapado os intersticios com livros velhos e vestidos rasgados. Eu experimentava n'esse covil um sentimento de incommodidade; estive por instantes a retirar-me.

— Aqui está essa pobre rapariga, disse-me a velha entrando; isto não vae bem, como ides ver, senhor.

E arquejante do esforço que lhe haviam custado os degraus que subira, encostou-se na chaminé; depois, tendo espivitado a vela e atiçado o fogo, retirou-se, dizendo:

— Eu creio que miss Edwards deseja estar sózinha comvosco, senhor; eu vos deixo. Si precisardes de alguma cousa, em casa ha gente.

Ella fechou a porta, e eu respirei um pouco mais livremente; sua presença me suffocava. Cheguei para a cama uma das cadeiras e a mesa, sobre a qual puz a vela. Uma mulher estava estirada na cama, envolta em sua roupa em desordem e com a cara escondida nas mãos.

— Soffreis muito? perguntei-lhe, procurando arredar-lhe uma das mãos.

Queria ao mesmo tempo tomar-lhe o pulso e ver-lhe a cara ; mas seus dedos estavam fortemente apertados , e não pude conseguil-o : quando renovava esta tentativa , sahia-lhe do peito um gemido imperceptivel.

— Então soffreis muito , repeti ; permitti-me ao menos, senhora , que faça tudo o que estiver em meu poder para alliviar-vos.

Ella não tirava as mãos da cara.

— Vamos , disse-lhe , eu sou o doutor * * *. Mandastes chamar-me , aqui estou ; dizei-me onde vos doe. Porque me escondeis assim vosso rosto ?

— Pois bem , conheceis-me ?

Dizendo estas palavras , que eram antes um grito debil e sentido do que vozes , ella sentou-se na cama , e com ambas as mãos puxou para as fontes os caxos de seus cabellos pretos. Vi um rosto pallido e descarnado , que fitava em mim olhos cheios de angustia e de terror. O repente imprevisto e a singularidade d'este movimento me haviam surprehendido. Ella permaneceu longo tempo na mesma attitude , respirando penosamente e por arrancos , e continuando a fitar em mim olhos sombrios e terriveis que me enchiam de assombro. Pouco e pouco , lentamente , fui reconhecendo-a ; suas feições se representaram á minha memoria taes quaes eu as tinha visto em outro tempo : involuntario arripiamento me fez tremer o corpo todo , e nunca me hei-de esquecer da sensação dolorosa , do suor gelado , que me correram por todos os membros.

— Hortensia ! é possivel ? . . .

Eu levantava as mãos , consternado ; ainda duvidava e não sabia si meus olhos me não illudiam. Ella não respondeu nada ; porêm abanou vivamente a cabeça durante alguns segundos , e cahiu exhausta sobre o travesseiro. Quiz fallar-lhe , pegar-lhe na mão ; porêm estava tão agitado , acabava de receber um abalo tão extraordinario , que permaneci alguns momentos incapaz de fallar e de obrar. Quando tornei a mim , ella estava desmaiada. Deus ! que ruina ! e que era feito d'essa belleza ? Que ! este ente estragado, envelhecido em sua mocidade e em sua flôr , descarnado , ferido com o ferrete da devassidão , esta mulher repellida por todos e morrendo na espelunca do vicio vulgar e grosseiro , era ella ! era a donzella brilhante que embellecêra os dias de Bath e

da mais elegante sociedade dos Tres Reinos! Hortensia, a amiga de minha mulher, a môça encantadora que eu tinha visto, antes do nosso casamento, tão mimosa, tão prazenteira e tão digna de estima e de amor!

Um vidrinho de saes, que eu trazia sempre commigo, restituiu-lhe o uso dos sentidos; suas palpebras se foram levantando lentamente, e quando seus olhos se descobriram e se fitaram em mim, ella os cobriu immediatamente. Hortensia voltou-se por um movimento rapido e convulsivo, e cruzou de novo as mãos sobre a cara que queria esconder.

— Miss Bentley, disse-lhe lembrando-me de seu nome de familia, em nome do céo! socegae! Si continuardes assim, não poderei ser-vos util em nada.

Quando ella ouviu seu nome de familia sahir de meus labios, a impressão que sobre ella fez esta palavra teve alguma cousa de verdadeiramente horroroso. Abanou novamente a cabeça como si tivesse querido dizer: « Não, não, eu já não me chamo assim. »

— Vós não tendes medo de mim, disse-lhe, e nem podeis ter. Eu desejo sinceramente ser-vos util; dignae-vos pois de dizer-me onde soffreis.

— Aqui! exclamou ella, pondo a mão esquerda sobre o coração, com uma expressão tão tragica e tão amargamente profunda, que o homem o mais depravado e o mais affeito aos artificios da seducção se teria arrependido, si tivesse podido vêl-a e ouvil-a quando ella pronunciou esta palavra unica. Procurei disfarçar minha emoção; peguei-lhe na mão, tomei-lhe o pulso, e tentei encerrar-me nos deveres da minha profissão.

— Sentis algumas dôres do outro lado? perguntei-lhe.

Ella respondeu por um aceno de cabeça affirmativo.

— Escarraes sangue? Respondei-me, miss Bentley.

— Miss Bentley! miss Bentley! Para que este nome? porque m'o daes? Eu não me chamo assim, estaes zombando; ah! isso é cruel! isso é cruel! Demais, eu o esperava....

Depois de ter pronunciado estas palavras, Hortensia deixou correr uma torrente de lagrimas que a alliviaram; eu me sentei, e por algum tempo guardamos silencio. Emfim, ella me disse em meia voz:

— Eu penso de bôa mente que estaes admirado e indignado... de me verdes aqui... Sem duvida... sem duvida... ter-vos-hão dito tudo.

— Fallaremos d'isso mais tarde; occupemo-nos primeiro de vossa saude. Estaes muito mal, pelo que me parece; porque me não mandastes chamar mais cedo? Ha muito que soffreis? Si eu tivesse sabido que precisaveis de meus cuidados, ter-me-hia apressado a virvol-os offerecer. De certo, Hortensia, não m'os terieis pedido duas vezes.

— Eu não ousava, não ousava, doutor; até estou pezarosa de vos ter mandado chamar. Vossa presença e vossas palavras me doeram e me fizeram ficar quasi louca; como estaes vendo, eu padeço horrivelmente, aqui, aqui, no coração. É um inferno, accrescentou ella, pronunciando esta ultima syllaba com uma vibração penetrante e com um tom que revelava dôr insupportavel.

— Reprimi essa violencia, disse-lhe eu, ou a minha presença aqui viria a ser absolutamente inutil. Que loucura é esta? de que vos póde ella servir? e para que me demorarei aqui quando me tiraes os meios de vos ser util?

Ella não disse nada, porêm tossiu com violencia; depois assentou-se e procurou seu lenço, que d'ahi a um momento vi banhado de sangue: tinha-lhe arrebentado um vaso no peito.

Eu estava extremamente assustado. Como ella era forçada a servir-se incessantemente de seu lenço, este ficou logo incapaz de prestrar-lhe para mais nada. Com um aceno, indicou-me as gavetas da velha commoda; comprehendi-a e tirei um lenço branco, que em breve ficou como o outro, ensopado de sangue e inutilisado: foi necessario substituil-o. Nos intervallos d'esta cruel manobra, ella tentava fallar-me, mas eu atalhava-a; e, olhando para ella com o ar o mais solemne e o mais grave:

— Em nome de Deus! disse-lhe, calae-vos; uma palavra mais, e estaes morta: vossa vida está suspensa.

Seus labios se agitavam ainda para fallar-me.

— Repito-vos, exclamei tomando-a pelo braço, que esta morte será um suicidio, e que todas as consequencias de tal acto pesarão sobre vós!

Um sorriso, que seria difficil characterisar e fazer comprehender, um sorriso como labios humanos nunca tinham talvez formado, lhe deslizou um momento a bôcca; depois serenou-se. Resolvi sangral-a. Talvez se maravilhem de me ver obrar assim, e tirar mais sangue de uma mulher que já tinha perdido tanto: meu fim era debilitar a acção do cora-

ção, e diminuir assim o volume de sangue que elle derramava no vaso arrebentado.

Quando ella viu meus preparativos, a lanceta que brilhava n'uma das minhas mãos e o velho jarro rachado em que peguei, mostrou-me todos os pannos tinctos de sangue que estavam sobre a cama; depois murmurou com voz muito debil e com ar de espanto:

— Ainda mais sangue!

— Ficae tranquilla, disse-lhe, confiae em mim.

Assim que a sangrei, desmaiou; côr parda e embaciada que annuncia a morte passou-lhe pelo rosto como uma nuvem sombria, e ella disse respirando apenas:

— Acaso estou morrendo?

Atei-lhe o braço o melhor que pude; escrevi uma receita sobre o primeiro pedaço de papel que se me offereceu, e, apezar de minha repugnancia, abri a porta e chamei.

— Ah! disse a mulher que entrou n'aquella toca, toda coberta de fitas desbotadas e de flôres murchas, está acabado; Sally mandou-se mudar?

— Calae-vos, lhe disse; levem isto já e já á botica mais visinha.

Pouparei ao leitor uma multidão de particularidades cuja nudez asquerosa não augmentaria em nada o interesse d'esta narração. Foi a *mãe*, como a chamavam, que se encarregou de ir buscar a beberagem. Quando voltou, chegou-se para a cama como si se interessasse pela doente, e me dísse baixinho:

— Ella está muito peior?

— Sim, senhora: ella requer os maiores cuidados; si se não tomar sentido, não ha-de passar a noite.

— Não seria melhor mandal-a simplesmente para o hospital?

E fitou em mim olhos estupidos e pasmados.

— Ella não se deve arredar da cama, ouvis? Deve ficar deitada muito tempo e no maior socego, e desde já vol-o previno!

— Vós me previnis! e que diabo quereis que eu faça d'ella? eu não tenho hospital de mulheres doentes!

Custou-me a suffocar minha indignação.

— Vamos, minha bôa mulher, tende um pouco de dó d'esta infeliz; é o seu leito de morte.

— A todas os diabos do inferno os leitos de morte! Quem ha-de pagar as despezas de suas molestias? Não eu certamense, e que me obrigará a isso!... Mas, a proposito, Sally,

continuou ella aproximando-se da cama, vós tinheis dinheiro ha alguns dias, que fizestes d'elle?

Afastei-a da cama, dizendo-lhe:

— Ide-vos para o vosso quarto, nós arranjaremos tudo isso.

Mas ella não parecia querer entender-me. Puz-me diante d'ella, e, olhando-a com olhos raivosos, disse-lhe:

— Vós mataes esta mulher; ide-vos embora!

E, empurrando-a pelos hombros, fechei a porta.

A doente tinha ouvido toda esta conversação, que, como bem se póde pensar, a agitára cruelmente. Aproveitei o momento em que ella me queria fallar:

— Deveis deixar-me fallar só, disse-lhe; um movimento de cabeça bastará para me dardes a conhecer vossa approvação ou vossa desapprovação: direis *sim* ou *não* por acenos. Julgaes que, si uma mulher idosa e respeitavel, addida ao dispensatorio de Londres, viesse aqui tratar de vós, os moradores da casa consentiriam n'isso? Julgaes que ella vos poderia prestar os serviços necessarios, até o momento de deixardes esta casa?

Vi que minhas ultimas palavras lhe causavam admiração. Ella abaixou a cabeça em signal de assentimento.

— Quando tiverdes melhoras, consentireis em ser transferida para um dispensatorio que conheço, e onde sereis muito bem tratada?

— Sim, respondeu ella por um aceno.

— Deveis alguma cousa aqui?

— Ah! o meu crime tem pago tudo, replicou ella fracamente.

Ordenei-lhe o silencio, e prosegui:

— Agora nos entendemos optimamente; adeus. Não me posso demorar mais tempo, e vós precisaes de descanço. É preciso arejar este quarto, e deveis ter alguem que vos dê o remedio. Eu vou recommendar á gente da casa que vos deixem socegar; sobretudo não falleis, debaixo de nenhum pretexto, por nenhum motivo, em nome de todas as vossas esperanças n'esta vida, de todos os vossos receios pela outra... eu vol-o ordeno! Deus vos proteja! até ámanhãa.

Eu ia sahir; ella me chamou, procurou alguma cousa debaixo do travesseiro, e tirou uma bolsa que. me apresentou.

— Vamos, disse-lhe, deixae-vos d'isso.

— Mas a vossa visita deve ser paga, murmurou ella.

— Vós sois para mim uma doente de dispensatorio, e o meu dever é tratar-vos... Tudo é inutil, acabemos com isto... ou não me tornareis a ver.

Ella deixou cahir a bolsa sobre a cama, pegou-me na mão, alçou os olhos para mim com uma expressão bem dolorosa, e eu senti suas lagrimas cahirem ardentes sobre meus dedos.

— Uma palavra, uma só palavra, murmurou ella, vós não direis á vossa mulher....

Prometti-lhe não dizer nada, persuadido que minhas primeiras palavras, logo que me recolhesse para casa, seriam contrarias ao que eu havia promettido. Ella suspirou, e eu vi com prazer que a beberagem calmante principiava a produzir seu effeito. Fui-me esquivando. A vela tinha se apagado, e eu desci ás apalpadellas os degraus quebrados das escadas cujas paredes me sujaram todo de caliça. Aos meus ouvidos chegavam vozes de mulheres e de homens, gritos de colera, clamores, imprecações que partiam dos quartos debaixo, onde se tinha travado uma contenda violenta, das que esses logares costumam ser theatro. Que asylo de repouso para a desgraçada, estendida no leito do terceiro andar!

Foi uma scena bem significativa e bem digna de um pintor essa de que eu fui testemunha; mas não me atrevo a fazer figurar aqui essas personagens horridas, dar-lhes falla e vida, nem copiar seus gestos asquerosos. Todavia, nem o moralista, nem o artista se teriam ahi detido sem que sua curiosidade fôsse fortemente excitada, sem que um tal quadro, uma tal lição fizessem sobre elle uma impressão singularmente profunda: era a derradeira expressão do vicio social, tal qual o fabricam e o derramam as nossas immundas capitaes. Arrimado ao guarda-chuva que eu tinha conservado, parei nos ultimos degraus da escada, d'onde contemplei esta scena. O passadiço estava cheio de mulheres e homens da ultima classe, que cercavam uma mulher furiosa cujos gritos de raiva cobriam todas as outras vozes. Tratava-se de um relogio furtado. Attrahido pelos clamores, um watchman procurava, com seu bastão na mão, abrir caminho por entre elles. Um rapaz, notavel ao mesmo tempo pela elegancia de seu trajar e pela negligencia que n'elle reinava, repetia de continuo: « Ella me roubou! ella me

roubou! » Relatava as circumstancias do roubo, e a accusada o interrompia com brados espantosos e maldições obscenas que julgo desnecessario reproduzir. A entrada da porta estava obstruida: embalde eu procurava romper pelo meio dos moradores da casa e de seus escandalosos amigos; determinei-me a puxar pela aba de seu vestido a proprietaria, que se voltou, com os olhos afogueados, ar encolerisado, e me disse:

— Que quereis?

— Tenho duas palavras que dizer-vos.

— Duas palavras que dizer-me! escolheis bem o vosso tempo, e eu tenho muito pouca vontade de dar á taramela comvosco. Este patife, accrescentou ella, quer desacreditar a minha casa; pretende que o roubaram! faz a justiça invadir o meu domicilio!

E continuou suas maldições e suas blasphemias com nova violencia.

— Peço-vos que vos lembreis que lá em cima está uma infeliz em perigo de vida.

— Pois bem, Josephina, conversa com o senhor, que eu tenho mais que fazer.

Aquella a quem a velha dirigia a palavra sahiu do meio da turba que a rodeava e me levou para uma especie de locutorio obscuro e mal arranjado; e ahi, ainda toda agitada da vehemente disputa em que tomára parte, perguntou-me cortezmente o que lhe eu queria dizer.

— Nada, sinão que miss Edwards está doente, e que eu a conheço.

— Oh! lá por isso, exclamou ella, mil outros a conhecem!

— Silencio! mulher! interrompi indignado; eu vos digo que sou eu que tomo cuidado, e cuidado especial, de miss Edwards, que ella está muitissimo mal, que a menor negligencia causará sua perda, e que vós respondeis por ella. Si os maus tratos ou a bulha da casa a matarem ou apressarem sua morte, sereis culpada de assassinio, e eu serei parte contra vós.

— Deveras isso me faz pena, senhor; a pobre rapariga é tão docil, tão bôa! não ha ninguem aqui que a valha: que se póde fazer por ella?

— Deixal-a descançar, fazer com que haja socego na casa;

d'aqui a uma ou duas horas mandarei uma enfermeira para tratal-a.

— Mas, meu Deus! senhor, como poderá ella pagar a vós e á enfermeira? Ha já muito tempo que ella está doente, e não tem dinheiro.

— Não vos dê isso abalo; tudo o que vos peço é que tomeis sentido no que acabo de vos recommendar. Eu hei de vir ámanhãa de manhãa muito cedo, e espero que minhas recommendações não terão sido inuteis; e si por acaso fôssem desprezadas, não vos seria muito facil livrar-vos da responsabilidade. Tomae sentido; eu conheço particularmente o *constable* d'este bairro, e uma palavraminha vos custaria caro.

Ella prometteu obedecer-me, conduziu-me respeitosamente até á porta, e conseguiu restabelecer a ordem e o silencio. Foi com prazer que me vi no meio d'essa rua sombria e açoitada pela chuva, caminhando por essa calçada escorregadia e desigual; a cloaca d'onde eu sahia me tinha causado horror e nojo, sua atmosphera estava polluida: eu era feliz de respirar emfim o ar exterior. Uma onda amarga de recordações confusas veio assaltar-me o pensamento e me mostrou essa pobre Hortensia, nos dias de seu esplendor e de sua belleza, virtuosa, feliz, brilhante, adorada, e agora criminosa, envilecida, moribunda; e este contraste poderoso esmagou meu espirito com peso doloroso. A travéz de que desgraças e de que culpas tinha esta desditosa creatura passado para chegar a semelhante estado? Eu teria querido penetrar o segredo d'esta vida, e receava penetral-o; sombrio interesse se ligava a esta existencia culpada.

Davam duas horas da madrugada, quando cheguei á porta do dispensatorio. Custou-me muito a achar uma enfermeira. Receitei os remedios necessarios, e disse á mulher que escolhi, para preencher este officio, que me mandasse avisar, si durante a noite o mal tomasse character assustador. Quando me recolhi, minha mulher me interrogou curiosamente, e me constrangeu a faltar á promessa que de mim exigira miss Edwards. Esta noticia inesperada fez indizivel impressão sobre ella. O leitor comprehenderá melhor o seu pasmo quando souber em que circumstancias se travou a amizade de minha mulher com essa desgraçada.

A mãe de Hortensia, quando nós a conhecêmos, tinha

enviuvado de um capitão que servira a Companhia das Indias Orientaes; seu marido a deixára pobre, e ella tinha alugado, perto de Bath, uma casa cuja sublocação lhe dava alguns lucros. Era uma mulher de muito bom modo, de genio brando e ameno, porêm fraco e destituido de vontade nas acções decisivas da vida. A elegancia e graça de seu trajar, suas maneiras excellentes, sua conversação cheia de interesse, captivavam ao primeiro encontro, e era gosto morar sob o mesmo tecto com uma mulher cuja sociedade tinha tanto encanto e attractivo. Eu havia conhecido o marido d'ella, e a joven Hortensia tinha deixado em meu espirito uma impressão e uma lembrança agradaveis; havia porêm bastante tempo que eu tinha perdido de vista toda a familia. No terceiro anno do nosso casamento, obrigou-me a saude de minha mulher a leval-a para o campo, e eu escolhi os arrabaldes de Bath. Andavamos juntos procurando a casa onde desejavamos ir morar, e o acaso nos conduziu á morada de mistriss Bentley, mãe de Hortensia. Um criado nos havia servido de guia a travéz de varios aposentos adornados com elegancia, quando passámos por diante de um locutorio que estava com a porta entreaberta. Sentada diante de uma estante e occupada a ler, attrahiu minha attenção uma menina da physionomia a mais dôce e a mais melancholica, a mãe sahiu do mesmo locutorio, e eu reconheci-as ambas. Os annos tinham desenvolvido na menina um character de belleza terno e severo ao mesmo tempo.

— É uma madona de Raphael! exclamou minha mulher.

— É minha filha, respondeu mistriss Bentley, o objecto de todos os meus desvelos e de todo o meu amor n'este mundo.

Apresentei minha mulher áquellas senhoras, e a amizade ficou logo feita. Encantada de seu bom modo e de sua amabilidade, minha mulher quiz morar em casa d'ellas, eu voltei para Londres. Em todas as suas cartas, ella me fallava do character engraçado e brando, do espirito vivo e notavel que distinguia a madona; é assim que ella a denominava. Em breve este titulo poetico veio a ser o appellido pelo qual miss Bentley foi conhecida em Bath. E com effeito, a semelhança de Hortensia com a *Virgem à la Grappe* tinha alguma cousa de notavel. O enthusiasmo e affeição de minha mulher por esta amavel creatura augmentavam á medida que

ella a ia conhecendo melhor; e eu mesmo, quando vinha passar alguns dias em Bath, ficava fascinado pelo encanto da doçura engenhosa, das maneiras engraçadas e da ingenuidade picante da madona.

Bath é um ponto de reunião de ociosos, uma grande casa de campo da frequencia dos homens elegantes; dentro de pouco tempo foi a môça tão conhecida e tão geralmente admirada, que esta celebridade se lhe tornou penosa. Ella não podia sahir á rua, que se não visse seguida por uma multidão desvelada, toda liberdade de acção lhe era roubada por esta homenagem publica e absurda rendida á sua belleza. A importuna perseguição dos dandys fazia-a verdadeiramente miseravel; ella era escrava de sua superioridade, e pagava-a caro, como sempre acontece. Os escriptos de amores, os versos laudativos, as cartas anonymas, choviam de todas as partes em casa de sua mãe. Quasi todos os estrangeiros de distincção que se achavam em Bath rendiam homenagem á donzella; a mesma realeza se dignou de dirigir-lhe essas palavras lisongeiras que são como um titulo de nobreza para a pessôa a quem são dirigidas. Em sua ingenuidade, ella confiava á minha mulher todos os sentimentos que a agitavam. Nada era mais puro que sua alma. Sua affeição por sua mãe a impedia de acceitar varios casamentos que se apresentavam; ella não podia sem afflicção separar-se d'ella, mesmo por alguns instantes. Uma só fraqueza (e essa fraqueza a perdeu!) se mesclava com as encantadoras qualidades da donzella: ella se pejava de sua posição. Sua educação, suas idéas romanescas, desdouravam a seus olhos a especie de especulação, aliás innocente, que provia aos misteres de sua mãe e aos seus proprios. Isso era assumpto de contenda sem amargura entre minha mulher e ella. Que de vezes, reclinando sua cabeça delicada e seu pescôço de cysne, exclamou ella:

— No emtanto minha pobre mãe está reduzida a sublocar aposentos!

— Eu não vejo n'isso nem opprobrio, nem desgraça, nem aviltamento, respondia-lhe minha mulher.

Quando eu fallava da extraordinaria belleza que distinguia Hortensia, e que, unida com sua pobreza, com a graça de suas maneiras e com a excellencia de seu espirito, multiplicava os perigos em torno d'ella, minha mulher costumava interromper-me com estas poucas palavras:

— Ella é muito altiva para se perder.

— Essa mesma altivez, replicava eu, será o instrumento de sua ruina.

O tempo se encarregou de provar que eu não me tinha enganado. Foi essa mesma altivez que a precipitou no abysmo que devia devoral-a; foram sua confiança em si mesma, sua fé em suas proprias forças, que a levaram serena e tranquillamente á borda do precipicio em que a fez cahir o mais leve sopro.

Hortensia gostava dos romances, que eram a sua leitura predilecta: essas paginas impregnadas de sentimentos falsos, essas idéas e pinturas absurdas, essas narrações em que a verdade desapparece sob a mentira das côres, em que os objectos e os homens não se apresentam sinão privados de suas proporções naturaes e como que torcidos em mil caprichosas fantasias, esses paradoxos de uma moralidade depravada ou de um sentimentalismo enfermo, infiltravam, por assim dizer, todo o seu veneno no espirito e na alma da donzella, nas horas vagas que lhe deixavam suas occupações. Rodeada de homenagens, lisongeada pelos mais ricos, adorada pelos mais poderosos, toda esta embriaguez de vaidade que se apoderava da existencia da donzella constituia uma situação assaz romanesca em si mesma para augmentar os perigos d'essas ficções enganadoras, e completava a illusão mental que devia arruinar a pobre Hortensia. Todos estes perigos não assustavam a mãe, que se prostrava ante as qualidades de sua filha como ante um idolo; ella só via a graça, a dedicação, a eminencia d'alma, que distinguiam sua filha. Communicar-lhe nossos receios teria sido indecencia e barbaridade. Minha mulher, depois de tres mezes de residencia em casa de Hortensia, voltou para Londres, e supplicou á môça, por quem tinha concebido viva e sincera affeição, que lhe escrevesse com frequencia. Esta correspondencia, começada com zelo, foi-se tornando languida, até que se rompeu de repente. O nascimento dos nossos filhos, o cuidado dos nossos negocios pessoaes, riscaram-nos do pensamento o vestigio brilhante que n'elle havia deixado a madona de Bath; e não tinhamos ouvido fallar d'ella desde dous annos, quando Sally Edwards m'a restituiu tão cruelmente desfigurada.

No momento em que eu estava contando á minha mulher

os acontecimentos da noite, seus olhos se fixaram sobre duas bolsinhas de velludo de seda, mimo elegante que miss Bentley nos fizera outr'ora, e que ella bordára com desvelo: toda a noite se passou n'uma agitação muito natural, e que o leitor conceberá facilmente; eu mesmo não podia, apezar da evidencia, persuadir-me que a miseravel Sally Edwards fôsse identica com a bella Hortensia. Ás nove horas da manhãa já eu me achava em casa d'ella: ah! todas as minhas duvidas se esvaeceram; era ella mesma, eu não o podia duvidar, apezar da pallidez esverdinhada de seu rosto, sobre o qual reinava uma tintura cinzenta, a despeito da immundicie de seu leito em desordem, apezar do vacuo horrendo de suas faces cavadas e de seus olhos amortecidos. Posto que seus cabellos, reunidos e grudados por abundante transpiração, lhe cahiam sobre o rosto, como a herva espessa e humida de um cemiterio cobre em parte algumas lousas abandonadas, reconheci, a travéz d'essa espantosa transfiguração, a bella madona de outro tempo, as delicias de Bath; mas que mudança! Aquelles olhos que radiavam de alegria, de orgulho e de belleza, aquelles compridos cabellos pretos trançados em madeixas sobre o alabastro de uma testa lisa, eil-os agora! Alma innocente! graças angelicas! pureza adoravel! que é feito de vós! Pobre anjo decahido, como é profunda a tua queda!

A enfermeira fez um movimento que despertou a doente; mas esta não se mexeu, abriu os olhos, olhou fixamente para a parede para a qual estava virada, e deixou cahir suas palpebras; foi voltando vagarosamente a cabeça para o meu lado e fitou em mim olhos apathicos e arregalados, nos quaes veio pintar-se uma expressão de susto e de terror extraordinario: augmentou-se a pallidez morbida de seu rosto, seus labios se entreabriram lentamente; não houve sorriso, nada que indicasse que ella me reconhecia: terieis dito que um espectro a acordava em seu sonho. Sua vista me gelava.

— Hortensia! disse-lhe, miss Edwards, como vos achaes?

— É... é... respondeu ella, tão baixo que apenas se podia ouvil-a, e sem despregar de mim seus olhos embaciados e extinctos.

— Soffrestes muito esta noite? perguntei-lhe.

Sem abrir os labios, sem cessar de olhar para mim, com

uma perseverança e immobilidade singulares, deitou fóra da cama sua mão emmagrecida, alva, transparente e debil, e pol-a sobre o coração.

Voltei-me para a enfermeira e lhe disse em voz baixa:

— È o effeito do opio; ella ainda está adormecida.

A doente abanou a cabeça, como si tivesse querido contradizer-me. Sempre o mesmo olhar petrificado; já eu ia principiando a crer que sua razão estava atacada, quando ella exclamou:

— Eu julgava que nunca mais acordaria!... Ah! continuou, repetindo as ultimas palavras que eu tinha proferido ao deixal-a, esperança n'este mundo... receio pela outra vida!

È evidente que, durante toda a noite, estas palavras tinham, por assim dizer, adejado a travéz de seu pensamento deserto e em seu cérebro perturbado.

— Tenho varias perguntas que fazer-vos, continuei; não tereis de que vos queixar de mim.

— O' doutor! respondeu ella com tom surprehendido e descontente, como si me tivesse querido exprimir que esta advertencia era inutil.

— Pois bem, como vos achaes? que sentis? respondei-me o mais baixo que vos fôr possivel.

— Estou viva: eis-ahi tudo, doutor; parece-me que me perturbam no meu tumulo. Que mulher é esta? perguntou-me ella apontando para a enferma.

Disse-lh'o; ella estendeu a mão a essa mulher, e exclamou:

— Sois muito bom para mim, eu não o mereço.

— Eu cumpro com o meu dever, e todo doente tem direito aos meus cuidados.

— Mas eu sou uma mulher tão envilecida!

— Acabemos com taes discursos: não sentistes alguma cousa que suffocava desde hontem?

Ella fechou os olhos e ficou dous minutos sem me responder.

— Eu... eu não posso fallar, replicou soluçando e com os labios tremulos de commoção.

Vi que os sentimentos e idéas que lhe acodiam de tropel a dominavam e esmagavam. N'este estado tão precario de saude, com a vida suspensa por um fio, com a constituição destruida, com um vaso arrebentado no peito, o menor abalo podia dar cabo da moça e feril-a de morte. Julguei que era

melhor interromper a minha visita e confial-a aos cuidados da enfermeira, do que expôl-a ás consequencias d'esta agtiação mortifera que minha presença concorria para aggravar. Recommendei-a portanto á enfermeira, e prometti que voltaria de tarde, si fôsse possivel. Tardava-me o transferir miss Edwards para as sallas arejadas. e salubres do dispensatorio, onde ao menos poderia ser tratada com exactidão e desvello; e esses miasmas de corrupção, de doença, de depravação que a rodeavam, iam ser substituidos por um ar puro, por um aceio completo, por cuidados vigilantes.

Voltei todos os dias e muitas vezes fazia duas visitas; um progresso quasi ensensivel, porêm real, ia-se operando no seu estado; não houve recahida, e, posto ella tivesse muito debil, o escarro de sangue não se apresentou mais: suas respostas eram pronunciadas com voz fraca e indifferente; grande desanimo, deploravel prostração das faculdades intellectuaes pareciam absorvêl-a e anniquilar-lhe seu pensamento. Um dia ella tirou debaixo de seu travesseiro uma bolsa na qual se achava uma nota do banco de cinco libras sterlinas, metteu a nota na mão da enfermeira, apertou vivamente-a, e, com ar supplicante disse-lhe que a guardasse para si. Tendo a enfermeira recusado, tornou a metter a nota na sua bolsa e suspirou profundamente.

— De veras, senhor, teríeis tido dó, disse-me a enfermeira quando me fez esta triste narração; era dôr de coração.

Apresso-me a atravessar uma semana inteira de languidez e expectação. Oito dias depois (era 15 de outubro), achando melhora em miss Edwards, avisei a infame dona da casa que no dia seguinte eu levaria a doente para o dispensatorio. Hortensia recebeu esta noticia com apathia. Na manhãa do dia em que devia ter logar esta translação, ia eu passando rapidamente pelo corredor da entrada, envergonhado de me achar em semelhante sitio, quando me chegaram aos ouvidos algumas palavras confusas, parei, reconheci que os nomes de Sally e de Edwards eram frequentemente pronunciados no meio de uma conversação animada.

— Digo-vos que é preciso que vos avieis, dizia o homem resmungando. Que diabo! ha uma semana que não fazemos nada que preste, e que andamos dando passadas inuteis; é debaixo do travesseiro que ella o esconde.

— Mas essa mulher velha que a está tratando, respondeu a megera, que fareis d'ella?

—Com um safanão arranja-se tudo; vós sabeis como eu me livro da gente: o velho Jenkins, lembraes-vos d'elle?

Houve aqui uma especie de riso surdo, duplo e com écho, que me horrorisou.

— Podereis tambem, proseguiu o homem, ir fazer a cama e apanhar a bolsa; isso não seria mau e não exporia a ninguem.

— Oh! ella me detesta muito, não havia de consentir: e essa enfermeira que não está lá sinão para fazer a cama; deveis ser vós, Tom.

—Pois bem, seja; mas ha um diabo de medico que está sempre lá.

— É verdade, é verdade, devemos tomar sentido.

—Elle espera como nós pelo momento de metter o dente no bôlo; a isso chama remuneração.

Uma voz que eu ainda não tinha ouvido exclamou:

—Mamãe, lembrae-vos que a pobre Sally está moribunda.

—E que importa isso? pois ella não vae para o dispensatorio, onde será tratada de graça?

—É preciso acabar com isto, tornou o homem, está decidido.

Arremessei-me, dirigi-me na carreira para a morada do *constable* do bairro, e não tardei a voltar acompanhado de um official de justiça a quem expliquei o negocio. Quando nos apresentámos, estava de sentinella na porta uma mulher que entrou precipitadamente para dar aviso; o official de justiça foi atraz d'ella, agarrou-a no corredor e prendeu-a; e, como ella queria gritar, ameaçou-a com seu bastão de modo a impôr-lhe silencio.

—Calemo-nos, disse-lhe elle baixinho, eu quebro-vos este bastão na cabeça. Doutor, subi, eu vos seguirei; demoro-me aqui para conter a esta senhora.

Em um minuto cheguei ao quarto de miss Edwards. Grande foi o meu espanto quando vi sentado no logar que eu occupava ordinariamente, junto ao leito, nm homem da mais infima classe cujas feições sinistras pareciam cançadas pelo vicio e pelos excessos: elle parecia muito socegado, estava conversando com a enfermeira, que lhe fallava com voz commovida. Ao ruido que fez a fechadura quando abri, elle voltou-se, introduziu rapidamente a mão debaixo do travesseiro

e dirigiu-se para a porta mcdindo-me com ar de bravata. No momento que elle ia a sahir. apresentou-se o official de justiça e o agarrou pelo pescôço.

— Prendei-o! exclamei, elle acaba de furtar alguma cousa!

— Eu furtei! O que é que eu furtei?

Elle voltava-se para mim com ar furioso. O official de justiça tirou uma pistola da algibeira, engatilhou-a e ameaçou com ella o miseravel.

— Vamos, vamos, disse-lhe, tudo isso de nada serve, calemo-nos. Tom, si queres que te leve vivo, fica quieto e avieino-nos.

Tom não parecia disposto a se deixar prender, apertava os punhos e se preparava para uma resistencia activa.

— Doutor, disse o official de justiça, eu sinto muito que isto vá assustar a doente; porêm vou ver-me na obrigação de atirar n'este senhor.

— Oh! exclamei, peço-vos por mercê que não façaes tal; vós a matarieis.

O official de justiça apertou com mais força, e, enterrando profundamente seus dedos de ferro na garganta do preso:

— Escuta-me, Tom, disse-lhe, ouve a razão, ou, si fazes a menor resistencia, mato-te.

O cano da pistola se achava no ouvido do bandido.

— Tu podes assassinar-me! bradou Tom, que de repente tomou uma attitude passiva e tremula, de altiva e ameaçadora que tinha sido; onde está o teu mandato?

— Eil-o! respondeu o official de justiça, enterrando mais o cano da pistola no tympano do ouvido de Tom; vae ao diabo!

— Compaixão! compaixão! exclamou a fraca voz de miss Edwards, que se sentou na cama e deu profundo gemido.

Ella ajoelhou, pondo as mãos e com os olhos voltados para o grupo que estava diante da porta. Era uma scena tão pathetica que nunca me ha de esquecer: precipitei-me para ella, suppliquei-lhe que se tranquillisasse e disse-lhe que ella não tinha nada que recear.

— Perdão! perdão! não o mateis! não o mateis! clamou ella com medonha agitação.

Entretanto o official de justiça foi arrastrando o seu preso, cujo furor se tinha amortecido, e me acenou que fe-

chasse a porta. Depois que corri o ferrolho, elle me gritou:

— Esperae, até que eu volte!

D'ahi a alguns minutos restabeleceu-se o silencio, e eu fiquei só junto com a doente durante perto de um quarto de hora: assaltaram-me os mais vivos receios; a hemorrhagia podia reapparecer, os miseraveis moradores da casa precipitar-se no quarto de miss Edwards, e a infeliz succumbir em alguns minutos a tantas commoções. Ella estava estirada na cama; sua respiração era alta e irregular. Vi-a ir pouco e pouco socegando.

— Aquelle homem, disse-lhe, tinha-se introduzido no vosso quarto para roubar-vos.

— Eu vi a cara d'elle! vi a cara d'elle! exclamou ella toda tremula; foi elle que assassinou uma das....

Tremia-lhe o corpo todo. Uma fraca dose de laudano a acalmou, e já suas palpebras se iam querendo fechar, quando o official bateu de vagar na porta, e me disse que o miseravel estava na cadêa e o dinheiro em segurança.

— Senhor, accrescentou elle, apressae-vos a tirar d'aqui a doente e a mandal-a transportar para o dispensatorio; toda a visinhança está povoada de bandidos, e nós não temos no bairro sinão dous officiaes de justiça para vos protegerem: decidi-vos, senhor, não ha mais tempo que perder.

Segui seu conselho; em menos de um quarto de hora, ajudado pela enfermeira, embrulhei em flanella e cobertores de lãa a pobre miss Edwards, que estava com o pulso muito baixo e ia quasi pegando no somno. Deus sabe com que prazer ouvi rodar a carruagem que nos levava e afastava esta infeliz da caverna onde eu a encontrára. Depois de havermos atravessado ruas silenciosas e desertas, chegámos á porta do dispensatorio; e o official que nos tinha acompanhado tomou miss Edwards em seus braços e levou-a para o leito que lhe estava destinado. Alguns movimentos convulsivos, acompanhados de subito rubor, me fizeram temer que esta fadiga demasiado violenta não a prostrasse completamente; mas suas faces não tardaram a desbotar-se, a agitação nervosa cessou, e a dupla esperança de sua ressurreição moral e de sua convalescença veio consolar-me e pagar-me das penas que eu tinha tomado desde o dia do nosso reconhecimento. « Talvez ella se rehabilite algum dia, dizia eu commigo; este ente perdido e infamado póde ainda vir a re-

cuperar a paz, e essa regeneração moral será obra minha. » Poucas sensações mais dôces e mais consoladoras tenho experimentado na minha vida: sentado junto ao leito d'esse dispensatorio, n'um quarto sem adornos, porêm aceado, passei uma hora a contemplar este anjo decahido, destinado a reerguer-se talvez, e que minha mão ajudára n'esse esforço.

Não me enganava. Longe da morada impura em que habitára tanto tempo, Hortensia parecia beber a longos tragos a vida e a saude. Os symptomas mais perigosos se iam apagando pouco a pouco, e á expressão de desesperação que lhe havia contrahido todas as feições ia succedendo uma especie de resignação, uma especie de serenidade dolorosa e melancholica, primeiro raio que annunciava sua volta á saude moral. Sua voz era menos debil, ia-lhe chegando o appetite, a oppressão era menos penosa, os escarros de sangue menos frequentes, a febre de cada tarde tinha menos intensidade, as noites eram menos agitadas. Já ella ia recobrando aquella amenidade de character, aquella doçura de maneiras, que a haviam feito chara a todas as pessôas que a tinham conhecido. Hortensia, que eu conhecêra tão brilhante e tão amada, ia renascendo lentamente, e já se cercava d'aquelle encanto que distinguira seus primeiros annos. Sua gratidão não rompia em violentas exclamações, revelava-se por uma multidão de attenções delicadas e de graciosos cuidados, cuja continuidade forma o mais seductor dos prestigios. A enfermeira tinha-lhe tomado sincera affeição, e, quando quizeram substituil-a, pediu como mercê que a deixassem continuar a tratar de miss Edwards.

— Ora pois, Hortensia, disse-lhe eu uma manhãa, vosso pulso está excellente; a enfermeira me disse que passastes bem a noite. Quero agora dar-vos as esperanças mais positivas; continuae, e vossa convalescença é certa.

— Minha convalescença! Pensaes que esta noticia seja uma felicidade para mim? disse-me ella com ar o mais simples e o mais ingenuo.

— É assim que ella falla sempre, senhor, interrompeu a enfermeira. Ralhae com ella, por obsequio; dizei-lhe que isso é muito mal feito.

— Sem duvida, sem duvida, prosegui, é ser falta de gratidão para com Deus, de quem miss Edwards tem recebido mercês especiaes.

— Meu Deus! como vos enganaes, doutor! eu sou muito grata, dou-vos minha palavra, e todas as palpitações do meu coração são movimentos de gratidão; mas penso que não é um crime desejar o fim d'esta vida e o principio de melhor sorte.

— A mesma piedade vos ordena que vos resigneis á vontade d'aquelle que sabe melhor que vós o que vos convêm, si a vida ou a morte.

— Mas não sentis, doutor, que o maior castigo para mim seria voltar para um mundo que me opprimiria com seu desdem?

Ella empallideceu a estas palavras

Fiz aceno a enfermeira que se retirasse um momento, e disse, depois que ella sahiu:

— Não vos inquieteis com o vosso porvir, Hortensia, eu me encarrego d'elle, e dous ou tres dos meus amigos se unirão a mim para vos proporcionarmos, si não uma existencia brilhante, ao menos um retiro humilde.

Ella queria fallar, os soluços a suffocaram; tive medo que fôsse muito viva esta emoção, e atalhei-a:

— Não encareçaes a importancia de um beneficio de pouco valor em si, e que, repartido entre varias pessôas, lhes custará muito menos do que pensaes.... Si esta obrigação vos pesa, porque não procurarieis vós mesma acudir a vossos misteres quanto em vós couber? Tendes talentos de que vos seria facil fazer uso.

— Enganaes-vos inteiramente, doutor, respondeu ella muito mais calma: vou dizer-vos um segredo que vos ha-de maravilhar.

Seus olhos se volveram para a porta; eu levantei-me, fui fechal-a, e voltei sentar-me ao pé da cama.

— Eu possuo hoje mais de 30.000 libras sterlinas.

Olhei para ella fixamente com ar de incredulidade e de admiração.

— Tomae-me por uma louca si quizerdes, porêm isto é verdade. A somma de que vos acabo de fallar está depositada no banco de Inglaterra, e me pertence toda inteira.

Uma idéa me atravessou o espirito, e eu exclamei:

— O seductor que vos deitou a perder serviu-se, pelo que vejo, de um anzol de ouro.

Ella guardou profundo silencio durante alguns minutos.

Era desdem ou dôr? não sei. Poz a mão esquerda na testa, e sahiu-lhe do peito um profundo suspiro

—Si essa somma tivesse vindo d'elle, não existiria para mim. Não, não, não, não é o premio da minha vergonha! Pois tão rebaixada estou no vosso espirito, doutor? Dinheiro! oh! nuuca! nunca!

Havia n'estas palavras horrivel amargura.

—Perdoae-me, Hortensia!

E peguei-lhe na mão, que ella deixou na minha sem me dizer nada.

—Não me offendestes nem me podeis offender, replicou ella desfazendo-se em lagrimas; é a idéa da minha propria infamia que me penetra e me mata. E é por mim, por mim miseravel! . . .

Parou de repente. e, enterrando-se debaixo do eobertor, chorou de novo.

—Doutor, tornou emfim, eu vos disse que essa somma me pertencia, e disse-vos a verdade. A morte de um de meus primos, capitão de navio, me deixou essa herança que provinha de um de nossos tios communs. Nunca me atrevi a reclamar esse dinheiro que me pertence; era preciso dizer meu nome, e eu não tinha animo de o fazer.

Depois de um momento de silencio, que a violencia de seus sentimentos parecïa tornar-lhe necessario, proseguiu:

—Muitas vezes tive fome, e não quiz pedir o que me pertencia; muitas vezes, abjecta creatura, vendi o meu corpo e a minha alma, e antes quiz isso do que reclamar as minhas 30,000 libras sterlinas. Penitencia horrivel, acreditae-me, senhor; possa Deus acceital-a, ao menos em parte, como reparação de minhas culpas! É com a face no pó que lhe offereço o supplicio merecido que tenho soffrido; pois que, por mais criminosa que eu seja, tenho padecido muito, doutor!

A intensidade de sua angustia, a realidade e amargura de seu remorso, me penetravam até o fundo da alma; confesso que eu estava embaraçadissimo para lhe responder. Felizmente ouvi os passos da enfermeira que vinha chegando, e fiz aceno a miss Edwards que se calasse.

—Ámanhãa, disse-me ella, ámanhãa vos direi tudo; vinde de tarde.

Ella parecia muito prostrada, e eu respondi-lhe que, si

não a achasse muito melhor, me seria impossivel escutal-a. Com effeito, no dia immediato ao d'esta conversação, tinham reapparecido os symptomas os mais assustadores. Esta excitação vehemente havia gasto as forças da infeliz, e sua convalescença, em vez de adiantar-se, parecia seguir marcha retrograda. Appliquei toda a minha attenção em arredar d'ella as imagens tristes que tão vivamente a affectavam, e infundir-lhe no espirito, si não a alegria, ao menos a calma. A intelligencia viva de Hortensia precisava de um alimento; e era comsigo mesmo que se recolhia, era a si mesmo que devorava este espirito ardente, quando seu remorso e sua dôr se achavam sós diante d'ella. Algumas distracções innocentes, alguns livros de religião, offereceram remedio a este perigo.

Por certo que Hortensia não teria podido viver com suas crueis lembranças, si não fôsse o poderoso movel d'essa crença religiosa, d'essa contricção profunda que ainda apresenta uma esperança aos mais miseraveis. A religião apaixonada e rigorosa que eu teria condemnado, si a tivesse visto dominar o espirito de alguma donzella innocente, devia a Hortensia o unico meio possivel de reconciliar-se comsigo mesmo e com Deus. Para o homem mundano, semelhante enthusiasmo é delirio: ah! possam todos aquelles a quem opprime o remorso escapar ao vicio e á desgraça por esta estrada de enthusiasmo e de fervor!

Eu fui exacto a comparecer.

—É hoje, disse-me Hortensia, que tencionei fazer-vos esta triste narração; tenho recuado sempre ante esta tarefa, e a unica satisfação que n'ella encontro é o doloroso sentimento de uma expiação necessaria.

—Não, respondi-lhe, é tarde; deixemos para ámanhãa esta conversação, de que só a idêa vos fatiga.

No outro dia, ás seis horas da tarde, já eu estava em casa d'ella. Leitor, eu sinto não poder apresentar-vos este quadro tal qual eu o vi. Encostada sobre coxins que a sustentavam, Hortensia estava sentada ao pé do fogo. Dupla madeixa de ébano se repartia em sua bella fronte, e os delicados dedos de sua mão esquerda se estendiam sobre seu peito. Si tivesseis visto essa malfadada menina mesmo sem conhecerdes sua historia, fitar em vós seus grandes olhos pretos, terieis ficado penetrado de enternecimento. Quando ella me ouviu entrar, largou o livro que estava lendo e pareceu invocar toda a sua coragem afim de se preparar para as tristes confissões que eu esperava. Sentei-me.

— Doutor disse-me ella, tenho desejado muito e muito tenho temido o dia em que estamos.

— Acreditae-me que não é uma curiosidade vaga, e sim um interesse profundo que aqui me traz.

— Ah! perdoae-me, doutor, é o animo que me fallece! E a pobre môça desfez-se de novo em pranto.

— Sim, continuou ella, eu sei que assim é preciso: e ainda que depois só tivesseis odio pela infeliz creatura que vos falla hei-de começar e acabar esta confissão, como um acto necessario e que talvez breve me seja levado em conta: breve ,accrescentou, porque meus dias estão contados.

— Enganaes-vos, Hortensia, eu tenho muita esperança.

— A vontade de Deus não é que eu viva; elle é demasiado bom para me condemnar a viver. . . . Mas é preciso começar esta dolorosa historia, doutor.

«Na épocha feliz em que, vivendo em casa de minha mãe, vos vi com vossa mulher, mal pensava eu no que me havia de succeder; posso dizer que eu não era viciosa, e sim orgulhosa. Minha pobre mãe deveu instruir-vos das desgraças de fortuna que a obrigaram a receber pensionarios; esta nova situação, que não deixa de ser dependente e fastidiosa, me causava um tédio mortal: mais prudente e mais calma do que eu, minha mãe dobrava seus habitos e seus gostos pessoaes á imperiosa necessidade. Eu porêm, orgulhosa do nome de meu pae, da minha mocidade e de algumas prendas pessoaes, senti-me humilhada com semelhante posição. Quantas vezes me não dirigiu vossa mnlher dôces porêm severas reprehensões a este respeito! quantas vezes não procurou ella precaver-me contra os perigos para os quaes eu corria incauta!

« Vós sabeis, accrescentou ella depois de algum silencio e sorrindo-se amargamente, vós sabeis que eu era bella então, era admirada, adorada; todos me citavam, e homenagens que me eram rendidas por altas personagens alimentavam minha vaidade de donzella. As esperanças ambiciosas germinavam no meu pensamento; a loucura lhes preparava o berço, e vós sabeis qual foi seu tumulo. Meu pulso palpitava mais veloz, meu sangue girava mais rapido com a leitura d'essas cartas supplicantes que cada dia me eram dirigidas, e d'esses livros mentirosos que eu saboreava, e que representavam a belleza como o unico movel do mundo. Um

grande casamento, alta posição, um titulo, tal era a chimera da minha mocidade. Não vos cançarei, doutor, com a narração de todas as circumstancias que produziam este amor-proprio delirante. Recusei varias propoſições de casamentos muito honrosos, e a minha primeira culpa foi affligir minha mãe. Suas admoestações timidas vinham mallograr-se contra as adulações com que me rodeavam. Os dias se escoavam sem trazerem o heroe de romance que eu tinha sonhado, sem realisarem o fantasma adorado de meus dias e de minhas noites; a eterna e enfadonha volta dos mesmos cuidados domesticos me tornava insupportavel o interior da nossa casa. As mais dôces horas da minha vida se passavam nas margens do regato de Yarwell. Levava um livro commigo, ora passeando, ora pensativa, esquecendo-me d'este mundo e cercando-me gostosa de minhas chimeras predilectas. Foi lá que n'um domingo de tarde encontrei um mancebo que, como eu, estaáva lendo, e que, apenas me avistou, recuou dous passos, olhou attento para mim, saudou-me com graça, e continuou a perseguir-me com um olhar tão perseverante e tão prolongado, que o rubor me subiu ao rosto e senti meu coração palpitar com violencia. D'esse momento dependeu todo o resto da minha vida. Qualquer que tenha sido a impressão que produzi sobre elle, nao posso ainda hoje esquecer-me da que elle produziu sobre mim. Seu rosto era bello, sua estatura elevada, suas maneiras annunciavam o uso do mundo, sua voz sobretudo tinha aquella doçura penetrante que persuade sem esforço.

« — Perturbei-vos, senhora, disse-me elle; a culpa é dos autores que ambos nós lemos, e que tão vivamente penhoraram a nossa attenção, que nos esquecêmos de tudo o mais.

« Dizendo estas palavras, seus olhos pretos e dôces continuavam a fitar-se em mim, e eu não me podia abster de resentir não sei que alegria secreta.

« — Não tendes desculpas que dar-me, senhor, disse-lhe, e eu não tenho nada que exprobrar-vos.

« Elle tornou a saudar-me respeitosamente e com ar muito circumspecto, com modestia encantadora e graça natural; fallou da belleza da tarde, do silencio e da solidão que em torno de nós reinavam. Suas palavras eram poeticas, sem emphase,

animadas de sentimento verdadeiro e delicado; elle parecia receoso de cançar-me e de me desagradar, e este comedimento, que eu comparava involuntariamente com a atrevida loquacidade dos elegantes da moda, me agradava infinitamente. Depois de me ter perguntado si o amor da solidão e de uma bella paizagem me conduzia a miudo ás margens do Yarwell, despediu-se de mim, desculpou-se de novo de me haver interrompido, e retirou-se.

« Fechei o meu livro, e, inteiramente occupada d'este incidente inesperado, sentei-me. Que fascinação se tinha apoderado de mim? Eu sentia a retirada d'esse homem que me era desconhecido, e quizera que um pretexto decente o fizesse voltar; meu coração palpitava, e, com essa rapidez de pensamento que pertence ás mulheres, já eu me inquietava de saber si a polidez com que elle me fallára não tinha por origem um sentimento mais terno, e isso me enchia de preoccupação e desassocego.

« Assim que me recolhi para casa, quiz pôr-me ao piano; meus dedos, depois de terem preludiado, vagavam pelo teclado sem poderem executar uma só peça. Minha mãe me dictou uma carta, que escrevi tão mal e enchi de tantos erros, que ella foi obrigada a recomeçal-a. Depois de uma noite bastante perturbada, assustei-me de mim mesma e comecei a presentir não sei que desgraça inevitavel. Podeis rir, doutor, d'este amor á primeira vista; mas eu conto ingenuamente minhas impressões sem desculpal-as, sem procurar o menor palliativo a minhas culpas.

« No dia seguinte, voltei ao Yarwell, com um livro na mão. Elle não veio; achei-me contrariada. No outro dia, mais commovida ainda e corrida de me ver illudida em minha esperança, tornei ao mesmo sitio, onde não encontrei ninguem. Louca! Passaram-se assim oito dias, e foi n'uma segunda feira de tarde que o vi emfim, dando o braço a um de seus amigos, porêm pallido e muito abatido, e com o braço esquerdo ao peito. Quando elle me avistou, saudou-me, pareceu sorrir-se, e o rosto se lhe cobriu de rubor. O diario da tarde me informou que o capitão Eduardo W*** (permittir-me-heis que cale seu nome) tinha brigado em duello com um membro da Camara dos Communs, que o ferira no braço esquerdo. Era elle mesmo, não padecia duvida; eu acabava emfim de conhecer seu nome.

« Crêl-o-heis, doutor? esse duello me affligiu e me causou profunda dôr. Sim, estive a ponto de desmaiar, quando soube o perigo a que elle estivera exposto. Mulher ridicula e insensata!... já eu o amava!... Para engendrarem este amor, tinham bastado sómente uma conversação de alguns minutos e a simples seducção da polidez a mais ordinaria. Minha mãe, pasmada de minha distracção, me interrogou com sollicitude; respondi-lhe que me sentia incommodada. Excellente mãe! ella mandou chamar o medico.

« Dous ou tres dias depois, tornámos a encontrar-nos; e, depois das primeiras saudações, exprobrei-lhe o combate a que elle se tinha deixado arrastrar: exprobração imprudente! era um direito que lhe eu dava, uma prova de interesse que nada me autorisava a testemunhar-lhe. Elle lançou vivamente os olhos para mim, desviou-os immediatamente, e me disse em meia voz:

« — Tenho direito para me ensoberbecer, senhora, de ter podido occupar-vos um momento.

« O mesmo arrebatamento insensato que me collocára no pendor de minha ruina apressou e precipitou a minha queda; tive a imprudencia de acceitar o offerecimento de seu braço. Emfim, pedi-lhe que, si o encontrassemos eu e minha mãe, fingisse não me conhecer. Esse dia, essa tarde, essas palavras, sellaram a minha desgraça. A consciencia de um acto culpado, de que eu estava longe de prever as ultimas consequencias, me opprimia quando me recolhi para casa. Elle estava senhor do meu segredo, estava senhor de mim. Eu fugia todas as vistas e temia encontral-as. Pela primeira vez, entrevi com alguma clareza um porvir sinistro que se preparava para mim. Eu tinha orgulho demasiado e estava muito adiantada para recuar.

« O capitão não era homem vulgar, e seu merecimento pessoal teria podido captivar uma mulher virtuosa. Em breve nossos mutuos sentimentos, confessados e reconhecidos, se converteram em paixão ardente. Minha imaginação embaida e minha fraqueza de donzella juntavam a seu merito real mil perfeições ideaes. Eu teria facilmente acreditado tudo quanto elle me houvesse dito; eu, tão altiva e tão gabada por minha prudencia, tive a loucura de dar credito a todas essas romanescas e lisongeiras ninharias com que se nutre a credulidade das mulheres. Minha sagacidade, minha

força d'alma, meu engenho, todas aquellas qualidades que de continuo se me haviam attribuido, me persuadiam que aquelle que tinha sabido agradar-me era um heroe.

« Mais de mez e meio tive a força de resistir ao homem a quem amava. Sempre diante de mim, a figura de minha pobre e bôa mãe vinha avisar-me e affastar-me do naufragio. Elle não cessava entretanto de importunar-me com seus rogos, de perseguir-me com seus raciocinios; e foi talvez de cançada de suas instancias que cedi a suas sollicitações, e lhe fiz a promessa insensata de acompanhal-o para Gretna-Green n'uma berlinda de quatro cavallos. Eu devia escrever á minha mãe uma carta explicativa; fil-o, doutor. Ah! que tarde! que noite! a penna, tremendo-me entre os dedos, custava a reunir em algumas palavras, em algumas phrases, o meu pensamento que me fugia. Sentada diante d'essa mesa de supplicio, estremecendo de febre, com os joelhos tremulos, escrevi a carta fatal, que, apenas terminada, pareceu sellar minha condemnação á morte. No dia seguinte, devia minha mãe ir visitar uma de suas amigas que morava a duas milhas de Bath; eu sabia que ella havia de lá demorar-se um dia inteiro. Ah! senhor, a primeira noite que ella passava fóra de casa, o primeiro momento da sua ausencia, eu o empregava em trahir sua confiança de mãe! abandonava aquelle asylo onde tinha sido educada com tanto desvelo! Essa noite foi horrivel, doutor! »

Uma pallidez subita e cadaverica lhe cobriu o rosto; sua agitação se tinha gradualmente augmentado, e eu vi que era impossivel deixal-a continuar sem perigo para ella. Atalhei-a, e, forçando-a a beber um copo d'agua com vinho preparado para ella, disse-lhe que não queria ouvir mais nada, e que voltaria no outro dia á mesma hora. Sinto não ter podido reproduzir a simplicidade pungente d'esta confissão dolorosa; tive receio de fatigar a attenção do leitor.

Quando entrei no dia seguinte, achei-a banhada em pranto, e exprobrei-me a minha curiosidade, que tão caro lhe custava. Suppliquei-lhe que não continuasse.

— Sim, doutor, eu padeço fazendo-vos esta narração! exclamou ella, padeço muito! porêm, conscia de minhas culpas, sirva isto de castigo e de tormento ao meu coração! pois tenho muito orgulho, e o que me resta a dizer me tornará horrenda a vossos olhos.

Tranquillisei-a com algumas palavras benevolas; ella proseguiu:

« Assim que puz o pé na carruagem, fixou-se o meu destino. . . . Nós seguimos, sem que eu o soubesse, uma estrada directamente opposta á que me indicára o capitão. É-me impossivel exprimir as sensações que experimentei durante a viagem: meu pensamento estava perturbado; uma nuvem de desejo, de receio, de esperança, de alegria insensata, de angustias secretas, se estendia sobre todas as minhas emoções. O capitão não me deixava nunca só, nunca havia lacuna nem vacuo n'esta fascinação que elle operava. Um turbilhão, rapido como o galope dos nossos cavallos, arrebatava todo o meu ser; eu não tinha nem reflexão nem descanço, e, para vos não occultar nada, doutor, a perturbação a que me achava entregue era privada de remorsos: eu não estava feliz, estava embriagada; não sentia nada, e pensava ainda menos. No mundo, só havia um ponto que occupasse o meu pensamento e que me absorvesse toda inteira: a ternura do capitão. Esta idéa unica: Elle é meu para sempre! permanecia só no meu espirito.

« Poupae-me, doutor, o pezar de uma narração mais circumstanciada; a minha ruina estava executada de antemão. Na manhãa do terceiro dia, acordei junto d'elle, que estava deitado ao meu lado. Dei um grande grito, ao qual acudiu a dona da casa.

« — Não é nada! exclamou elle com imperturbavel sangue frio; minha mulher tem espasmos.

« Com astucia quasi infernal, elle soube, por sua graça, por sua paixão, pelos testemunhos de sua dedicação e por sua conversação cheia de encanto, apagar a lembrança da minha queda. Em breve renasceu essa lethargia moral em que elle soubera mergulhar-me, e que não deixava viver em mim sinão uma emoção delirante. D'ahi por diante, pareceu-me que resistir á sua influencia era impossivel, e que sua tyrannia quasi magnetica era mais forte que as minhas resoluções.

« Na seguinte semana estavamos em Pariz; nova torrente de distracções me arrebatou. Havia entretanto em mim uma pena, uma lembrança, doutor, ás quaes me não podia subtrahir: minha mãe! Durante tres semanas fui agitada por convulsões horrorosas. Na alma do meu raptor ainda existiam algumas qualidades de homem de bem, e longo tem-

po elle me tratou com delicadeza e com amor. Cheguei emfim a pensar que a minha situação era supportavel ; foi então que me entreguei sem recato ás distracções parisienses : todas as tardes novos enfeites, cada dia novos prazeres. Passou-se assim um mez : meus pezares e meu arrependimento se extinguiram ao mesmo tempo ; não cuidei mais sinão em supprir por uma excitação de todos os momentos aos sentimentos de felicidade moral que me falleciam. Mas, ah ! a nossa amizade ia pouco a pouco tomando esse character de azedume, de dôr e de dureza que se liga a todas as posições falsas.

« Um dia que pronunciei diante d'elle o nome sagrado de minha mãe, elle tirou de sua carteira uma carta escripta, dizia elle, por um de seus amigos, morador em Bath, que lhe participava que minha mãe, depois de ter lido a minha carta, a lançára ao fogo e jurára que me não tornaria mais a ver. O amigo pretendido repetia com uma especie de complacencia as palavras com que, no dizer d'elle, minha mãe me amaldiçoava.

« Ah ! doutor, como dei credito a essa imprudente mensagem ! Ai de mim ! eu bem sei que o coração de minha mãe encerrava inexhaurivel thesouro de perdão e de bondade ! Procurei no emtanto, filha desnaturada, persuadir-me que esta bôa mãe me havia banido de seu coração, e tentei amortecer e embotar o aguilhão do remorso pelo pensamento de um trato bem justo, mas que me parecia barbaro. Foi o derradeiro golpe dado na minha consciencia moral ; os poucos sentimentos honestos que me restavam se esvaeceram : fui-me gradualmente acostumando a esta situação. Tinha eu repetidas vezes fallado de casamento ao capitão, em quem minhas palavras só tinham excitado accessos de colera ; deixei pois minha vida escoar-se sem fito e sem desejo. Em breve reparei que se ia n'elle operando uma mudança insensivel ; seu desejo parecia ser forçar-me a um rompimento e desgostar-me d'elle. A' sua mesa appareceram homens dissolutos, e eu fui obrigada a fazer-lhes as honras da casa. Jovens lords, por elle mesmo introduzidos junto a mim, me encheram de attenções distinctas, sem que elle parecesse inquietar-se de sua presença. Ora, era de minha frieza e de minha descortezia para com elles, ora, de meu estouvamento e de minha indecencia que se queixava com amargura ; tudo dava motivo a brigas, tudo lhe servia para me ferir nos meus

sentimentos e no meu orgulho. Sua licença tinha expirado, dizia elle; elle ia partir para as Indias, e não podia perder um só instante. D'ahi a oito dias, deviamos deixar a França pela Inglaterra. Era-me insupportavel a idéa de reapparecer como uma criminosa na minha patria, no meio das pessôas que me haviam conhecido; occultei todos os meus pensamentos ao capitão Eduardo, e, no dia fixado para a nossa partida, deixei Pariz com um joven lord irlandez, chamado Fitz G..., engenhoso, amavel, rico e depravado. Dirigimo-nos para a Italia, onde brilhei com todo o esplendor de um vicio que ha quebrado com todos os escrupulos. O fulgor dos diamantes, o gosto estudado e a singularidade do trajar, uma côrte desvelada que se formava em torno de mim, faziam da infeliz que estaes vendo a mulher da moda, a mulher a mais invejada de todos. Mas como me retumbava cruelmente aos ouvidos a pergunta d'aquelles que me viam pela primeira vez!... Qem é ella?...

« Doutor, escutae-me, si é possivel, sem muito odio e despreso. A consequencia d'esta vida culpada foi o que devia ser: minha saude se alterou, minha alegria se esvaeceu, e, por uma punição bem merecida, eu não fui mais capaz de sustentar o brilho do criminoso papel que tinha adoptado. Minhas faces tinhão emmagrecido, minha testa se tinha vidrado á força de vigilias, de bailes e de prazeres: eu tinha emmurchecido e desbotado aquella belleza que me ensoberbecia, e que fôra a causa da minha perdição. O ultimo d'aquelles a quem eu me tinha ligado me deixou subitamente sem me prevenir, sem curar do meu futuro nem da minha fortuna; e fiquei em Pariz sózinha, sem protecção, sem recurso, rica de algumas centenas de libras sterlinas. Durante varias semanas não tomei alimento algum; opio e vinho me bastavam. Emfim prevaleceu a lembrança da patria, e no meado do mez de dezembro voltei para Londres. A bordo do paquete encontrei um môço que me tinha visto em Pariz, em casa do capitão Eduardo. Eu não sabia o que seria de mim; acceitei com indifferença estupida a proposição que elle me fez de ir morar em sua casa, onde permaneci perto de um mez....

« Não é horrivel tudo isto, doutor! exclamou miss Edwrds de repente e estremecendo, que catalogo de culpas e de vicios!

« Em quanto tenho força para acabar, deixae-me continuar esta tarefa.

« Eu estava sózinha em Londres; tinha deixado aquelle que me offerecêra um asylo durante um mez. Mergulhada n'uma especie de entorpecimento causado pela embriaguez, entrei uma noite em Drury-Lane; a porteira, què me viu sózinha e enfeitada, me introduziu na galeria.... (continuou miss Edwards abaixando a voz) que destinão ás minhas miseraveis irmãas. Estava começando a symphonia. Essa musica, escutada com extase por todos os que me rodeavam, me deu uma vertigem: desmaiei. Era uma harmonia triste e dôce. Oh! como expressar-vos o effeito que ella produziu sobre mim! Sahi e não tornei a entrar sinão d'ahi a meia hora. Ainda durava com tanta força a intensidade da minha emoção nervosa, que eu estava prestes a soltar um grito e um gemido, e a mesclar meus accentos de dôr com os applausos e bravos. Uma voz de mulher, voz rouca e grosseira, exclamou bem ao pé de mim:

« — Isto é ternissimo; como ella suspira!

« Aquella que assim fallava era uma mulher resplandecente de enfeites, com o vicio impresso na fronte e no rosto. Não respondi nada. Meus olhos se volveram languidamente para o lado dos camarotes, cheios de mulheres tão felizes: ah! quanto as invejei! Ouvi grandes risadas n'um camarote visinho do meu, olhei e vi n'elle o capitão Eduardo com tres mulheres, uma das quaes parecia receber suas homenagens. Uma nuvem me cobriu os olhos, e no outro dia de manhãa achei-me em casa, na minha cama. Uma môça bem vestida e que estava tratando de mim me disse quo eu tinha cahido sem sentidos no chão, e que, tendo-se o numero da minha casa achado n'um livrinho de lembranças que eu levava, ella me trouxera para a minha casa. Tendo a proprietaria vindo depois avisar-me que não era seu costume receber em sua casa pessôas da minha qualidade, fui morar com aquella que me tinha soccorrido. Eu possuia umas 30 lib. est. de objectos que levava commigo. Fiquei dous dias de cama sem abrir os olhos: nada póde exprimir o horror da minha situação. No fim do segundo dia, a minha companheira me levou comsigo a Drury-Lane.... Ah! permitti, permitti, doutor, que me não demore em cada um dos degraus de infamia que meu pé tremulo transpunha. Que de excessos, doutor, e que de angustias! meu dinheiro esgotado, toda a minha roupa empenhada! que esperança, que

recursos me restavam? Eu esperava morrer a força de excessos, esperava que esta vida de embriaguez e de violencia despedaçaria a minha debil organisação.

« Talvez vos admireis de vos ter fallado tão pouco de minha mãe? Ah! não penseis que me tivesse esquecido d'ella! sua imagem, sempre presente, só servia para mergulhar-me em mais profunda desesperação. Nunca eu tinha ousado informar-me si ella existia. Um dia, entretanto, subita resolução me atravessou o pensamento: pedi alguns andrajos emprestados, cobri meus cabellos com uma touca de velha, e, sem saber de que modo me havia de haver para chegar até minha mãe, sem mais dinheiro que alguns schellings, subi a imperial de uma diligencia. Uma chuva fria cahia copiosamente, e eu não tinha para me preservar d'ella sinão um capote verde velho e muito estragado. Triste e horrorosa viagem! Eram cinco horas da manhãa quando desci a duas milhas de Bath: meus pés, entorpecidos pelo frio, me sustentavam apenas. Entrei n'uma tasca; dous cópos de genebra me restituiram algumas forças. É cousa horrivel a facilidade com que eu me tinha habituado ao uso dos licores fortes, que eram já para mim de tanta necessidade, que, sem o seu auxilio, eu tinha apenas a consciencia de existir.

« A chuva, que escurecia o ar e me gelava os membros, penetrava-me até o coração, que parecia estremecer e tremer dentro em meu peito. Oh! que tempo! que caminho! que angustias! Debaixo d'essas rajadas de vento, debaixo d'essa briza cruel, eu não via, não pensava, não sentia nada!

« Davam sete horas quando entrei em Bath. Reconheci as casas, as igrejas, e meu coração culpado palpitava com violencia e dôr. Com a touca enterrada até os olhos, fui-me insinuando ao longo das paredes, tremendo de ser vista. Depois de numerosas paradas, depois de ter muitas vezes encostado meus membros fatigados nas grades e varões que circumdam os edificios, achei-me defronte da casa de minha mãe. Ai de mim! não achei mais sinão uma loja resplandecente de côres e de douraduras, um apparato de fazendas de amostra com sua taboleta e o nome do mercador. Não podendo andar, sentei-me nos degraus humidos de outro edificio. Agitada e convulsa, mordia os beiços com violencia, para não deixar escapar algum grito que chamasse

a attenção sobre mim. Vi approximar-se um velho; toda tremula, perguntei-lhe onde morava minha mãe.

« — Quereis fallar da senhora***; eu me lembro bem d'ella: sua filha fugiu com um militar, ha alguns annos, e a pobre mulher morreu ha anno e meio.

« Só estas palavras me feriram os ouvidos: não cahi, não desmaiei, não proferi uma palavra; afastei-me com passo firme e seguro, entretanto que o homem continuava a fallar. Eu experimentava estranhas sensações, parecia-me que não tocava no chão; meu corpo inchava á medida que eu ia andando: fantasticas centelhas se crusavam ante meus olhos, e minha cabeça girava com a rapidez de uma roda. Passou uma diligencia, metti-me n'ella.

« — Paraes em Londres, môça? perguntou-me o conductor.

« — Sim, respondi.

« E em todo o resto da viagem, foi-me impossivel fallar. Eu só tinha commigo dous schellings, e o preço do meu logar era um guinéo O conductor e o postilhão me ajudaram a descer; mas, quando viram que me faltava dinheiro para pagal-os, romperam em invectivas e me levaram á casa de um commissario de policia. Cahi de joelhos, banhada de lagrimas, diante do magistrado que, com os braços cruzados, olhando fixamente para mim, pareceu commovido de um sentimento de dó, lançou diante de mim um guinéo, e disse ao cocheiro:

« — Esta mulher é muito miseravel; deixae-a tranquilla.

« A unica lembrança que me restou das circumstancias que se seguiram foi a do hospital onde abri os olhos, e onde uma febre ardente me reteve por espaço de seis semanas.

« Deverei continuar esta narração?... Comprei objectos de enfeite, e, sem remorsos, sem escrupulo, sem retorno para uma vida honesta, quasi sem pezares.... tornei-me o que sou!... Vida horrivel e maldita! Minha mãe estava morta, eu a tinha matado: sem mais parentes, a sociedade fechada para mim, o habito da embriaguez mudado em necessidade; tudo concorria para mergulhar-me n'essa apathia estupida, tudo me inspirava profunda indifferença: era uma desesperação calma, uma lethargia de todos os sentimentos honrosos. Mas para que affligir-vos com tão crueis imagens, doutor?

« Soube que o capitão tinha casado, e informei-me de sua morada. Muitas vezes, durante a noite, no meio da obscuridade, andei passeando a passos lentos por diante do vasto e elegante hotel que elle habitava. Quando ouvia o piano do salão, sentia-me suffocada, doutor; julgava vêl-o ao lado de sua mulher, no seio de sua familia ditosa. Oh! que noites! que dôr! Muitas vezes tambem, doutor, passeei por defronte de vossa casa, durante a noite, e verti copiosas lagrimas. Uma noite reconheci-vos; daveis o braço á vossa mulher: não sei por que capricho singular me puz a seguir vossos passos; de bôa mente teria beijado o rasto d'elles. Eu, ente aviltado, tinha sido entretanto vossa amiga; vós me havieis tratado como igual. Esta lembrança, que me magoava, enchia-me de soberba.... »

Ella parou e poz-se a chorar.

« Vós adivinhaes facilmente o resto da minha vida. Uma alma enervada, uma intelligencia embrutecida e pasmada, um marasmo de vicio sem nenhum gosto pelo vicio; tal era a minha existencia. Havia momentos em que eu ficava quasi louca, e meus longos gemidos despertavam todos os hospedes da casa onde eu morava. Os papeis publicos me informaram que eu herdava a somma consideravel de que vos fallei. Resolvi logo não receber um só penny d'essa somma, e deixal-a toda inteira a um estabelecimento de charidade, que sem duvida adivinhaes qual seja, doutor, accrescentou ella abaixando a voz.

— O Hospital da Magdalena? disse eu.

— Sim, respondeu ella suspirando.

« Continuar este genero de existencia era-me odioso, abandonal-o, impossivel. Eu ia indo, vagando de uma para outra casa infame, envilecida por este abominavel officio, maltratada e espancada quando tinha desejo de fugil-o, arrastrada perante a policia por furtos que não tinha commettido, morando em covis que uma alimaria não teria querido habitar. Ouvi os ladrões tramarem seus planos, presenciei os actos os mais horriveis, fui testemunha dos laços armados contra a innocencia e a candura. Uma só vez me escapou um queixume; a mulher a quem pertencia a casa me espancou brutalmente. Emfim, foi-me preciso curvar a cabeça ás consequencias do meu crime; sim, doutor.... sorrir-me, beber, embriagar-me, cantar, parecer feliz, armar-

me de audacia, de depravação, de furor, de alegria apparente, quando me sentia morrer! quando sentia meu peito devorado pela consumpção que me matava! Eu estava na rua, ha tres semanas, quando um homem de idade madura, montado em bello cavallo, lançou os olhos para mim, pareceu reconhecer-me, apeou-se, entregou a redea a um lacaio e chegou-se a mim.

« — Vós me vistes á mesa do capitão Eduardo, disse-me elle.

« Era o mesmo official irlandez com quem eu tinha deixado Pariz, depois da minha amizade com o capitão.

« — Conheci-vos em melhores dias, proseguiu elle; pareceis bem infeliz e bem doente; é preciso que trateis de vossa saude.

« Depois, tirando de sua carteira uma nota de 20 libras sterlinas, deu-m'a, olhou em derredor de si como si receasse que o vissem conversar commigo, tornou a montar e desapparceu. Recebi a esmola do lord com resignação, com calma. Parecia-me que todo esse aviltamento, toda essa dôr, compensariam uma parte das minhas culpas. Pobre insensata! estava morrendo de fome, e achava não sei que prazer selvagem em sentir e saborear o meu soffrimento. Estava possuidora de uma fortuna, e me comprazia em perecer antes do que tocar n'ella. Ás vinte libras sterlinas que me tinham sido dadas me serviram para mudar de casa. O ultimo e miseravel asylo onde me refugiei, vós o conheceis, doutor. Oito dias depois da minha chegada, já a morte me enlaçava em seu frio aperto, e, reduzida á ultima extremidade, não sei que bom anjo me inspirou a idéa de vos mandar chamar, a vós, meu salvador!

« Sem duvida vos maravilhaes que eu não empregasse essas vinte libras sterlinas em escolher uma habitação honesta, e mudar o curso de uma vida que me pesava. Ai de mim! perguntae o porque ao mau genio sob cuja lei eu palpitava, victima devotada. Culpada, odiosa a mim mesma, preferia permanecer no abysmo; queria esperar que as aguas do sorvedouro se fechassem sobre minha cabeça e me tragassem inteira. Ah! quanto padeci, doutor, na derradeira morada d'onde me tirastes! Não era sómente um logar de devassidão, era um paradeiro de crime e de roubo. A tudo me subjeitei; acceitei esse purgatorio e aguardei a morte co-

mo uma esperança, como um beneficio.... Providencia! Providencia! de que profundidades me has tirado! »

Ella se calou, passou com mão languida o lenço pela cara, mexeu os labios como para continuar a fallar, porêm não pôde; cahiu desmaiada. Tres minutos depois, abriu os olhos, e um suspiro que lhe escapou nos assegurou que ella ainda vivia. Cobriu a cara com as mãos, e exclamou:

— Como podeis olhar para mim, doutor? eu sou infame!

— Hortensia, disse-lhe, uma mulher culpada como vós banhava com suas lagrimas os pés do Salvador, que não a repellia.

— Ah! sim, sim.... disse ella fracamente, Jesus disse a Magdalena: *Ide em paz!*

O poder das idéas religiosas era o unico remedio de que podia receber alguns allivios este espirito enfermo. O mundo devia ser sem compaixão por ella; não havia mais perdão possivel, não havia mais expiação sufficiente para apagar tal nodoa: só Deus ainda abria os braços á arrependida.

— Minha filha, disse-lhe eu, confiae no perdão celeste, acalmae esta viva agitação; eu hei de voltar amanhãa. Possam vossos sentimentos e vossos pensares tomar esta noite uma côr nova, mais risonha, mais dôce e mais feliz! Dormi, dormi em paz, respirae livremente; abrandae este pesado fardo que vos opprime, abri vosso coração a sentimentos que o consolem!

Sem responder-me, ella me pegou na mão com uma especie de convulsão apaixonada, regou-a de lagrimas e a levou aos labios.

No dia seguinte, a reacção d'este movimento violento, que tanto lhe havia agitado a alma, tinha-a mergulhado em deploravel abatimento. Ella me disse que um pensamento sobretudo a dilacerava, que estava arrependida de me haver dito toda a verdade; que só a minha dedicação podia ainda sustentar-me n'aquella triste tarefa; que ella bem sentia que a sua presença tinha alguma cousa de intoleravel e de horroroso.

Seu orgulho offendido renascia assim no meio da desolação da sua vida. Apressei me a tranquillisal-a. Silenciosa e desesperada, ella não me respondia sinão levantando a cabeça e torcendo os braços; e quando lhe quiz pegar na mão, ella a retirou.

— Não me toqueis! não me toqueis! exclamou.

Esta situação durou toda a semana. Minha mulher ia visitar Hortensia, e, por sua cordialidade, por sua affeição e delicadeza, lhe restituiu um pouco de confiança e de força. Toda a pharmacia do dispensatorio não teria operado sobre Hortensia com tanta rapidez, com um effeito tão feliz. O que a enferma precisava sobretudo era um pouco de estima que a reconciliasse comsigo mesma, e que misturasse alguma doçura com a sua longa humiliação.

Em breve, á força de desvelos, desappareceram os symptomas que nos assustavam, e ella pôde comer; sua força physica renasceu. Nunca nenhum dos doentes de que tratei voltou de mais longe, nunca prostração do organismo, da alma foi tão rapidamente substituido pelas apparencias de saude, delicada sem duvida, porêm destinada a uma convalescença certa.

Nada, n'esta malfadada môça, se assemelhava á affecção contrita que acompanha muitas vezes o arrependimento das suas semelhantes. Era uma humiliação cheia de simplicidade, uma resignação verdadeiramente enternecedora. Alguns restos de sua passada belleza brilharam mesmo a meus olhos maravilhados.

Confesso que resenti vivissima alegria, a primeira vez que a vi, não já no seu leito de dôr, pallida, não ousando fitar os olhos em ninguem, com as feições alteradas, fronte enrugada e macilenta; porêm sentada ao pé da janella, vestida de vestido pardo e simples, occupada em ler attentamente, com o braço encostado no hombro dà enfermeira, cintura delicada e um tanto inclinada. Seu estado se ia tornando cada vez mais esperançoso: foi então que lhe fiz a proposição de reclamar, pelo ministerio de um *attorney*, a fortuna que lhe pertencia legalmente, e de empregar uma parte da somma recebida em alugar, a algumas milhas de Londres, uma residencia campestre; accrescentei que a velha enfermeira que tinha tratado d'ella teria summo gosto em acompanhal-a, e que era preciso quanto antes inserir nos diarios um annuncio a este respeito. Ella escutava em silencio esta proposição.

— Então, disse-lhe, que objecção poderieis fazer contra tal projecto?

— Nenhuma, nenhuma, respondeu ella, sinão que isso seria muito feliz.

No dia immediato ao em que o annuncio tinha appare-

cido nos papeis publicos, apresentou-se em minha casa o proprietario de uma casinha sita no campo, e o arranjo foi logo concluido. Aluguei em nome d'ella, por seis mezes, essa casinha de campo, e partimos. Nunca me ha-de esquecer o dia em que juntos deixámos o dispensatorio, e o leitor me desculpará si a lembrança d'esse dia, ainda presente ao meu pensamento commovido, se retraça n'estas paginas.

Era em uma bella manhãa de primavera; o céo parecia sorrir-nos e derramar em nossos corações um calor consolatorio, dôce claridade: nós tinhamos alugado uma grande berlinda; Hortensia occupava o interior com sua enfermeira, e eu ia no logar do cocheiro. Difficil me seria exprimir a felicidade moral que eu experimentava ao conduzir para essa solidão pacifica a pobre ovelha desgarrada.

Chegámos diante de uma casinha situada a alguma distancia da estrada, n'uma paizagem encantadora: era uma choupana, no gosto inteiramente inglez, escondida entre jasmins e madresilvas, e cujas paredes brancas appareciam sob a folhagem, como uma perola brilha nas dobras do velludo. Quando Hortensia chegou á antecamara, lançou-se de joelhos, e, alçando suas mãos tremulas para o céo, permaneceu assim muito tempo, com a cabeça erguida, uma expressão de reconhecimento e de enthusiasmo quasi sublime impressa em todas as suas feições, porêm muda. Seu silencio era sagrado, não o perturbámos. Momentos solemnes! operava-se uma grande reconciliação, uma vida inteira se apagava!

Aquelles que do coração humano sómente conhecem os reconditos immundos; aquelles que não amam da vida humana sinão as pompas externas e o inutil brilho; aquelles que só reputam como gozos possiveis os prazeres sensuaes ou a satisfação da vaidade; aquelles que, á força de frivolidade e de egoismo, têm tornado sua alma insensivel a tudo, excepto aos deleites do amor proprio e dos sentidos; esses podem zombar livremente e a gosto das scenas que mui debilmente hei esboçado. Não accrescentei um só traço a este quadro, não abrilhantei um só toque d'esta pintura, á qual consagraria um volume si consultasse minhas inspirações pessoaes.

— Doutor, si me escreverdes, disse a pobre môca lançando-se sobre um sofá, lembrae-vos de dirigir as vossas cartas á *Choupana da Magdalena*. . . . . .

Nossas visitas a Hortensia foram frequentes. Parecia-me impossivel que ella se não restabelecesse completamente. A

primavera e o verão se escoaram, melhorando-lhe progressivamente a saude. A calma de seu espirito, o socego de sua solidão, a profunda e religiosa melancholia que absorvia todas as faculdades de seu espirito, e que era para ella antes uma occupação do que uma pena, as obras de charidade que ella fazia em toda a visinhança, a estima perfeita de que não tardou a gozar; tudo concorria para lhe restituir a ventura que tinha perdido desde muito tempo. Ella tinha recobrado aquellas maneiras brandas e graciosas que a haviam distinguido nos seus bellos dias. A mulher que lhe servira de enfermeira tinha passado a ser sua criada por escolha e por gosto, e não por servidão e interesse.

Esta situação se prolongou tres annos, e Hortensia, sempre debil e languida, gozou profunda felicidade, sobre a qual o reflexo de sua vida passada derramava uma tinta ainda mais terna. Ah! seus dias estavam contados, e o zelo com que ella cumpria seus deveres religiosos contribuiu tambem para abreviar-lhes o termo. Um defluxo, causado por uma demora muito longa n'uma igreja humida, fez reapparecerem os crueis symptomas que com tanto custo eu tinha conseguido dissipar. A victima estava marcada; havia muito que uma imprudencia teria bastado para abatêl-a, e, uma vez commettida essa imprudencia, estava decidido de sua vida. A molestia fez progressos rapidos e ameaçadores; parecia querer vingar-se, por uma conquista mais atrevida, da primeira derrota que soffrêra. Não affligirei o leitor com a narração por miudo d'estas circumstancias crueis.

Hortensia padecia horrivelmente; e, conscia de sua morte certa, esperava com paciencia pelo golpe que devia acabal-a. Não tenho precisão de dizer que este desfecho me affligia profundamente; minha amizade por Hortensia tinha augmentado cada dia, e era cruel, depois de tantos esforços para sal-val-a, vêl-a submergir-se e desapparecer de repente! Porêm insistir n'estes pormenores seria obrigar os que me lêem a tomar parte na agonia que eu experimentava. Sua declinação foi rapida, e quanto mais ella se approximava do termo fatal, tanto mais se mostrava calma e serena. Quando dictou as suas derradeiras vontades, insistiu para que ninguem acompanhasse o seu enterro, sinão eu, a enfermeira e tres mulheres pobres da visinhança; insistiu sobretudo para que a sua sepultura não tivesse inscripção alguma.

— Não, não, dizia ella, risque-se da terra a minha me-

moria ; é o que mais desejo. . . . Sómente, doutor, accrescentou com voz vibrante que me fez estremecer, concedei algumas vezes uma lembrança á pobre rapariga que remistes e salvastes ; acreditae que ella vos amava muito.

Nossas lagrimas corriam.

— Eu sou indigna, continuou ella, de occupar o vosso pensamento ; porêm vós occupareis o meu até o ultimo momento que eu respirar : quereis abençoar-me e dar-me o beijo de adeus?

Eu estava quasi cego por minhas lagrimas, não podia fallar . . . . . .

Era a 26 de janeiro, pela volta das duas horas ; eu me ia approximando á choupana da Magdalena. Uma mulher velha, que eu nunca tinha visto, estavá occupada em fechar as janellas. Hortensia já não existia. A velha enfermeira banhada em pranto recebeu-me na antesala.

— Ella deixou alguma cousa para vós, disse-me, e parece que a pobre môça tinha n'isso muito empenho, pois que morreu acabando-o.

Entrei e achei aquelle cadaver que não tinha perdido o seu calor vital nem a sua dôce e melancholica belleza. Quando a vida acaba de fugir e que ainda ninguem tem tocado no cadaver ; quando os olhos estão apenas fechados e que nada tem mudado em torno do morto, é cousa dolorosa o espectaculo d'esse quadro ainda cheio de suas recordaçoes, de todos aquelles objectos que lhe pertenciam, em uma palavra, de todos os symbolos da vida em contraste com a morte recente. Nunca igual impressão me commoveu mais vivamente.

Ella estava deitada do lado esquerdo, com o rosto meio encoberto por seus compridos cabellos, e segurando na mão um lenço bordado, no qual eu a vira trabalhar muitas vezes.

— É para vós, disse-me a enfermeira ; quando ella esteve para morrer, recommendou-me que vol-o entregasse.

Tirei-lhe o lenço da mão insensivel, e n'elle achei marcadas as seguintes palavras : *Maria Madalena ao doutor B. . . .* A primeira lettra do meu nome estava apenas começada ; a mão da morte tinha-a impedido de traçal-o todo inteiro. Pobre Hortensia ! desditosa menina ! nunca me heide esquecer de ti !

(Blackwood's Magazine.)

1840. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
Rua do Hospicio n. 66.

LITTERATURA.

HISTORIA DA IMPRENSA, E DAS LEIS RELATIVAS A ELLA EM INGLATERRA.

Um viajante que esteve na China, M. de Guignes, certifica com muita gravidade qne a imprensa é livre naquelle paiz. « Um China, diz elle tem direito para cortar o troço de madeira que apanha á mão, de modo que forme um caracter representativo de uma palavra. E ha por acaso algum decreto do imperador que lhe prohiba untar de tinta aquelle caracter, e applical-o a um pedaço de papel, e marcar alli o seu pensamento? Não por certo. Tambem não ha lei alguma que prohiba a venda d'aquelle papel com o caracter marcado; logo é livre a imprensa na China. » Tudo isto assim é, porêm devem-se fazer algumas modificações: Si o China escreve uma palavra que desagrade ao governador da provincia não deixará de lhe applicar o bambú; e o páu lhe porá á vista as entranhas, si sustentar uma asserção que lhe não convenha. Tome o China ao pé da letra a liberdade com que honra seu paiz M. Guignes, e verá o que lhe acontece; imprima outra cousa que não seja um annuncio, ou uma novella, e aquelle imperio onde não ha censores, nem censura, nem multas impostas aos periodicos, lhe ensinará o que entende por *liberdade de imprensa*.

Na China não ha lei nenhuma contra a imprensa, e com tudo eu não me fiaria na sua tolerancia; em Inglaterra nenhuma lei favorece a imprensa, e com tudo nós Inglezes dissemos o que queremos, ou pouco menos. Na China, ainda os magistrados não pensaram em em reprimir a licença da palavra impressa; em Inglaterra os legisladores não quiseram

declarar que a imprensa era livre; pelo contrario tem inventado contra ella mil terrores e castigos, tem-a acossado e rodeado por todas as partes de laços e supplicios, ameaçando-a com o pelourinho, a prisão, o confisco, a multa, e até a forca. Isto provém de que na China não ha imprensa, pois ninguem ainda se lembrou alli de fallar publicamente com os seus patricios, por meio de uma folha de papel cheio de caracteres convencionaes, ácerca do poder do imperador, ou da justiça de tal ou qual decreto ou sentença, de fórma que a legislação não tem que luttar contra um poder que não existe. Entre nós pelo contrario, o gigante da imprensa se fortaleceu com o favor da opinião publica, e os inumeraveis estorvos que se lhe quizeram oppor só provam a sua muita força.

Os costumes, não nos cançaremos em repetil-o, fazem-se sempre superiores ás mesmas leis. As leis inglezas nada determinam a favor da liberdade da imprensa, e com tudo esta triunfa debaixo da protecção dos costumes. As leis turcas tractam hoje de favorecer a imprensa, e como esta se não acha apoiada nos costumes, não consegue arraigar-se no paiz. Os legisladores ignorantes calculam só o poder de suas determinaçōes; porém no seu calculo deveria entrar a força de resistencia, que lhes hão-de oppor os costumes. Si ha no mundo uma legislação opposta ao desenvolvimento das liberdades humanas, ao livre exercicio da intelligencia, e á expressão de todos os desejos ou pesares do povo, é a legislação ingleza; *Delolme* tractando d'ella nada mais fez que uma novella. Debalde a tirannia mais anciosa do poder, buscaria um edificio mais commodo; com tudo o genio do povo tem triunfado da coberta da servidão que se lhe impoz, e a poderosa, mas sabia independencia que sempre tem characterisado o povo inglez, abriu passagem por meio da aspera cortiça das instituiçōes feudaes e aristocraticas. A obediencia passiva se encontrou sempre no texto das leis; a resistencia no charácter da nação. Não são os reis nem os senados os que dispoem do destino dos povos, mas estes é que dispoem do seu proprio destino, e além disso de seus reis. Ouçamos o que diz Heune: «É indubitavel que nenhum discurso dictado por cortezãos, nem folheto absolutista algum, tem favorecido mais a obediencia passiva, do que a favorece o texto de nossas mesmas leis. » *(Hist. de Ingl. t. 6.°)*

Burke vem a fazer igual confissão. « As nossas leis, diz elle, nada tractam da manutenção de nossas liberdades, e só se occupam, com rasão, de fazer facil o governo.

Sempre que uma pessoa não authorisada pela lei se arma a favor da independencia publica, basta empregar a mesma lei para a anniquilar. Geralmente é tal a severidade da lei, que si a instituição dos jurados não moderasse a sua dureza, seria impossivel defender as liberdades do povo. » (*Das causas do descontentamento actual*) Aqui é preciso accrescentar que este remedio que indica Burke, está mui longe de ter a efficacia que se lhe attribue. O jurado é uma cousa mobil, inconstante, umas vezes favoravel ao poder, outras vezes colerica contra a sedicção. No tempo de Henrique 8.° e de Carlos 2.°, essa instituição existia porém não oppoz sinão bem debeis barreiras ás usurpações da corôa. Prepare-se a opinião publica, commovam-se as massas contra tal ou qual classe priviligiada, e se verá quão docil instrumento são os mais integros jurados. Onde, pois, buscar um contrapezo á nossa legislação? Na virtude publica, no sentimento da dignidade ingleza, na força viril e na moralidade dos individuos, das familias, e das massas.

Blackstone compara com rasão o systema das leis inglezas a um antigo castello gothico construido nos seculos feudaes, porêm renovado por um archicteto moderno, e reparado de modo que possa satisfazer as necessidades de um individuo deste seculo. As muralhas com seteiras (accrescenta aquelle jurisconsulto, que alguma vez se entrega a um movimento poético), as pequenas torres fortificadas, os vastos salões de visitas e de comida, conservam sua veneravel e antiga magnificencia; porêm estão algum tanto abandonadas porque são já inuteis. Sobem-se algumas escadas incommodas, atravessam-se varios corredores escuros, e mais além se encontram habitações modernas, cuja commodidade e elegante disposição admiram.

Com effeito é preciso atravessar um labyrintho de antigas abobadas tirannicas, e de escuras galerias, para chegar ao grande sanctuario, que hoje se olha como inviolavel, da liberdade de imprensa. Os Inglezes dos dous ultimos seculos não o frequentaram, illustraram, sustentaram, e consolidaram sinão á força de artificio, trabalho, perseverança: não ha chave legal para se entrar alli, e seria inutil buscal-a no

plano da nossa constituição. Os nossos illustres antepassados careciam de uma capella, de uma salla d'armas, e uma salla de visitas, porêm que lhes importava a bibliotheca? Edificou-se esta, para assim dizer, por si mesma: e ainda que proscripta pela antiga lei, a liberdade da imprensa existe, não se sabe como; a sua existencia é mais poderosa, e mais difficil de explicar, do que se estivesse escripta em vinte estatutos; resulta da historia inglesa, e originou-se do desenvolvimento de nossos pensamentos mais viris, e de nossos mais inalteraveis affectos.

Por meio da imprensa se eleva progressivamente a classe media a uma altura que lhe dá uma honrosa e forte posição social, e que a illustra e melhora. A liberdade da imprensa dá o tom de todos os affectos populares, e ensina aos homens a respeitar-se, já como individuos, já como nação. Sem que lei alguma estabeleça nem authorise a liberdade de imprensa, a unica persuasão de que é necessaria basta para inspirar aos cidadaos o desejo de a possuir, e o ardor necessario para a defender. Até o fantasma da liberdade da imprensa é util. A legislação inglesa castiga severamente qualquer que censura os magistrados, ou encarregados do poder. E como é possivel criticar os actos do governo, sem censurar os que o dirigem? E como se gosa da liberdade da imprensa, si se não podem criticar os actos do governo? A imprensa, em tal caso, é o judeu de Shakespeare, a quem se permitte que corte uma onça de carne do seu inimigo, porêm com a condiçao expressa de que não ha de derramar uma só gota de sangue.

Ha um povo que estabeleceu a liberdade de imprensa como uma necessidade no seu codigo, e, por um contraste estranho, esse mesmo povo começa a queixar-se d'ella. A liberdade de imprensa é para os americanos o ponto fundamental do *credo* politico, e o principal agente da maquina do governo: pois ouçamos o que diz a *Revista americana do norte:* algumas vezes vem assaltar-nos raros escrupulos de consciencia, ao vér a desenfreada licença a que se entregam os escriptores que redigem alguns dos nossos jornaes. Estamos persuadidos de que se encontrão meios de evitar os resultados mais prejudiciaes e graves deste abuso, sem restringir a liberdade de que devem gosar todos. Os homens prudentes e bem intencionados tem feito já não poucos esforços para corrigir as tendencias

perniciosas e favorecer os bons principios, e a este objecto se dirigem as *associações para estender os conhecimentos uteis* que são mui numerosas na America e em Inglaterra. Os viajantes se admiram de vêr a linguagem injuriosa e indecente com que os nossos periodistas tractam dos objectos mais graves, e os discursos das pessoas as mais apreciaveis. O merito litterario dos mesmos periodicos perde muito por este máu costume; pois muitos não querem tomar o trabalho de escrever para periodicos, quando se sabe geralmente que estes são o orgão das paixões mais baixas e venaes. Que inferirmos destas severas palavras do periodista americano? Que os habitantas dos Estados Unidos vivem no meio dos abusos da imprensa, e se resentem vivamente d'elles, ao passo que nós, a quem sempre se tem contrariado a respeito do ardente desejo qne nos inspirava, só temos conhecido a sua grandeza, e unicamente temos aspirado a vêl-a consolidada no seu throno. Debalde se cançarão os juizes e os tribunaes, a liberdade da imprensa corresponderá sempre á liberdade da palavra, da qual é expressão: os eforços dos jurisconsultos não conseguirão nunca marcar exactamente o limite entre o que é permittido, e o que não lhe é, em materia de ataque contra o governo Os belgas, cujo principal assumpto parece que seja fazer rir a Europa de quando em quando, e parodiar os grandes movimentos politicos do mesmo modo que contrafazem as grandes obras litterarias, tem provado recentemente a futilidade das leis que tem a imprensa por objecto. Trataram de fazer um regulamento sobre este ponto, e nelle determinam que toda a critica *decente*, se haverá por legitima. Porêm que cousa é critica decente? Em que differe da indecente? Os legisladores belgas não se lembraram de nos proporcionar o necessario criterio.

Uma nação decidida a fallar livremente, e a imprimir o seu pensamento com igual liberdade, saberá vencer todos os obstaculos; e si não veja-se Inglaterra.

A lei previne que as sessões do parlamento sejam ás portas fechadas, e todos sabem o que se passa no parlamento; porque apenas proferiu o seu discurso o ultimo individuo quando já lho estão repetindo cem mil exemplares de periodicos. Critica-se de manhã e de tarde todos os membros do governo, e não ha talvez uma só linha nos periodicos da opposição, a que não se podesse culpar de alta traição,

si se applicasse exactamente a lei. Estranho triumpho do genio de um povo sobre a sua legislação; triumpho tanto mais digno de notar, quanto este povo, conservando sempre o maior respeito ás suas leis, não cessa de as censurar e de as illudir, considerando-as como aquelles deuses a quem se venera sem escutar seus oraculos. Tudo isto póde ser ridiculo em theoria; porêm quão grandes tem sido os resultados! Que estranho fenomeno o de uma publicidade tão victoriosa e tão temivel, apesar das mais severas leis restrictivas! O poder absoluto não poderia durar vinte annos com tal organisação!

Todos os ministros se tem successivamente armado contra esta liberdade de imprensa, que não existia sinão de facto e que a lei reprovava. O pae de Pitt, o grande Chatam, bem advinhou a independencia irresistivel deste novo poder quando dizia: « A imprensa leva o seu privilegio comsigo mesmo, e nada a poderá nunca reprimir. » Comtudo Pitt, no seu segundo orçamento de 1797, augmentou de cento por cento o direito de sello, e em 1798 conseguiu fazer que passasse um *acto*, em virtude do qual o impressor, editor, e dous proprietarios de cada periodico deviam assignar em um registro. Tem-se imposto enormissimos direitos sobre os periodicos, e comtudo, estes não tem deixado de ser os mais poderosos instrumentos da civilisação moderna.

O direito de sello é de 4 pennys cada exemplar, (já depois de escripto este artigo se abaixou muito) ainda que da quantidade total se dedusem 20 por cento, em rasão dos direitos que pagam as manufacturas do papel, de fórma que o sello vem a custar realmente 3 quintos pennys. O preço do papel em que se imprimem os grandes periodicos vem a ser de 70 shillings cada mil folhas, ou pouco mais de 1 quinto penny cada uma. Os periodicos de Londres, que nominalmente valem 7 pennys se dão, aos vendedores de papeis que os transmittem aos leitores a 3 shillings por cada 27 exemplares, isto é a 5 e 7 nonus pennys cada um; e o editor proprietario de um periodico, que adianta e arrisca o seu capital, que reune todos os materiaes necessarios para a sua publicação, e se expoem aos perigos que esta traz comsigo, não obtem mais lucros que 1 e sete nonus pennys (de 25 a 30 réis) em cada exemplar, e este calculo prova que tres setimos do que custa um periodico, provêm

do imposto. Em França nunca foi tão longe, pois o direito de sello é de 4 centimes por folha: porêm em Inglaterra o sello e o preço subido do papel limitam necessariamente a circulação dos periodicos, tanto mais, que se reunem varios sugeitos para lerem um mesmo exemplar, e isto diminue muito as utilidades do editor.

Taes são os enormes gravames que pesam sobre a imprensa periodica ingleza, e apesar de todos elles obra de um modo portentoso; tão forte e vital é a sua energia. O editor d'um periodico paga tudo quanto nelle publica excepto os avisos e annuncios; e um papel de Londres, cuja venda não era das mais consideraveis pagava ha pouco 6 mil libras cada anno (60.000 crusados) pela sua redacção propriamente dita, não contando outros gastos accessorios, como o custo dos periodicos estrangeiros, e as gratificações que ha a dar para obter os extractos das audiencias dos tribunaes, etc. Cada diario da manhã paga alêm disso tudo, mais de 3 mil libras annuaes pela redacção das sessões do parlamento; porêm nesta parte são mui superiores os periodicos inglezes aos de todo o mundo, pois a sua exactidão e imparcialidade são dignas de todo o elogio.

Apezar de que toda a constituição dos Estados-Unidos se apoia na liberdade de imprensa, seus periodicos estão mui longe de poderem rivalisar com os de Inglaterra, e isto parece que indica que é necessario certo grau de contrariedade para o energico desenvolvimento de algumas instituições. Os periodicos americanos são em extremo succinctos no extracto dos debates de suas camaras, e, na parte que consagram ás audiencias dos tribunaes, são incompletos e irregulares. Washington, cidade extraordinaria e parecida com as de Aristóphanes, construidas nas nuvens, cidades cujas casas esperam ainda o architecto, e cujas ruas estão traçadas, mas não calçadas; Washington, residencia central do governo e corpo legislativo dos Estados-Unidos, não póde supportar as despesas de um grande periodico que podesse publicar por extenso e com exactidão os debates do senado. Os outros periodicos contêm outras materias interessantes, porêm a eloquencia americana jaz sepultada n'aquella especie de escuridão que cobriu os heroes anteriores ao grande Agamemnon, e os privou da sua gloria. Pelo que respeita á França, não se póde dizer que tenha gozado até aqui

ampla e nobremente da liberdade de imprensa, pois tem abusado d'ella, sem saber empregal-a em seu proprio beneficio, augmento ou estabilidade. Quando se tem completado a educação dos povos, não se vê que os partidos se mostrem tão parciaes, injustos, declamadores e incapazes de fazer justiça ao partido contrario. Os periodicos francezes apresentam a narração mais infiel dos debates legislativos, pois nunca deixam de attribuir tolices e absurdos aos oradores de opiniões oppostas á sua, nem de mutilar os seus discursos, dando alèm d'isso uma volta maliciosa ás observações que completam o quadro da sessão. Para obter uma idéa aproximada de qualquer deliberação da camara dos deputados, é necessario examinar alternativamente os periodicos que são orgãos dos differentes partidos, e formar a opinião por meio de suas contradicções, á maneira de um commentador de autores antigos, que compozera differentes textos para obter a genuina versão.

Apenas ha 30 annos que se chegou a conseguir em Inglaterra este precioso resultado, que dá verdadeira publicidade, para assim o dizer, a todas as assembléas deliberantes; e não só é um methodo inteiramente novo, mas, como temos já dito, as leis inglezas a anathematisam. Antes das guerras da revolução, os periodicos só publicavam um mui curto resumo das sessões: Woorfall, editor do *Junius*, tratou de preencher aquella lacuna, para o que assistia ás sessões, e, valendo-se das notas que tomava e do pouco que continham os periodicos da manhãa, publicava pela volta das 4 horas um extracto da sessão; porêm comtudo era summamente inexacto. É verdade que observava de um modo soffrivel os movimentos oratorios, e que a sua feliz memoria lhe recordava os pontos principaes e as divisões de um discurso; porêm no seu extracto não se encontrava o movimento geral, nem os infinitos pormenores curiosos de que se compõe uma sessão parlamentar.

O systema actual é invenção de M. Perry, redactor em chefe do *Morning Chronicle*. Hoje cada periodico de alguma reputação emprega n'este objecto de 10 até 14 sugeitos chamados *reporters* (relatores), cada um dos quaes passa tres quartos de hora na galeria de uma das camaras, e, quando sahe d'ella, consulta os apontamentos que fez, e escreve logo os discursos que acaba de ouvir, e que uma me-

moria exercitada o põe no caso de reproduzir quasi palavra por palavra. A tachygraphia, que varias vezes se tem querido empregar, está inteiramente abandonada, porque não é commum que um habil tachygrapho reuna a esta habilidade outras faculdades não menos necessarias, e muitas vezes lhe absorve a parte material do trabalho que está fazendo. Attende pouco á serie de argumentos que empregam os oradores, e só se occupa da sua escripta, porque aquellas linhas e signaes que depois lhe hão-de recordar de um modo indistincto e vago as palavras e periodos que reproduziu, porêm não escutou, chamam inteiramente a sua attenção; e ás vezes acontece que não sabe supprimir uma repetição ociosa, ou dar o verdadeiro sentido aos epithetos improprios que um orador que improvisa costuma accumular, emquanto busca o seu pensamento. Por isso a maior parte dos *reporters* tem abandonado a tachygraphia; porêm é indubitavel que, quando á intelligencia e capacidade necessarias se reune a habilidade de poder copiar tachygraphicamente as passagens mais notaveis, póde obter-se uma grande superioridade.

Todos estes resultados se tem conseguido por meio da divisão do trabalho, pois, logo que o *reporter* escutou um discurso de 3 quartos de hora, por exemplo, fecha-se e emprega dous em redigir o que ouviu; e o grande numero de pessoas que se empregam n'este trabalho, junto com o costume que n'elle têm adquirido, permittem que ás 7 ou ás 8 horas da manhãa se publiquem impressos os debates de uma sessão que durou até ás 2 ou ás 3, sem que a precipitação prejudique em nada á exactidão. Não só se reproduz correctamente por este meio cada discurso que se proferiu, mas até se apontam com esmero todos os incidentes da sessão, e se lhes accrescentam citações e observações curiosas tomadas dos antecedentes parlamentares.

Os melhores materiaes da industria têm tambem contribuido muito para estes admiraveis resultados. Ha apenas 15 annos que está em uso a prensa mechanica, que veio remediar os graves inconvenientes da prensa de mão. Já se deviam ao conde Stanhope algumas invenções uteis, porêm incompletas; porêm tudo quanto podia produzir uma hora de trabalho aturado eram 250 folhas impressas de um só lado, e só á força de actividade, e empregando grande numero de braços, se conseguia duplicar este numero. A concurrencia, as

rivalidades e a necessidade de satisfazer aos assignantes em suas exigencias, obrigavam os editores a que fizessem duas ou tres fôrmas do mesmo texto, para poder augmentar a rapidez do trabalho. Ha 15 annos que a applicação do vapor á imprensa foi resultado dos grandes esforços e dos habeis calculos de M. Walter, editor e proprietario do *Times*, cujo nome se póde citar entre os dos bemfeitores politicos da nossa épocha, pois ninguem mostrou n'estes ultimos tempos mais audacia nas combinações, nem mais exactidão em suas vistas industriaes. O exito coroou por fim um grande numero de tentativas inuteis e de consideraveis gastos perdidos. M. Koenig, artista allemão, construiu uma prensa mechanica de vapor, que ao principio imprimiu de mil e duzentas até mil e trezentas folhas por hora, e que, aperfeiçoada depois, dá hoje de 2,000 a 2,500 exemplares. Assim, em um tempo dado, a prensa mechanica dá um producto dez vezes maior que a prensa de mão nos casos ordinarios, e 5 vezes mais do que quando se lhe dá mais actividade.

Tal é o orgam formidavel de publicidade que se chegou a estabelecer na frente do rançoso estatuto sanccionado pelas duas camaras do parlamento, que prohibe debaixo de penas mui graves a publicação dos debates, o qual consiste (e o repetimos, porque aqui se acha decifrado o enigma da vida dos povos) em que os costumes, que são o mesmo povo, triumpham sempre das leis, que não são mais que uma lettra morta. O parlamento, sem derogar o seu estatuto, concede de facto aos periodistas privilegios e faculdades que estão em contravenção directa com o texto da lei; entram por uma porta particular para a galeria destinada para o publico, e quando se obriga a multidão a que saia d'ella, se lhes permitte que continuem no seu logar. É verdade que a situação d'esta galeria é tão incommoda e está tão distante dos bancos dos oradores, que muitas vezes não chega a ella a debil voz de muitos dos que fallam. Será talvez exquisitice? será descuido? ou se terá querido deixar a porta aberta para poder imputar ao *reporter* os erros do representante da nação? Nada nos atrevemos a decidir sobre este assumpto.

Esta nova organisação da prensa periodica em Inglaterra tem produzido resultados mui singulares. Os *reporters* formam uma classe separada que não corresponde a opi-

nião alguma politica, e cuja influencia ou consideração depende do grau de exactidão com que desempenham o seu emprego, e por isso mesmo estão interessados em que as copias que dão das sessões sejam uma copia fiel do que se passa nas camaras. Por isso têm um espirito de corporação, e como podem passar de um periodico para outro, não se unem a partido algum, nem director algum de periodico exige do seu *reporter* que tenha as mesmas opiniões politicas que elle. Como qualquer infidelidade que commetta um dos individuos d'esta especie de associação prejudica ao bom conceito que deseja gozar o corpo todo, aborrecem as alterações, interpollações e suppressões, que são tão frequentes nos periodicos francezes; e alêm d'isso, cançados com aquellas logomachias politicas com que enfastiam o publico, nenhum interesse tomam no triumpho ou derrota dos torys ou dos wighs. Quanto desejam é preencher exactamente o seu dever.

Muitos publicistas inglezes reclamam hoje a suppressão do direito do sello que tanto sobrecarrega a imprensa periodica. Só se sustentam pelos avisos e annuncios, pois pelo mais, não só exige a lei que o preço do periodico não exceda a 7 pennys, mas tambem que a folha impressa não tenha mais de 32 polegadas de comprido e 22 de largura. Qualquer folha de supplemento paga o sello em separado. Quantas precauções para que os leitores obtenham quanto menos documentos seja possivel, e os editores a menor utilidade! Quando os annuncios são muitos, é necessario deixal-os, isto é, privar-se de um ganho certo, ou pagar 3 e meio pennys por cada folha de supplemento. Acha-se pois limitado este meio de publicidade; o commercio priva-se em parte de fazer os seus annuncios, e o mesmo thesouro se priva de parte de suas rendas, pois que cada annuncio lhe paga uma contribuição de 3 shellings e 6 pennys.

Fallamos dos periodicos na primeira parte com alguma extensão, porque são o ultimo resultado da liberdade de imprensa, e apesar dos obstaculos que tem a vencer, são os instrumentos mais fortes da civilisação moderna. A sua utilidade não consiste tanto nos conhecimentos positivos que contém, como na influencia politica que exercem, convidando a massa toda do povo a aprender e a saber. Um paiz onde circula uma multidão de periodicos, é um terreno co-

berto de conductores electricos promptos a levarem de um a outro extremo a luz e o raio. — Logo que brilha uma faisca no horisonte, todas as suas partes se excitam, e o que era apenas um ponto imperceptivel, chega a ser um raio luminoso. Todo este poder em Inglaterra se creou, organisou, chegou a ser superior ao poder regio, e conseguiu dominar a Europa á vista, e até debaixo da protecção da antiga jurisprudencia, hostil á imprensa como nenhuma. « Vedes aquelle rapaz sentado em um banquinho alto, negro, e encebado? diz o auctor das *bombas de agua de sabão disparadas por um velho*). Vedes, digo esse rapaz com a cara suja, as mãos negras, que tem apenas 10 annos, e nada mais faz em todo o dia do que pôr uma folha em branco em logar de uma folha impressa? Que dia e noite, manhã e tarde repete esse trabalho material, á duvidosa claridade de uma alampada pendente do tecto? Pois esse rapaz desconhecido na sociedade, e cujo officio não tem nome determinado, é mais forte e poderoso do que o autocrata de todas as Russias, porque logo que saiam de suas mãos esses papeis brancos impressos, é absolutamente impossivel uma invasão de barbaros. Esse é o grande antagonista da Russia conquistadôra, pois prepara em uma hora mil folhas de papel, mais poderosas que duas mil peças de artilheria. »

Com effeito um periodico é o unico instrumento capaz de communicar a um individuo todas as luzes que adquire a comunidade. Aquelle que entra em um paiz onde não ha periodicos se assusta de vêr a multidão de preocupaçoes e de idéas perigosas ou perversas que por elle se acham espalhadas. Em taes paizes enforcam os padeiros e moleiros nos tempos de caristia. Antigamente quando a fome ameaçava qualquer nação da Europa, proferiam-se anathemas contra os feiticeiros, e contra os traficantes de viveres; hoje os periodicos ensinam a todos a observar as variações dos mercados, e a distinguir os annos bons dos máos, e até o ultimo artista dirige suas vistas muito alêm do estreito circulo de suas observaçoes pessoaes. As dissertações politicas, e os discursos moraes não conseguiriam o objecto de que em vez de se melhorar cada individuo nos estreitos limites de seus interesses privados, acabe por se convencer de uma cadeia immensa e invencivel em todos os interesses e todas as relações desde a circumferencia do estado social, até ao centro

do mais pequeno grupo de quantos o compoem. Por limitada que seja a intelligencia de um homem, o habito que contrahe de curiosidade e observação, não póde deixar de augmentar suas idéas, e de cultivar o seu entendimento.

Não negaremos que este desenvolvimento da liberdade leva comsigo grandes abusos que lhe são inhérentes, pois temos visto calumniar absurda e atrozmente esposas e filhas de ministros d'estado, só porque o são; porêm é indubitavel que as vantagens da liberdade de imprensa são geraes e constantes, ao passo que as suas desvantagens são parciaes e momentaneas.

Sempre que os tribunaes de justiça tem proferido suas sentenças envolvendo-se na obscuridade, tem sido frequentes os assassinatos judiciarios, e a iniquidade se tem sentado nos bancos dos julgados. A liberdade de imprensa teria livrado do patibulo o conde de Lally-Tolendal, e teria suspendido o cutello de quasi todos os verdugos que tem cortado cabeças innocentes.

Por isso é que a defesa deste direito unico prohibido explicitamente pelas nossas leis, e solemnemente admittido pelos mesmos interpretes dellas, tem occupado um logar muito notavel na vida dos homens mais celebres de Inglaterra. Chatam, Junius, Erskine, Fox, Curran, Mackintosh, se tem consagrado á defeza da liberdade de imprensa. Mais passagens eloquentes, mais rasgos oratorios se acham em suas obras a favor desta preciosa garantia, do que ha de recommendações moraes e exortações christãas nas dos padres da igreja.

Erskine dedicou toda a sua vida a este unico objecto, e as nove decimas partes das causas defendidas por aquelle celebre orador e advogado inimitavel tem sido sobre a imprensa. Elle foi o primeiro que destruiu o systema das interpretações, systema que permittia que o juiz qualificasse de traição o acto mais insignificante, commentado com alguma habilidade. Provou tambem que os processos de imprensa não se deviam fundar sómente nas palavras, mas na intenção geral, e levou os jurados ao conhecimento do seu dever. Hoje vai a legislação ingleza de accordo com a doutrina introdusida por Erskine, e as regras que introduziu aquelle grande genio dominam em toda a materia.

Sem negar os abusos que a imprensa póde crear ou multiplicar, tem obrigado todas as pessoas de juizo a reconhe-

cer que estes abusos estão compensados por immensos bens. « Não apagueis a liberdade de imprensa (dizia na sua defeza de Stockdale); não suspendais os terrores do castigo acima da razão humana. Os talentos que se submettessem a elles se tornariam incapazes de produzir aquellas obras grandes e nobres que illuminam as bases de toda a politica, e a origem de todo o governo; e com maior razão seria impossivel que se applicasse o remedio da sensatez ás conjunturas criticas e aos movimentos sociaes, nem que se reparassem as bréchas abertas na nossa constituição. Debaixo do imperio de similhantes terrores, veriamos que se extinguiam as grandes tochas da civilisação e do saber. Não esqueçaes que nada ha grande e fecundo no mundo moral e physico, sem certa independencia irregular e agreste; ou renunciemos a seus beneficios, ou os aceitemos com todas as circumstancias que os acompanham. O engenho caminha só, e ainda que parece que vae errante e guiado pela casualidade,. o justificam a magestade e o vigor da sua marcha. Os grandes rios levam comsigo as suas margens, e arrebatam os gados que pastam nos prados; porêm si aguas não sahissem do seu leito, o terreno ficaria infecundo, e tudo perecia. As tempestades abatem nossas casas e destroem os navios do nosso commercio; porêm seu sopro vingador dispersa os elementos, que a não ser elle produziriam um contagio. Finalmente é preciso receber a liberdade, dom o mais precioso que o ente supremo concedeu ás suas creaturas, tal como Deus nol-o dá. Podereis fazer della um menino timido e modesto, podereis prival-a da sua energia e de sua força, porêm já não será liberdade. »

No processo de Lord Gordon, os accusadores tinham desenvolvido quanto poderam a theoria das interpretações; tendo-se seguido algumas sedições populares á publicação de varios folhetos escriptos por aquelle lord, se inferia d'aqui que elle era o author d'aquelles excessos, pois os tinha provocado. Todo o systema das nossas antigas leis favorecia este modo de proceder: porêm Erskine soube destruil-o com a sua eloquencia.

« Pois que, senhores, (exclamou) bastará attender a essas suppostas consequencias, em vez de examinar as intenções, e os factos? Ha nada mais opposto á charidade christã do que attribuir a um homem intenções perversas, só porque de

seus escriptos, ou de seus feitos tem resultado desgraças que não podia prevêr ? Si um malvado assassina um usurario, e dá como rasão de o ter feito, que a biblia falla dos usurarios com despreso, havemos de condemnar a biblia ? Si ultimamente se commetteram alguns crimes deploraveis, crimes que se devem attribuir á indolencia dos magistrados, á cegueira da policia, e á má administração, porque injustiça atroz se quer estabelecer uma relação quimerica entre taes actos e os escriptos de um publicista politico ? »

O processo de Stockdale serviu para estabelecer outro precedente não menos util. A empresa do orador era difficil, pois não só tinha que lutar contra as preocupações populares, mas até contra a insinuante eloquencia de Burke e de Sheridan. Hastings, vice-rei da India ingleza, encarregado de conservar por meio da força um grande reino adquirido por meio da astucia, comparecia perante o supremo tribunal de justiça, como réo dos actos mais tiranicos. Um ecclesiastico escossez chamado Logan, homem de talento e valor levantou a sua voz a favor do vice-rei. Stockdale, editor inglez, publicou o seu livro, no qual se injuriava a camara dos communs, comparando-a com um tribunal de inquisição. Este folheto, que si bem ditado por um louvavel amor pela humanidade e pela justiça contrariava o movimento desregrado do espirito publico, continha muitas expressões ultrajantes ácerca dos juizes, dos pares, e dos accusadores de Hastings.

O celebre Fox denunciou o auctor. Tratava-se, pois de distinguir a intenção do facto, e defender a liberdade de imprensa debaixo da sua fórma mais atacavel, e na qual não se póde defender os seus excessos sinão pela rectidão das intenções; e a defesa de Erskine é uma obra magistral de dialéctica e de eloquencia. Evita muito sustentar a causa do mesmo Hastings, e todos os seus argumentos tendem a demonstrar o direito que tem todo o cidadão inglez quando deseja defender um accusado infeliz, e a provar que o seu enthusiasmo não se póde attribuir a crime: e por esta occasião apresenta a cruel posição de Hastings, entregue ao mesmo tempo ao odio popular, e aos ataques dos talentos mais celebres d'aquella epocha.

« Vêde-o, diz elle, comparecer perante um tribunal o mais temivel, investido de uma elevada e sancta authoridade, ro-

deado de veneração, e composto de todas as superioridades intelectuaes e scientificas que existem no nosso paiz. Amontoa-se a multidão em Westminster, e este grande drama commove todas as almas até o mais recondito dellas. Excita-se a curiosidade, os corações palpitam de terror e impaciencia, e os primeiros homens do reino se seguem uns a outros, fallando a todas as paixões, fazendo chover sobre o accusado invectivas que excedem ás dos antigos oradores, excitando contra elle a indignação publica, picando no mais vivo o orgulho nacional, lançando em rosto a este representante de Inglaterra a atrocidade de seus actos, e a perfidia de suas transacções, animando contra elle todos os odios, manifestando a natureza ultrajada, e violada a humanidade; sempre terriveis, tragicos, exagerados, ambiciosos como todos os homens grandes, sem esquecer nenhum dos recursos por cujo meio o talento busca a gloria, e em uma palavra infatigaveis como quem está intimamente persuadido da justiça da sua causa. Pois, senhores, debaixo do fogo desta bateria torrivel, quando este interminavel processo tinha toda a Inglaterra estupefacta, tomou a palavra o author do folheto...

« Eu, senhores, não sou advogado de Hastings, e por tanto não devo tratar do seu crime ou da sua innocencia, nem fallar do seu processo sinão como de uma materia colateral ao processo de meu cliente. Si se tem conservado as possessões inglezas na India, si o interesse nacional tem sido servido, que mais se póde exigir? É uma loucura, um absurdo, querer submetter ás leis da integra justiça e da philantropia, o exercicio de um poder fundado na violencia e na rapina. M. Hastings terá podido violar os privilegios dos governos asiaticos, porêm, não era delegado fiel de um poder que menospresava esses mesmos direitos? Poderá ter violado as ordens immortaes de Deus e da natureza, porêm, não era vice-rei de um imperio arrancado a seus ligitimos donos, e tinto com o sangue de seus naturaes, contra as leis da natureza e de Deus? Póde, e deve ter mantido a sua autoridade sobre povoações abjectas e servis, oprimindo-as, insultando-as, disimando-as, porêm não era o fiel administrador de um governo que nenhuma simpathia tem com os povos da India, governo que não se apoia em cousa alguma nacional, em nenhuma confiança, em ne-

nhuma semelhança de interesse, e que não tem outro instrumento de que valer-se sinão da alternativa da força e da astucia? Os infelises indigenas da peniusula da India, enervados pelo seu clima, e oprimidos pela civilisação superior que se apodera d'elles, costumam achar de tempos em tempos aquella furiosa energia e aquelle vigor que jamais faltam á natureza humana ultrajada. Se os querem governar, é, pois, indispensavel uma vara de ferro. Ha muito tempo que se teria dispensado o nosso poder na India, se não si tivessem reunido, para sustentar um imperio que Deus nos não tinha dado, todos os recursos da violencia guerreira, e da astucia administrativa, e si n'esta obra, que o céo condemna, se não tivessem empregado todos os meios que o mesmo céo reprova.

« Vejo, senhores, que vos admira e comove este modo de considerar o objecto que nos occupa; e com effeito, não consultei os livros mudos e mortos, mas sim a experiencia, o coração humano, a historia.

« Vivi entre nações sujeitas á nossa autoridade, que abborrecem: conheci seus affectos, seus pensamentos, sua resistencia, sua moralidade, suas dôres; e sei qual é o unico modo de os vencer, de os subjeitar, ou de acalmar a sua raiva. Na minha juventude vi um principe selvagem e nú, que levando na mão um pequeno feixe de palitos, destinado a recordar-lhe os argumentos da sua barbara eloquencia, exclamaxa: « *Quem é o que faz que nasça no seio dessas elevadas montanhas o rio que se vai perder no oceano? Quem é que eleva e prolonga nos continentes a gigantesca sombra d'esses bosques, e quem é que com os seus raios os destrae e abate? O mesmo ente que vos deu a vossa patria no outro lado do mar, e que nos marcou a nossa, mandando-nos que a defendessemos. E a defenderemos*, » continuava o guerreiro, lançando com violencia o seu tomahauk ao chão, e proferindo o grito de guerra da sua tribu.

« Isto é, senhores, o que pensam e sentem todos os homens escravisados, e para governar povos de quem se não póde exigir affecto algum, não ha outro recurso, não ha outro remedio sinão o medo.

« Não esqueçaes que esse immenso poder asiatico de que gosaes, o não deveis ás simpathias humanas, e por tanto não podeis mantel-o por meio de nenhuma simpathia, nem

de nenhum methodo de governo suave e delicado. A charidade e a benevolencia não contribuiram para fundar esse imperio, e nenhum poder tem para o sustentar, quando ha 200 mil homens que tem armas, cavallos, elephantes, e polvora, e que vos pedem, bradaudo, os thesouros que lhes roubastes, e os reinos que lhes usurpastes.

« Respondei-lhes com palavras de brandura, de paz, de affecto. Sublevam-se vossos soldados, e impondes uma contribuição para lhes pagar; sem duvida é uma acção injusta, tanto mais que tendes feito um tratado que vos prohibe augmentar os impostos: porêm sem este augmento, a administração perecia. Sei que é indecente, que é immoral, que é culpavel penetrar no *Zenana* onde habitam as mulheres e que esta violação é principalmente odiosa aos povos orientaes; porêm si se trata de tomar uma cidade, e é necessario penetrar nella, abrindo-se passagem pela *Zenana*, que se faz? Dar todo o seu brilho á honra nacional, e á dignidade e moralidade ingleza? Em tal caso retirai as vossas tropas, destruí as vossas feitorias, e ordinai aos vossos negociantes que esqueçam o seu imperio oriental. Porêm se encantada pela tyrannia e pelo ouro, a Inglaterra quer dominar naçoes longinguas, inimigas e que occupam um territorio muito mais extenso que o de nossas ilhas: si manda para alli vice-reis, sem outras instrucçoes que a ordem de conservar estes territorios, mantendo n'elles o dominio britannico, com que aparencias de razão, pergunto, virá depois pregar uma severa moralidade, e reconvir aos seus agentes pela execução das ordens que ella mesma lhes deu? Com que direito poderá accusal-os? Com que direito condemnará, não a immoralidade que nasce dos seus proprios actos, mas sim o excesso d'essa immoralidade? Com que direito ousará dizer—eu contravim as leis eternas e contudo sou innocente, porêm tu excedestes as minhas ordens, e por tanto sois culpado?

« Assim o entendeu, isto pensou o meu cliente; e si no ardor de sua comoção não impediu que lhe escapassem algumas expressões pouco comedidas, o condemnarieis por isso á infamia, á prisão, á multa? Castigareis uma palavra por pouco moderada, ou um epitheto por mal soante, em vez de pensar na pureza da intenção? O que o homem equitativo e virtuoso deve pedir com maior fervor ao Altis-

simo é que a justiça humana seja pura, elevada, benefica, como a justiça celeste: desgraçados vós, senhores, si o supremo author vos julgasse conforme as regras que agora se trata de estabelecer; desgraçados vós, si com tanta rigidez contasse e castigasse com tanto rigor todas as palavras, gestos, passos, que na vossa vida tenham sido indecorosos ou immoderados. Porêm não; o anjo não apontará no vasto e triste volume de nossa vida os innumeraveis erros parciaes que tivermos commettido; mas sim apreciará a intenção geral, a charidade para com os homens, a bôa ou má vontade.

« Nossas imperfeições vos aniquilariam si a indulgencia celeste não tivesse outra regra, outra medida, e um tribunal mais digno e elevado; eu não duvido que quando nossos erros mais graves estiverem unidos, ou antes forem inherentes a uma sensação generosa, a um arrebatamento nobre, a uma ligeira particula da chamma divina, seremos perdoadas. Acreditae-me, senhores, o homem que não contar na sua vida sinão esta especie de culpas pode entrar sem receio pelas sombras da morte; essas manhas tão numerosas e frequentes ainda nas existencias adornadas com as mais brilhantes virtudes, desapparecerão diante da luz da misericordia divina, as fragilidades de tão debeis creaturas não acharão um accusador encarniçado, pelo contrario os nossos movimentos de sensibilidade e de fervor, de affecto, de bondade, de perdão generoso, acharão um arbitro justo, que os porá na ballança, contrapondo-se ás innumeraveis culpa. da nossa vida »

Stockadle foi absolvido, e o orador teve a gloria de fundar uma doutrina, conforme á qual a intenção maliciosa ou innocente do autor de um escripto constitue a sua criminalidade, ou exige a sua absolvição. Tal é com effeito o fundo de todas as discussões sobre a liberdade de imprensa, e Erskine conduziu a Inglaterra a este importante resultado, que assegurou a omnipotencia dos jurados, e os constituiu arbitros não só de facto mas tambem do modo de applicar a lei: mudança indispensavel, e que não se verificou sinão n'estes ultimos tempos.

O celebre Mackintosh pode contar-se tambem entre os athletas victoriosos da formosa causa da liberdade de imprensa.

Apresentou-se em 1803 um processo estranho, tanto que talvez se não apresentará outro analogo em época alguma, nem em historia alguma. Um emigrado francez chamado *Peltier*, que publicava com o titulo de Ambigú uma multidão de fragmentos tirados dos periodicos francezes, todos elles mais ou menos contrarios a Bonaparte, então 1.º consul, foi levado a juizo por ter inserido no seu periodico alguns artigos que directamente provocavam ao assasinato de Bonaparte. O facto era innegavel; porêm Mackintosh se encarregou da defeza, e compoz um discurso, não a favor do libelista Peltier, mas da liberdade de imprensa. Sua elocucção é de philosofo, não de advogado; suas vistas proféticas se estendem ao longe; a magestade da historia se mistura com a sagacidade do jurisconsulto; e algumas passagens especialmente estavam marcadas com o sello de uma assombrosa previsão.

« Senhores, disse elle, achamo-nos no principio de uma grande lutta entre a única imprensa livre da Europa e um grande poder, o poder absoluto. A imprensa ingleza é hoje a unica livre, privilegio que repartia, antes do grande diluvio da revolução franceza, com a imprensa de varios outros paizes. Só ella se acha em pé, e vencerá, não o duvideis; alguns estados debeis, que só tinham adquirido peso na balança européa, porque se tinham constituido centros de civilisação, industria e liberdade, desappareceram em consequencia da grande tempestade politica; e este ponto da Europa, ultimo asylo da discussão livre, é o unico onde se póde exercitar a razão humana de um modo independente ácerca dos objectos mais vitaes da ordem social. Aqui sómente, e não em outra parte, póde cada um publicar atrevidamente a sua opinião e mostrar seu odio á mais ameaçadora tyrannia. A constituição de nossos maiores protege todavia a imprensa livre; os corações e os braços dos Inglezes a rodeiam e defendem, e não perecerá, atrevo-me a prognostical-o, sinão entre as ruinas do imperio britannico. Esta, senhores, é uma consideração de grande importancia; a liberdade da imprensa ingleza subsiste comtudo, porêm subsiste isolada e entre ruinas. Unam-se, pois, todos os nossos esforços para a manter. »

Este processo que perdeu Mackintosh teve muito écho em toda a Europa, porque a sagacidade philosofica do defensor

tinha marcado com o dedo o ponto principal da grande questão européa. Com effeito, o grande litigio da nossa época era entre a liberdade de imprensa e o poder absoluto, e ninguem o pôde duvidar desde o momento em que a voz do jurisconsulto inglez resoou na barra do tribunal. Quanto ao mais, elle não illustrou ponto algum de jurisprudencia, e só citamos como prova de observação-providencial e de viva penetração aquelle notavel discurso, que traduziu Madame de Stael.

Curran, orador irlandez, contribuiu tambem muito para a emancipação da imprensa, fazendo ver que ella contribue para a segurança e salvação dos governos.

« Sabeis, senhores, disse elle, de que perigo se livra o governo, quando se estabelece uma communicação publica entre os cidadãos. Pois vou dizer-vol-o. Deixae livre a imprensa, e a sedição caminhará a descoberto e á luz do dia: o demagogo declama e gesticula; tem o seu theatro e faz uso d'elle, representando o seu papel á vista do publico, porêm bem depressa, ou seja por cançaço, ou por venalidade, fastidio, desgosto ou desengano, abandona a scena, desapparece e não se ouve mais fallar d'elle. Supprimi a liberdade de imprensa; a sedição se occulta, e na obscuridão da noite, no seio do mais profundo segredo, accumula os elementos inflammaveis e as materias combustiveis, cuja explosão ha-de destruir algum dia o estado social. » Apezar de todas as alterações feitas n'esta materia, a jurisprudencia relativa á imprensa ingleza é todavia um enorme cahos, no meio do qual reinam do modo o mais despotico o capricho de um jurado, a eloquencia de um advogado, ou a influencia incerta das opiniões populares. Supprimiu-se o pilourinho, que em outro tempo era um dos castigos impostos aos delictos da liberdade de imprensa, e que recordava os tempos barbaros; hoje só se castigam estes delictos com multa e prisão. Antes da revolução, havia exemplos de prisão por 10 annos; porêm, desde aquella época, não se impozeram aos culpados sinão um anno, 18 mezes ou dous annos de prisão; porêm para qualquer sitio que o juiz mande transportar o accusado, tem este de pagar as despesas, saia condemnado ou absolvido, e mesmo quando não chegue a ser julgado; porque a jurisprudencia ingleza não perde jámais de vista a maxima de que a corôa não deve pagar despezas, nem rece-

ber prejuizos ou lucros. O fiscal publico, que ataca em nome da corôa, tinha em outro tempo o direito de replicar, sem que o accusado lhe podesse responder. Trata-se primeiro de provar a publicação do libello, facto claro como a luz do dia, depois a malevolencia e perversa intenção do editor e do autor, intenção que se deduz não só dos termos que o escriptor empregou, mas de outras mil circumstancias que a elle se referem. Antigamente o juiz, e não o jurado, qualificava esta intenção malevola, ou *malus animus*, o que fazia uma enorme differença.

Porêm hoje mesmo, a lei não admitte a prova dos factos que o libellista imputa ao governo, mas previne ao jurado que decida por si mesmo, emquanto á pureza ou malicia das intenções do escriptor. Convencido este de malicia, se trata do castigo que se ha-de impôr ao culpado, e então, com a esperança de diminuir ou augmentar este castigo, tratam de provar o accusador e o accusado, um a falsidade, e outro a certeza dos factos declarados pelo autor do libello.

Tal é a disposição equivoca e vaga da lei ácerca d'este ponto. Si dermos credito aos partidistas do radicalismo, não se deve castigar delicto algum de imprensa, porque dizem que esta se serve de contraveneno a si mesma, e suas vantagens neutralisam seus mais perigosos effeitos; quando muito admittem que se possa intentar um processo d'esta especie, com o fim de provar a calumnia ou a verdade de um ataque dirigido contra o governo. O certo é que todo este codigo é vago, elastico, facil de dirigir e dobrar em sentidos oppostos. Um povo que conhece seus direitos e os sabe sustentar, nada tem que temer ainda em um estado de cousas tão perigoso e incompleto como o nosso, e a melhor lei sobre a imprensa chegará a ser perigosa quando o jurado se achar disposto a executar cegamente as ordens da corôa e a favorecer as suas operações.

Um escriptor póde ser accusado como libellista, e como tal condemnado, sem que se reuna um grande jurado, sem que se lhe previna de officio que se começaram os debates, e sem que se ouça a sua defesa. Desde 1806 até 1816 os ministros inglezes usaram d'este poder com a maior latitude e com uma extrema severidade, pois em um só dia se viram accusados 26 escriptores politicos, e metade dos periodicos citados ante os tribunaes; porêm, começado o processo, não

se atreveram a continual-o, e a espada de Damocles ficou pendente sobre sua cabeça. Alguns d'elles ficaram comtudo arruinados pelos gastos a que os expoz aquelle iniquo processo; mas isto era precisamente o que se desejava, pois se pretendia tapar a bôcca por meio do terror aos escriptores, e obrigal-os a que deixassem ao ministerio a liberdade de proceder á sua vontade.

Lord Brougham introduziu alguns melhoramentos; por exemplo, tratou de restabelecer o equilibrio destruido, collocando o accusado por materias de imprensa no mesmo caso que os outros accusados que antes da prova se consideram como innocentes. A lei de lord Brougham mitigou, ainda que não destruiu, algumas dás iniquidades da antiga lei, que conservou em grande parte a sua inexactidão e obscuridade.

As nossas leis estranhas não protegem melhor a propriedade litteraria. Quando um impressor se apodera de uma obra, e com uma edição fraudulenta rouba o autor ou editor uma parte de suas legitimas garantias, não fica a este mais que um recurso, é o de pedir ao grande chanceller que interponha a sua autoridade, para impedir a fraude que produz a queixa. Aquelle magistrado toma informações, e, usando do seu livre arbitrio, póde dirigir ao impressor culpado uma intimação *(injunction)*, isto é, prohibir-lhe que continue a sua publicação, e ainda em certos casos confiscar-lhe os exemplares. Porêm, si julga que a obra é perigosa, e por isso mesmo indigna da sua protecção, nega a intimação de que se fallou, e em tal caso acontece que o mau livro, carregado com o anathema do chanceller, se espalha com mais facilidade do que um bom livro, pois se deixa ao editor fraudulento em liberdade de multiplicar quanto queira os exemplares, como o *Cain* de lord Byron. Em consequencia do interdicto de lord Elden, perdeu Murray o seu direito de propriedade d'aquelle livro, porêm por outra parte se animaram os falsificadores, e isto fez que apparecessem ao mesmo tempo 5 ou 6 edições do *Cain*.

Tal é a legislação da imprensa em Inglaterra, infinitamente fluctuante, absurda, ridicula, porêm corregida pelos costumes do povo, por seus habitos invenciveis e por sua sêde de liberdade. Toda a historia de Inglaterra é uma grande lição, que demonstra o partido que póde tirar um povo das

invenções mais detestaveis de seus legisladores. Quanto mais se adianta no conhecimento dos homens e das cousas, mais inclinação sente para a critica, e para a critica amarga a respeito d'esses philosophos de gabinete, a quem só falta a observação dos homens e dos factos; *umbratiles philosophi*, como diziam os Romanos; homens que, querendo applicar na pratica a regularidade de suas especulações, jámais deixam de enganar-se nem de tomar por cousas as palavras.

Elles eram os que, quando dominavam a revolução franceza, declaravam magistralmente que os homens eram iguaes e que a imprensa era livre, e julgavam ter feito bastante com esta declaração soberana e magnifica, cuidando depois mui pouco de saber si de facto os iguaes mandavam a seus iguaes á praça de Grève, e si a imprensa, que se suppunha livre, se achava escravisada, em termos de não poder publicar nem uma censura contra o governo, nem uma allusão aos membros do parlamento, do directorio ou do senado.

Seria certamente curioso escrever a historia dos livros que desde 1793 até 1803, debaixo do reinado da liberdade, foram condemnados, destruidos ou mutilados pelos differentes governos. Bonaparte e Robespierre, dous grandes amigos da liberdade de imprensa, não consentiam que apparecesse impressa uma só palavra que lhes desagradasse; e a censura de Luiz XV e de Luiz XIV era suave e benevola, comparada com as leis que governavam a imprensa no tempo do terror e debaixo do dominio de Bonaparte. Em geral, quando um povo perde a realidade de sua independencia e o fructo de suas liberdades, quando se contenta com palavras sem valor e se satisfaz com uma sombra vãa, não deve lançar a culpa á sua legislação nem aos seus governantes. Em materia de imprensa, sobretudo (a Inglaterra o demonstra palpavelmente), a peior legislação chega a ser um instrumento de emancipação e conquista, quando o povo o merece.

(Revista de Edinburgo e de Westminster.)

ECONOMIA SOCIAL.

DAS CRISES FINANCEIRAS E DA REFORMA DO SYSTEMA MONETARIO.

I.

O EMPRESTIMO feito pelo banco de Inglaterra ao de França, a rapida e progressiva alta no interesse dos capitaes na Inglaterra, elevando-se em pouco tempo de 2 1/2 a 4, e até 10 %; a tensão que devia seguir-se de tal carestia nos emprestimos, em todas as transacções commerciaes e de industria de uma nação rica e poderosa, e isto no meio de uma paz geral e no estado normal da sociedade, sem poder aventar-se um só phenomeno que possa perturbar as fontes de sua prosperidade, são factos em demasia graves e assaz influentes na economia de todos os povos que se acham directa ou indirectamente relacionados com Inglaterra, para que elles não tratem de indagar suas causas e prevenil-as, sendo-lhes possivel.

A imprensa de Inglaterra e França tem-se occupado d'este acontecimento não ordinario, attribuindo-o a differentes causas, e entre outras á importação de grandes quantidades de cereaes; porêm, não tendo nós até ao presente encontrado publicação alguma onde esta questão tenha sido tratada a fundo, e onde se apontasse a causa geral e permanente d'estes grandes abalos na parte economica das nações, podemos agora annunciar que M. Chitti, antigo professor de economia social, publicou em abril ultimo, na Belgica, um pequeno volume de 140 paginas, onde trata esta questão das crises financeiras com a maior clareza possivel, attribuindo estes abalos quasi periodicos, que sente a prosperidade dos povos os mais ricos e industriosos, á imperfeição

do systema monetario e á necessidade de empregar como moeda outros signaes monetarios mais proprios que o metal, para servir de intermediario nas trocas: por conseguinte, elle propõe como remedio unico, efficaz para cessar as crises financeiras, a substituição de uma moeda mais perfeita á moeda metallica. O autor trata esta questão em um ponto de vista muito elevado; elle occupa-se unicamente dos acontecimentos que levam a desordem a todos os ramos de industria e operações commerciaes de qualquer nação, taes como a queda do systema de Law, a depreciação dos assignados em França, as banca-rotas de 1825 a 1826 na Inglaterra; abstem-se de fallar de algumas difficuldades financeiras e calamidades industriaes que só affectam de passagem certas classes de productores, e cujas causas fortuitas e variaveis escapam ás investigações da sciencia. Pretender esquadrinhar estas causas, para de sua acção damninha garantir o trabalho do homem, é querer que desappareçam todas as miserias physicas, moraes e politicas que affligem a humanidade.

A obra de M. Chitti cura pouco d'essa analyse, sendo toda ella uma analyse mui succincta das doutrinas economicas ás quaes se prende a questão monetaria. Limitar-nos-hemos a enunciar que o autor percorre com rapidez, ainda que luminosamente, as materias que têm por objecto o valor, o credito, a economia individual e os capitaes, apresentando sobre estes objectos idéas novas e justas, sentindo nós que fôssem unicamente indicadas; mas talvez o autor se reserve para desenvolvêl-as em obra mais volumosa, e em que abrace todas as partes da sciencia economica.

Fallando do valor, depois de ter observado que elle nasce da troca; que um sacco de trigo se troca por dez varas de panno ou por vinte peças de um franco, diz que as varas de panno ou os vinte francos eram o valor do trigo, e *vice-versa*: logo, o valor não é riqueza, mas uma relação; as cousas uteis formam a riqueza, e o valor não é mais que o numero, a razão pela qual as cousas uteis se trocam mutuamente. Comtudo, estas idéas hão sido confundidas pelos escriptores de todas as escholas; e esta confusão tem sido origem de tantas opiniões contradictorias em questões fundamentaes e as mais simples da economia das nações, e tem eivado de esterilidade as doutrinas que se occupam da riqueza das naçoes.

No capitulo — Capital — faz o autor distincção entre capital e forças productivas. O capital, observa elle, é o resultado da abstinencia, ou aquelles productos que o possuidor não gasta e que de ordinario empresta a um terceiro, que os destina ou ao consumo improductivo, ou áquelle que tem a producção por objecto. As forças productivas são pelo contrario todas aquellas cousas que têm por fim exclusivo a producção. Qualquer nação póde ser pobre em forças productivas, ainda que rica em capitaes.

Assim acontece na Hollanda, que, dispondo de grandes capitaes, acha mais interesse em os pôr a render fóra do paiz, do que em os converter em forças productivas para alimentar e estender a industria no interior. Não devemos reputar puras subtilezas as distincções do autor; pelo contrario, o desprezarem-se tem motivado o não se ter até ao presente resolvido qual convenha mais á prosperidade publica, si o gastar tmproductivamente tudo quanto se ganhou, si o poupar o mais que fôr possivel, e converter esta parte separada em novo capital, que se empregue em nova producção.

E com effeito; poupae, dizem uns, reduzi vossos gastos ao só necessario, nada de luxo: creae novos capitaes com o sobejo, e destinae-os a novas producções; e assim, augmentando vossas fortunas particulares, elevareis a publica ao mesmo tempo. Outros opinam que o possuidor deve consumir todos os seus rendimentos com suas despesas necessarias e superfluas, animar o trabalho, dar pão aos obreiros, emprego aos capitaes e sahida aos productos, tornando-se assim benemeritos da patria e adquirindo direito ao reconhecimento publico.

Em ambas estas opiniões ha verdade; porêm a sciencia ainda não póde considerar-se em estado de offerecer uma solução tão evidente que possa convencer todos os espiritos, unindo-os em um só ponto.

Bem quizeramos nós tocar todas as idéas novas sobre as doutrinas fundamentaes da sciencia, que se acham espalhadas por todo este pequeno volume; porêm não se casa este nosso desejo com a necessidade de chegarmos ao objecto principal d'esta interessante publicação.

Eis, em poucas palavras, a theoria de M. Chitti sobre as crises e meios de as prevenir.

A crise financeira é considerada pelo autor como o resul-

tado da extensão demasiada que se dá ás empresas industriaes e commerciaes de qualquer nação. E esta mesma exageração, no seu entender, tambem já é consequencia da excessiva emissão de papel moeda, notas de banco ou quaesquer outros signaes do numerario; por isso que taes papeis, postos em circulação em grandes massas e a descoberto, isto é, sem que o dinheiro que elles representam esteja em caixa, induzem a acreditar na existencia de capitaes que nunca houveram, e na disponibilidade de forças productivas que o paiz jámais teve á sua disposição, instigando d'esta arte a actividade na industria e commercio da nação; a ponto d'ella crear empresas inteiramente desproporcionaes aos meios reaes de as levar ao cabo; e accrescentando mais que este movimento, communicado ás forças productivas, dá logar a maior numero de transacções pecuniarias, e por conseguinte a empregar-se maior quantidade de numerario, vindo assim, segundo a ordem natural das cousas, a tornar-se causa de novas emissões de papel moeda aquillo mesmo que fôra um effeito immediato de taes medidas. O paiz, levado por uma força irresistivel e desconhecida, e com um movimento sempre crescente, é impellido para um campo imaginario, e não pára em sua marcha irreflectida sinão quando, esgotada a realidade de seus capitaes, percebe, mas infelizmente tarde, que suas empresas eram muito alêm dos meios de execução. Em taes circumstancias é forçado a apresentar seu balanço, declarando a banca-rota geral, a que se tem dado o nome de crise, para encobrir talvez a vergonha que sempre acompanha a declaração de não poderem cumprir-se ajustes com tanta leveza contrahidos ou negociados.

Entretanto, eis o remedio que o autor propõe, afim de prevenir tão grande calamidade.

Si pois as crises provêm de se emittir em demasia o papel moeda ás claras, deveria ser o remedio impedir taes emissões; não directamente, porquanto todas as leis seriam inefficazes, quando a confiança publica, que só fez circular o papel moeda, se acha fóra de seu alcance, mas indirectamente e da maneira seguinte:

Quando se dão a escolher para receber notas ou escudos, qual será a razão por que de ordinario se preferem as notas? Porque os escudos são pesados e incommodos, exigem trabalhos e mil cuidados para se contarem e para se guar-

darem, emquanto as notas são leves, onde quer se accommodam, e com a maior facilidade se contam grandes sommas que ellas representam. Logo, a preferencia que dá ás notas sobre os escudos é filha de sua superioridade.

Que deveremos nós fazer para cessar tal preferencia, que motiva a circulação de notas, d'onde se originam as crises? È forçoso que se dêem ao dinheiro metal, qualquer que seja, as mesmas propriedades que assistem ás notas dos bancos. É necessario que tenha o mesmo feitio e de materias identica, isto é, que haja dinheiro papel.

N'esta ordem de idéas, torna-se evidente que, possuindo a moeda corrente as mesmas propriedades que fazem a superioridade das notas aos escudos, não só cessarão as emissões das notas, mas diminuirão, por a ellas ser preferida esta moeda, que fica superior incontestavelmente. E com effeito, sendo as notas o signal e a moeda a cousa significada, as notas a promessa e a moeda seu cumprimento, ninguem, em iguaes circumstancias, preferirá o signal á cousa e a promessa ao promettido. Não póde negar-se que este discorrer é logico, simples e concludente; mas o autor terá acaso previsto a repugnancia que tal systema deve encontrar? Cunhar moeda papel! Póde alguem sonhar em tal, na presença de tantos desastres occasionados por tal moeda nos paizes que têm recorrido a este funesto meio de trocas!!!

Porêm, depois de lermos a obra de M. Chitti, acharemos que sua moeda de papel, é outra cousa differente do antigo papel-moeda cuja recordação, por justos motivos, horroriza. O papel que o author propoem, é um intermedio para as trocas, levado á maior perfeição; sua adopção não tem outro fim, que facilitar o cumprimento das transacções pecuniarias; por conseguinte tal moeda não póde circular sinão em tempos de paz e prosperidade. Então será acceita sem difficuldade, porque o publico a reputará uma melhora financeira, um progresso social; e não um triste expediente, a que d'ordinario se recorre em momentos d'agonia. O antigo papel-moeda, pelo contrario, é uma mentira monetaria, uma promessa d'embolsar o que não se póde pagar de contado; não se póde considerar um instrumento de trocas melhorado, e novo; mas um perigozo auxiliar, que falsêa a medida dos valores, que substitue a ficção á realidade, que a violencia introduz na circulação em dias azia-

gos, e em circumstancias que não permittem a escolha de meios para as conjurar. Seria por tanto erro grosseiro argumentar contra a nova moeda de papel com os defeitos do antigo papel-moeda.

Em fim podemos desde já assegurar, que o author não se esquiva a responder a todas as objecções de alguma consideração que possam oppor-se á adopção da sua moeda de papel; combate-as victoriozamente, segundo nossa opinião, não deixando alguma duvida sobre a possibilidade de realisar este novo meio de permutações.

Nesta proposta de reforma do systema monetario, o author das *Crizes* teve principalmente em vista um mais forte motivo, que o de prevenir as grandes calamidades sociaes.

Estabelece como principio, que a imperfeição da moeda metalica estorva tanto o cumprimento das transacções pecuniarias, quando ellas adquirem certa importancia, que a industria, e por conseguinte a riqueza das naçōes mais prosperas, nunca passariam de certos limites, si, para corrigir esta imperfeição, ellas não tivessem introduzido na circulação o papel-moeda, que serve muito melhor que o metal, de intermedio nas trocas. E com effeito, quando um paiz se eleva a certo grau de riqueza, o desenvolvimento de suas forças productivas dá logar a transacções pecuniarias tão numerozas, importantes, e rapidas, que se torna physicamente impossivel satisfazel-as em metal. Desde esse momento, o emprego de uma moeda que esteja mais em harmonia com a rapidez e importancia do movimento dos valores, torna-se uma imperioza necessidade; e assim deveria acontecer, porque as naçōes as mais ricas, e mais intelligentes, apezar do risco de serem precipitadas em um abismo de crizes pelo abuzo do papel-moeda, não se lembraram ainda de supprimir este auxiliar indispensavel do metal. Só appareceu um militar, o general Jackson, que poude conceber o absurdo pensamento de acabar de um só golpe com o instrumento de permutaçōes, do qual nos Estados-Unidos se faz o principal uzo, na esperança de desempenhar as funcçōes monetarias, com moedas exclusivamente metallicas.

Quando porêm nos lembramos que só na praça de Londres se operam diariamente pagamentos importando em 7 milhōes de libras sterlinas (77 milhōes de cruzados), facilmente comprehenderemos a impossibilidade de os effectuar,

se si fosse obrigado a empregar unicamente peças d'ouro ou de prata.

É por tanto do maior interesse para a humanidade, e de maxima importancia, ainda que d'ordinario se lhe não dá, a questão sobre a reforma do systema monetario; e nós devemo-nos considerar obrigados a M. Chitti por ter tratado esta materia com a maior franqueza, e sem attenções particulares; apezar das prevenções existentes, e de suas doutrinas deverem abalar poderozos interesses.

Entretanto vamos appresentar os argumentos por meio dos quaes M. Chitti prova a possibilidade de se reformar o systema em questão; assim como as medidas que elle aconselha para impedir o abuzo de uma moeda, cuja materia não tem valor intrinseco; e cuja fabricação pouco trabalho exige, e ainda menos despeza.

II.

No paragrapho precedente demos um rezumo das doutrinas contidas na obra que emprehendemos analizar, applaudindo as consideraçōes que o author expõe sobre as cauzas das crizes, e meios de as prevenir. Porêm nós seriamos os primeiros a considerar taes doutrinas como brilhantes chimeras, se o author não tratasse primeiro que tudo de resolver todas as duvidas de alguma entidade, que pódem oppor-se-lhe; demonstrando depois a possibilidade de realizar seu systema, indigitando igualmente os meios praticos de sua execução.

Nós confessamos que, depois da primeira leitura deste livro, nosso espirito ficou como que surprendido, por se achar bem longe da esphera das idéas, que a opinião vulgar até ao presente tem adoptado como base das theorias monetarias.

Estamos de tal sorte convencidos que o ouro e prata são a moeda por excellencia, que a intelligencia se recuza a reconhecer que exista outra substancia, alêm de ouro e prata, susceptivel de servir de materia monetaria, e que tal substancia, não tendo quasi valor algum, possa adquiri-lo, e em grau tal, que, apezar das variaçōes, se torne mui propria a preencher as funcções de intermedio de trocas.

Na obra de M. Chitti é forçoso reconhecer grande sagacidade de engenho, e um vivo desejo de innovaçōes: entre-

tanto alli tambem não falta severidade de methodo, e um cuidado escrupuloso em manter a discussão sobre o terreno da realidade.

O author propondo a adopção de uma moeda de papel, mostra-se ao mesmo tempo em hostilidade com o papel-moeda, notas de banco, ou outro qualquer, quando taes promessas se emittem *a descoberto*, isto é, sem que o valor metalico, que esses papeis fingem representar, tenham sido precedentemente depositados nas caixas dos estabelecimentos que os subscrevem. Longe de participar d'aquella opinião que attribue ao papel moeda o poder de augmentar os capitaes d'um paiz, e de crear novos meios de producção, M. Chitti pensa pelo contrario, que, sendo os capitaes productos reaes que os possuidores se abstem de gozar, e que taes productos, sendo em cada nação uma quantidade determinada, que não póde augmentar-se, a não ser por meio de novas producções, e de novas abstinencias, o papel monetario emittido *a descoberto*, não vem a ser mais do que pedaços de papel sem utilidade alguma; com elle nada accresce aos capitaes existentes, vindo unicamente a servir de instrumento de decepção para abusar da confiança publica, prestar fundos que se não possuem, e dispôr de productos que se acham á disposição de outrem.

A consequencia de se introduzirem na circulação capitaes imaginarios, signaes monetarios mentirosos, é affluirem ao mercado muitos compradores, que dando em pagamento valores ideaes, provocam uma extenção enganosa de procuras, uma alta falaz de preços, e uma exageração funesta em todas as emprezas industriaes, e commerciaes do paiz; e a final torna-se inevitavel uma crise; crise medonha, que chega infallivelmente quando as forças productivas se extenuam por tal excitamento febril, a ponto de se verem forçadas a abandonar as obras começadas, não deixando sobre o campo do trabalho mais que ruinas e miserias.

Considerando porêm o author a emissão do papel-moeda em outro ponto de vista, chega igualmente ao mesmo resultado. Pela emissão do papel-moeda *a descuberto*, observa elle que a massa do numerario circulante augmenta, e que por conseguinte se opera uma baixa no valor da moeda. Ora, como as peças d'ouro, e prata conservam o seu valor metalico, mui distincto do valor monetario, retiram-se em

parte da circulação, e reduzem-se a barra para irem valer mais em paiz estrangeiro: esta ausencia do ouro e da prata no mercado, obriga a fazer novas emissões de papel-moeda, e por conseguinte novas conversões das peças d'ouro e prata em barras, até chegar o momento de se fazer quasi todo o serviço das permutações por meio do papel-moeda.

Isto porêm ainda não é o maior mal. Si o metal tem sahido do paiz em barras, hão de entrar em troca e valor equivalente productos estrangeiros: porêm a ausencia da moeda metallica colloca o paiz ás bordas do precipicio. Eis-ahi como.

O papel moeda, que é o unico numerario circulante, importa comsigo a promessa do embolso á vista e em metal.

Logo que o excesso de emissões lhe deprecia sensivelmente o valor, a confiança abala-se, os mais receosos ou os mais previdentes correm ao embolso, e logo um grito de rebate faz acudir a massa dos portadores. Então cahe a mascara, a impossibilidade do embolso torna-se flagrante, o papel perde n'um momento todo o seu valor; e como as peças metallicas foram exportadas, o paiz acha-se de repente privado de moeda, ninguem póde satisfazer os ajustes contractados, e a nação em massa é obrigada a declarar-se em estado de fallencia.

É assim que se desmorona todo esse edificio de pretendidos capitaes em papel moeda, e d'esse modo á brilhante illusão de uma riqueza illimitada, succede a triste realidade de não poderem continuar-se aquellas obras que tão amplamente se conceberam. O papel moeda, perdendo então todo o prestigio, vem a ficar o que era, isto é — papel —; e o paiz vê-se obrigado a fazer grandes sacrificios para reconduzir á circulação a moeda metallica, e para restabelecer a ordem em sua economia interior.

E suppondo mesmo que o papel moeda não era pagavel á vista, nem por isso a crise deixaria de acontecer, si as emissões fôssem em excesso, o que teve logar em França com os assignados illimitados; a não ser que por uma sabia medida se pozesse termo ás emissões, retirando-se da circulação o que excedesse as necessidades do paiz, restituindo-se d'esta arte seu valor primitivo ao restante no mercado. Foi assim que obrou o banco de Inglaterra depois da paz de 1815: havia no mercado excessiva quantidade de bilhetes;

porêm, sendo retirados da circulação incessantemente, nivelaram seu valor com o da moeda metallica.

A conclusão que o autor deduz de taes consideraçoes é que a emissão de papel moeda *a descoberto* leva a economia do paiz a maior ou menor abalo, acabando sempre por lançar a nação nas calamidades das crises, si a emissão passa de certos limites.

Segundo as idéas que deixamos expostas, a causa das crises é o excesso de papel moeda; e, pela doutrina do paragrapho precedente, o unico meio de obstar a taes emissões é a reforma do systema monetario, isto é, a substituição de uma moeda de papel á moeda metallica, porqne, sendo o dinheiro corrente de papel, não ha já motivos para se emittir papel moeda, nem para se lhe confiar o serviço das permutaçoes.

Resta-nos pois fallar da possibilidade de realisar estas substituições. Nós, primeiro que tudo, enunciaremos succinctamente as idéas do autor sobre o valor monetario, segundo as quaes elle conclue poder-se facilmente dar ao papel um grande valor e pôl-o ao abrigo das variações; depois indicaremos os meios praticos de que o autor suppõe dever-se lançar mão para introduzir na circulação a moeda de papel.

III.

O valor ou preço de qualquer producto é a consequencia: 1.°, de sua utilidade; 2.°, da intensidade, urgencia e extensão das necessidades que elle deve satisfazer; 3.°, da extensão dos meios de que podem dispôr para o adquirir os que soffrem taes necessidades; 4.°, da quantidade offerecida, no que se comprehende não só o que vem ao mercado, mas o que póde lá ser trazido; 5.°, da urgencia dos possuidores em trocar esse producto por outros. E por outros termos: o preço dos productos é determinado pela *offerta e pela procura*; esta expressão resume as cinco circumstancias ácima enunciadas.

O valor monetario não tem outra origem. A moeda satisfaz uma necessidade das mais extensas e das mais imperiosas da sociedade, a das trocas. Tudo aquillo que for apto para satisfazer esta necessidade terá forçosamente valor emquanto sua quantidade for limitada; e este valor ficará tam-

bem ao abrigo das variações, si a quantidade destinada ao uso monetario não se alterar para mais.

O ouro e a prata são incontestavelmente excellente materia monetaria em relação ao valor, attendendo a que a quantidade existente não podendo soffrer grandes variações, maxime si considerarmos a massa enorme d'estes metaes que se acham espalhados por todo o universo, seu valor será sempre o mesmo; porêm o ouro e a prata em relação ao volume, peso, facilidade de transporte e contagem, já não são tão boa materia monetaria; e sobretudo se attendermos á despesa, os metaes preciosos são os mais caros que podem empregar-se na fabricação da moeda.

O papel, debaixo da fórma de bilhetes de banco, possue sem contradicção mais que o ouro e a prata, as qualidades de boa moeda, exceptuando a do valor, que é a mais essencial de toda a moeda. Porêm, segundo o principio da offerta e procura que ácima estabelecêmos, bastará, para dar valor ao dinheiro de papel, limitar sua quantidade. N'isto vae todo o segredo para converter em moeda corrente pedaços de papel sem valor, e para lhes dar valor, e grande valor, e para d'esta fórma os tornar aptos para servirem de intermedio nas permutações.

Seja o governo, como encarregado dos interesses geraes da sociedade, o unico e exclusivo fabricante da moeda, e fique este poder circumscripto em limites que elle mesmo jámais ultrapasse; e ficará d'este modo resolvido o problema da moeda de papel.

Aqui se apresentam agora varias objecções, que o autor tem cuidado de prevenir e combater: nós indicaremos as mais principaes.

1.ª *Objecção.* È o valor intrinseco que torna o ouro e prata proprios a servir de materia monetaria; sem elle, nem ha nem póde haver moeda, porque o valor monetario nada mais é que o valor da materia de que se forma a moeda. Responde:

Segundo o principio da offerta e procura, não é o valor intrinseco ou metallico do dinheiro que lhe confere o valor monetario. Estes dous valores, ainda que reunidos em a mesma moeda, são distinctos, porque as causas que os determinam tambem o são. O ouro e prata em barra são para outros fins que o ouro e prata em moeda: assim,

o valor metallico das peças amoedadas tendo outra origem que o monetario, estes dous valores podem ser superiores ou inferiores um ao outro.

E com effeito, é isto que tem logar nas moedas de cobre, e mesmo nas de ouro e prata, quando as causas que conservam estes dous valores ao mesmo nivel são diversas. O schelling de prata vale mais que o pedaço de metal de que é formado, porque o governo britannico não cunha schellings sinão na quantidade reclamada pelas necessidades.

Pelo contrario, os soberanos de ouro valem tanto como o metal que elles contêm, porque é livre a qualquer cidadão fazer cunhar das barras moeda, e fundir as moedas em barra; é o mesmo que dizer: quando o valor monetario das peças se eleva ou abaixa em relação ao valor metallico, o interesse dos particulares que estão á mira d'estas variações para d'ellas tirar partido restabelece immediatamente o equilibrio, comprando barras para as mandar cunhar ou ás avessas. Pela primeira operação augmenta, e pela segunda diminue a massa do numerario circulante; e, fazendo desapparecer a causa das variações, põe ao nivel os dous valores metallico e monetario.

Esta igualdade quasi constante do nivel dos dous valores confundidos nas peças amoedadas é quem engana os espiritos superficiaes e lhes faz acreditar que o valor monetario das peças não é mais do que o reflexo do metallico; e accrescentaremos que a esta causa de decepção se ajunta outra mais abstracta e mais difficil de penetrar, e que dá ao erro apontado maior apparencia de verdade, e é a seguinte:

A utilidade dos productos é independente do seu valor; a moeda porêm é a unica excepção d'esta regra: o valor das moedas é pelo contrario o elemento principal de sua utilidade. Si o trigo nos fôsse dado pela Providencia sem trabalho e medida, como é o ar, nenhum valor teria; mas sempre conservaria a sua utilidade, que é a propriedade de nos servir de alimento: si a moeda perdesse seu valor, ella perderia tambem sua utilidade, isto é, cessaria de ser moeda.

D'onde se conclue que o valor deve preexistir na cousa que se destina a servir de moeda; ou, por outros termos, que os objectos que não têm valor não podem preencher as funcçoes de moeda, nem servir para sua fabricação.

O autor responde a esta especiosa objecção da maneira seguinte :

N'um estado de civilisação pouco adiantada, onde as idéas sociaes se acham pouco desenvolvidas, onde a necessidade de dinheiro começa apenas a fazer-se sentir, onde as permutações não têm logar sinão para um pequeno numero de productos, e onde cada familia elabora por si mesma a maior parte das cousas reclamadas por suas necessidades ; em um tal estado de civilisação, seria talvez difficil empregar para intermedio nas trocas outra cousa que não fôssem productos que tenham valores. Porquanto, achando-se a sociedade humana em sua infancia, não existe alguma instituição politica que se encarregue dos interesses geraes da communidade, que tenha missão de obrar em nome de todos e de crear cousas necessarias a todos, e cuja creação esteja fóra do poder individual de cada um. Não só o progresso material, como estradas, edificios publicos, portos, etc., mas tambem as utilidades moraes, como a administração da justiça, a força publica, o culto, etc., pertencem a uma civilisação mais adiantada.

A moeda tambem é uma d'essas creações devolutas á potencia que representa a sociedade: e sendo claro que tal materia, ainda que não tenha valor, possue em grau eminente outras qualidades que a tornam propria para a confecção de uma moeda mais perfeita que a fabricada de materia que tem valor, não é difficil dar-lhe a qualidade que lhe falta, o valor, que é o elemento indispensavel de toda a moeda. Bastará monopolisar a fabricação da moeda e fazer d'ella uma attribuição exclusiva do governo. Fica evidente que o governo, sendo o unico fabricante da moeda, si elle não emitte sinão a quantidade reclamada pelas necessidades, e si esta moeda possue todas as mais qualidades que a tornam própria para servir de intermedio de trocas, ella será procurada e terá por isso valor ; pois que, no estado actual de civilisação de nossas sociedades, ninguem póde renunciar ao uso da moeda para trocar cousas que possue por outras de que tem necessidade.

2.ª *Objecção.* A maior prova de que o valor das moedas não é mais do que o valor metallico que ellas contêm, é a impotencia dos governos em manter na mesma altura o valor das moedas depois de lhes ter alterado o peso ou o quilate.

A esta responde o autor: Não foi a alteração do peso, ou do quilate que fez baixar o valor monetario das peças; porêm o augmento do numero que se achava em circulação. Si o mesmo numero se tivesse conservado, e as outras circumstancias economicas do paiz fôssem as mesmas, sem duvida que as moedas alteradas não mudariam seu valor primitivo.

Em cada paiz o serviço das trocas exige uma dada quantidade de moeda, da mesma sorte que o transporte de qualquer massa bruta, em um tempo dado, exige o emprego de certa força. Supponhamos que, para se effeituarem todos os pagamentos a que dão logar as transacções pecuniarias, fôsse necessario ao todo um valor equivalente, em metal, ao valor de dez milhões de quintaes de trigo; fica evidente que, si partirmos este valor por 100 ou 200 milhões de unidades, o valor de cada uma será, no primeiro caso, igual a 1/10, e no segundo a 1/20 do quintal de trigo, isto é, que quanto maior for o numero das unidades monetarias postas em circulação, tanto mais baixará o valor da unidade monetaria, ainda que o valor total se conserve sempre o mesmo.

Esta verdade é confirmada pela experiencia. Em 1810, a massa do numerario circulante elevava-se em Inglaterra, segundo Jacob, a 48 milhões de libras sterlinas; em 1814, a 60 milhões; e em 1829, já estava reduzida a 40 milhões. Porêm devemos notar que os 48 milhões de 1810, os 60 de 1814 e os 40 de 1829 representaram n'estas differentes epochas o mesmo valor, isto é, um valor quasi igual ao de 10 milhões de onças de ouro, valor monetario cujo emprego se tornava necessario para satisfazer as transacções do paiz; e si esta massa se reduzisse a 20 milhões circulantes, ficariam igualmente os 20 milhões valendo tanto como 10 milhões de onças de ouro. Entretanto, si nos perguntarem qual era o valor da unidade monetaria nas tres épochas já referidas, responderemos que era proporcionado ao numero que se achava em circulação. Em 1810, era preciso dar por uma onça de ouro 4 1/2 libras sterlinas; em 1814, 5 1/2; e em 1829, 3 9/10.

Portanto, conclue o autor, ainda que os governos alterassem o peso e quilate das moedas, si não augmentassêm o numero das unidades monetarias que giravam em circu-

lação, seu valor ficaria sempre o mesmo, apezar de semelhante alteração. Porêm, como os governos, quando lançam mão d'estes meios, é com o fim de procurarem recursos extraordinarios nos momentos de penuria, pondo em circulação a mesma quantidade de massa metallica, mas dividida em maior numero de peças amoedadas, por isso desde esse momento devia necessariamense baixar o valor de cada peça.

3.ª *Objecção.* Como poderia qualquer estado, que adoptasse a moeda de papel, regular para o futuro suas transacções commerciaes com os outros povos? Muito bem, responde o autor, por meio de ouro e prata, podendo considerar-se moeda internacional, e da mesma sorte que se regulam hoje, sendo estes metaes a materia monetaria de cada um dos povos.

Um lettra de 10,000 francos sacada sobre Pariz vale em Londres; ao par, 200 marcos de prata a 9/10 de toque: estes algarismos indicam o peso e grau da prata contida em 10,000 peças de um franco. Porêm esta lettra teria sempre o mesmo valor, ainda que seu pagamento se fizesse em moeda papel, si 10,000 fr. d'esta moeda comprassem igualmente na praça de Pariz 200 marcos de prata a 9/10 de toque.

Porêm, ainda nos poderão dizer, o par do cambio será variavel, por ter de seguir o curso da prata; porêm este curso será tão constante quanto possa desejar-se: porquanto, de um lado, a quantidade da moeda de papel sendo invariavel, seu valor tambem o será; e, por outro lado, o valor da prata é considerado hoje como constante. Pelo contrario, póde presumir-se que as relações commerciaes de um paiz que adoptou moeda de papel, com os outros estados, ficam favorecidas pelo uso de uma moeda que está ao abrigo d'aquellas variações que nos paizes ricos soffre o valor monetario, em consequensia das emissões illimitadas dos bilhetes dos bancos.

4.ª *Objecção.* Como se ha-de evitar o abuso da emissão de uma moeda, cuja materia quasi nada custa, e cujo fabrico poucos gastos admitte? Esta objecção é vital. Não podendo impedir-se a emissão abusiva de papel, e dar-se n'este ponto toda a segurança essencial á opinião publica, a adopção de tal dinheiro seria uma utopia.

N'um paiz onde o poder não é limitado, mas a vontade do imperante a soberana lei, a moeda de papel não offereceria

bastante segurança sobre a inviolabilidade da quantidade posta em circulação, ainda que, a dizermos a verdade, nos paizes onde o governo é absoluto, mas que são regidos por um principe de probidade e de luzes, a opinião publica póde descançar na palavra d'este principe, pois é garantia sufficiente.

Porêm debaixo do regimen representativo, onde as leis são discutidas e votadas com solemnidade e publicidade, é mui facil collocar a moeda de papel ao abrigo de taes abusos. Primeiramente, o facto de sua adopção é já uma garantia sufficiente, porque elle suppõe luzes bastantes no paiz para conhecer que, por se multiplicarem as unidades monetarias, não se multiplicam os recursos, e que em caso de necessidade o abuso das emissões, em logar de remediar os males, os aggravaria. Todos os abusos até ao presente commettidos por todos os governos, mesmo os representativos, ácerca do papel moeda, nada provam contra esta consideração. O papel moeda tem sido um expediente a que se tem recorrido em caso de precisão; sua mesma creação foi um abuso: pelo contrario, a moeda de papel é a roda mestra do mechanismo social, e o povo que o empregasse não ignorava que elle deixava de exercer suas funcções, logo que lhe alterassem a fórma ou enfraquecessem seu valor.

O autor aponta muitos meios para tranquillisar os espiritos sobre o abuso das emissões. Os principaes consistem: 1.º, attribuir ao poder legislativo o direito exclusivo de autorisar as amissões, e tomar qualquer medida relativa ao systema monetario; 2.º, confiar a execução de todas as leis e regulamentos monetarios a uma commissão mixta responsavel, composta de membros do poder legislativo, de delegados do commercio e industria, e de um commissario do governo; 3.º, ser obrigada a publicar mensalmente nos jornaes o numero das unidades monetarias postas em circulação, e todas as medidas adoptadas sobre as moedas.

Quanto aos meios praticos para substituir sem abalo a moeda de papel á moeda metallica, M. Chitti suppõe util, para não ir de encontro á opinião e aos habitos populares, conservar a mesma denominação á unidade monetaria, e regularem-se as emissões de maneira que não haja inconveniente em se lhe attribuir o mesmo valor. N'este designio, elle combina primeiro differentes termos para chegar á conversão definitiva da moeda metallica em moeda de papel, devendo ficar depois a cargo da

commissão das moedas o augmentar ou diminuir o numero das unidades monetarias postas em circulação, á medida que seu valor subir ou descer em referencia ao valor da prata. E n'este sentido, a commissão deveria achar-se autorisada para comprar barras, quando seu valor estivesse abaixo, v. gr., de fr. 222, 22 por 4 marcos de prata fina ou pura; devendo tornal-as a vender, quando seu valor tivesse subido. Era este o meio seguro de restabelecer o equilibrio no momento em que se rompesse tornando-se assim necessariamente constante e firme o nivel dos valores dos metaes preciosos e da moeda de papel.

Esta igualdade não é uma consequencia necessaria do systema do dinheiro de papel, mas uma medida util para não mudar os habitos no interior do paiz sobre o valor monetario, e para manter em um preço invariavel o par da moeda de papel comparada com a metallica dos outros paizes.

Nós concluiremos este longo artigo por indicar uma vantagem accessoria em beneficio d'aquelle paiz onde se introduzisse a moeda de papel. Esta vantagem consiste na disponibilidade da massa de ouro e prata amoedados, da qual se vinha a prescindir no serviço das trocas. Isto seria um dom verdadeiro que recebia o paiz sem algum sacrificio, dom a todos os mais respeitos assaz importante; porisso que se avalia em 300 milhões de francos a moeda metalica que circula na Belgica, na França em dous milhares e meio, e na Inglaterra n'um terço d'esta somma enorme, em consequencia da muita abundancia de papel.

Em remate diremos que a obra de M. Chitti, escripta com profunda convicção, methodo, clareza e simplicidade de estilo merece ser meditada pelos espiritos graves, que se occupam de objectos de interesse geral; e sobre tudo pelos homens d'estado que têm a bella e nobre missão de realisar as melhoras sociaes, que as intelligencias progressivas descobrem e apresentam á attenção publica.

IV.

Tendo nós dado conta da obra que faz o objecto dos tres paragraphos precedentes, estamos certos que nossos leitores nos relevarão o fazer uma applicação das doutrinas desenvolvidas ao embaraço financeiro que a Inglaterra sente n'este mo-

mento, e áquelle que desde 1836 afflige os Estados-Unidos e ameaça tornar-se uma verdadeira crise em toda a extensão da palavra.

O banco de Inglaterra, pela importancia de seus capitaes e sua posição privilegiada, exerce um poder moderador sobre o uso do credito dos outros bancos, que a seu exemplo emittem papel pagavel á vista e em metal.

Esclarecido pela catastrophe de 1825 para 1826, fiscalisa com summa attenção as emissões, afim de que, por meios indirectos, já que outros não póde empregar, possa impedir que demasiada quantidade de papel lançado em circulação o leve á mesma calamidade.

O symptoma por onde o banco conhece que anda excesso de papel em circulação, é pela reserva que tem em metal e barras soffrer diminuição. A totalidade d'esta reserva, para fallarmos a verdade, é sempre inferior á totalidade das emissões; assim mesmo sempre ha um limite álêm do qual a differença entre as duas quantidades annuncia excesso de numerario na circulaçao. Nós empregamos o termo *numerario*, correspondente ao *inglez* — currency — para comprehendermos em uma só denominação, não só a moeda metallica, mas os bilhetes do banco ou qualquer outro papel circulante, e que seja seu signal representativo.

Que faz o banco de Inglaterra, quando conhece que de seus cofres sahem as especies em grande abundancia? Levanta logo a taxa do interesse de seus descontos, afim de diminuir a massa dos bilhetes em circulação, e de reconduzir aos cofres o metal.

E na verdade, si no livro de razão se acharem lançados, v. g., vinte milhões sterlinos a metter em caixa por todo o decurso do mez, e não se apresentando aliás ao desconto em todo aquelle tempo sinão 15 milhões de bilhetes, isto em consequencia da alta do interesse, o banco retirará da circulação 5 milhões ou em notas ou em metal, reconduzindo assim pouco e pouco a seu estado normal a proporção dos bilhetes emittidos com a reserva metallica.

Este meio foi bem succedido durante algum tempo; porêm, como os outros bancos d'Inglaterra se não julgavam obrigados a usar da mesma reserva, e continuassem a emittir sem medida seu papel, por isso o banco principal acaba de tomar uma nova medida, e é de não descontar bilhete que traga a assignatura de um banco de emissão, para d'esta maneira forçar os bancos a restringir suas operações.

Nós mal poderemos prever a efficacia d'esta medide; mas o que é certo é que todas estas providencias tendentes a prevenir uma crise, consequencia inevitavel da demasiada emissão de papel, vem a causar maiores males, taes sao: atemorisar os espiritos, assustar os capitalistas, e levar a perturbação a todos os negocios de industria e commercio, e paralysar emfim todas as forças productivas do paiz.

E qual será o motivo de tanta desordem e de tão grandes sustos? Será por ventura porque a Inglaterra tenha decahido de seu poder? Acaso não disporá ella já das mesmas intelligencias productivas, dos mesmos braços, e dos mesmos capitaes?

Ou será porque os povos com quem ella mantêm relações commerciaes nada têm que dar-lhe em troca de seus productos? Não: nada d'isto se verifica. As cousas estão no mesmo estado, bem como antes do terror do banco de Inglaterra e como antes da adopção das medidas que se generalisaram em todo o paiz.

Qual será pois a raiz do mal? Vem de que um numero consideravel de bancos e de banqueiros cunham moeda, emittindo bilhetes a descoberto, provocam os descontos, excitam o espirito de empresa, engrossando e cada vez mais o rio do numerario circulante; e, em taes circumstancias, é forçoso que o banco moderador levante diques para impedir a inundacão.

Si, pelo contrario, não circulasse mais que uma só moeda, a moeda legal, aquella que o governo emittisse em quantidade proporcionadas ás necessidades, si esta moeda fôsse tão commoda como os bilhetes do banco, de maneira que se acabassem todos os pretextos para emittir signaes monetarios, então a massa do numerario circulante, não podendo para o futuro soffrer grandes variações, não haveria jámais motivo para se perturbar a economia do paiz com as vistas de prevenir um perigo pelo qual nunca mais seria ameaçado.

Porêm, como o unico meio de fazer cessar a circulação dos bilhetes é a adopção da moeda papel, torna-se evidente que, emquanto a Inglaterra conservar sua moeda metallica, ha-de haver emissão de bilhetes, perigo permanente de crises e necessidade de medidas preventivas, sempre prejudiciaes á marcha regular da producção. Será álêm d'isso obrigada a viver em um estado de continuo susto, e a comprimir a mola real de suas forças productivas pelo receio de uma excitação

demasiado forte ; ou então , si não tomar cuidado das emissões que augmentam alêm das necessidades a massa do numerario circulante , levantando os preços e impellindo a loucas empresas , ella deve resignar-se a soffrer crises periodicas , mais ou menos funestas que a de 1825-1826 , mas sempre destruidoras de uma parte de sua riqueza e de sua prosperidade.

Eis o circulo vicioso em que a Gran-Bretanha é forçada a volver-se , emquanto se obstinar em manter seu systema de dinheiro metal. E não se acredite que ella poderá mudar semelhante estado de cousas , logo que proh ba as emissões de papel : uma tal prohibição é impossivel ; o papel de credito será para a Inglaterra uma necessidade social emquanto ahi existe a moeda de metal , e si attendermos a quanto esta moeda é impropr a a effeituar a massa enorme de pagamentos a que dão logar suas numerosas e importantes transacções pecuniarias , torna-se indispensavel recorrer á intervenção do papel de credito.

Tem-se dito que o actual embaraço financeiro é consequencia das grandes importações de cereaes que a Inglaterra tirou de fóra do paiz para cobrir o deficit de sua colheita no interior.

Na verdade , tudo quanto a Inglaterra tem pago para cobrir este deficit é sem duvida uma perda real , attendendo a que taes importações têm sido o resultado da diminuição da producção annual. Porêm , não se achando as cousas complicadas com a circulação do papel , ella não soffreria sinão esta unica perda ; e não teria de chorar os males accessorios , mais graves ainda que os primitivos , resultando tudo isto da perturbação causada por se elevarem os interesses do cambio , medida esta que levou o terror e susto a todos os espiritos.

Supponhamos que os cereaes importados pela Gran-Bretanha montavam a 10 milhões sterlinos (um jornal inglez os avalia em 8) , e que , circulando só metal , tinha de sahir do paiz a totalidade d'esta somma em especies ; a consequencia immediata era a diminuição de 10 milhões sterlinos na massa do numerario circulante. Si porêm tal deficit não fôsse coberto pelos bilhetes do banco , o valor monetario elevava-se , e o commercio , achando vantajoso importar metaes preciosos , reconduzia immediatamente a massa do nu-

merario ao seu estado anterior. E n'uma palavra, a Gran-Bretanha teria perdido 10 milhões sterlinos; perda importante sem duvida, mas não tão grande que affectasse sensivelmente sua riqueza, e que sua industria nao reparasse promptamente.

É assim que, pelas doutrinas que M. Chitti desenvolve em sua obra sobre as crises e reforma monetaria, se chega ás causas reaes do embaraço financeiro que afflige a Gran-Bretanha, e póde-se francamente predizer que tal estado de soffrimento, ainda que cesse, se reproduzirá necessariamente em épochas mais ou menos remotas, si a Inglaterra não lançar mão do unico meio que resta para acabar com elle por uma vez, isto é, adoptar a moeda de papel.

Tudo quanto temos dito é applicavel aos Estados-Unidos, onde as causas da perturbação financeira são ainda mais poderosas que na Inglaterra. Lá o numero dos estabelecimentos que emittem bilhetes pagaveis á vista está fóra de toda a proporção com a quantidade real dos capitaes existentes no paiz, e a torrente do numerario circulante está sempre a ponto de trasbordar.

Em 1836, um grito geral de terror e susto se fez ouvir; mas o bom senso do paiz, deixando circular o papel, mesmo depois que se declarou o seu não-embolso, preveniu a catastrophe.

Comtudo, semelhante estado de c usas não póde ser de muita duração. O paiz está continuamente em perigo de ver *desamoedar-se* todo o seu papel, e de ficar privado em um só dia de todos os meios de trocas.

Imaginae 800 bancos, todos a emittir bilhetes a descoberto, e a excitarem todos a especulação pela facilidade dos descontos, provocando assim uma alta ficticia dos preços. É forçoso que chegue o momento fatal, e que uma crise faça justiça a toda esta phantasmagoria de capitaes imaginarios e de riquezas ideaes; a questão é só de tempo, mas a catastrophe é inevitavel. Si porêm ha alguma cousa notavel, é a simplicidade dos capitalistas da Europa, que não cessam de fornecer fundos a um paiz que está em permanente perigo de fallir.

O banco dos Estados-Unidos, na certeza de que seu papel havia de circular, tem concebido e executado a colossal e arriscada especulação de monopolisar o commercio do algodão

cultivado em todas as terras da federação. Este commercio exige um capital annual de 150 a 200 milhões de cruzados, e são os capitalistas da Europa, pela maior parte Inglezes, que têm feito os adiantamentos necessarios para se realisar um monopolio tão audacioso e tão opposto aos interesses europeus. Alêm d'estes avanços, já os Estados-Unidos tinham levantado sommas consideraveis, principalmente em Inglaterra, negociando as acções de seus bancos, e outros papeis da mesma natureza.

Avalia-se em 150 milhões de dollars (perto de 300 milhões de cruzados) a divida dos Estados-Unidos para com a Europa, que, emprestando-lhe tão enorme capital, não fará mais que addiar, mas não impedirá a banca-rota de seu devedor.

Do que acabamos de expôr, não se deve concluir que os Estados-Unidos sejam uma nação pobre e sem recursos; haverá poucos estados que possam rivalisar com ella em riqueza agricola. Seu systema monetario é quem a impelle alêm dos limites da realidade, e a forçará cedo ou tarde a entrar no verdadeiro caminho, abandonando todos os trabalhos executados sobre o terreno das illusões.

Nós concluiremos de tudo o que fica dito, com o autor das *Crises*, que é chegado o tempo em que as nações ricas, que dispoem de uma grande força de industria e de commercio, devem reformar seu systema monetario, que as expõe ao perigo das crises, ou aos males que acompanham as medidas tomadas para as prevenir, e adoptarem a moeda de papel, salva-guarda segura contra a exageração das empresas, e por conseguinte contra as calamidades que d'ellas se seguem.

LITTERATURA.

POESIA DA PENINSULA IBERICA.

As diversas influencias que concorreram para a formação do genio hespanhol têm todas, mesmo apezar de sua diversidade, um character extraordinario de grandeza. O genio primitivo dos Celtiberos faz-se notavel pela energia, perseverança e ferocidade. A vontade imperiosa e o poder guerreiro dos Romanos, a sombria violencia dos Godos destructores, o enthusiasmo oriental dos Mouros africanos, a fé profunda do catholicismo adoptado como lei civil e politica, moldaram, por assim dizer, de repente, esse genio, hoje rebelde aos progressos da civilisação européa. Esta força, este heroismo, esta invencivel obstinação, esta pompa, esta riqueza, se patentêam igualmente na litteratura hespanhola, e com mais especialidade na parte lyrica.

Nascido sob a dominação dos Visigodos, de uma mistura do latim e da lingua gothica, o hespanhol se aparta, como idioma, de todos esses dialectos europeus a que serviu de berço o latim barbaro da idade media. N'elle domina a aspiração; seu accento é mais firme, mais marcado, mais numeroso, sua marcha mais solemne. Si a lingua italiana parece suspirar, gemer e languir, a lingua hespanhola retumba de consoantes rudes e brilhantes ao mesmo tempo. As lettras *a*, *j*, *h*, *f*, carregam-se com uma aspiração fortissima, como nas linguas do Oriente. Alguma cousa de rouco e duro, porêm estrepitoso e grave, reina n'este bello e nobre idioma, ao qual nunca fallecem a firmeza e dignidade, mas que cede ao italiano e ao francez quanto á flexibilidade e doçura. Não é nem o som da lyra, nem o queixume elegiaco da flauta pastoril; é o clangor marcial da trombeta e da trompa.

A dominação gothica está ainda impressa na Hespanha, paiz onde sao profundos todos os vestigios, onde nenhuma influencia é passageira. Nenhum fragmento poetico d'essa época sobreviveu ás revoluções da Peninsula; mas já no reinado dos Godos era a Hespanha cheia de poesia. Nos annaes da Iberia gothica se encontra aquella faculdade de concentração enthusiastica, aquelle poderio de vontade que reune em feixe todas as forças humanas e as dirige para um só fim. O accento poetico de tal época devia ter interesse; mas a dominação arabe, a preponderancia do catholicismo e da cavallaria lhe apagaram, si não os vestigios politicos, ao menos as recordações intellectuaes. Os hymnos e as chronicas dos Godos desappareceram; porêm o gentilhomem castelhano ainda se lembra da grandeza selvagem de seus maiores: elle é filho de Godo, *hijo d'Algo*, *hidalgo*.

Vieram depois os Mouros. D'essa época data o patriotismo hespanhol, nao um patriotismo vago e theorico, porêm um patriotismo de acção, de dedicação, um sentimento religioso, uma fé profunda á santidade da terra natal, no centro da qual se alevanta o altar de uma crença nacional e sagrada. Dous povos, um usurpador e o outro vencedor, ambos odiando-se, ambos rivalisando de cavallaria e de heroismo, é um espectaculo que nunca o mundo tornou a ver. Nunca se tornou a encontrar essa mistura do mahometismo e do christianismo, luttando corpo a corpo, soffrendo mutua transformação, tomando as côres e fórmas da religião adversa, confundindo sua poesia e sua exaltação, sem nunca renunciarem aos seus deuses. Entre os Arabes, a litteratura se tinha desenvolvido sem germen, por assim dizer. Em 712, quando os estandartes christãos de Roderico foram calcados aos pés pelos Abassides, já em Bagdad, Bassora, Balkh, Samarcande, Houfa e Ispaham, haviam universidades, collegios, academias. A penetração, a subtileza, a paixão, que distinguem os Arabes, tinham adivinhado todas as sciencias e todas as artes, ou antes tinham as invadido. Fantastica, caprichosa, perdendo sua seiva em vãos ornatos, esplendida, variada, engenhosa nas frivolidades, subdividindo o pensamento com finura e trabalho inauditos, lançando-o no espaço metaphysico, perigosa e arriscada, esta litteratura de improviso, de estro e de graça, se assemelhava aos palacios de Bagdad de mil porticos, de recortes frageis, de torres graciosas e inuteis.

Imaginae a influencia de semelhante litteratura sobre o genio hespanhol, tal qual o fizera a invasão gothica. Ás tradições heroicas da Hespanha se uniram as magias da Arabia; á ignorancia mesclada de força dos vencidos, a subtileza capciosa e a elegancia dos vencedores; á graça, á flexibilidade, á fecundidade arabe, a elevação de sentimentos e a obstinação triumphante dos Iberios. Eram dous genios semelhantes a muitos respeitos, dessimelhantes a alguns outros. O Hespanhol contava seus altos feitos e os de seus paes, historica e ingenuamente, com varonil simplicidade; á imaginação arabe eram mister anneis magicos, *péris* de azas avelludadas, palacios de ouro e madreperola no meio dos desertos. Mas, quando o Arabe e o Hespanhol diziam seus amores e suas vinganças, de suas lyras se exhalavam as mesmas harmonias, em ambos vós admiraveis a vehemencia das paixões e o ardor do colorido; elles se assemelhavam pela alma, differiam pela imaginação.

Por isso, cumpre distinguir com o maior cuidado a poesia narrativa hespanhola da poesia sentimental. Uma é toda gothica, toda selvagem, e representa o character original e primitivo da nação conquistada; a outra exprime suas emoções ardentes, coloreadas de um reflexo de imaginação arabe. Uma é precisa, energica, vae direito ao fim, supprime ou negligencia os pormenores, é soberba, altiva, eloquente em sua rudeza, sublime muitas vezes; a outra é misturada com conceitos e cheia de languidez e de ardor amoroso.

Á frente da poesia narrativa acham-se o antigo poema do *Cid* e os romances que a elle se referem e o completam. Barbara si quizerem, porêm respirando heroismo, esta chronica rimada, o mais antigo dos poemas épicos modernos existentes, descobre a nossos olhos o undecimo século inteiro.

Desvalido, privado de seus bens, condemnado ao desterro depois de haver seis vezes salvado a patria, o *Sayd* (senhor) ou Cid, como o denominaram os Hespanhoes, abandona o seu velho castello de Bivar, logar de seu nascimento. Nunca poeta deu á sua obra exordio mais dramatico: o guerreiro encanecido sob o arnez, o vingador e libertador da Hespanha, victima da injustiça e da ingratidão, olha chorando para as torrinhas de sua mansão:

« De seus olhos se escapavam grossas lagrimas; elle volvia a cabeça, enxugava o pranto ao ver as portas arromba-

das, os armarios vasios, sem vestidos e sem pelles, a falcoaria viuva de seus falcões e de seus açores. Suspirou o meu Cid, pois tinha grandes dôres; fallou o meu Cid, pois era eloquente: « O' Senhor, pae dos homens, que estás sentado no céo, eis o estado a que me reduziram meus malvados inimigos! »

De los sus ojos, muy fuertemiente llorando,
Tornaba la cabeza e estabalos catando;
Vio puertas abiertas e husos sin canados,
Alcandaras vacias sin pielles e sin mantos,
E sin falcones, e sin adtores mudados.
Suspirò mio Cid, ca mucho avie grandes cuidados;
Fabló mio Cid, bien e tan mesurado:
« Grado a te, Senor padre, que estàs en el alto,
« Esto me han buelto mios enemigos malos! »

O velho guerreiro atravessa Burgos com sessenta lanças, sem que ninguem ouse ou se digne dar-lhe a hospitalidade; depois deixa em um convento sua mulher e suas filhas, entra no paiz dos Mouros, toma-lhes cidades, e faz prisioneiro o conde de Barcelona, alliado dos Arabes. A dôr do conde prisioneiro é reproduzida com ingenuidade homerica pelo rimador d'esta chronica.

« Traziam-lhe alimentos, e elle não queria comer.

« — Não, não comeria nada, ainda que me dessem tudo quanto encerra a Hespanha; preferiria perder o meu corpo e abandonar a minha alma. Vagabundos me terem vencido!

« Ora escutae as palavras que pronunciou o meu Cid Ruy Diaz:

« — Comei d'este pão, conde; bebei d'este vinho. Si fizerdes o que vos digo, sereis livre; si não, nunca mais tornareis a ver a luz dos christãos.

« — Comei vós, bebei, regosijae-vos. Sois vencedor; por mim, quero morrer. »

Só no fim do terceiro dia é que o conde se deixou abrandar e consentiu em viver. Vencedor diante dos muros de Valença e conquistador d'esta cidade, o Cid, a quem o rei devia tantos serviços, se reconcilia com elle, e casa suas duas filhas com os infantes de Carion a quem enche de presentes. Estes ultimos, em vez de reconhecerem a generosidade

de seu sogro, arrastram suas mulheres para a floresta de Carpio, dão-lhes mil maus tratos e as despojam de seus ricos vestidos. As palavras que o poeta empresta a estas desgraçadas tem todas o cunho do character de nobreza e altivez que temos assignalado.

« Quando as infelizes mulheres viram seus maridos pegar nas cilhas dos cavallos e querer dar-lhes com ellas nos hombros nús, cahiram de joelhos:

« — Ah! D. Fernando e D. Diogo, cortae-nos as cabeças com as espadas que vos confiou nosso pae; mas não nos espanqueis, não nos trateis como escravas, não vos deshonreis, vós, nossos maridos: não vos pedimos sinão esta unica mercê por todo o bem que vos temos feito. »

Mas seus maridos permanecem insensiveis a estas nobres supplicas; e Munoz, um de seus primos, as acha na floresta, dilaceradas e ensanguentadas, e as reconduz para casa de seu pae, que não tarda a invocar a justiça e vingança do rei. Reunem-se as côrtes, e os infantes de Carion n'ellas comparecem. Accusados de se haverem comportado como cavalleiros desleaes, respondem os infantes que as filhas do Cid são de muito baixo nascimento, e que só filhas de reis podem aspirar á mão dos infantes. Depois de longa altercação, cuja eloquencia e rapidez são mui dramaticas, tres dos cavalleiros do Cid desafiam os infantes de Carion, a quem accusam de cobardia.

« Linguas sem mãos! lhes dizem, como ousaes fallar? »

Lenguas sin manos, cuemo osad fablar?

Apenas está fixado o dia do combate, viram-se entrar na sala dous embaixadores dos infantes de Navarra e de Aragão, que pediam em casamento, para seus amos, as filhas do Cid. Este lh'as concede, e desata sua longa barba que deixára crescer e atára em signal de lucto. Os infantes de Carion escarnecem d'essa barba comprida.

« Que tendes que dizer contra a minha barba? exclama o Cid tomando-a na mão. Eu quiz que ella ficasse longa, e nunca filho nascido de mulher ousou pôr n'ella a mão. Porêm vós, conde, quando vos prendi no castello de Cabra, minha mão pegou na vossa barba, e não houve creança por mais pequena que não a arrancasse ás mãos cheias; depois d'isso, ella não tornou a crescer. »

A descripção do combate, a que presidem o Cid e o rei,

offerece a pintura a mais animada d'esses tempos de cavallaria. Deve tambem accrescentar-se que o rhythmo, o movimento, o som mesmo dos versos, convêm maravilhosamente a este quadro:

Abrazan los escudos delante los corazones,
Abaxan las lanzas abueltas con los pendones;
Enclinaban las caras sobre los arzones,
Batian los caballos con los espolones;
Tembrar quiera la tierra do eran movedores.

« Abraçam os escudos em seus corações, abaixam as lanças envoltas de bandeirolas, inclinam as caras para os arções, ferem os cavallos com as esporas; vê-se tremer a terra que elles abalam. »

Os infantes de Carion são vencidos, e o Cid morre em idade avançada.

Tal é este fragmento épico, escripto antes do anno de 1207, rude monumento da verdadeira cavallaria, ponto de partida de todas as litteraturas novas, a mais curiosa de todas as memorias da idade media. Feito para ser cantado, este poema procede por strophes monorimas; sua metrificação é irregular, seu estylo barbaro, seu pensamento puro e grande, seu colorido verdadeiro e vigoroso, seu arrojo sublime muitas vezes, e sua simplicidade grandiosa. Elle não abraça, como se pôde ver, sinão uma fraca parte da vida do Cid, este semi-deus da cavallaria christãa.

O Cid tinha deixado lembrança tão profunda no seio da monarchia hespanhola, tinha tão completamente absorvido a attenção e o pensamento publicos durante um século, que a poesia se apoderou de todas as acções, de toda a vida do grande Rodrigo. Por isso, uma multidão de romances e de canções formam grupo, por assim dizer, em torno da chronica rimada, de que demos breve analyse, e cuja veneravel antiguidade traz ao mesmo tempo os vestigios de uma poesia na infancia, de uma civilisação esboçada quanto ao luxo, porêm madura para o heroismo e rica de coragem activa, de vigor d'alma inaudito. È debalde que se tem posto em duvida a data assignada a este antigo monumento, que mui certamente é do undecimo século. O autor, reproduzindo os costumes que o cercam, nunca se maravilha de os

achar taes; nunca faz prova d'essa affectação e d'essa pesquisa dos tempos posteriores, que vêem nas idéas e no trajar dos tempos passados um objecto de curiosidade e de divertimento. Elle nos faz viver com os Hespanhoes do anno de 1100, e os characterisa tanto melhor, quanto, sem acompanhal-os de observaçoes, deixa escapar até os rasgos que os characterisam. Meio christão, meio musulmano, considera os Arabes antes como inimigos politicos do que como impios. Deus é para elle « o pae dos espiritos, o divino Creador; » e esta tinta musulmana, que se mescla com as côres heroicas da obra, favoreceu uma tradição popular: dous jovens pagens arabes, ligados ao serviço do Cid, escreveram depois da morte d'este, segundo diz a tradiçao, a chronica que possuimos.

Muito mais elegantes e mais adornadas, as canções de que o Cid é heroe o tomam no berço, seguem o curso de sua vida aventurosa, e não o deixam sinão depois de sua morte e de sua apotheose. Conserva-se um numero infinito d'esses fragmentos lyricos, compostos pelo meado do decimo-terceiro século; é sempre a mesma poesia guerreira, filha do enthusiasmo, alimento de gloria e de orgulho, e devendo sua força e sua grandeza a essa mesma gloria, a esse mesmo orgulho.

Os primeiros d'estes romances abraçam a mocidade de Rodrigo, seu amor por Ximena, seu duello com Orgaz, que Corneille chama Gomez, e seu consorcio com a mulher a quem ama, e cujo pae cahiu a seus golpes. Não se lerá sem interesse aquelle d'estes fragmentos ingenuos em que o poeta descreve a dôr do conde e a resolução de vingança adoptada por seu filho. Herder e M. de Sismondi imitaram muito infielmente esta canção admiravel e horrivel.

« Diego Laynez estava triste, deplorando a nodoa de sua nobre familia, mais nobre que os Inigos e os Abarças. Vendo que lhe fallecia força e que seus velhos annos o impediam de vingar-se, vendo que o conde de Orgaz passeava pela praça, livre, rodeado de amigos e cheio de alegria, sem que ninguem o viesse punir, Diego não podia nem dormir de noite, nem tomar alimento algum, nem levantar os olhos cravados no chão, nem sahir de sua casa, nem conversar com os seus. Recusava fallar-lhes, temia que o halito da infamia chegasse a polluil-os.

« .... Manda chamar seus tres filhos, e não lhes póde fallar; elles poem as mãos a este aspecto e as erguem, não para consultarem as supersticiosas linhas que os negromantes descobrem n'ellas (este crime não existia ainda na Hespanha), mas porque seu sangue joven e fresco corre precipitado por suas veias; porque suas arterias e seus nervos cheios de vigor sentem este vigor crescer e a dôr tomal-os, diante de seu pae que soffre.

« — Que queres? que pedes, nosso pae? Explica-te; tu nos fazes morrer. »

« Quando tocou a Rodrigo fallar, o pae, cuja esperança estava morta, viu-o, com os olhos chammejantes como os do tigre feroz, arrojar-se furioso e dizer:

« — Esqueces, pae de desgraça, esqueces que nós estamos aqui para sabermos o que te afflige! Eu arrancarei este segredo de tuas entranhas, ó pae! e não precisarei de adaga nem de punhal!

« Chorando de alegria, o *velho* diz-lhe:

« — Filho da minha alma, tua pena faz esquecer a minha pena, teu furor é a minha felicidade. Esta violencia, ó meu Rodrigo! desenvolve-a para vingares a minha honra, que, sem ti, estaria perdida.

« Depois conta-lhe o insulto que recebêra, dá-lhe a sua benção e a sua espada; a espada que matou Orgaz e começou os males do Cid. »

Herder fez mal de adoçar e disfarçar a severidade espantosa das ultimas strophes; tal é o character verdadeiro e indelevel da antiga Hespanha. Bastantes exemplos provam que a Hespanha moderna não é estranha a estes terriveis arrojos.

Nos romances ou cançōes seguintes, acha-se o desafio feito ao conde pelo mancebo, a queixa formada por Ximena contra o seu amante matador de seu pae, as victorias do Cid contra cinco reis mouros que o proclamaram triumphante e *Senhor* (*Sayd*), o casamento do guerreiro com Ximena, emfim toda a tragedia de Corneille, menos pomposa sem duvida, mais barbara em seus quadros, porêm não menos digna de admiração. O desfecho d'este drama merece ser citado. O Cid e Ximena estão no altar, cobertos de vestidos sumptuosos.

« O Cid, olhando para ella com olhos cheios de flamma e de amor, diz-lhe perturbado:

« — Eu matei teu pae, Ximena, mas não como cavalleiro desleal; matei-o de homem a homem, para vingar um ultraje certo. Matei um homem, e dou-te um homem. Eis-me prompto a obedecer ás tuas ordens. Em vez de um pae morto, tens um marido honrado. »

Quer os diversos autores d'estas canções mostrem depois o seu heroe obedecendo com repugnancia a D. Sancho o Forte, principe tyrannico, forçando o monarcha a tomar Deus por testemunha de que elle não concorreu para a morte de seu irmão; quer nol-o apresentem coroado de cans e recebendo os embaixadores estrangeiros que vêm render homenagem á sua gloria, é sempre a mesma grandeza e a mesma elevação, sempre o mesmo heroismo de poesia. Era tal o amor, tal a idolatria dos Hespanhoes pelo Cid, que seu cadaver depositado no tumulo, seus restos, sua sombra, se tornam assumptos de cantos admiraveis. A agonia do velho capitão offerece sobretudo um quadro magnifico.

Os estandartes por elle conquistados fluctuam sobre sua fronte pallida e moribunda; as dobras d'esses estandartes parecem gemer ao sopro do vento que os agita. Vem depois o cavallo favorito do grande capitão; o bom Babieca, vendo seu senhor prestes a expirar, arregala os olhos e chora. Tudo se anima, tudo toma parte no sentimento heroico de que está penetrado o poeta popular.

Banderas antigas, tristes,
De victoria un tiempo amadas,
Tremolando estan al viento
Y lloran aunque no hablan.
. . . . . .
Estavase el Cid campeador
Humilde e manso en la cama,
Y sugeto à la inclemencia
De la vengativa Parca.

« Bandeiras antigas, tristes, da victoria outr'ora amadas, estão tremolando ao vento, e choram, posto não fallem.... Estava o grande capitão Cid humilde e manso em seu leito, e subjeito á inclemencia da vingativa Parca. »

Mandò que a Babieca traygan,
Que quiere verle primero
Que concluya su jornada.
Entrò el caballo mas manso
Que una cordillera mansa,
Abrindo los anchos ojos,
Como si sintiera e calla.

« Mandou que lhe trouxessem Babieca, que o queria ver antes de concluir a sua jornada. Entrou o cavallo, mais manso que uma ovelha mansa, abrindo os grandes olhos, como si sentisse e calasse. »

Não é preciso commentar a simplicidade d'este quadro. O enterro do Cid não é menos interessante. Ao aspecto do grande capitão, os Mouros, que vinham avançando á frente de um exercito, deitam a fugir. Traduziremos tambem esta bella canção.

« O bom Cid de Bivar expirou. Gil Diaz se apressa a obrar como lhe foi ordenado pelo moribundo. Embalsama-se o seu corpo, que parece viver; assentam-o direito, com os olhos abertos, as costas sustentadas por uma taboa, a barba branca que lhe desce em ondas veneraveis sobre o peito.

« Passaram-se doze dias, e o Cid permaneceu n'esta postura. Então o rei mouro, que tinha Valença sitiada, foi despertado pelo clangor das trombetas.

« Que successo tem logar? — É o Cid que se mostra.

« É meia noite. O heroe morto está montado direito sobre seu cavallo Babieca; tem seu manto preto semeado de cruzes, seus calções brancos e pretos, seu escudo pendente ao pescoço e que se agita quando o seu cavallo anda, sua armadura de ferro que lhe cobre o corpo todo: tal se mostra o cadaver do Cid a cavallo.

« O enterro marcha lentamente; dirieis que uma fraca tropa vem avançando. A aurora nascente allumia os Mouros, guiados por Bucar, e sobre os quaes se arroja o valente Alvar Fannez. O primeiro combatente que cahe a seus golpes é uma mulher, a *Estrella do Destino* (assim a denominam os povos), Africana de carão de bronze, cujas settas envenenadas dão morte certa. Cem outras Africanas a rodêam, e todas fogem ao aspecto do guerreiro. Os primeiros trinta e seis Mouros se assustam, empallidecem, vendo estes cavallei-

ros christãos tão numerosos, heroes de côr branca e de brancas espadas, mas sobretudo reconhecendo no meio d'elles o maior, o mais terrivel de todos, esse corpo morto e vivo, com um estandarte branco na mão, uma cruz coloreada no peito, e na outra mão uma espadà lampejante. Em derredor d'este cadaver paira a morte: tudo foge ou perece; só escapa Bucar.»

Tal é o estylo épico das canções hespanholas, relativas a estas recordações heroicas. Honra ao povo namorado da gloria, que endeusou, por assim dizer, e embalsamou n'uma poesia popular e grandiosa, o guerreiro de seus primeiros tempos, que veio a ser o typo do character nacional.

A estes poemas primitivos, de estylo aspero, de accento mais solemne que melancholico e de inspiração inteiramente heroica, succedem outras narrações poeticas pertencentes a uma época mais apurada. A cavallaria ia começando a idealisar-se nos cantos dos poetas; á medida que ia perdendo sua vida real, ia-se tambem infiltrando, por assim dizer, nas obras de engenho. De instituição poderosa e activa que fôra, tornou-se desvario, devoção romanesca e symbolo de pureza imaginaria. No decimo-quarto século, quando os Amadis conquistaram sua celebridade, abundaram as canções na Hespanha; a poesia tomou novo vôo. Os criticos emprehenderam muitos trabalhos inuteis para distinguirem os romances cavalheirescos dos romances arabes, e estes dos romances historicos; até compozeram uma classe á parte dos romances historicos. Classificação ociosa: em grande numero d'essas peças, os characteres da melancholia, do ardor cavalheiresco e da tradição historica se confundem e formam um tecido tão complexo, que debalde tentaria o mais habil analysta segregar os elementos constitutivos. Ora D. Gayferos, ora Bernardo del Carpio ou o Mouro Calaynos, apparecem como heroes d'esses cantos mui curtos e mui brilhantes, que os homens e as mulheres do campo se compraziam em cantar e decoravam com facilidade. Ás vezes uma heroina mourisca occupa o primeiro plano do quadro; muitas vezes tambem, são unicamente accentos de melancholia, de amor, de dôr, de esperança. Os romances que se referem á mesma personagem não têm todos o mesmo character; vê-se que foram compostos em épochas differentes e por differentes autores.

Entretanto acha-se gosto em reunil-os, de maneira a com-

pôr-se, por meio d'esses fragmentos, uma especie de vida romanesca dos heroes fabulosos de quem elles consagram as façanhas. Bernardo del Carpio, o Hercules da Hespanha, como o grande Cid é o Achilles d'ella, occupa a primeira ordem entre esses idolos populares. Como o Cid, elle é victima das injustiças de seu rei, que conserva encarcerado em horridas masmorras o pae de Bernardo, emquanto este, por sua coragem, salva a Castella. Aos rogos do filho, Affonso responde que com effeito lhe ha-de restituir seu pae livre; porêm, antes de abrir ao velho as portas da masmorra, o rei manda arrancar-lhe os olhos.

«Acompanhado de dez homens sómente, na attitude de um subdito respeitoso, elle se adianta para o rei. Trezentos de seus amigos, formados em duas linhas, circumdam o edificio.

«— Ah! infeliz de ti, traidor, filho de raça traidora! diz-lhe o monarcha; teu berço foi a traição, esse berço será teu tumulo. Eu vejo que o teu feudo de Carpio se rebella por ti, Carpio que tens de mim, teu suzerano! Mas eu terei vingança. Não me espanta que subditos rebeldes dessem o ser a um cavalleiro desleal. Não falles! Que poderias dizer? Que bôa razão poderias dar-me?

«— Maus são os teus conselheiros, respondeu Carpio, que tinha escutado estas palavras. Maliciosa e falsa é a historia que acabas de contar. Meu pae, ninguem o ignora, é um homem probo, um leal cavalheiro, cujo sangue vale o vosso sangue real. Todo aquelle que, excepto a vossa real pessôa, disser que meu pae é traidor, mente! É infamando-me a mim e a meu pae que se recompensam os nossos serviços! O costume dos ingratos é apagarem a lembrança dos beneficios, para não darem o premio d'elles. Mas, si tendes pouca memoria, ó rei, compete-me restituir-vol-a. Foi este traidor, este cavalheiro rebelde, fui eu que salvei a vossa vida á custa da minha. O vosso cavallo de batalha estava mortalmente ferido, vós rolaveis pelo chão, quando eu me expuz por vós aos alfanges inimigos. Então, com dôces palavras, me promettestes que porieis meu pae em liberdade. Como cumpristes vossa promessa? Restituistes-me um cadaver, pois que a vista de meu pae estava extincta; e pouco tempo depois, tambem desappareceu a sua vida. Ah! si sou tal qual devo ser, arrepender-vos-heis, ó rei, e o vosso somno será perturbado!

«— Prendei-o! prendei-o! exclamou o rei; cavalleiros, apoderae-vos do traidor, que me ameaça no meu palacio!

«Ninguem se mexeu, porque viam Carpio enrolar seu manto em torno do braço, e empunhar os cópos de sua espada.

«— Ninguem se chegue! bradava elle. Eu sou Bernardo, e n'uma bôa causa a minha espada não se abaixaria diante do proprio rei. É lamina cortadora a minha espada, e vós não o ignoraes!

«Os dez companheiros de Bernardo foram-se chegando lentamente, brandindo seus alfanges:

«— Por Bernardo, por elle só, morte a quem o offender!

«Os trezentos, collocados fóra, repetem os mesmos brados e se apoderam das portas.

«— Ah! disse o rei, Bernardo, tomaes a cousa seriamente. Era um gracejo, em verdade.

«— Muito bem, rei, acho isso muito engraçado, respondeu Bernardo, que, nem mesmo dignando-se de o saudar, e lançando seu manto sobre os hombros, sahiu no meio de seus cavalheiros.»

Os costumes do feudalismo se reflectem ingenuamente n'esta narração toda dramatica, porêm simples, despida de poesia, de ornatos e de elegancia. Bernardo allia-se com os Mouros para castigar Affonso; depois quando lhe consta que Carlos-Magno se adianta e vae conquistar a Hespanha, esquece sua propria injuria; volta contra o conquistador da Europa a sua espada victoriosa e a de seus alliados, e desbarata, em Roncesvalhes, o exercito dos Paladinos. Successos inventados, factos a que repugna a verdade da historia, mas que têm todos o mesmo character de dedicação, de energia e de grandeza moral.

Fernando Gonzales, outro heroe quasi tão fabuloso como Bernardo del Carpio, é o assumpto de muitos romances. Os historiadores citam um guerreiro d'este nome que repelliu os Mouros; mas as batalhas descriptas pelos autores de canções, os milagres de que estão semeadas essas batalhas, os rasgos sublimes de que se compõe toda a vida do heroe, não têm nenhum fundamento real.

É difficil determinar a data da composição d'essas canções. Entre as que se referem ás primeiras épochas da historia hespanhola, ha muitas que foram evidentemente compostas pelo meado do decimo-quinto século. Seu tom é menos

rude, seu pensamento menos abrupto, seu colorido menos severo; no emtanto ainda se reconhecem n'ellas o estro de grandeza e de força hespanholas, cuja memoria ainda hoje não está apagada. Na canção que imos traduzir, Roderico, ultimo rei dos Visigodos, derrotado em Xeres pelos Mouros, é representado sózinho, vagueando pelo campo de batalha e deplorando sua desgraça. Shakspeare não teria traçado com mão mais firme o quadro seguinte (1):

« Os batalhoes de Roderico fugiam e se espalhavam ao longe. Era o oitavo combate, e os inimigos estavam vencedores.

« Sahe de sua tenda real o infeliz Roderico, abandona suas terras nataes, está só, sem amigos, sem escolta. Seu cavallo ferido o guia; elle não guia mais o cavallo. Privado de todo sentimento, de toda lembrança, vermelho de sangue e semelhante ao ferro que sahe da fornalha, com a armadura toda amolgada pelos golpes do inimigo, com o capacete falsado em mil partes, com o corpo contuso, com o rosto manchado, sobe a um oiteiro, o mais elevado de todos aquelles que se offerecem a seus olhos. De lá contempla seus soldados vencidos e desbaratados, seus estandartes rotos e arrastrados pelo pó. Procura seus capitães, e não vê apparecer nenhum. Longos rios de sangue correm pelo chão. Oh! quem poderá dizer a dôr que o assaltou, quando seus olhos avistaram este espectaculo!

« Seus olhos choravam: « — Hontem, dizia elle, a Hespanha era meu reino! Hontem rei, hoje nem um casal que me pertença! Castellos, servidores, hontem! hoje, nada! Nem

---

(1) Foi perto de Xeres de la Frontera que se deu a memoravel batalha de Guadalete, que abriu aos Musulmanos as portas da Hespanha; certos historiadores datam este successo de 710, outros de 711, e alguns outros de 712. O exercito dos Visigodos era commandado por Roderico, e o dos Musulmanos por Tarick-ben-Zeiad. Os dous exercitos combateram dous dias inteiros sem vantagens notaveis nem de um nem de outro lado; mas no terceiro dia, tendo Tarick matado com sua propria mão o monarcha visigodo, a victoria se declarou a favor dos Musulmanos, apezar do encarniçamento dos soldados christãos, que, para vingarem a morte de seu chefe, disputaram aos vencedores o campo de batalha por espaço de seis dias. A catastrophe de Roderico, celebrada desde o decimo-quarto século pelos poetas hespanhoes, forneceu a Southey o assumpto do seu poema de *Roderico*, *ultimo rei dos Godos*, e a M. Guirand o da sua tragedia intitulada: *O conde Julião*.

uma ameia d'aquellas torrinhas de que eu possa dizer: é minha!

« Infeliz o meu nascimento! Infeliz e triste o meu berço! Herdar tão bello senhorio para perdêl-o! e perdêl-o em um só dia! O' morte! vem! tu que desagradas a todos os homens, agradas-me a mim. Sê minha bemfeitora! Arranca minha alma a este corpo miseravel; eu te saudarei como autora do meu livramento. »

A canção do conde Alarcos, sobre a qual um poeta allemão moderno, Schlegel, baseou a sua tragedia d'este nome, é notavel por esse jogo de imaginação infantil, credula e entretanto poetica, que só pertence aos povos ingenuos.

A princeza de Soliza, infanta real, casou occultamente com o conde Alarcos; mas este deixou-a, e a infanta vive no retiro: pobre flôr que emmurchece e se desbota; todo o brilho de sua vida se desvanece, toda a sua mocidade vae escoar-se na dôr.

Alarcos desposou outra mulher que lhe deu varios filhos. Emfim Soliza cede ao pezar mortal que a consume, e confia sua pena ao rei seu pae. Este escuta com colera a confidencia de sua filha; sua ira se accende, não só contra Alarcos, sinão tambem contra aquella que, acceitando a mão do conde, usurpou o logar de sua filha. Esta ultima circumstancia é singular: quer o rei que a condessa seja dada á morte. Na mór parte das creações populares se encontram estes caprichos de tyrannia, estas atrocidades sem motivo, apresentadas como successos ordinarios e naturaes. Alarcos é chamado perante o rei, que lhe falla com dignidade, cortezia e severidade.

« — A condessa, diz o monarcha, trouxe a desordem e a dôr ao seio de minha casa real; eu tenho direito de exigir de vós, meu vassallo e subdito, uma satisfação estrondosa. A condessa deve perecer. »

É tal sobre Alarcos o poder da palavra regia, é tal o sentimento profundo do seu dever para com o suzerano por elle offendido, que obedece tremendo á ordem barbara do monarcha. Recolhe-se para sua casa; e por pouco que se acceitem os dados inverosimeis sobre que repousa toda a fabula, achar-se-ha a scena seguinte profundamente pathetica.

« Elle parte e verte lagrimas; chora, e nada o consola. Chora pela condessa a quem preza mais que nunca. Chora

o conde, ao pensar nos seus tres filhos, um dos quaes é ainda de mama.

« Tres amas lhe haviam offerecido o peito, mas a creança tinha recusado; não queria sinão a sua mãe.

« No emtanto elle senta-se á mesa junto de seus filhos, e se esforça debalde para occultar sua dôr. Sua cabeça lhe cahe sobre o hombro, como si elle dormisse; e de seus olhos fechados, lagrimas que correm cobrem a mesa inteira.

« A condessa repara na fadiga de seu marido, e o conduz ella mesma para a sua alcova. O conde fecha então a porta, e lhe diz que o rei considera seu consorcio com ella como uma injuria imperdoavel feita á infanta Soliza; que esta offensa elle quer punil-a, e que a morte da condessa se fez necessaria:

De morir aveis, condesa,
Antes que amanezca el dia.

« — Haveis de morrer, condessa, antes que amanheça o dia.

« — Perdão! perdão! em nome de meus filhos! exclama ella.

« — Tomae ainda uma vez este menino ao vosso peito, diz-lhe elle; eu soffro mais do que vós podeis soffrer.

« A infeliz resigna-se e pede o tempo de rezar uma *Ave Maria.*

« — Sim, responde Alarcos, porêm andae depressa!

« Ella lança-se de joelhos e ora brevemente e com fervor.

« — Posso dar a meu filho seu ultimo alimento e amamental-o ainda uma vez? pergunta ella.

« — Não, nao o acordeis; elle está dormindo.

« — Conde, eu vos perdôo; mas previno-vos que, antes de trinta dias, vós, o rei e sua filha, morrereis.

« Prophecia que com effeito se realisa: a infanta morre d'ahi a doze dias, o rei d'ahi a vinte, e o conde d'ahi a trinta. »

É assim que, nas narraçōes as mais inverosimeis, se conservam á singeleza e a verdade do sentimento. Ora, como no romance precedente, a exaltação da dedicação feudal; ora, como nas canções do Cid, a apotheose do heroismo, inspiram essas composições, cujo estylo é muitas vezes tão pueril quão elevado o pensamento. A peça seguinte se distingue pelo interesse das situaçōes e pela arte dramatica da narração.

O PEREGRINO.

« Dos muros de Merida, bella cidade do Oriente, sahiu um peregrino, cujos pés descalços iam gotejando sangue, dilacerados pelas pedras da estrada. Um manto esfarrapado, que não teria querido trazer o derradeiro mendigo, cobria um rico vestido, com o preço do qual terieis comprado uma cidade inteira: nunca vestuario de imperador foi mais magnifico. Encaminhou-se para Pariz, cidade brilhante, e não se demorou em nenhuma estalagem. Quiz saber onde se achava situado o palacio de Carlos Magno.

« Diante da porta do palacio, dormita estirado um porteiro ocioso.

« — Dize-me, villão, posso fallar ao rei?

« Os olhos espantados do porteiro se fitavam no peregrino.

« — Que! este pobre homem, fallar ao rei!

« — Não olhes para mim, e responde!

« Refusando o porteiro responder, o peregrino se encaminha para a igreja, onde se achavam um grave arcebispo celebrando a missa e todos os fiéis reunidos. Escutae o que fez o peregrino.

« Abaixou a cabeça primeiro diante do Deus Padre, depois diante da Santissima Virgem e do Salvador, depois diante do arcebispo e do cardeal, ministros de Deus, e emfim diante do heroe que occupa o throno e dos doze pares que o cercam. Passa porêm orgulhosamente por dous paladinos a quem não sauda: eram *Roldão* e *Oliveiros*.

« Roldão e Oliveiros têm um sobrinho captivo dos Mouros. Em vez de o resgatarem e de quebrarem suas cadêas, deixam-o definhar longe de sua patria; até nem d'elle se lembram.

« A insolencia do peregrino os indigna: arrancam de suas espadas, e vão com ellas varar o villão que os ultraja. Brandindo então o seu bastão de viagem, o desconhecido se prepara a defender-se.

« — Suspendei! brada Carlos Magno, suspendei! Roldão, Oliveiros, nobres pares, suspendei! Ou esse peregrino é um insensato, ou é de raça real. Vem cá, peregrino, responde e não mintas. Em que dia, em que mez deixaste o teu paiz?

« — Senhor rei, era no mez de maio passado. Eu an-

dava passeando pela praia, quando apparecem os Sarracenos, levaram-me para seus navios e me conduziram para a sua terra. A filha do sultão me amou; eu partilhei o seu leito de noite, e sentei-me de dia á sua mesa.

« — Oh! exclamou o bom Carlos Magno, semelhante captiveiro não me desagradaria! E como se chama essa cidade onde viveste?

« — Merida.

« — Poderia eu apossar-me d'ella, si a sitiasse?

« — Oh! bom rei, bom rei, não tentes tomar essa cidade!...

« A estas palavras, Roldão e Oliveiros sorriram-se, e accusaram o peregrino de mentiroso. Que ira então se accendeu na alma do peregrino! Elle brandiu o seu bastão e assentou com elle um golpe terrivel em Roldão, que cahiu por terra.

« — Olá! minhas guardas, meu grande preboste! prendei este homem, e seja elle enforcado!

« — Sim, respondeu o peregrino, enforcae o vosso filho, rei clemente!

« A rainha ouviu os gemidos, os gritos, o tumulto causado pelo que acaba de succeder; quer que lhe seja trazido o peregrino.

« — É meu filho, diz ella; em seu lado esquerdo está impresso o crescente da lua.

« Com effeito, o peregrino despiu seus trapos, atirou com o manto de mendigo que o cobre, e eis apparecem esplendidos vestidos; é o filho de Carlos Magno, e o jubilo é universal. »

Por seu tom melancholico e ardente, por sua graça pensativa, vós reconheceis as canções que engendrou a recordação dos costumes arabes. Mesmo quando ellas não encerram nenhum nome arabe, nenhum vestigio do Oriente, é facil distinguil-a dos outros romances que enchem os *cancioneros*.

« Timida e vagorosa, ia-se a estrella matutina deslisando pelo céo, semi-occulta sob o manto negro da inimiga do dia. Era pela ribeira do Guadalete de aguas vagabundas, no valle florido de Xeres, que avançando vinha um joven Mouro, montado em seu gininte. Deixava a cidade de Sidonia. Nobre de raça, valente e formoso, elle se abandona á

desesperação. Sua dama infiel o esquece, por ser elle pobre e ella rica. Uma alma baixa, um cofre bem cheio, o opulento alcaide de Sevilha alcançou a mão da môça perjura. E o pobre môço diz assim o seu queixume ao écho da margem, que o repete gemebundo:

« — Zaida! Zaida! a voragem onde se abysmam estas ondas negras, as penhas estereis que me circumdam, são menos crueis que tu! Ah! podes tu, sem te lembrares de nossos amores, entregar a outrem os encantos que possui? enlaçar com teus braços delicados a velhice avara, a arvore esteril e sem verdura? Não sabes que n'um terreno árido vae murchar a flôr do teu amor? Ousas lançar para longe de ti seis annos, seis annos de affeição e de ventura, e desposal-o, a elle, o amigo da vespera, rico de dinheiro, pobre de coragem, carregado de thesouros e de uma alma commum?... Allah! faze que esse homem a deteste, e que por seu turno ella ame! Que conheça o tedio da ausencia, as angustias da inquietação ciosa: sem descanço durante os dias, sem somno durante as noites, na sala dos jogos, á mesa do festim, sempre, sempre infeliz! Que não veja aquelle a quem tiver preferido, nem trazer a sua libré, nem parar diante das grades de seu palacio! Esta vingança me bastará. A faxa que ella houver bordado, a devisa que houver escolhido, serão por elle desdenhadas. Outra mulher terá seu amor, e elle trará a libré de outra; será para outra que elle se ha-de precipitar quando tiver triumphado. Não te appeteço, barbara, destino mais horroroso; é este o anathema que contra ti fulmina a minha bôcca.

« Elle entra á meia noite em Xeres. O palacio nupcial está radiante de mil luzes, as tochas resplandecem alegres, os convidados entram e sahem; vestidos esplendidos, escravos sollicitos, danças brilhantes, flôres esparzidas pela estrada, tudo annuncia uma noite de regosijo. O mancebo pára, firma-se nos estribos, enrista a lança. Vem então a passar a procissão nupcial. Um golpe mortal derriba o novo esposo; e seu rival, abrindo caminho com seu alfange, atropellando a multidão pasmada, esporêa o seu ginete, sahe da cidade, e recolhe-se nos muros protectores de Sidonia. »

Não se póde deixar de admirar este drama rapido, natural, este discurso pathetico, esta pequena narração completa. Eis-aqui outra peça que M. Lockhart e varios escriptores consideram

como traduzida do arabe, hypothese que não é sem verosimilhança.

OS BRINCOS PERDIDOS.

« Ah! ah! cahiu, desappareceu no pôço profundo, o mimo do meu amado, os meus brincos! Que direi a Moussa, que lhe direi?

« É tão profundo o pôço, e suas ondas azues nunca restituem o que lhes é confiado. Este bello presente, Moussa m'o havia dado, quando de mim se despediu. Meus brincos! meus brincos!

« Eram bellas perolas engastadas em prata: « Tu te lembrarás de mim, dizia elle, quando já eu estiver longe de ti; não escutarás os discursos dos outros, as palavras de amor não affagarão teu coração: esta prata pura, estas perolas brancas, representam a pureza do nosso amor, a fidelidade dos nossos corações. Ah! guarda-o bem! » dizia-me elle.

« Já o estou ouvindo exprobrar-me a minha negligencia: « Querias, diz-me elle, joias de amethysta e de opala, perolas radiantes de côres incertas, emblemas de teu amor volavel! » Elle hade crer que, indo ao mercado, dei ouvidos aos discursos de todos os rapazes; que mão audaz se insinuou nos anneis de meus cabellos; que novo amante desatou esses anneis, penhores de um primeiro amor. E que responder-lhe, ai de mim! que responder-lhe?

« Elle me dirá que sou mulher, e que todas somos assim feitas; que eu o amava presente, quando sua voz me fallava de amor; e que, depois da sua partida para Tunis, meu coração infiel o esqueceu, Moussa se riscou do meu pensamento. O' meus brincos! meus brincos!

« Pois bem, dir-lhe-hei tudo, e espero que elle me ha-de acreditar: dir-lhe-hei que pensava n'elle de manhãa, que de tarde tambem pensava n'elle; que não cuidava em enfeitar-me, e que as minhas bellas perolas estavam na minha mão, quando, encostando-me na borda do pôço, ia seguindo o unico amigo do meu coroção pelo mar onde voga o seu navio; que então cahiram dentro do pôço os meus brincos, para n'elle ficarem sempre sepultados, e que nada arrancará da minha alma a sua lembrança, nem as minhas joias d'estas aguas profundas. »

Sem o rhythmo, melodia e graça poetica, estes romances ingenuos são pouca cousa; e, para se fazer alguma idéa de seu encanto, mister é que se supponha pelo pensamento tudo quanto tem de prestigio e de belleza a musica de uma linguagem cheia de riqueza e de melancholia. Só o rhythmo lhes communica sua verdadeira vida; sem esta modulação dôce e suave ao ouvido, seu character se apaga.

As idéas sao ás vezes tão simples e ingenuas, que as considerarieis como estultas, si a prosa vol-as apresentasse, por assim dizer, inteiramente núas; si a modulação e a mistura dos sons, si a cadencia regular das palavras não penetrassem involuntariamente a alma, quasi como o sussurro de um regalo ou o estremecimento das folhagens. Genero de poesia inteiramente alheio aos povos do Norte, e que as naçoes civilisadas não conhecem mais. Em Italia, em Portugal, em Hespanha, escutaes muitas vezes com admiração e prazer phrases que têm pouco ou nenhum sentido, palavras que representam um delirio vago e molle, especie de semi-somno da alma. Simelhante poesia não existe para naçõe̊s que, absortas pela actividade physica, inteiramente entregues á sua lutta contra a natureza e seus inimigos, sabem soffrer, vencer e morrer, mas não têm nem tempo nem felicidade para meditarem.

Muitas vezes os romances mouriscos abrem uma perspectiva deliciosa, fazendo entrever ao leitor o estado social da Hespanha sob a dominação arabe, e sob a nobre rivalidade de heroismo que então animava os guerreiros christãos e musulmanos. A litteratura moderna offerece poucas producções mais interessantes e mais agradaveis que essas poesias. Ver-se-ha, por exemplo, ao ler-se a canção seguinte, como o mahometismo, o furor e a violencia arabes se mesclam com as idéas cavalheirescas e christãas.

O CAVALLEIRO MOURO E A PRINCEZA CHRISTÃA.

« Galvan, no seu castello solitario e orgulhoso, recebeu Moriana a princeza. Ambos estão jogando o xadrez e passam assim seu tempo. Si Galvan perde, uma de suas cidades vem a ser propriedade da princeza. Si ganha a partida, Moriana lhe permitte que lhe beije a mão, e elle se julga bastante pago.

« Entretanto chega a noite ; Galvan busca o repouso. Moriana, sua prisioneira, partilhou o seu leito. Mas renasce a manhãa : elle vê, nas sendas pedregosas que circumdam o seu castello, um cavalleiro christão, sózinho, com os olhos arrazados de lagrimas e os pés banhados em sangue. Aquella que o cavalleiro ama, roubada pelos Mouros, geme captiva n'essas torrinhas, e o coração do cavalleiro está penetrado de dôr.

« Os olhos de Moriana se dirigem para o campo. Ah ! ella bem conhece aquelle que, em pé sobre esse rochedo, parece opprimido de pezar tão profundo. As lagrimas de Moriana correm e cahem sobre o rosto macilento de seu senhor.

« — Senhora, exclama elle acordando, que tendes ? Porque essas lagrimas ? Offendeu-vos algum Mouro ? ha-de morrer. Desagradaram-vos as vossas mulheres ? serão punidas. È dos christãos de quem tendes que queixar-vos ? Fallae, e minha colera cahirá sobre elles. Vós o sabeis, minhas delicias são a guerra, meu passatempo é o combate.

« — Não, não, teus irmãos não me ultrajaram, não punas tuas mulheres, não castigues os christãos ; ninguem me fez injuria. Vi chegar a aquellas montanhas um guerreiro, um christão : ó Mouro, era o meu noivo !

« Galvan levantou-se e estendeu a mão para ferir a princeza. Seus dentes alvos, que estalavam com violencia, se cobriram de sangue das gengivas. Em breve chegaram seus servidores, a quem elle ordenou que matassem Moriana no balcão da grande sala. Arrastam-a para lá aos olhos do cavalleiro christão ; d'ahi ella avista aquelle a quem ama, e exclama :

« — Eis a morte ! Eu sou sempre christãa e morro christãa. Sabe, Galvan, o que eu ainda te não tinha dito, é que o unico objecto do meu amor é aquelle joven christão, meu noivo. »

Os exemplos que temos citado, e que o nosso traductor desfigurou necessariamente, provam ao menos a extrema variedade d'esses romances, cujo genio é alternativamente dramatico, elegiaco, feudal, arabe, christão, romanesco e historico. Muitas vezes tambem estes characteres se confundem. Sempre o vôo do poeta, por brilhante que seja, é curto e rapido ; é sempre uma narração breve, uma imagem viva,

uma queixa terna, um accento do coração, uma agudeza do engenho, uma recordação notavel. Os poetas mais modernos não foram infiéis a este genio: o colorido das primeiras canções se conservou em toda a poesia hespanhola; ainda hoje é menos épica que lyrica, e seus primores mais insignes são odes, canções e romances.

No decimo-quinto século, a imitação da Italia e a influencia da devoção casuistica introduziram nas obras da imaginação hespanhola uma subtileza extravagante e habitos escholasticos assaz ridiculos. Viram-se paraphrases de orações, glosas ascéticas, ladainhas devotas, misturar-se com as narrações galantes e com o ritual do amor mundano. Tomando dos Provençaes e dos Arabes essas fórmas precisas e de convenção que carregam a imaginação de pêas, os Hespanhoes comprazeram-se em encerrar seu pensamento n'um espaço limitado, sob rimas singulares e penosas, e em tratar em poucos versos um texto que desenvolviam como um prégador desenvolve o seu. Esta influencia, succedendo ás influencias gothica, arabe e cavalheiresca, é evidentemente devida á omnipotencia do catholicismo, que pesava sobre os costumes e estendia seu jugo de ferro sobre as creações as mais livres da intelligencia.

Esta poesia do pedantismo e da theologia teve (quem o crêra?) muitos admiradores no reinado dos predecessores de Carlos V. O olvido dos litteratos deixou repousar, nos velhos archivos, essas bellas poesias cavalheirescas, essas nobres canções mouriscas, essas effusões de sensibilidade, de paixão e de dôr, thesouros verdadeiros, riqueza intellectual e popular, que os eruditos sós consultaram ainda. Em breve, entretanto, os Hespanhoes compraram, á custa de sua liberdade, a preponderancia politica e a opulencia commercial. Carlos V, este Carlos-Magno da astucia, fundou outro imperio romano, mais vasto que o dos Césares, e que breve devia dar de si. A Hespanha, livre até então de toda imitação, e que fez brotar toda a sua poesia de seu genio e de seus costumes, acha-se emfim em contacto com outras nações mais civilisadas que ella; e os esforços de seus poetas novos tendem a introduzir na arte hespanhola alguma cousa da seve e da fórma estrangeiras.

Não serão mais monumentos grosseiros e tristes que exâminaremos, bellos em sua antiga rudeza, com o cunho de grandeza indigena, obras sem nome, filhas antes de um povo que de uma eschola, antes de um século que de um es-

criptor. Eis-nos no meio de uma litteratura mais sabia, mais estudada, menos ingenua. Cada um dos poetas inscreveu seu nome na sua obra; cada um d'elles modelou, poliu e trabalhou o seu monumento com cuidado curioso. Assim, quando se vae avançando para Roma a travéz da via Appia, essa multidão de tumulos ignorados, mutilados, porêm veneraveis, vão sendo substituidos pelos palacios dos viventes, pelos caprichos brilhantes da architectura moderna, pelos marmores contorneados por Bernin, pelas mil fantasias de uma arte que se atormenta para produzir.

Entre um povo affeiçoado, como eram os Hespanhoes, a seus costumes e a suas recordações, a imitação das idéas e do estylo estrangeiros attesta sempre uma degeneração moral. Com effeito, numerosas influencias tinham depravado o character nacional da Hespanha. O fanatismo convertido em lei, a inquisição pairando sobre o throno, a ferocidade honrada depois que a soldadesca hespanhola fez tremer a Europa, a altivez hereditaria dos fidalgos hespanhoes abatida ante esse throno que tendia á monarchia universal, uma disciplina muda e passiva apoderando-se de todas as classes de cidadãos, um orgulho atroz que não permittia ao Castelhano fraternisar-se com nenhum outro povo, e que fazia correr sem dó, sem remorso, sem escrupulo, o sangue do protestante, do Indio, do Mexicano, do Arabe; todas as faculdades viris e energicas, de que se gloriam os habitantes da Peninsula, voltadas para o escravisamento do mundo e para sua propria escravidão; estas grandes causas concorreram para produzirem o effeito que acabamos de assignalar. O genio primitivo e independente da Hespanha tinha-se tornado desapiedado, entregue á etiqueta, reservado até a mais sombria desconfiança e submisso até o fanatismo impassivel. As almas feitas para sentirem a poesia e crearem-a não podiam mais, como outr'ora, cantar uma cavallaria agora extincta, nem dar impulso a essas livres emoções que os antigos poetas tinham tão fortemente exprimido. Lançando os olhos para seu século, foram esses escriptores tomados de profunda melancholia, que se não associava de modo nenhum com o genio nacional. Toda a antiga poesia da Hespanha era uma poesia de acção; a melancholia, pelo contrario, medita e não obra. Uma litteratura escrava, dôce e elegiaca, succedeu pois á litteratura das canções de que o povo fazia suas delicias.

Tal é, alêm d'isso, o curso natural da intelligencia entre a mór parte dos povos civilisados; e essa melancholia delicada, esse delirio que Montaigne chama *suavissimo* e *dôce*, pertence não á forte mocidade, porêm á idade madura e á decadencia das sociedades. Todos os escriptores languidos e tristes, todos os romancistas sentimentaes da França e da Allemanha, datam d'esta segunda época. Os primeiros arrojos do espirito são mais francos, mais alegres, mais livres de reflexões melancholicas e de meditações desesperantes. Crear, nas épochas da adolescencia intellectual, é gozar: vêde que cunho de força, de vigor e de felicidade marca as obras de Shakspeare, de Dante e do auctor dos *Nibelungen*. Mais tarde, alguma cousa de penoso se mistura com o desenvolvimento da arte e suas creações. Seus antepassados a assustam; ella teme seus successores.

Senhores de uma parte da Italia, os Hespanhoes do reinado de Carlos V debuxaram sua poesia sobre os modelos italianos. Não só a idéa, sinão o rhythmo de Petrarcha e de Guarini, contrariavam todos os seus habitos castelhanos: de um lado, molleza e voluptuosidade; do outro, força, inspiração e rudeza. Aqui, uma facilidade, uma clareza de versificação, manchadas de prolixidade e de fraqueza; ali, uma concisão energica, muitas vezes obscura. Entre os Italianos, o arrebatamento da vida e do amor; entre os Hespanhoes, a embriaguez da gloria e da patria. A accentuação primitiva dos versos hespanhoes procedia da longa para a breve por arrojos rapidos; o rhythmo dos Italianos cahia da breve sobre a longa. A quantidade e medida dominavam na poesia hespanhola; a rima e o numero das syllabas constituiam a prosodia italiana. Era mister mudar tudo para ageitar a estes novos costumes litterarios o povo que mais afferro tem a seus costumes; conseguiu-se.

É porque a substancia mesma e a essencia de sua nacionalidade tinham mudado. Humanidade, lealdade, virtudes privadas e publicas, liberdade religiosa e civil, commercio e industria, se tinham apagado sob o sceptro de Carlos V. Os guerreiros por elle empregados, os ministros de seus conselhos, instrumentos inexoraveis de sua politica, uns cobertos de sangue, outros quebrados na servidão, suavisaram seus ocios, e sem duvida seus tedios, tentando imitar a graça timida dos vencidos. A ponta de suas espadas sanguinolen-

tas traçava versos pastoris. Mendoza, o tyranno de Sienne, suspirava eglogas campestres. Boscan, Garcilasso, Montemayor, discipulos de Petrarcha, tinham passado a metade de sua vida nos arraiaes. As scenas reaes que os haviam cercado eram sómente matança, furor, violencia, incendio. As scenas imaginarias que elles se compraziam em crear rivalisavam com a chimerica Arcadia de Guarini e de Tasso, com as scenas do Lignon inventadas por d'Urfé (1). Expliquem os philosophos este phenomeno, que é frequente na historia litteraria: Elisabeth d'Inglaterra degola Maria e rima sonetos, o duque d'Alba e Philippe II fazem idyllios, Richelieu interessa-se mais vivamente por frioleiras pastoris do que pelos versos do grande Corneille.

Nos escriptos dos poetas hespanhoes que acabamos de apontar se encontram todos os characteres da poesia italiana. Nascida no seio de uma sociedade rica, activa, porêm pouco cavalheiresca, filha de costumes elegantes, voluptuosas, epicureus, esta ultima se dirigia a homens apaixonados das artes, do esplendor e do bem-estar. Pinturas ideaes e de fantasia se animavam sob seus pinceis: um mundo ethereo, um sonho de prazer e de amor; o mundo do *Pastor Fido* e da *Aminta*. Elle se abriu e prodigou seus prestigios a Garcilasso, Boscan, Montemayor, Mendoza e alguns outros.

Garcilasso é mais realmente italiano que todos os seus rivaes. O furor, a vehemencia, a exageração e a hyperbole dos Celtiberos desappareceram de suas obras. Todas as cordas de sua lyra estão molhadas de lagrimas voluptuosas: uma doçura extrema, um queixume eterno, uma molle delicadeza, poem alguns de seus poemas ao nivel das producções as mais gabadas de seus modelos. Citar taes primores seria impôr um tributo oneroso á paciencia do leitor. Pouco gosto se tem agora por essa melancholia effeminada, por esses versos agradaveis, porêm embriagados de tristeza e desfallecidos por um amor celadonico. A melodia, a feliz escolha das palavras, a belleza das imagens, a sensibilidade

---

(1) Honorato d'Urfé, escriptor do decimo-sexto século, autor do romance de *Astréa*, no qual celebra as delicias da vida campestre e as virtudes dos pastores do valle do Lignon, em Auvernia. Era irmão de Anna d'Urfé, célebre autor de sonetos e tenente general do Forez, no reinado de Henrique IV.

mesma dos pormenores, nos ajudam apenas a supportar a monotona suavidade d'esses inexhauriveis lamentos. A *Aminta*, o *Pastor Fido*, acham hoje poucos leitores. Aquelles dos escriptores septentrionaes que, como Shakspeare em varios dramas, ensaiaram o genero pastoril, lançaram ao menos em suas pinturas arcadenses esses pensamentos fortes, essa observação dos homens, essa contemplação dolorosa da vida real, que contrasta com a pureza aerea e imaginaria da egloga. Um pequeno numero de pessoas de gosto, assignando aos escriptores meridionaes que nomeei seu logar e seu posto, os estimam ainda, e relêem essas creações poeticas sem relação com os interesses da vida activa; o publico porêm os abandona.

Boscan mostra-se mais elegante e mais affectado, *Garcilasso* mais puro e mais ingenuo, *Mendoza* mais philosophico e mais sentencioso. Em *Montemayor*, a influencia hespanhola parece luttar ainda com a graça italiana. *Sá de Miranda*, Portuguez como Montemayor, só fez idyllios, alguns dos quaes se approximam da perfeição.

Luiz Ponce de Leão e *Fernando de Herrera* merecem ser citados. Herrera aspira ao papel de reformador. Neologo por systema, creador de inversões e de palavras desusadas, dotado de imaginação impetuosa e de grande força de vontade, careceu sobretudo de singeleza e de simplicidade. As inspirações que o poeta se impõe a si mesmo são raras vezes felizes; na mór parte das suas obras se encontra o vestigio de um systema estabelecido de antemão, e de uma regra a que Herrera se submettia. Devem exceptuar-se d'esta reprovação suas odes patrioticas, que, animadas de odio violento contra os infiéis, profundamente catholicas, altivas e orgulhosas até o desdem, são comparaveis, quanto ao estro, enthusiasmo e energia, aos primores de Chiabrera. Fernando de Herrera peccou em copiar a distribuição das suas odes da *canzone* italiana; as longas viravoltas effeminadas, as ondulações graciosas da canzone casam mal com a energia do pensamento e com a rapidez da dicção.

Descendente de uma raça antiga, Luiz Ponce de Leão viveu em um claustro: é o poeta do ascetismo; porêm, cousa notavel! nenhum escriptor levou mais longe a concisão, a pureza, a graça. Boileau mesmo, ou o deão Swift, não fizeram estudo mais profundado das fórmas e dos recursos do

estylo. Seu enthusiasmo é real; o arrojo de sua devoção não o arrastra jámais até o fanatismo. Entre os poetas moralistas, e sobretudo entre os poetas religiosos, não ha nenhum que o exceda; poucos ha que o igualem ou que mereçam ser-lhe comparados: até nem sei si elle não occupa uma ordem mais elevada, si não é digno de uma gloria mais real que todos os escriptores que acabo de nomear. O mysticismo a que Ponce de Leão pediu suas mais bellas inspirações tinha lançado raizes na sociedade e nos costumes; a Hespanha estava coberta de monges. Os pastores *Salicio* e *Nemoroso* que Garcilasso introduziu em suas pastoris, e aos quaes presta uma eloquencia tão amorosa, não tiveram typo entre nenhuma nação conhecida. Quanto á perfeição da arte, acha-se em Ponce de Leão; seus rivaes não podem a ella pretender.

Estes escriptores abalisados compoem o que se poderia denominar a pleiada classica da poesia hespanhola. Seu estylo se parece tanto com o estylo dos antigos autores de canções, como as producções de Addison e de Steele se assemelham aos dramas de Shakspeare. Comparar duas épochas sem analogia seria trabalho inutil. Desde esse tempo, a poesia hespanhola seguiu o pendor que arrastrava o paiz á sua ruina. Sem fallarmos do drama nem da historia, que não são o assumpto das nossas pesquisas, a poesia propriamente dita brilhou, durante os reinados que succederam ao reinado de Carlos V, com pouco lustre ou com lustre ficticio. Muitos poemas épicos foram publicados; mas são antes historias que epopéas.

Poder-se-hia crer que o genio nacional se recusa a esta mistura de verdade e de ficções que constitue a epopéa. *Lucano*, Hespanhol de nascimento, julgou fazer um poema épico, e contentou-se com narrar emphaticamente a historia contemporanea. *Ercilla*, autor da *Araucana*, sacrifica igualmente á verdade historica todos os ornatos de sua narração; traça uma relação exacta, ás vezes eloquente, uma narração feliz cujo colorido não é sem interesse, mas cuja creação épica não é attestada por nenhuma passagem: é, como elle mesmo diz, uma relação fiel e exacta, tirada da verdade, talhada á sua medida.

Es relacion, sin corromper, sacada
De la verdad, cortada á su medida.

Poeta, estatistico, mais annalista que pintor, falto de unidade, de graça e até de variedade, elle não merece os elogios exagerados de Voltaire.

Em breve se eclipsou quasi inteiramente a gloria de que Cervantes, Calderon e Lope cercaram o Parnaso hespanhol. Purificou-se até o ridiculo o estylo effeminado de Garcilasso: cada phrase foi um enigma, cada epitheto offereceu uma imagem obscura e extravagante; uma affectação minuciosa arredondou todos os periodos, não permittiu que nenhuma palavra conservasseo seu sentido natural, e mudou a poesia em uma serie de logogryphos penosos. O engenhoso *Quevedo*, o empolado *Gongora*, levaramé até seus ultimos limites a exageração e o mau gosto. Entretanto, osexercitos e as esquadras castelhanas, por tanto tempo victoriosas iam começando a perder sua antiga preponderancia. Aos triumphos de Pavia, de Tunis e de Lepanto, succederam as derrotas dos Paizes-Baixos e a destruição da *armada*. Carlos V, fazendo prevalecer no exterior um systema de astucia, de dobrez e de crueldade, suffocando no interior toda liberdade, toda independencia, tinha arruinado os principios de acção e de pensamento, verdadeiros motores da superioridade intellectual. Elle morreu no seu convento, e legou a seus herdeiros uma ruina immensa e invisivel, um throno poderoso, um povo degenerado, uma patria sem vinculo, sem porvir e sem força real. D'esse tempo em diante, o talento e o engenho não abandonaram uma das mais nobres nações européas, porêm nenhuma obra grande, nenhum primor de genio, nenhuma conquista brilhante, justificaram a sua antiga illustração (1).

(Foreign Quarterly Review.)

---

(1) A esta brilhante revista dos poetas hespanhoes accrescentaremos alguns nomes qne escaparam ao autor inglez. Agostinho Moreto, dequem Molière tirou a sua *Princeza de Elida* e a sua *Eschola dos Maridos*; Francesco de Rojas, de quem Rotrou e Th. Corneille transportaram varios dramas para a scena franceza; João de Hoz, Montiano Luyando, D. Ramon de la Cruz, que alcançaram alguma vantagem no genero burlesco; e, em épocha mais chegada a nós, Garcia de la Huerta, que tentou com felicidade fazer reviver na scena a fogosa imaginação dos antigos poetas castelhanos. Citaremos, alêm d'isso, outros nomes que, posto menos célebres, illustraram comtudo o decimo-oitavo século e o começo

MISCELLANEA.

NOTICIA BIOGRAPHICA.

O IMPERADOR DA RUSSIA.

. . . . . Espirito assas cultivado, intelligencia mediana, character ao mesmo tempo pacifico e cruel, o imperador Nicolao, monarcha absoluto, cheio de confiança na sua força, personalisa o czarismo: elle se julga o representante do despotismo e a espada incarnada d'um Deus vingador; mas nesta força nem ha violencia nem vivacidade. O imperador sabe ter até nas suas paixões e crueldades uma calma que jámais se trahe.

Os litterattos e artistas franceses que visitaram a Russia, só tiveram rasões para bem dizer Nicolau, cuja politica perseverante é fazer-se louvar pelos estrangeiros; todos concordam em gabar a familiaridade toda paterna do imperador para com seus subditos: carreiras, visitas, apertos de mãos, na verdade tudo se póde permittir porque elle é absoluto, e á menor falta de respeito enviaria o atrevido para Siberia. Não traz tambem estado maior em seu sequito, como os reis contitucionaes; mas não nos enganemos, esta familiaridade do monarcha não dá ao povo nem franqueza, nem liberdade nem beneficios.

---

do decimo-nono; Yriarte e seu discipulo Samaniego, cujas fabulas se aproximam da ingenuidade de La Fontaine; Cienfuegos e Melendez, que cantaram a vida pastoril: Moratin, que é geralmente tido pelo primeiro autor comico da Hespanha; Quintana, historiador e poeta; e em fim Martinez de la Rosa, que tem tentado com vantagem varios generos.

Nicolau não obra sinão conforme um systema arrasoado; n'elle, o coração jámais falla. Conta-se que em outro tempo elle não era senhor de accessos da colera. Finalmente veio a se vencer, depois da scena violenta que tivera com o coronel Mouravieff. Eis como se conta. Mouravieff, membro da alta aristrocacia moscovita, rico de uma immensa fortuna, era um dos chefes da grande conspiração de 1826. Desde que foi descoberta, Mouravieff foi levado perante uma commissão nomeada para esse effeito. Uma tarde, o imperador fez conduzir a seu gabinete Mouravieff, carregado de ferros; e por de traz da tapeceria se tinham occultado Bakendorf, Aldeberg e o ministro da guerra Tcernichef. O czar promettia a Mouravieff seu perdão, si dinunciasse seus cumplices, e declarasse publicamente o arrependimento do seu crime. «Eu te prometto tudo isto, lhe diz o imperador, eu, teu soberano. — Tu, meu soberano! tu, filho d'um espurio! . . . . . respondeu-lhe Mouravieff indignado.» Nicolau, furioso, deu-lhe um pontapé na barriga; Mouravieff, por toda resposta, lhe disse: «Cobarde, nem tu nem os teus sois dos Romanoff!» O imperador ia-se entregar a maiores excessos, mas Bakendorf sahe do reposteiro para detel-o, e fez retirar o prezo. Depois de tornar a si, Nicolau fez juramento de para o futuro não encolerisar-se mais, e assim aconteceu. Mandou prender, fuzilar e martyrisar Mouravieff, de sangue frio, não se deixando tocar pelas lagrimas e nem pelos rogos. Outra vez, durante a revolução da Polognia elle se encolerisou até dizer: «Sei que o principe Adam Czartoryski quer tomar a coroa de Polognia; eu lh'a arrancarei com a cabeça.»

Cheio d'uma fereza que parece inflexivel, dotado d'uma perseverança pacifica e paciente, Nicolau maneja a astucia com a finura e dexteridade a mais consumada: sabe ter os embaixadores extrangeiros por meio de honras de que os cerca, e das lisonjas que lhes prodigalisa; eis um exemplo:

O governo inglez envia inesperadamente lord Durham em embaixada á St-Ptersburgo. Esta nomeação de um homem hostil até então nos seus discursos e na sua politica ao soberano da Russia, foi considerada pelo ministerio imperial como um insulto á pessoa do imperador.

No principio nottas amigaveis, e que tornaram-se mais fortes ao depois, foram dirigidas ao ministro dos negocios

extrangeiros em Inglaterra. A nomeação foi sustentada apezar d'essas nottas, e de todas as instancias da princeza de Lieven. Finalmente, a embaixada envia ao imperador uma notta circumstanciada sobre o character fraco e a excessiva vaidade do embaixador inglez. Logo Nicolau muda de parecer: em logar de mostrar-se infenso á lord Durham, o enche de honras, de obsequios e affabilidades de toda especie. O que aconteceu? Lord Durham, encantado de tantas lisonjas, tornou-se russo de sangue puro. Partiu dizendo aos Polacos que ia convencer ao *tartaro*; o czar, por sua figura, achou meio de lhe persuadir que elle era o unico ministro inglez sobre a terra que pôde conservar a alliança entre a Russia e a Gran-Bretanha, e lord Durham ficou persuadido que elle dominava o imperador Nicolau.

O imperador é altivo; sua palavra e physionomia repellem aquelles de seus subditos que o approximam. Em 1830, antes da revolução, passando revista em Koduia, governo de Volhinia, á um corpo do exercito russiano que voltava da Siberia, o marechal da nobreza Lenkiewitz aprezentou-lhe uns vinte cidadãos de Volhinia, quiz, segundo o uso, dirigir-lhe a palavra em franccz. Nicolau immediatamente interrompeu o discurso: « Nada de francez: fallai-me russo ou polaco, comprehendo as duas linguas. » E voltando-se para o general Witt, lhe ordenou que apresentasse os cidadãos. Depois de ter dirigido a palavra a uns e outros, terminou a recepção dizendo a todos: « Senhores, estou assas satisfeito de vós; si continuardes a comportar-vos bem, *tanto melhor para vós*, *sinão tanto peior*. » E retirou-se sem cortejar a ninguem.

O imperador era amigo intimo de Diebitsch, com o qual embriagava-se, bebendo rhum a copos cheios; mas sabendo de sua derrota na Polognia, quiz destituil-o. O ministro Tcernicheff lhe fez observar que a destituição de um feldmarechal arrastaria comsigo commoções tanto mais graves que Diebitsch era amado dos officiaes. Nicolau, depois de reflectir um momento respondeu: « Orloff, nos livrará d'este aperto. » Orloff, que é para Nicolau o que Tristão o eremita era para Luiz XI, executou suas ordens com a destreza e zelo, que lhe era ordinario.

Em Petersburgo, os boyardos accusavam o grão-duque Constantino de ser o fautor da revolução polaca, e Beken-

dorf, chefe da policia secreta, declarou ao czar que si o grão-duque chegasse a Att-Petersburgo, podia-se receiar alguma commoçao cujas consequencias podiam ser perigosas. « Cá não virá, exclamou o czar; » e Orloff recebeu nova missão que desempenhou como a primeira.

Eis como se acha dividida a camara imperial do paço; por cima, a torre do telegrapho, por baixo a secretaria da policia secreta, havendo em ambos uma escada em caracol que conduz á alcôva do imperador. Quando o imperador mandou construir o telegrapho, empregava um engenheiro francez, M. Chateauneuf; muitas vezes, quando este engenheiro estava trabalhando nas charnecas, recebia inopinadamente a visita do imperador, que o vinha surprehnder e comprimentar. Por ahi se vê que o imperador dava grande importancia a esse trabalho.

Na verdade Nicolau não tem valido algum: mas os que parecem sel-o são o conde de Bekendorf, general da cavallaria, chefe da policia secreta, homem destro e astuto; Orloff, general, ajudante de campo; e finalmente o general Witt, commandante das colonias militares.

Alexandre, apezar de todos os seus defeitos, tinha com dignidade o nome de imperador. Queria que a Europa pensasse bem do seu reino. Nicolau, pelo contrario, se collocou em frente do equilibrio europeu como *czar moscovita*. Não recebe idéa alguma vinda de fóra. Seus trabalhos legislativos são velhos ukases que coordenou e poz em ordem. O alvo da sua politica interior he de reconduzir a Russia *á unidade moscovita*. Jamais cumprirá esta tarefa impossivel, e bem que a Russia, por suas acquisiçōes recentes, pareça mais forte e temivel sob Nicolau que não era sob Alexandre, é certo que a Russia é mais fraca e mais misera que nunca.

Nicolau, como dissemos supra, *personalisa o czarismo;* é despota para com os seus subditos e para com o exercito, que elle lisonjea e decima alternativamente. Sua diplomacia prepara e dissimula habilmente seus perseverantes projectos de conquista. N'isto elle corresponde ao voto geral da Russia: o exercito, na verdade, está animado do dezejo de escapar á uma barbaria humiliante, e não dezeja sinão invadir. Nicolau é portanto segundo as vistas da Russia um grande czar, o grande homem da Russia; é o que, pela natureza de czarismo, elle devia ser. . . . . .

Extracto de uma obra inedita de M. *Felix Colson,*

ESTATISTICA.

ARMADA TURCO-EGYPCIA.

A armada turco-egypcia, no porto de Alexandria, compõe-se de 11 náos de linha, 3 de 102 peças, 6 de 100 e 2 de 80. Fragatas 5; a mais forte tem 62 peças e 511 homens, a mais fraca 54 peças e 444 homens; corvetas 5 de 22 a 26 peças; 6 brigues de 12 a 20 peças; 2 cutters e trez barcos de vapôr. As equipagens dão um total de 14,984 homens; e ha 1,590 peças.

Armada turca: 10 náus de linha, a maior tem 140 peças e 1,325 homens, a menor 60 peças e 600 homens. Fragatas 10 de 44 a 64 peças; equipagem 380 a 680 marinheiros, Corvetas 4 de 20 a 26 peças. Total 1,588 peças e 15,621 marinheiros. Total das duas armadas: 21 náos, 18 fragatas, 9 corvetas, 6 brigues, 2 cutters, 3 barcos de vapôr com 30,605 marinheiros e 3,178 peças.

POPULAÇÃO DA SYRIA.

Em uma nova carta da Syria, diz o *Sun*, publicada por M. Wild, de Charings-Cros, ha o seguinte resumo da população: os mahometanos (sem contar os Beduinos) são em numero de 860,000; membros da igreja grega 345,000; drusos 183,000; judeus 175,000; maronitas 104,000; catholicos romanos 93 000; com os Armenios, Francos, etc., perto de dois milhões de habitantes ao todo.

CAMINHOS DE FERRO NOS ESTADOS-UNIDOS.

Contam-se hoje nos Estados Unidos 2,270 milhas de caminhos de ferro acabados, além de 2,246 já em construcção, o que completa 4,516 milhas. Quando os teremos no Brazil?

1840. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
Rua do Hospicio n. 66.

GALERIA BIOGRAPHICA.

POTENCIAS INTELLECTUAES DA NOSSA IDADE.

I.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
— DO —
RIO DE JANEIRO

WILLIAM HAZLITT.

Os homens que contemplam o século em que estamos com a admiração a mais bem entendida não podem deixar de convir que esta época tão brilhante tem pouca connexão, e que não ha nada tão raro hoje como uma gloria completa, um genio completo e que se comprehenda bem a si mesmo. Tudo nos chega por fragmentos, tudo se retalha e se dispersa. Os raios de luz rebentam de todos os pontos do horisonte, mas não se concentram em nenhum ponto: muito brilho, porêm pouca força. Uma claridade que se esparge na superficie, sem penetrar nas profundidades, ensaios de muitas especies, descobrimentos numerosos que raras vezes vão dar a um ponto commum, talentos disseminados e não poderosos, a analyse e a critica aggredindo tudo para destruir e não para crear, uma fallencia singular de força continua, de poder activo, de vontade firme e de longas resoluções; nada de monumental, nada que se dirija ao porvir: tal é o character das producções da nossa época.

Nasce uma intelligencia sagaz e penetrante; em vez de abraçar uma vasta esphera de idéas, em vez de amontoar thesouros para a meditação e pensamento, em vez de fecundar por longo trabalho uma massa de conhecimentos adquiridos, entrega-se estouvadamente ao primeiro capricho que a seduz: a vida, o tempo e o espaço parecem faltar-lhe. Ella improvisa suas mais bellas obras, quer executar de corrida as conquistas do pensamento. Em vez de um vigoroso encadea-

mento logico, não lhe peçaes sinão repentes e fantasias. Ella se serve de sua faculdade universal de comprehensão para pular de um assumpto a outro e tentar alternativamente a pintura, a musica, as theorias politicas, as sciencias exactas, a metaphysica e a poesia. Dirieis que são os milhares de faiscas que saltam do ferro vermelho collocado sobre a bigorna. D'ahi resulta immenso desperdicio de força, pouca perfeição nas obras, grandes irregularidades de execução e uma gloria menos pura. Como apreciar o talento que se suicidou, si posso dizer, por miudo, e que não deixou no mundo nenhuma prova vivente de sua energia?

Ninguem levou mais longe que William Hazlitt este mister de emprehender tudo, de tudo tentar, de tocar em todas as idéas, de resolver todas as doutrinas, e esta impossibilidade de concentrar seus resultados e dominar sua propria intelligencia. Genio eminentemente *fragmentario*, como dizem os Allemães, só deixou ensaios e bosquejos, porêm de naturezas tão diversas, cheios de tanto engenho, de estro tão mordaz, de intuitos tão novos e tão profundos, que os não ha-de esquecer a posteridade.

Hazlitt escreveu em todos os diarios, sem fito, sem plano; verdadeiro *condottiere* da litteratura, suas obras, si fôssem colligidas, formariam mais de dez volumes em 8.° Desleixado, não do effeito e da popularidade, mas da pureza da linguagem e da perfeição do todo, ora prodigalisou os ornatos extravagantes, ora as loucuras caprichosas, ora os paradoxos singulares; seu fito era ser lido. No meio dos ouropeis e pedras falsas que lançava ás mãos cheias, encontraveis barras de ouro puro trabalhadas com gosto primoroso. Era um engenho agudo, subtil, ardente em penetrar nas causas secretas e nas ultimas profundidades; um critico dotado de imaginação no estylo e de bom humor mordaz na expressão, representando ás vezes o papel de arlequim para vos captivar, e encobrindo sob esta mascara o philosopho, o observador formidavel e o artista instruido. Conheci-o muito, e este espirito activo, movel, afoito, porêm irregular, se revelou a mim em sua intimidade mesma. Desprezava a metade de suas obras, e considerava-se como um pintor que a necessidade de viver tinha forçado a esboçar rotulos. Toda essa parte de estylo que é feita sómente para attrahir a attenção: epithetos extravagantes, palavras ebrias

que parecem dançar e uivar como as feiticeiras de Macbeth, metaphoras exageradas, chocarrices de linguagem, tudo o que o publico aprecia tanto, tudo o que attrahe especialmente a sua attenção e fixa a sua homenagem e Hazlitt prodigalisou; mas elle sabia de que valor eram esses miseraveis ornatos.

Em 1810, andava eu passeando pelas salas da *Exhibição* em Londres, quando avistei de pé, diante de um retrato de Lawrence um homem assaz mal feito e bastante feio, osseo, irregular, de physionomia viva, esquipatico e de feições angulosas; sua figura se fazia notavel sobretudo por essa expressão ardente e inquieta que indica muitas vezes a actividade da intelligencia: olhos pretos, redondos e pequenos, scintillavam por um movimento perpetuo; testa muito elevada e arqueada pela parte superior se coroava de cabellos lisos lançados para traz, e que se levantavam encrespando-se levemente sobre a golla de sua casaca. Em seu semblante se podiam ler todos os indicios da irritabilidade. Esta fealdade, longe de ser repugnante, era pittoresca. Ticiano, o pintor querido de Hazlitt, teria folgado de fixar sobre a tela estas feições cheias de energia e de originalidade.

Elle era filho de um ministro dissidente que habitava o condado de Surrey e residia em Wem, pequena cidade do condado de Salop. Os primeios estudos para os quaes o dirigiu seu gosto especial foram os estudos metaphysicos; e esta inclinação não o abandonou quando sua profissão de jornalista o arrastrou em direcção differente. A singularidade especial de seu espirito era uma mistura rara de gosto pelas artes e de subtileza metaphysica. Sua familia era pobre; foi de mister escolher uma profissão. Alguns antigos quadros italianos que elle tinha visto foram os que deram o primeiro impulso ao seu genio de artista, e o determinaram a fazer-se pintor: sem mestre e sem guia, empunhou a palheta e o pincel e metteu mãos á obra. No seu pensamento vivia o ideal da arte, o bello da fórma e da côr. Elle comprehendia a mais alta superioridade, a mais alta perfeição da pintura; porêm seu erro era crer que esta comprehensão podia bastar, que sua admiração profunda pelas obras primas, que seu arrojo de instincto para o bello, eram os penhores certos de prompto bom successo. Em pintura, a execução é muita cousa. Para se realisar o pensamento, são

necessarios longos estudos, laboriosos trabalhos; sem o mechanismo da arte, sem prolongados esforços materiaes, sem uma pratica assidua e perseverante, nada conseguireis.

A arte, flôr delicada, vae desabrochando lenta e gradualmente; não basta só um sol para lhe desenvolver a corolla: o ardor do enthusiasmo o mais vivo não improvisa essas bellezas cuja delicadeza e profundidade são o resultado de longo trabalho. É debalde que um noviço, destinado talvez á gloria de Miguel Anjo e de Raphael, pediria a seus primeiros ensaios o grau de perfeição cujo typo ideal reside de antemão no seu espirito. A estrada que conduz á realisação d'essa belleza, d'esse grandioso, é longa e penosa. Accrescentemos que quanto mais perfeição ha no genio artistico, na concepção intima que em nós reside, tanto mais difficil é traduzil-os em fórmas e em côres. Imaginae que de trabalho e de longas praticas deveu custar a Raphael de Urbino para fazer viver a belleza de suas Madonas, para dar-lhes uma existencia conforme á pureza de seu proprio pensamento.

Hazlitt, dotado de concepção rapida e de ardente enthusiasmo pela arte, esmoreceu desde o primeiro passo; a distancia que o separava dos grandes mestres se lhe antolhou e o gelou de susto: esta arte tanto de sua paixão, elle a abandona de repente, como se abandona uma amante muito bella e muito orgulhosa que deixa pouca esperança a seus adoradores. Restaram-lhe alguns retratos, copiados dos originaes do Ticiano e Raphael; e, nos fins de sua vida, era um gosto para elle contemplar esses monumentos de uma primeira paixão tão ardente quanto infeliz. Lembra-me ter visto um retrato original pintado por elle: uma mulher velha, no estylo de Rembrandt; figura characteristica, contraste notavel de sombra e de luz. A transparencia e a belleza do colorido eram admiraveis, e a expressão poderosa. Havia inexperieucia no maneio do pincel, e via-se que o artista se tinha depressa enfastiado do longo trabalho que exige a pintura do retrato. Que differença todavia entre este esboço singelo e forte e a frieza e sequidão dos ensaios academicos que os nossos jovens pintores expoem, e que attestam ao mesmo tempo tão grande habilidade de mão e tão grande esterilidade de talento!

Hazlitt ia renunciar á pintura, quando um poeta, tomado

da inspiração sagrada, veio prégar em Shrewsbury: era M. Coleridge. Hazlitt deu elle mesmo conta do effeito singular e duplo que n'elle produziu o prégador secular. Imagine-se um homemzinho gordo, corado, abotoado até á barba, vestido de um fraque preto de abas mui curtas, testa larga, olhos scintillantes de enthusiasmo, e recitando do alto de seu pulpito as mais lyricas e as mais vehementes effusões que o espirito humano tem creado depois de Pindaro. Hazlitt ficou ao mesmo tempo offendido d'esta caricatura extravagante e maravilhado da magica eloquencia com que o prégador improvisado desenvolvia suas theorias. Sua vocação de homem de lettras foi fixada desde esse instante. Communicar aos homens seus pensamentos pela palavra viva ou pela palavra escripta, lhe pareceu mais facil que recorrer a meios mechanicos e embaraçosos, que requerem longo trabalho. Veio para Londres; assim fazem todos os litteratos aspirantes. Estava-se no começo do anno de 1799. Depois da paz de Amiens, elle foi a Pariz e voltou para Londres, onde escolheu para domicilio uma casa velha de Westminster. Jeremias Bentham occupava uma parte d'ella, e Milton tinha habitado aquella onde Hazlitt vinha morar: era o mesmo quarto onde havia repousado o autor do *Paraiso Perdido*. É notavel certamente que estes tres homens, célebres por titulos tão differentes, porêm dotados todos de intelligencia eminentemente subtil e penetrante, se tenham como que convidado para essa casinha isolada, que sua presença consagrou, por assim dizer. Os estudos metaphysicos absorveram primeiramente todo o tempo e todo o pensamento de Hazlitt. Em 1805, elle escreveu o seu *Ensaio sobre os principios de acção entre os homens*, e differentes obras da mesma natureza, que se fazem todas notaveis pela firmeza e poder da dialectica. Entretanto, era necessario viver, e a metaphysica, por mais respeitavel que possa ser, offerece poucos recursos materiaes a seus adeptos. Hazlitt fez-se collaborador de varios diarios, entre outros do *Times* e do *Morning-Chronicle*. Encarregaram-o especialmente da critica dos theatros, genero de trabalho que convinha melhor que qualquer outro á natureza brilhante e analytica de seu espirito. Foi elle o primeiro que fez sobresahir o merecimento de Kean. Quando todo o mundo não via n'este actor sinão uma vulgaridade impetuosa e brutal, elle ousou oppôr-se a esta injusta reprovação, e demonstrou quanto po-

der ingenuo e que arrojo vigoroso encerrava este talento mal apreciado. Todos os seus meios de existencia estavam na litteratura, pois que elle concorria ao mesmo tempo para varias empresas de livraria. Ás vezes uma volta subita para a pintura o incitava a tornar a seus pinceis. Vãa tentativa! quando elle se levantava, nunca tinha esboçado uma cabeça inteira nem formado um grupo. Uma senhora, que lhe tinha permittido pôr n'um quadro de cavallete por elle projectado a sua cabeça e a de sua filha, viu mais de dez vezes os instrumentos da pintura ostentados diante de si, sem que nunca apparecesse na tela cousa alguma que se parecesse com a sua physionomia. Alguns de seus ensaios, reunidos em um volume, appareceram, em 1816, sob o titulo de *Mesa Redonda*. Em 1817, elle publicou os seus *Characteres de Shakspeare*, e fez cursos publicos que attrahiram a multidão ao instituto de Surrey. Sua reputação ia-se estabelecendo; elle foi tido, e com razão, por um dos conversadores mais engenhosos de sua épocha. Era curioso vêl-o ás mãos com M. Coleridge. A phrase de um se embuçava em roupagens fluctuantes e véos mysticos; a do outro arrojava-se por saltos rapidos e marchava por vivos arrancos. Coleridge era subtil; Hazlitt era penetrante. Um emmaranhava-se em todos os rodeios de uma questão, seguia-lhe todas as viravoltas; o outro lançava n'ella, por assim dizer, uma sonda aguda, que atirava em linha recta nas ultimas profundezas. Hazlitt, Lamb, o pintor Haydon, Ligh-Hunt, formaram um nucleo de homens de lettras e de artistas que empenharam o nosso paiz em novos trilhos. Foram elles sobretudo que despertaram o que se póde chamar o nosso patriotismo intellectual, e nos convidaram a estudar attentamente os nossos excellentes autores do decimo-sexto século. O genio de Scott, o de Byron, o de Wordsworth, beberam n'esta fonte antiga e olvidada uma parte de suas mais bellas inspiraçõeS.

O volume intitulado *ConversaçõeS de Mesa* succedeu aos que indicámos, e obteve grande acceitação. È n'elle que se acham os excellentes trechos, tão frequentemente citados, sobre o prazer que dá a pintura, sobre o genio e senso commum, sobre os preparativos de uma viagem, sobre as politicas de café. Já não é o toque gracioso e facil de Addisson, nem o humor vivo e mordaz de Steele; é sim um estro mais ca-

prichoso. A subtileza metaphysica serve ora de substancia, ora de ornato a pequenos quadros cheios de côr e de vida. É alguma cousa de inesperado na expressão, um modo irregular e desabrido, entrecortado de sombras e de luzes, de semi-côres e de pontos luminosos, como si Rembrandt, ou um de seus discipulos, tivesse pegado na penna e applicado á arte de escrever, e não a de pintar, os habitos de seu talento. A lingua ingleza deve grande obrigação a William Hazlitt: foi elle quem rehabilitou a linguagem familiar; graças a elle, pôde-se imprimir a conversação tal qual escapa, natural e franca, ao homem engenhoso que a improvisa. Era de veras uma calamidade ver essa pompa de palavras latinas e gregas a que nos havia acostumado Samuel Johnson. O molde severo no qual ereis obrigado a lançar vosso pensamento se recusava a todo vôo de imaginação: e como teria o homem inspirado reproduzido e communicado seus pensamentos muitas vezes subtis e extravagantes, quando se lhe impunha esta pêa de uma fórma sempre a mesma e necessariamente pesada em sua gravidade? Os rhetoricos praguejaram de Hazlitt: «era, diziam elles, o arlequim e o bôbo da litteratura, um escriptor sem proposito e sem força.» Devemos confessar que somos do parecer do publico, e preferimos a qualidades emprestadas, que arremedam a perfeição, o arremesso ingenuo e franco de um pensamento embora incompleto.

O prazer mais vivo de seu espirito era a discussão. Si alguem tiver tentações de exprobrar-lhe esta disposição belligerante que o arrastrava a uma polemica perpetua, deve lembrar-se que a imparcialidade, o mister de conhecer a verdade debaixo de todos os seus aspectos, o dirigiam n'esses combates que elle gostava de sustentar. Este exercicio intellectual o encantava. Elle tomava o lado da questão que não tinheis escolhido, e justava comvosco. Ao menos deixava o campo livre a seus inimigos, e só se servia de armas cortezes. Infelizmente esta qualidade escapava a muitos olhos, e a sua necessidade de controversia era tida como ardor de disputa, como obstinação cavillosa. Seus inimigos viam-lhe sómente o mau lado; por seu turno, elle se tornava injusto para com elles. Ninguem penetrou mais habilmente a parte fraca de Coleridge, cujo bello talento se esgota em esforços inuteis. Ninguem comprehendeu melhor a Walter Scott, em

quem descobriu essa falta de paixão e até de philosophia, que tantos outros accusaram depois de Hazlitt. Emfim, si elle soube analysar sem misericordia as subtilezas pueris de Wordsworth, é ao mesmo critico que se deve a revelação d'essa grandeza, d'essa ternura e d'essa força que se occultam debaixo de sua mesma puerilidade.

Como Hazlitt gostava muito das sociedades, esta qualidade ou defeito lhe crearam uma reputação formidavel e lhe deram muitos inimigos. Elle estava então morando em Holborn; mas, quando emprehendia uma obra de extensão, deixava Londres e encerrava-se n'uma estalagem chamada Winterslow, situada na ourela da floresta de Salisbury. Era lá que, sem livro e absolutamente isolado, mettia mãos á obra, e terminava um volume em menos de uma semana. Suas excellentes lições sobre o século de Elisabeth foram compostas em Winterslow. Então, n'essa solidão completa, renasciam com mais vivacidade e verdor as recordaçoes de suas leituras e de seus estudos. Lançava, sem tremer, um olhar severo sobre seus proprios erros. que lhe forneciam um assumpto de meditação, e seus mesmos vicios alimentavam sua intelligencia. Era depois de um dia passado sob as arvores de Winterslow que seu estylo tinha mais brilho e seu pensamento mais força. Sua extrema sobriedade, seus gostos modestos tornavam-lhe facil e até agradavel esta vida tão humilde. Elle participava com effeito do artista, do theologo e do philosopho.

As opiniões contemporaneas o açoitavam com suas vagas sem fazêl-o vacillar: era uma intelligencia independente. Tudo o que não estava nas suas premissas, tudo o que não era confirmado por sua experiencia não existia para elle. Isso foi um bem, mas que foi misturado com maus resultados. Sem duvida elle não cedeu á torrente das idéas vulgares e dos preconceitos adoptados, e seu juizo não foi obscurecido por uma massa confusa de recordaçõe tiradas dos livros; mas tambem privou-se de uma instrucção necessaria, e passou vinte annos de sua vida a dissertar e discutir sobre o que aprendêra durante os vinte primeiros. Sua existencia de homem de lettras não foi sinão uma longa guerra. Elle quiz, por vontade ou por força, arrastrar os outros homens para os principios que tinha adoptado e que resultavam de seus primeiros estudos. Viram-o resuscitar as glorias extinctas, ata-

car as reputações feitas, e prestar ás suas paixões intellectuaes, a seus gostos em materia de litteratura e de arte, toda a magia de um estylo deslumbrante. Gostava de Shakspeare e de Walter Scott : a sagacidade de seu espirito o levava á admiração d'estes homens, que estudaram a especie humana em todas as suas variedades. Em compensação, não gostava de Byron, cuja poesia *spleenica* projecta uma côr uniforme, sombria e ardente ao mesmo tempo sobre toda a natureza. Tinha muita affeição a Carlos Lamb, por causa de sua ingenuidade, de sua facilidade em dizer e entender tudo, de seus costumes brandos e de seu talento cuja originalidade se approxima da dos autores antigos.

Sua reputação teria sido mais brilhante, mais extensa, si, desde a sua entrada na carreira, elle não tivesse começado por crear contra si uma multidão de inimigos que se aferraram a seus passos e o não abandonaram mais. Escutando sómente a sua paixão, o seu agastamento e o seu capricho, Hazlitt marchou assim até o termo de sua vida, sempre cercado de um batalhão que lhe observava os passos, contrariava-lhe os designios e se esmerava em denegrir-lhe o character e a fama. A philosophia de Hazlitt residia em seu pensamento, e pouco se estendia ás suas acções. Seus desatinos foram numerosas e lhe causaram grande prejuizo. A publicação de um livro immoral, intitulado *Liber Amoris*, fez-lhe um damno irreparavel, sobretudo em Inglaterra, mãe hypocrita e pedante, que perdôa sim os vicios secretos, mas que pune sem dó as faltas contra a decencia. Accrescentaremos a isto o seu profundo desdem pela voga contemporanea. Eu creio, alêm d'isso, que se póde medir a capacidade de um autor e sua verdadeira potencia intellectual pelo grau de habilidade que elle mostra para este brilho passageiro que se chama voga.

Em 1824, Hazlitt publicou os seus *Ensaios sobre as Galerias de pintura espalhadas pela Inglaterra*. Não conheço autor que saiba, por meio de palavras, reproduzir mais vivamente o quadro de que falla. Sua critica é desfarçada, sua analyse brilhante. Si ás vezes esse esplendor e essa transparencia lampejam aos olhos como as vidraças de uma igreja, que differença ao menos entre esta maneira e a analyse secca, e a critica technica, e as subtilezas metaphysicas, tão communs entre os escriptores que tratam das artes! Quem nunca tiver

visto as obras de Holbein, de Nicolau Poussin, de Watteau ou de Rembrandt, poderá admiral-as nos escriptos de Hazlitt.

Em 1825, Hazlitt visitou de novo a França e a Italia. Encontra-se nas suas notas sobre esta viagem, notas escriptas de corrida, uma multidão de descripções pittorescas, de declamações eloquentes e de observações finas. Nada é mais brilhante que seu quadro de Veneza e de Ferrara. Suas observações ácerca dos costumes italianos e francezes não são menos dignas de reparo. Ouvi dizer que seu parallelo entre M.elle Mars e M.me Pasta foi causa de um rompimento entre estas duas heroinas; e qnando interroguei a Hazlitt mesmo a respeito d'esta anecdota, elle a confirmou, asseverando que fôra a actriz franceza qnem primeiro tinha rompido suas relações de intimidade com a Italiana.

Hazlitt amava o theatro e o frequentou até seus ultimos dias. Uma grande actriz, como mistress Siddons, era objecto de idolatria para elle. Algumas das paginas mais brilhantes por elle escriptas foram consagradas a esta illustre actriz tragica e á sua sobrinha, que parece destinada a seguir-lhe as pisadas. A ultima vez que o vi foi em Covent-Garden onde elle tinha entrada: fallava com seu espirito e volubilidade costumados; nada teria podido fazer crer que a morte pairava sobre elle e o ia roubar d'ahi a oito dias. Sabe-se que em Inglaterra as galerias semi-circulares (*lobbies*) de que é cercada a sala estão reservadas para uma classe de mulheres menos notaveis por sua decencia que por sua belleza pessoal e pelo esplendor de seus enfeites.

«Parece-me, disse-me Hazlitt mostrando-m'as, estar vendo uma d'essas molduras sinzeladas pelos artistas do decimo-sexto sécnlo, em Italia; molduras carregadas de arabescos singulares, de bacchanaes, de cabeças de faunos e de nymphas brincando com satyros.» Foram estas as ultimas palavras que lhe ouvi pronunciar. Oito dias depois, elle falleceu na sua morada de Frith-Street.

Não se póde dizer que Hazlitt foi nunca pobre, porêm é certo que sua bolsa estava constantemente vazia. Ninguem melhor do que elle sabia a arte de balancear o activo e o passivo, ou antes fazer com que suas dividas excedessem habitualmente a sua renda. É a esta disposição gastadora, estouvada e imprevidente que se deve em grande parte attribuir a somma consideravel de talento que elle perdeu e dissemi-

nou n'esses diarios e n'essas obras levianas que o tempo não ha-de respeitar. Sua extrema facilidade em escrever o empenhava n'essa estrada desgraçada que dilapida hoje tantos talentos distinctos.

Sejam quaesquer que forem os defeitos que se lhe podem reprochar, elle é um dos escriptores mais notaveis da nossa idade. Como Diderot, com o qual tem mais de uma analogia, não deixou monumento algum; como este escriptor, lançou turbilhões de fumo misturados com centelhas brilhantes. Metaphysico como elle, como elle apaixonado das bellas artes, argumentador como elle, tambem se elevou muitas vezes até uma eloquencia admiravel. A despeito de seus habitos de critica, apparecia de quando em quando em suas paginas uma sensibilidade mui viva. Por exemplo, á vista de Burleigh-house, que elle tinha ido visitar na sua primeira mocidade, exclamou:

« Oh! que não daria eu para ser um dia, uma hora, um minuto sómente, o que então era! Como tudo mudou em torno de mim! — Quando a voz surda e longinqua do barqueiro, frisando o solo, rompia por entre os juncos pantanosos e me vinha ferir os ouvidos! — quando, pela vez primeira, observei o tom fino, avelludado, humido, da relva que se estendia diante de mim, e que desafiava toda a habilidade do pincel! — quando em meu seio encantado se elevavam assim novo instincto e novo gozo! — quando, em um dia de inverno, eu discorria com jubilo pela calçada de Peterborough, observando, com a curiosidade de uma creança e com a dita de um pintor, esses vastos tanques luminosos que limitam o horisonte, essa perspectiva digna de Paulo Poter: rebanhos, moinhos, choupanas de telhas vermelhas que brilhavam aos raios do sol! — Ah! si eu podesse de novo volver a esse momento em que as mil fórmas caprichosas das nuvens que brincavam no ar eram um prazer para mim! — Oh! si me podessem restituir essa felicidade de uma peregrinação junto de minha velha mãe enferma, de uma peregrinação á cidade onde ella nascêra, ao casal onde ella fôra educada! — Si eu podesse, com a mesma delicia, encostar-me á barreira que a sustentava quando ella era ainda menina e se aventurava a andar! — Si eu podesse recuperar a ventura com que contemplei o sol no seu occaso! »

Cumpre confessar que é este um bello e pathetico epita-

phio da mocidade e de seus contentamentos tão prestes desvanecidos.

Outro trecho de Hazlitt, sobre a deterioração rapida das obras de arte, não me parece menos brilhante.

« Por que razão queixar-se d'esta pouca duração? Porque se obstina a poesia em deplorar tão patheticamente a fragil belleza de sua irmãa? Que! não ha-de um bello quadro viver mais do que nós? E quando já elle não existir, não deixará após si um vestigio brilhante e eterno? Phidias era immortal antes de estarem descobertos os marmores de Elgin. Que ganhou elle depois d'este descobrimento? Não é o nome de Miguel Anjo, cujas obras nos são unicamente conhecidas por gravuras, desenhos apagados e esculpturas mutiladas, o maior nome da arte moderna? Homens! para vos satisfazerdes, é-vos de mister rivalisar em immortalidade com a natureza? Ah! na memoria longinqua das idades, um nome, um monumento, é bastante para vós.

« Eu creio que o sentimento da fragilidade das cousas humanas presta alguma cousa de mais terno e de mais humano, por assim dizer, ao triumpho e á sublimidade da arte. Que! mãos perecedeiras executariam obras que não perecessem! Esta immortalidade seria um ultraje a Deus. Resta-nos o nobre pensamento da antiguidade. O curso das idades está marcado sobre a terra em characteres indeleveis. Nunca monumento moderno será tão veneravel como ruinas, nunca a antiguidade ferirá tão vivamente a imaginação como uma columna musgosa, toda gasta e em destroço, situada no meio de um campo esteril e coberto de sarças. As ruinas, quaesquer que ellas sejam, ruinas de quadros, de esculptura ou de architectura, abrem-nos a longa perspectiva dos tempos preteritos. »

Far-se-hia um volume das aventuras e dos bons ditos de Hazlitt. Um dia, não tendo bem calculado suas despesas, achou-se em Stratford com a bolsa absolutamente vazia. Suas botas o incommodavam; procurou trocal-as por um par de sapatos ou de chinelas. O que muito o maravilhou foi que suas botas, sendo novas, não acharam um comprador. Este facto ficou-lhe gravado na memoria e lhe serviu de texto para declamar contra a illiberalidade ingleza. « Qualquer cousa que façam, e até em suas bôas acções, dizia elle, achaes sempre n'estes Inglezes o desejo secreto de não fazerem favor a ninguem. »

— Talvez, disse-lhe alguem, as pessôas a quem vos dirigistes temeram que as botas fôssem furtadas.

Esta observação fêl-o reflectir muito, e, com sua candura ordinaria, elle exclamou:

— Está abalado o meu systema!

« A poesia de Thomás Moore, dizia elle, tem toda a elegancia da vulgaridade e todo o brilho de que se póde a gente ornar n'uma casa de alcouce: é uma musa ficticia coberta de braceletes de chrysocal e de pedras falsas; como sente sua propria fraqueza, faz-se brilhante, não podendo fazer-se bella: dirieis um d'esses senhores que vendem correntes de segurança, e que, para se assemelharem a homens de bem, penduram no bolso meia duzia de sinetes e enterram os dedos em anneis de pedras preciosas. »

Estava eu conversando um dia com elle a respeito de Miguel Anjo e de Raphael. « Collocal-os na mesma ordem é pura superstição, disse-me elle; é impossivel comparal-os. Com perseverança e longos estudos, não desespereis de vos sahirdes bem no genero de Miguel Anjo: sua grandeza apparente vos maravilha; mas elle está longe de poder supportar um exame escrupuloso. Avantaja-se n'uma parte da arte, que não é a melhor; Raphael se avantaja em varias partes difficillimas e delicadissimas. Um eleva-se como uma tromba marinha, phenomeno monstruoso que escurece tudo diante de si; o outro assemelha-se a um lago de ondas puras, cujo espelho vasto e sereno reflecte o mundo inteiro e o aformosêa. »

(New Monthly Magazine.)

ESTATISTICA.

A HESPANHA E SUAS POSSESSÕES DE ULTRAMAR.

Quando o imperio hespanhol se estendia pelo vasto continente americano, eram pontos quasi imperceptiveis em seus dominios as ilhas de Cuba e Porto-Rico, e até as Philippinas.

A prata e o ouro tinham sido considerados como o principal producto util das Americas, e o beneficio de suas minas era quasi a unica industria que alli se permittia.

O monopolio commercial e a incommunicação com os estrangeiros tinham parecido aos nossos reis os meios mais efficazes de se assegurar e perpetuar sua dominação n'aquelles paizes.

A cubiça dos metaes preciosos produziu na Peninsula o erro gravissimo de se prohibir com toda a severidade a extracção d'elles. Abundaram os metaes, diminuiu o seu apreço, cresceu proporcionalmente o dos jornaleiros e das mercadorias, desappareceram as nossas fabricas, e ficaram os Hespanhoes pobres com seu ouro e sua prata á discrição dos fabricantes estrangeiros.

A possessão das Americas foi portanto mais prejudicial que util á Hespanha, por effeito unicamente de erros economicos.

Não succedia assim na parte do governo e administração da justiça. Eram acertadas as leis das Indias n'estes ramos, e um admiravel espirito de religião e philanthropia havia presidido ás suas disposições relativas aos indigenas, a quem concediam a mais delicada protecção.

Mas o continente separou-se da Hespanha, já por culpa de governos corruptos que tinham mandado para a America

não poucos empregados que depredavam os povos, já pela incapacidade ou cobardia de algumas autoridades, já pela traidora ambição de Hespanhoes revoltosos, já emfim pelas machinações de Americanos discolos ou illudidos que.....

A perda das antigas grandes colonias, a propagação de bôas doutrinas na Hespanha, e o vigor que adquirem os povos com os fortes abalos que parecem removal-os, despertaram entre nós o amor do trabalho e uma actividade emprehendedora que desgraçadamente se consomem ha cincoenta annos em uma guerra fratricida. As idéas têm mudado a respeito das possessões de ultramar. Estas já não produzem metaes preciosos, e sim fructos mui procurados; e ao passo que fomentam o commercio e a marinha mercante da Peninsula, têm em poucos annos adquirido grande importancia, precursora do mais alto grau de prosperidade a que são chamadas pelas favoraveis circumstancias que devem á natureza.

Vou d'ellas fazer uma resenha succincta.

A ilha de Cuba, rainha das Antilhas, cuja superficie é de 3,496 e meia leguas quadradas do paiz, ou 1,968 leguas de 20 ao grau, não tinha em 1817 sinão 553,083 habitantes, e os brancos estavam approximadamente na razão de sete para nove com a gente de côr.

O decurso de 21 annos offerece uma população computada em 850,000 habitantes, sendo de oito para nove a relação dos brancos aos homens de côr. Os escravos são 300,000.

O assucar exportado em 1817, sómente pelos dous portos da Havana e de Matanzas, foi em quantidade de 231,000 caixas, e o café em 741,351 arrobas.

É tal o augmento da producção, que pelos mesmos dous portos, em 1838, se despacharam 581,042 caixas de assucar e 1,065,358 arrobas de café, que em 1837, com melhor colheita, tinham subido a 1,648,366 arrobas.

D'esta comparação, que sem erro sensivel é extensiva aos outros portos habilitados da ilha, se deduz que a sua producção se duplicou no espaço de 20 annos.

Das 468,523 sesmarias (432 varas em quadro cada uma) que tem a ilha de Cuba, calcula-se que não chega á quarta parte o terreno aproveitado, a metade em fazendas para creação de gado, e a outra metade em searas de cana, café, tabaco e outras culturas menores. E d'ahi se infere que,

deixando sua parte de terreno ás povoações, caminhos, rios, montanhas, lagôas e bosques indispensaveis, póde ainda assim duplicar-se com o tempo a agricultura cubana. Ha-de chegar a este ponto de augmento quando tiver dous milhões de habitantes, ponto a que póde aspirar no curso do presente século, si não encontrar obstaculos em sua carreira.

A ilha de Cuba acode annualmente aos mercados da Europa e da America do Norte com a decima parte do assucar e café que n'ellas se negocia.

Suas rendas publicas subiram, em 1838, a 6,073,713 pesos duros. Com ellas se cobrem todas as despesas do governo, administração e conservação do paiz, inclusivamente um exercito respeitavel e uma esquadra, e sobra um resto que vem para a Peninsula. Em cada um dos tres annos ultimos vieram, um por outro, 2,673,651 pesos duros.

Esta é a ilha de Cuba.

A de Porto-Rico tem de superficie sómente 330 leguas quadradas do paiz, ou 186 de 20 ao grau, de modo que não chega á decima parte da de Cuba.

Sua povoação era, em 1817, de 221,778 habitantes. Presentemente regula em mais de 490,000; a oitava parte d'elles são escravos: os brancos estão para os de côr na proporção de nove para oito.

O assucar que annualmente exporta passa de 450,000 quintaes, não em caixas nem limpo como o de Cuba, porêm em *bocoyes* e mascavado. O café exportado sobe a 600,000 arrobas.

O incremento de Porto-Rico não tem sido menos rapido que o de Cuba, e seu movimento commercial é a quarta parte do d'esta ultima. Suas rendas publicas excedem a um milhão de pesos duros, de tal sorte que mui breve poderá dispôr tambem de uma sobra para a Peninsula.

Porto-Rico tem uma visinhança má em São Thomás, ilha dinamarqueza, que é porto franco, e por isso attrahe os navios e as mercadorias de todos os paizes. São Thomás corta os vôos a Porto-Rico; pelo contrario, si São João de Porto-Rico fôsse porto franco, anniquilaria instantaneamente São Thomás, ver-se-hia livre da praga do contrabando, e se elevaria a rivalisar com o frequentadissimo porto da Havana. Assumpto é este de meditação para o nosso ministerio do commercio e ultramar.

As duas ilhas de Cuba e Porto-Rico são summamente ferteis, sem que se lhes possa comparar nas Antilhas sinão a de Haity ou antigo São Domingos, situada no meio d'ellas. Estado livre, porém decahido da riqueza que possuia quando era colonia franceza.

Entre as ilhas de Cuba e Porto-Rico ha a differença de que na primeira se fazem as culturas em ponto grande, e os trabalhos são executados por escravos, ainda que com algumas pequenas excepções que conviria generalisar, ao passo que na segunda está a propriedade mais dividida e abundam os jornaleiros livres, já brancos, já mestiços. A praga dos escravos é limitada em Porto-Rico; e ha homens tão insensatos e tão crueis que se empenham em augmental-a por effeito de um interesse mal entendido!

Em Cuba pagam-se dizimos, posto que com summa desigualdade, segundo a classe das fintas, e não se conhece contribuição directa; em Porto-Rico está supprimido o dizimo, e se paga um subsidio proporcional á riqueza, cujo producto se eleva a mais de 200,000 pesos annuaes.

As contribuições são mais fortes em Cuba que em Porto-Rico; os direitos de alfandegas na primeira são quasi o dobro da segunda

Demorei-me a fazer estas indicações para que se veja que não são identicas as circumstancias de ambas as ilhas, e que, para se promoverem seus respectivos interesses, necessario é estudal-os cuidadosamente. Mas as duas ilhas prosperam igualmente, ambas são joias preciosas da corôa de Hespanha.

São governadas ambas com as mesmas fórmas: um capitão general, duas audiencias, um intendente geral e dous subalternos em Cuba; um capitão general, uma audiencia e um intendente, em Porto-Rico. Um reflexo pallido das leis das Indias, pois por um lado exercem realmente os capitães generaes a autoridade absoluta, e por outro em nada se parecem as ilhas com as vastas possessões onde mandavam os antigos vice-reis com o contrapeso e freio dos *acuerdos*, reclama novas disposições que vigorem aquella legislação em sua tendencia á desterrar a arbitraridade, e a aperfeiçôem segundo as necessidades locaes e as luzes da época. Já nenhuma desculpa temos de não conhecermos bem as nossas Antilhas: a travessia é curta, e quando se estabelecer a communicação por vapor, poderão ser consideradas mais im-

mediatas a nós do que alguns pontos littoraes da Peninsula á sua capital, nos tempos em que promulgaram as principaes leis das Indias.

Favorecidas Cuba e Porto-Rico com portos optimos e faceis chamam o commercio e offerecem reparação segura ás embarcações nas contingencias do mar. É tal a sua situação geographica, que por perto de alguma das duas têm de passar, tanto na ida como na volta, os navios que se dirigem ao golfo mexicano; e esta derrota será ainda mais frequentada, quando nas immediações de Panamá se estabelecer communicação com o Oceano Pacifico. ficando quasi abandonado o cabo de Horn. Situação previlegiada, que as destina a serem deposito de mercadorias, e como elos do antigo com o novo mundo.

Ellas são importantissimas para a combinação das manobras da marinha militar, e têm alêm d'isso excellente defesa contra os ataques de qualquer inimigo, posições escolhidas e fortificações de primeira ordem.

Finalmente, para que lhes não falte recommendação, até reunem a circumstancia de que, quando tornar a Hespanha a ser grande potencia maritima, n'ellas encontrarão apoio os seus armamentos, e, emquanto não chega esse momento, está-lhes segura e garantida a sua conservação mais ainda que pelo *estatu quo* dos tratados e pelo zelos das outras naçoes. È tão evidente a preponderancia que daria a acquisição de Cuba e Porto-Rico a uma potencia forte em esquadra, que suas rivaes aventurariam tudo antes de n'ella consentirem.

Passo a occupar-me das ilhas Philippinas.

Estas ilhas formam um magnifico archipelago na parte septentrional da Oceania, quinta parte do mundo, que com o volver dos annos virá a influir poderosamente na sorte das velhas naçoes da Europa.

Trinta provincias n'uma extensão de terreno que contêm 15,000 leguas quadradas de 20 ao grau, com tres milhões e meio de habitantes que pagam tributo, e a pequena distancia da China, participam de condições summamente favoraveis para a agricultura e commercio.

Não é homogenea a sua população, nem se sabe a que numero sobe a que não é dominada pelos Hespanhoes. Os primeiros habitantes das Philippinas eram negros oceanios, no parecer de Borneo e Timor; no emtanto ainda

subsiste parte d'essas tribus idolatras, que são conhecidas pelos nomes de *higorotes* e *negrillos*. Em seus tempos foram derrotados pelos Malayos, indios mahometanos da parte de Sumatra, que se estabeleceram nas costas por meio da força.

N'esta disposição encontraram o archipelago os descobridores hespanhoes, os perseverantes Hespanhoes que, ao cabo de cinco expedições successivas, conseguiram converter os indios malayos, á religião catholica, e lhes impozeram a obediencia a nossos reis. Algumas ilhas, como a de Joló e a metade da de Mindanao, subsistem independentes, professando o mahometismo; e é d'aquella parte do sul que se têm movido frequentes guerras e continuas piratarias que prejudicam ao commercio philippino, e que a nossa marinha de corso deve rechaçar. Os indigenas ou habitantes primitivos conservam sua idolatria, e, para não reconhecerem superior, vivem pela mór parte retirados das costas e recolhidos no interior do paiz.

Um governo suave, e a força do costume que tanto póde sobre as nações do Oriente, mantêm docil e submissa aos Hespanhoes a numerosa tribu indiana das costas, e tão affeiçoada a elles que seria quasi impossivel passal-a a dominio estrangeiro. Alguns religiosos que prégam o Evangelho a dirigem e instruem, fazendo diariamente proselytos entre os infiéis que recebem com a semente da fé o principio da civilisação.

Cada provincia tem um governador, corregedor ou alcaide mór, que exerce a jurisdicção governativa e contenciosa em primeira instancia; é capitão na guerra, e cobra os tributos debaixo de sua responsabilidade. Cada povoação de Indios tem seu governadorzinho.

Os Indios estão distribuidos em *barangayes*. O barangay é a reunião de 45 a 50 familias ou tribus: o chefe chama-se *cabeça de barangay*; reside no bairro da sua gente, arrecada o tributo e cura da bôa ordem Esta organisação, tão singela e tão notavel, é muito anterior á chegada dos Hespanhoes.

Alguns chefes de barangay são hereditarios, outros electivos. As vagas de eleição e os cargos de governadorzinho são providos por proposta triplice feita pelo respectivo governadorzinho em exercicio, ou que sahe, e pelos doze cabeças

de barangay mais antigos da povoação que formam o seu conselho. A nomeação é feita pelo capitão general.

Na ilha de Louson ha uns 8,000 Chinas, a maior parte christãos, dedicados ao commercio, e principalmente á agricultura, os quaes formam gremio com o seu correspondente governardorzinho. Mestiços são os descendentes de Europeus mesclados com Chinas e outras castas; suppoe-se que chegarão por tudo a 30,000.

Á frente d'esta grande população se acha a raça branca, que é mui pouco numerosa, e se reune na capital, Manilha. Talvez nao passem de 6,000 individuos os brancos que ha por junto n'aquelles paizes, quer nascidos ahi, quer na Europa. Um capitão general, uma audiencia e um intendente são suas primeiras autoridades na ordem de governo e administração.

São circumstancias todas estas que, por pouco conhecidas, convêm que sejam expostas á vista do publico, para que elle possa dar seu verdadeiro valor a quanto se diz e escreve a respeito do ultramar.

O commercio philippino vae cada dia adquirindo maior extensão; o da China tem sido activo e constante; o da Europa e Estados-Unidos da America tem estado subjeito a embaraços que o difficultam sobremaneira; mas, agora que se vê livre d'elles, promette prosperar com rapidez.

Nas Philippinas ha extensos territorios de summa fertilidade: o arroz, o anil, o assucar, o café e o tabaco produzem facilmente. O café é superior, tanto que ha quem o compare com o de Moka. O tabaco não creio que reconheça superioridade sinão no da Havana, e talvez no de Guatimala, e d'isso podem julgar os nossos consumidores da Peninsula; porque, tendo a Cadix chegado 15 mil quintaes de tabaco philippino em rama e 6 mil caixões do preparado, tem-se já vendido com acceitação parte d'elle ao publico; seu custo total não excede 138 rs. vn. o quintal em folha, e 72 rs. o milheiro torcido, devendo para o futuro vir a ficar mais barato. Esta remessa, feita pelo zeloso e illustrado intendente d'aquellas ilhas, é um ensaio que nunca o governo poderá apreciar demasiadamente, pois que deve, entre outros resultados lisongeiros, trazer o de libertar-nos do pesado tributo que annualmente pagamos a Kentuky e á Virginia.

Difficil é calcular-se até onde póde chegar a producção

das Philippinas: seus braços são abundantes e baratos, suas terras pingues e seus fructos de consumo seguro. O tabaco de que acabo de fallar é capaz por si só de converter-se em um ramo mui consideravel de riqueza, provendo a Hespanha e apresentando se em outros mercados, onde já vae começando a ser procurado com empenho, havendo a particularidade de que seu fomento será um meio de civilisação para aquellas ilhas, pois em vez de se perseguirem, como até agora se tem feito na de Luzon, os infelizes *higorrotes* e destruirem-se-lhes suas searas de tabaco, se procurará tratar com elles e angarial-os com utilidade reciproca. Ou estou muito enganado, ou o tabaco das Philippinas, com uma parte proporcionada, tanto de Porto-Rico como da Havana, póde abastecer a Peninsula, anniquilar o funesto contrabando, desterrar não poucas tratantices vergonhosas, escusar-nos um commercio desvantajoso com o estrangeiro, rebaixar mui notavelmente os preços nos estanques, e produzir para o estado uma renda dobrada da actual. Com energia em nosso governo, com honradez e actividade da parte de alguns empregados de cá, como as ha no chefe de fazenda das Philippinas, estou certo que a minha proposição se poderia ver realisada antes de tres annos.

Outro ramo importantissimo é a cultura da papoula branca que produz o opio; genero que transporta principalmente de Bengala para a China o valor annual de uns 15 milhões de pesos. O opio dá-se optimamente nas Philippinas; porque se não tem emprehendido em ponto grande a sua preparação? Por escrupulos, por vacillações, por falta de tino. Já finalmente foi pelo nosso governo dada licença para a cultura da papoula, porêm com tanta timidez, com tantas restricções e encargos, com tantos vexames fiscaes, que é quasi como si existisse a prohibição. Necessaria, indispensavel é a pausa nas providencias economicas, o que equivale a dizer-se que é preciso que se proceda de maneira a assegurar-se o acerto; mas, quando o acerto é claro, evidente, palpavel, para que meias medidas, cujo effeito é deixar escapar a occasião? O consumo do opio subsiste e subsistirá na China por mais que as leis o condemnem; porque pois nos não apressamos a fomentar esta cultura em vez de restringil-a, pois que ella é capaz de fazer passar ás mãos dos nossos Philippinos os exorbitantes lucros que enriquecem aos Bengalenses?

O futuro das Philippinas é grande, immenso. A distancia que as separa da Peninsula vae diminuir a tal ponto, que dentro de pouco tempo, e quando tiverem os Inglezes acabado de regularisar a sua communicação pelo isthmo de Suez até Sincapora, se farão as viagens de Cadix a Manilha em pouco mais de dous mezes, tocando em differentes pontos do caminho.

Em outros tempos aquellas ilhas eram um presidio remoto, e nada mais; eram gravosas á metropoli, pois recebiam, como as Antilhas, um fundo annual que do Mexico lhes levava a nau Acapulco: hoje já desfructam rendas para cobrirem suas despesas, e até para remetterem alguma sobra á Peninsula; ámanhãa serão ricas e florecentes.

Têm optimos portos e defesas respeitaveis; bastarão alguns barcos de vapor para anniquilarem a pirataria, dando completa segurança ao commercio. Importantes para a guerra e para a paz, são em caso tormentoso um attractivo ás potencias inimigas, e em qualquer outro um grande mercado que se levanta em posição privilegiada para negociar com os paizes mais ricos do mundo.

Taes são as Philippinas.

A leve resenha que acabo de fazer basta para demonstrar a importancia das ilhas que nos restam, tanto nas Antilhas como na Oceania. As Canarias na costa d'Africa, posto que de ordem inferior, são tambem preciosas, tanto por suas producções como por servirem-nos para ligarmos as communicações maritimas. Bem aproveitadas as nossas possessões de ultramar, são mais que sufficientes para as necessidades da Peninsula dando incessante alimento a sua industria e navegação e ajudando-a a carregar com dignidade o peso de um grande nome.

Agora, quaes são os cuidados que ellas causam á Hespanha? Mui poucos, na realidade. Os que estão bem inteirados de suas circumstancias sabem que tenho razão, no emtanto que os que fallam de memoria engendram fantasmas, porque ignoram onde e quando podem nascer verdadeiros perigos.

Nada é tão facil como fazer comprehender que os perigos só podem nascer de desacertos do governo, porque nunca os desacertos ficam impunes. E com effeito, os perigos hão de provir ou de tentativas de emancipação, ou de carlismo, ou de invasão estrangeira.

As tentativas de emancipação têm perdido até o colorido e a desculpa das illusões, desde que os novos estados do continente americano offerecem tão triste e prolongado espectaculo.

O interesse em substituição de illusões desvanecidas, um interesse positivo, immediato e a todos perceptivel, persuade aos habitantes das nossas provincias de ultramar a necessidade de se unirem cada vez mais com a Peninsula: com esta união prosperam, com a separação arruinam-se. E qual é o povo tão insensato que, achando-se bem, se arroje a novidades, especialmente quando tem a certeza de que n'ellas está a sua ruina?

A ilha de Cuba é demasiado pequena para pensar, nem mesmo com o decurso de muitos annos, em constituir-se em nação que tal nome merecesse. Na actualidade, com uma população de côr igual ou superior á branca, conhece perfeitamente que toda convulsão lhe seria mortal, quer fôssem os brancos presa de seus inimigos, quer cahissem estes vencidos ou exterminados. A tranquillidade é para ella o sopro da vida. Por conseguinte, toda tentativa de emancipação seria tentativa de suicidio.

Porto-Rico e as Philippinas estão mais desprovidas que Cuba de elementos para cuidarem em ser independentes.

E si a estas considerações juntar-se a de que em todas as ilhas ha uma povoação européa numerosa relativamente á povoação que pensa, e guarnições fortes e respeitaveis, resulta que, ainda quando se fizesse abstracção do interesse positivo dos filhos do paiz, de seu character geralmente pacifico, de sua affeicções ás condecorações e da natural inclinação que pela mór parte elles têm a seguir os passos de seus paes e avós, laços todos que os ligam decididamente á Peninsula, sobram todavia á Hespanha, apezar de sua guerra civil, meios para sustentar uma dominação que lhe não escapou em tempos mais arriscados e difficeis.

Cumpre reconhecer uma verdade. Mau trato, injustiças, delapidações, vexames, poderão occasionar, e de certo occasionarão nos Americanos, como em qualquer outro povo, desgosto, inquietação e irritação. Homens discolos e turbulentos, que em toda a parte se encontram, poderiam aproveitar-se d'aquella má disposição para alterarem a tranquillidade publica em favor de qualquer occasião que os successos lhes apresentassem.

E qual é o interesse do governo hespanhol? Marchar unido com a gente sensata, prudente e bôa do paiz, deixar isolados os discolos e turbulentos, possuir sempre os meios necessarios para contêl-os, e curar muito de afastar os motivos de desgosto, inquietação e irritação. É este o systema que a prudencia aconselha a todos os homens; com elle se governa e se conserva: qualquer outro conselho se resentiria de necedade ou de loucura.

Haja cuidado de mandar-se para o ultramar, não os empregados medianos ou maus, como em outro tempo se fazia, porêm os melhores; administre-se justiça, mostrem as autoridades tanta firmeza como brandura e decoro, e protejam-se os interesses materiaes bem entendidos. Seja, em uma palavra, respeitavel e honroso o nome hespanhol, e os nossos irmãos de ultramar ò terão em muito.

Com effeito, sem me demorar a fazer comparaçoes com as que restam aos Portuguezes em Africa e Asia, restos de sua grandeza e nomeada, nem com as dos Hollandezes que tomaram parte das conquis as portuguezas para não poderem conserval-as sinão por metade; o colosso mesmo da Inglaterra que tem grangeado possessões, portos e pontos militares em todas as costas, como para ter cingidos todos os continentes, não me parece que possa ser objecto de desejo nem de despeito para os Hespanhoes.

Um vasto imperio na India, outro imperio principiado na Oceania, tantas ilhas, tantos estabelecimentos em terra firme, tantas fortalezas em todo o ambito do globo, que são para a Gran-Bretanha? Testemunhos de seu poder, precauções contra seus inimigos, rede immensa para assegurar o dominio dos mares. Porêm motivos tambem de perpetuo sobresalto, de gastos exorbitantes, germens fecundos de guerras terriveis que romperão em um mesmo dia, commovendo em cem pontos distantes o colosso com intento de derribal-o e destruil-o.

O carlismo é pouco temivel logo que se está acautelado, pois sómente por surpresa poderia dar golpes alêm dos mares.

Emfim, a invasão estrangeira encontrará difficuldades insuperaveis sempre que os habitantes estiverem unidos. Nenhuma das nossas actuaes possessoes de ultramar carece de titulos á gloria de haver resistido com bizarria aos estrangeiros; e si alguma cidade succumbiu momentaneamente,

foi depois de sellar sua lealdade com abundante sangue, e conservando-se logo afastada de todo amalgama com os conquistadores. Agora que têm muito maior povoação, bôas guarnições e fortificações soberbas poderiam ellas temer um desembarque de invasores estrangeiros?

Depois de haver assim manifestado a importancia das nossas provincias de ultramar, a perspectiva de sua crescente prosperidade e a facilidade de sua conservação, garantida alêm d'isso, como a cima disse, pelos zelos de todas as potencias maritimas, poucas palavras bastarão para fazer ver que a Hespanha nada tem que invejar ás colonias de nenhuma outra nação.

Nao são seguramente comparaveis as nossas possessões de ultramar com a complicada massa das possessões da Gran-Bretanha; mas, si attendermos á indole pacifica e grata ao mundo da nossa dominação, ao valor intrinseco geographico, a sua bôa proporção com o futuro incremento do nosso commercio e marinha, e a que, longe de nos serem gravosas, nos supprem com cab daes que irão subindo de dia em dia, penso que seria rematada loucura si nos occorresse um só instante o invejar-lh'as. Pois quem tem quanto póde necessitar está no caso de appetecer o alheio?

Contentes com o muito que possuimos sem suspirarmos inutilmente pelo que perdemos, procuremos aproveital-o, pois que nos é bastante; contribuamos para que seja governado com justiça e com prudencia, e então nem será necessario improbo trabalho para engrandecêl-o, nem acurado desvelo para conserval-o. — ALEJANDRO OLIVAN.

(Revista de Madrid.)

HISTORIA.

ESTADO POLITICO DA INGLATERRA ANTES DA CONQUISTA DOS NORMANDOS.

A ORGANISAÇÃO politica e civil da Inglaterra conserva, depois de oito séculos de luttas intestinas, e conservará ainda por muito tempo o cunho feudal do estabelecimento dos Normandos nos estados conquistados aos débeis successores de Alfredo e de Eduardo o Confessor. Esses oitos séculos viram alternativamente surgir a dominação normanda e desapparecer a do catholicismo; viram o poder feudal da Inglaterra, mais compacto, aproveitar-se da anarchia feudal em França, para invadir suas provincias; depois na embriaguez, de sua victoria, dividir-se e cobrir de sangue e de ruinas o solo britannico, debaixo das bandeiras rivaes de Lancastre e de York; e submetter-se depois á dominação politica e religiosa dos ultimos Tudors, para esmagar com mais segurança o povo sob a liga de dupla oligarchia. Finalmente, no reinado dos Stuarts, vencidos n'uma lutta em que dominava o character de um republicanismo de liturgia opposto ao seu systema de direito divino, vemos o poder feudal extinguir-se no decurso de cincoenta annos de guerra civil, e dar depois seu quinhão ás liberdades publicas para se perpetuar dominando-as.

Desde a batalha de Hastings, o poder feudal, longe de inundar o solo britannico e de escoar-se com a rapidez da torrente, creou n'elle raiz, graças á famosa partilha que destribuiu todas as terras pelos companheiros d'armas do conquistador, segundo a lei normanda da primogenitura, e

segundo um systema de suzerania de dous graus, o ultimo elo do qual se prendia ao throno; systema cuja admiravel simplicidade bastaria para explicar em que as revoluções feudaes da França e do imperio germanico differem das guerras civis da Inglaterra, onde os partidos, dispostos na mesma ordem, só disputavam o sceptro e o thuribulo.

Mas a par e por baixo d'esta formidavel organisação se ia continuando a travéz dos séculos, lenta ou precipitada segundo as circumstancias, uma obra de civilisação cujos progressos, hoje bem patentes, só necessitam ser registrados pelo legislador e passar tranquilamente dos costumes para os codigos britannicos. Esta obra, é o desenvolvimento da liberdade do homem e de sua segurança; é um codigo de garantias sociaes que lhe assegura o exercicio de sua industria, e de sua intelligencia, a conservação e a livre disposição de seus productos. Desde o dia em que a economia publica tomou o seu posto entre as sciencias, e em que a terra foi reconhecida não ser sinão um instrumento de trabalho, a propriedade territorial perdeu irrevogavelmente seu character feudal, e, para se lhe conservar algum poder na presença da revolução franceza, nada menos foi preciso do que o genio de Pitt e os terrores que o jacobinismo inspirava á aristrocacia da Gran-Bretanha.

Dizemos que esta obra de civilisação não fez mais que continuar-se a travéz dos séculos; e com effeito, ella estava começada antes das conquistas dos Normandos: demonstral-o-hemos na continuação d'este artigo.

Antes porêm de resumirmos as lições da historia em suas relações com a organisação constitucional e com as instituições civis do imperio britannico, expenderemos aqui uma observação que é mais que muito fundada: vem a ser, que as reformas politicas ou sociaes cujo parto é tão laborioso não têm duração sinão quando lhes é chegado o tempo, e quando os povos, bastante fortes para conquistal-as, são bastante prudentes para conserval-as. A magna carta não foi outorgada por João Sem-Terra; foi-lhe sim imposta pela poderosa oligarchia que occupava todas as terras do reino: os juramentos multiplicados que lhe prestou Henrique I não tinham nada de voluntario, e só patenteavam suas velleidades despoticas e sua fraqueza; porêm, conquistadas pelos barões essas antigas garantias, os progressos da civilisação es-

tenderam-as a toda a população britanica. A creação da Camara dos Communs e o direito de votar os subsidios, instituições devidas unicamente ao esgotamento em que as guerras contra Philippe o Bello contra o Escossez Wallace tinham lançado o thesouro de Eduardo I, fundaram a verdadeira monarchia constitucional, consolidada em 1638 pelo Bil dos Direitos. Finalmente, é á attitude energica, porêm calma, da população industrial e agricola da Gran-Bretanha que a reforma parlamentar deve a sancção que a Camara dos Pares não ousou mais recusar-lhe.

Imos offerecer o quadro de conquistas mais pacificas, d'aquellas que não apagou a invasão normanda, e cujo vestigio se encontra nas instituições mesmas que o systema feudal modificou o mais profundamente; queremos fallar sobretudo das leis municipaes, judiciarias, religiosas e politicas dos Anglo-Saxonios, taes quaes nol-as apresentou M. Palgrave no seu bello trabalho sobre o *Nascimento e progressos do estado politico da Inglaterra antes da conquista dos Normandos*. Este rapido exame nos servirá de ponto de partida para offerecermos a nossos leitores as importantes modificações que successivamente soffreram as instituições politicas da Gran-Bretanha.

As leis e costumes da Inglaterra, antes da conquista dos Normandos, não são todos de origem saxonia. Como entre todos os povos barbaros subjugados pelos Césares, encont a-se n'elles o vestigio das instituições romanas. Notaremos alêm d'isso que, por occasião da invasão dos Romanos, parte da sua população se compunha dos Belgas de *Lægria*, compatriotas de origem dos conquistadores novos, que fizeram succeder seu estandarte ás aguias imperiaes. Si se der credito a alguns antiquarios gaulezes, o Codigo chamado *Triads of the Community* (litteralmente: *As tres partes da cousa publica*), ou Codigo Mœlmuciano, attribuido a *Dyvnwal Mœlmud*, rei de Bretanha, remonta a quatro séculos antes da era christãa, e não tem, desde essa épocha, soffrido alteração alguma. As leis de *Hœl Dda* differem completamente do Codigo Mœlmuciano, ainda que os costumes que ellas consagram trazem o cunho de remota antiguidade. Apezar das interpolações que seu exame faria suspeitar, seu essencial parece authentico; ellas são tão superiores aos costumes anglo-saxonios, quanto as odes de *Taliessein* o são ás canções

de *Edda*. Essas leis têm alguma analogia com os estatutos dos nossos reis saxonios, quanto á taxa da composição por homicidio, e quanto ao modo de julgamento por via de prova e de juramento. Por isso seria ocioso discutir si esta fórma de processo é de origem teutonica ou bretãa.

A jurisprudencia anglo-saxonia tem sua origem nos estatutos da heptarchia e dos monarchas que depois concentraram em suas mãos a autoridade real. Esses estatutos se limitam, em geral, a consagrar os direitos e costumes do paiz. O mais antigo é attribuido a *Ethelbert*, primeiro rei christão que occupou o throno de Kent, nos fins do decimo século. Foram colligidos em manuscripto, no reinado de Henrique I, por Ernulpho, bispo de Rochester. É evidente que se procurou sem geito remoçar-lhes o texto, o que torna inintelligiveis certas passagens. Esses estatutos são seguidos de outras leis promulgadas pelos reis de Kent e por Ina, que reinava no Wessex, no principio do oitavo século. D'ahi a dous séculos, achamos alguns edictos pouco importantes de Alfredo; mas, desde o seu reinado até o de Canuto inclusivamente, a collecçao é tão rica quanto o permittia o estado politico d'esses séculos barbaros, e muito mais do que os archivos dos outros reinos na mesma época. Eduardo o Confessor nao obteve a corôa sinão com a condiçao de confirmar as leis de Canuto, as quaes reproduzem as disposiçoes da antiga legislaçao. Eis porque o corpo das leis anglo-saxonias recebeu mais tarde o nome de Codigo de Eduardo o Confessor. Algumas differenças pouco sensiveis distinguiam a legislação e jurisprudencia nas tres grandes divisões da Inglaterra (1); mas são insignificantes, mesmo aos olhos do antiquario, si as compararmos com as mudanças radicaes que seguiram a conquista dos Normandos.

Si se deve dar credito a antigas chronicas, Guilherme o Conquistador reuniu, em 1070, os principaes de Inglaterra, a quem promettêra a conservaçao de suas antigas leis. D'essas conferencias nasceu o estatuto conservado em lingua franceza, por Ingulpho, com o titulo: *Leis garantidas ao povo*

---

(1) A Inglaterra dividia-se então em quatro partes: *Wessex*, *West-Saxenalage* (terras saxonias do oeste), *Mercie*, e *região septentrional* ou *Danelage* (terras dinamarquezas).

de Inglaterra, depois da conquista pelo rei Guilherme, as mesmas que tinham sido promulgadas pelo rei Eduardo, seu primo. O texto francez é acompanhado de uma versão latina « que, na opinião de M. Palgrave, deveu ser o texto primitivo; porquanto, n'essa época, não se fazia uso do francez nos actos do governo. Nem mesmo se encontra carta alguma nem transacção privada escripta n'esta lingua antes do reinado de Henrique III. A lingua latina não succedeu ao anglo-saxonio sinão no reinado de Henrique II. » Esta opinião nos parece erronea, e eis-aqui uma prova. No primeiro capitulo do texto de Ingulpho, lemos que todo aquelle que pozer violentamente as mãos n'um homem que se ha refugiado em uma igreja deve restituil-o ao seu asylo, e pagar alêm d'isso uma esmola á igreja. O texto francez traz estas palavras: *Rendist ec qu'il aureist pris;* porêm no texto latino lê-se: *Restituat plenarie ablata* (as cousas tiradas), posto que do todo da disposição resulte que só a pessôa devia ser restituida.

O ultimo monumento authentico da legislação anglo-saxonia é o Codigo attribuido a Henrique I. Esta compilação das leis inglezas parece ter sido feita por mão desconhecida, para uso dos justiceiros normandos que tinham assento no tribunal do rei. O deposito d'este manuscripto na chancellaria do erario confirma esta conjectura. O texto d'essas leis, em geral, é obscuro e alterado, e sua traducção latina detestavel: as repetições formigam; antigas instituições são dadas como leis novas. Assim, quando se faz dizer a Alfredo que foi depois de sua conversão ao christianismo, e por conselho de seus bispos, que elle decretou as composições pecuniarias em satisfação do homicidio e de outros crimes, o compilador esquece que essas composições eram de uso immemorial entre as nações teutonicas.

Os capitães anglo-saxonios se jactavam, como todas as familias reaes do Norte, de descenderem de Odin; são porêm d'essas tradições fabulosas indignas de suspender um momento a attenção do historiador.

As raças nobres, na origem, eram designadas pelo nome de *Eorls* ou *Eorlcundmen.* Sua nobreza, toda pessoal, não se extinguia nem pela perda de seus bens, nem pela entrada para um claustro. A palavra *earle* (conde), applicada exclusivamente aos chefes, aos governadores de pro-

vincia, é de origem escandinavia e remonta á invasão dos Dinamarquezes. Mais tarde, os senhores receberam o nome de *thanes*, titulo que implicava um direito de suzerania territorial. O que tambem os distinguia era a taxa das composições de que elles eram passiveis, em punição de seus crimes, ou que cahiam sobre seus homicidas. Assim, estavam os nobres divididos em *tweifhyndmen e sixhyndmen* (passiveis de 1,200 ou de 600 shellings de composição). Estes ultimos são designados, no *Domesday* (1), pelo nome de *sokemen*, possuindo livremente do motu proprio de um senhor, ligados para com elles a deveres de fidelidade, porêm livres de escolher outro suzerano, a menos que o dominio lhes não tenha sido transmittido a titulo de sub-feudo. Por algumas passagens d'este livro se vê que esta oblação da pessòa, esta recommendação acarreta o serviço militar, em troca da protecção recebida. Assim, antes da conquista existia em Inglaterra uma especie de regimen feudal. O resto da população forma a classe dos *ceorls*, d'onde se derivam as duas palavras inglezas *carle* e *churls* (villões). Elles estavam, como seus amos, debaixo da dependencia de um senhor a quem formavam sequito e de quem cultivavam as terras; ficavam porêm subjeitos á gleba e não podiam mudar de amo. N'isso differiam da classe dos *sokemen* ou francos-foreiros. Aquelles que grangeavam uma propriedade ficavam livres; só eram obrigados aos serviços estipulados em seus contractos ou impostos pelo costume. Debaixo do nome de *lawnorthies* (protegidos da lei), era sua vida avaliada em 200 shellings de composição em proveito de sua familia: sua condição era analoga á dos *leudes*, entre os Francos, e elles formavam a maioria da nação.

Os *ceorls* não eram servos; sua condição differia da que nossas leis denominam *villenage*. Elles não podiam ser vendidos separadamente da terra de que dependiam. O *Domesday* qualifica-os de *villani*, *bordarii*, *cottarii*, expressões correspondentes ás de aldeões, *bordeiros* ou quinteiros.

---

(1) *Domesday*, ou *Domesday-Book*, é o livro do registro das terras ou tombo geral do reino terminado no vigesimo anno do reinado de Guilherme o Conquistador, e que faz constar a divisão do reino por este monarcha, em 700 feudos de grandes barões e 60,715 sub-feudos dependentes do rei. Este livro ainda existe nos Archivos da Torre.

A ultima classe da população anglo-saxonia compunha-se de *theowes*, verdadeiros servos, não gozando de direito algum legal e vegetando miseravelmente debaixo da protecção sómente da igreja. Essas familias haviam sido reduzidas á condição de escravos, em consequencia da impossibilidade em que se achavam de responder pecuniariamente por seus delictos, e sobretudo de pagar a composição por homicidio. É provavel que algumas de entre ellas descendiam dos captivos feitos na época das invasões primitivas da Bretanha ou nas guerras da heptarchia.

A desigualdade das condições entre os *thanes* e os *ceorls* anglo-saxonios se explica por duas hypotheses igualmente plausiveis: a primeira, é que ella existia primitivamente entre os povos que das margens do Elbo vieram conquistar a Inglaterra; a segunda, é que ella se introduziu depois da conquista, como uma consequencia da vida semi-barbara cujas repentinas vicissitudes, durante varios séculos, avilt aram no continente a condição social das classes pobres. M. Palgrave, sem rejeitar estas duas hypotheses, insiste n'uma terceira conjectura: crê que os *ceorls* não são outros sinão os povos conquistados, os antigos Bretões subjugados, mas não exterminados, pelos *Jutes* e pelos *Angles*. Até á época em que appareceu o *Domesday*, não se encontra, na longa serie das leis anglo-saxonias, nenhum vestigio d'essas distincções tiradas da origem da população. Nas de Ina, rei de Wessex, lêem-se disposições penaes cuja graduação é baseada sómente nas differenças de fortuna. Assim, um *Welche* ou Gaulez proprietario de uma *hide* (120 geiras) de terra é avaliado em 120 shellings de composição, e o que possue 5 *hides* (600 geiras) em 600 shellings; um *thane* de segunda ordem, o que não possue nenhuma terra, em 60 shellings sómente.

Eis qual era a organisação primitiva dos estados teutonicos: era uma verdadeira federação, composta de um ajuntamento de familias e de tribus, sob a jurisdicção de seus magistrados e debaixo do mando de seus capitães. Cada chefe de tribu foi perdendo uma parte de sua independencia primitiva, á medida que o laço federativo se foi apertando na mão de um chefe supremo.

Assim, o primeiro elemento da constituição anglo-saxonia é a communidade, a tribu, designadas em Inglaterra, no

periodo saxonio, pela palavra *town* ou *township* (cidade, circumscripção da cidade); em lingua leutonica, *tun*, do verbo *tynan*, que significa *clausurar*. Mais tarde, a palavra *town* ou *tun* foi muitas vezes substituida pela palavra *manor*. Esta ultima expressão, de origem normanda, significa *residencia*, e é muitas vezes empregada nos antigos actos com esta accepção. Foi successivamente estendida á reunião de toda a possessão territorial. Cada *township* anglo-saxonio tinha um chefe unico *(lord* ou *ealderman)*; ás vezes era possuida e governada em commum por uma corporação.

Os direitos do lord sobre o *township* acarretavam a soberania sobre as terras que d'elle dependiam: dizemos a *soberania* e não a propriedade, porque elle tinha toda autoridade sobre o *township*, no emtanto que podia possuir sómente uma parte, e o resto pertencer a *sokemen*, em virtude de cartas consentidas por elle ou por seus autores. As concessões eram substituições em dous ou tres graus, com clausula de volta ao senhor. Algumas eram perpetuas, tinham alguma analogia com as possessões de tenencias usuaes. Mais tarde, cada *township* teve por annexa baldios cujo usufructo se repartia entre o senhor e a communidade. Tal é o quadro da tribu ou commum entre os Anglo-Saxonios; sua organisação tem grande analogia com a dos beneficios entre os Francos e nos estados de Carlos Magno subtrahidos á influencia das instituições romanas.

Entre os Bretões, o primeiro elemento da sociedade era o *tref* ou casal; cincoenta formavam o *commot*, e duzentos compunham o *cantred* A reunião de tres casaes formava, no sentido da jurisdicção, um *maenaw*, expressão analoga á do *township*. Cada *tref* se compunha de bens allodiaes ou de terras nobres, e de terras tidas em *villenage*: estas eram possuidas sómente a titulo de usufructo. Segundo este costume das sociedades semi-nomades, quando morria cada possuidor, a terra era de novo distribuida por seus herdeiros masculinos em porções iguaes. No paiz de Galles, as terras dos villões *(lands in villenage)* estavam subjeitas ao mesmo regimen; mas as terras livres *(freeholds)* se transmittiam por herança, como os *gavelkinds* (1) de Inglaterra, com uma modifi-

(1) A palavra *gavelkind* significa litteralmente arrendamento, da palavra saxonia *gavel*, tributo. Dá-se este nome em Inglaterra ao modo de possessão derivando de uma concessão primitiva mediante um foro.

cação porêm que pinta bem o espirito patriarchal das instituições celticas. Quando morria o ultimo filho varão, todos os netos do autor commum podiam requerer segunda partilha: o mesmo succedia com a terceira geração. Não é provavel que os Saxonios, mais civilisados que os povos vencidos, tenham soffrido a este respeito a sua influencia. M. Palgrave, apezar de suas prevenções em favor dos indigenas da Gran-Bretanha, reconhece que a facilidade com que as tribus celticas foram subjugadas, apezar da coragem e energia extraordinaria que as distinguiam, deve ser attribuida a esse systema que tolhia os progressos de sua industria, seccava a fonte das fortunas individuaes, e expunha a nação a todos os males que são engendrados pela preguiça e falta de união.

A raça teutonica, mais esclarecida, se apressou a adoptar o systema do dominio privado; mas os baldios, as terras vagas, que por tanto tempo cobriram o solo de Inglaterra, e cujo systema não foi abandonado sinão ha muito pouco tempo, demonstram a extrema mobilidade das possessões primitivas. Em *Est-Fries*, região puramente agricola, todo cultivador tem ainda direito a uma porção de terra commum, á qual succede exclusivamente o ultimo de seus filhos, emquanto que seus primogenitos succedem sós a seu patrimonio; si morre sem posteridade, sua parte nos baldios torna para elles.

Cada *township* estava debaixo da jurisdicção de um senhor, que não podia exercêl-a sem o concurso dos habitantes. D'ahi provêm a instituição dos *tribunaes do barão*, dos quaes não existem vestigios distinctos antes da conquista, posto que de uma passagem do *Domesday* pareça resultar que a jurisdicção do lord não era legal sem a assistencia de certo numero de *sokemen*. Estas communidades possuiam tambem um poder regulamentar, assim como o indica a expressão *by-law*, derivada da palavra teutonica *by*, que significa *aldêa*, *pagus*. Existem vestigios d'este poder nos *by-law-courts* de Escossia e nos *bauren-gericht* ou leis dos camponezes, cujo imperio se estende sobre uma parte da Allemanha. A jurisdicção do senhor é menos contestada que a de seus assessores. Elle era assistido por um bailio *(gerefa)*, eleito pelos *ceorls*, sobre a apresentação do jury de que acabamos de fallar.

Os habitantes do *township*, encarregados de manter a

paz publica, eram obrigados, no caso de flagrante delicto, a gritar *haro* contra o réo e correr sobre elle. Este modo de prisão foi substituido pela soltura com fiança.

Nas assembléas publicas dos *hundred* (centurias) e dos *shires* (condados), o bailio (em saxonio, *gerefa*), acompanhado de quatro habitantes, representava os interesses da communidade e defendia os acusados. O tribunal compunha-se de funccionarios civis e ecclesiasticos da visinhança e de todos os *terrarum domini*, expressão latina consagrada e que se póde applicar aos simplices francos-foreiros, a titulo de *socage* ou mechanica. Era presidido pelo *ealderman*, titulo que, n'esses tempos remotos, parece applicar-se a differentes graus de magistratura. A palavra *hundred* (cem), derivada das *centena* ou *gau* da Allemanha, offerece singular disparate com sua applicação a uma divisão territorial, que não tem relação alguma com a população. Esta applicação é provavelmente posterior ao estabelecimento dos Germanos em Inglaterra. Aquelles que tém estudado a legislação dos barbaros sabem perfeitamente que o *centurião* é muitas vezes representado como o primeiro magistrado do seu districto, e que esta autoridade não cessou sinão na época em que o systema feudal apagou os ultimos restos das antigas instituições teutonicas.

O tribunal dos *hundred*, posto que composto de direito por todos os *thanes* ou proprietarios de bens de raiz, delegava a sua jurisdicção a doze de entre elles, que, como o sherif, eram obrigados a jurar, como se vê n'uma lei de *Ethelred*, que não condemnariam nem absolveriam a ninguem injustamente; possuia ao mesmo tempo a jurisdicção civil e criminal. No seu seio é que eram promulgados os actos de translação de propriedades de raiz, e que se pagava o preço das vendas.

Os *hundred-courts* se formavam todos os mezes, e os do *shire* (condado) duas vezes por anno, sob a presidencia do bispo e do alderman. A autoridade d'este ultimo se estendia muitas vezes fóra do condado; assim, lemos n'uma antiga chronica que Aylwin era alderman de *Est-Anglia*. No reinado de Canuto, foi este titulo substituido pelo de *earle* (conde). A instituição dos tribunaes de condado tem origem muito obscura. No codigo de Henrique I, cap. 7, elle se compunha dos mesmos magistrados que os tribunaes de centuria

(*hundred-courts*), o que fazia suppôr que cada centuria era representada por doze membros correspondentes aos *scabini* (cavalleiros) ou aos delegados dos *placités* presididos em França pelos *missi dominici* de Carlos-Magno. Estes tribunaes conheciam de todas as causas em que o rei era parte, e dos crimes conhecidos pelo nome de *violações da paz do rei*, collocados abaixo da jurisdicção dos tribunaes inferiores; estavam encarregados de defender os direitos da Igreja e dos opprimidos.

É na eleição, feita pelos proprietarios e possuidores intrusos do solo, de representantes encarregados de apparecerem nos tribunaes das centurias e dos condados, como jurados *compurgateurs* (testemunhas juramentadas) e testemunhas ordinarias, que M. Palgrave põe a origem do ramo democratico do poder legislativo em cada reino. « Tenho notado, diz elle, que o *nœmda* era a base da representação do povo nas dietas escandinavias; que, entre os Teutões, os jurados ou vereadores se tornaram mandatarios da nação e concorreram, como taes, para a confeição das leis; e que semelhante transformação se operou em quasi todas as côrtes, parlamentos ou assembléas em que as communs tomaram parte na legislação. Assim, a compilação chamada Codigo de Hoel foi obra de uma assembléa composta de seis membros de cada *commot*, no paiz de Galles, e de doze membros de cada condado em Inglaterra, reunidos por Guilherme o Conquistador para apresentarem as leis e submettêl-as á sancção regia. No tribunal do ducado de Cornouailles, quatro jurados da sessão, tirados das diversas partes do condado d'este nome, e igual numero no Devonshire, eleitos, juramentados e reunidos em assembléa, formavam um parlamento tendo ao mesmo tempo jurisdicção e direito de legislação em materia de minas. Instituições analogas regiam a ilha de Man, bem como as de Jersey e Guernesey.

Existiam entre os Anglo-Saxonios verdadeiras eleições populares, segundo o sentido que actualmente ligamos a esta palavra? isso nos parece impossivel. Mas, si quatro *ceorls* e seu bailio eram enviados pelo *township* ao *hundred-court*; si em certos tribunaes ou parlamentos da Europa o direito de fazer novos estatutos era uma dependencia da autoridade judiciaria exercida por jurados eleitos da communidade, o direito de eleição popular devia ser n'elle reconhecido; e si

depois succedeu que as escolhas fôssem feitas por magistrados superiores, o assenso dado a esses abusos não pôde substituir uma abdicação que se não vê formulada em parte nenhuma.

Entre os povos do Norte, fazia-se ordinariamente a justiça em publico, sobre alguma montanha elevada, á borda de uma corrente de agua, á sombra de um velho carvalho, em torno de alguma rocha monumental. Antigas superstições consagravam esses logares diversos e concorriam, com os preceitos de uma fé mais pura, para augmentar-se o respeito religioso devido á justiça e á verdade. Carlos-Magno foi o primeiro que, sob pretexto de não expôr no inverno os juizes aos rigores da estação, ou sem duvida para tornar a assembléa menos tumultuosa e mais bem escolhida, mandou formar o seu *maltus* (o seu tribunal de condado) em um edificio. Mas, si a reducção do numero dos espectadores era favoravel á bôa ordem, tornava menos magestosa a autoridade dos testemunhos invocados e a solemnidade dos julgamentos. N'essas épochas remotas, os tribunaes não tinham nem cartorios nem archivos. As sentenças eram registradas no rol das partes e de suas testemunhas. A transmissão das heranças devia entretanto ser documentada por provas mais duradouras; para este effeito, o *landboc* ou acto escripto, verificando a mutação de propriedade, era lido em pleno tribunal diante das partes, e cuidadosamente conservado pelo novo proprietario.

Entre os Anglo-Saxonios, a administração da justiça offerecia singularidades que importa assignalar.

No primeiro grau de jurisdicção, não existia nem fórma de processo nem decisões judiciarias escriptas (*writs*). O requerente ou queixoso fazia primeiramente justiça a si mesmo, apoderando-se dos trastes do devedor ou do defunto de quem se pretendia herdeiro. Os estatutos dos Canutos regularam este privilegio e não o aboliram. Este direito de penhora continuou-se até nossos dias, em materia de prejuizos causados nos campos pelo gado e de rendas vencidas não pagas. O mesmo direito, applicado ás diligencias dirigidas contra um homicida pelos parentes da victima, é um resto preciosamente conservado d'esta independencia natural, ciosa de velar, na falta da lei, sobre a segurança do individuo e de sua familia. È ao mesmo principio que se prende o systema

de responsabilidade mutua, estabelecido pelos legisladores anglo-saxonios, que aucessivamente impozeram a pena da composição devida pelo offensor aos parentes que o subtrahiam á prova do juizo, estenderam depois esta pena ao lord ou á communidade dos habitantes do *township*, e, em ultimo logar, submetteram-lhe sómente cada decuria.

O primeiro modo de responsabilidade subsistiu longo tempo entre os naturaes da Irlanda, especialmente ligados aos restos de seu antigo estado social; e se encontra nas leis teutonicas, especialmente nas dos Anglo-Saxonios. Entre os Francos-Salienses, e talvez em Inglaterra, existia um uso singular por meio do qual um homem se desonerava de toda responsabilidade pelos delictos commettidos por um parente. Entrava no *maltus;* e ahi, diante do centurião, quebrava sobre sua cabeça cinco varinhas de olmeiro, e, lançando-as no chão, declarava renunciar a herdar, e por conseguinte a responder pelos actos de seu parente.

O modo de responsabilidade regulado mais tarde pelo codigo anglo-saxonio estava mais em harmonia com um systema regular de governo, e não era, como o precedente, um remedio peior que o mal. O lord de cada *township* respondia pelo comparecimento de seus fautores *(commendati)*, e todo proprietario de casa pelo dos individuos que com elle moravam desde tres dias. Aquelle que nao tinha fiador estava, por isso mesmo, collocado fóra da protecção da lei e em estado de suspeição legitima.

È a Alfredo o Grande que se deve a instituição das decurias, composta de dez francos-foreiros e suas familias, residindo juntos e responsaveis uns pelos outros. É provavel que esta disposição territorial se ligava á organisação militar do paiz, ou antes ao systema de policia interna, conhecido pelo nome de *watch and ward* (vigilancia e guarda). Demais, esta instituição não se estendia a toda a Inglaterra; permaneceu estranha aos condados do norte e a uma parte do reino de Mercia, onde a responsabilidade pesava sobre toda a cidade.

Os crimes eram classificados em duas ordens: aquelles que podiam ser expiados por uma pena pecuniaria, e aquelles que se chamavam inexpiaveis e que eram punidos de morte, taes como o furto com arrombamento das portas de uma casa, provavelmente tambem todo attentado contra a propriedade commettido com violencia, e o homicidio com pre-

meditação e espera. Quanto aos homecidios perpetrados em um homem defendendo-se, figuravam na classe dos crimes resgataveis. Si não era sufficiente a prova por juramento, tinha que soffrer á sua escolha a da agua ou do fogo. A primeira consistia em enterrar a mão até ao punho em agua fervendo, e a segunda em carregar um ferro vermelho até a distancia de nove passos. Esta era a prova simples. Mas, si o lord refusava dar bôa informação do procedimento anterior do accusado, o numero de suas testemunhas devia ser triplicado, e então elle devia soffrer uma prova triplice pela agua ou pelo fogo, isto é, mergulhar o braço até ao cotovelo em agua fervendo, ou carregar uma barra de ferro vermelho tres vezes mais pesada. Este modo absurdo de se esclarecer o debate foi abandonado nos assises de Clarendon, no reinado de Henrique II. Torna entretando a apparecer em vigor em certas localidades, especialmente em Winchelsea, até ao reinado de Henrique VI.

No codigo anglo-saxonio não se vê nenhum vestigio da prova pelo combate, tão célebre nos fastos judiciarios da Europa barbara. Ella não foi introduzida em Inglaterra sinão por Guilherme o Conquistador, e o que nos confirma n'esta opinião é o ter a prova de que se trata sido desconhecida ás povoações escandinavias que se estabeleceram successivamente em Inglaterra.

O systema de processo anglo-saxonio, posto que modificado pelo uso, se conservou, puro de toda alteração escripta, até ao reinado de Henrique II, que poderia ser chamado, sem muita temeridade, o fundador da *common-law*. Foi ao menos no seu reinado que o julgamento por jurados se tornou de uso constante, posto que, remontando-se á épocha da conquista, se encontre um esboço informe d'esta preciosa instituição. O que de melhor temos que fazer é citar a este respeito a passagem seguinte da historia da *Common-Law*, por M. Reeves.

«O jury, tal qual existia na origem, differe essencialmente do que é hoje. Qualquer que tenha outr'ora sido sua importancia, seus beneficios não se podem comparar com os do jury actual, este grande palladio da liberdade britannica. Hoje os jurados são juizes supremos do processo; fundam sua convicção em provas oraes ou escriptas, produzidas diante d'elles, e seu verdict não é menos que uma sentença. Os

antigos jurados, pelo contrario, não eram chamados a avaliar os factos da causa como magistrados; esses factos nem mesmo eram debatidos diante d'elles. Elles eram unicamente testemunhas, e o verdict não offerecia sinão o resultado do seu testemunho regularmente, porêm exclusivamente invocado para se verificarem os factos litigiosos. Assim, um julgamento por meio do jury não era, para se dizer a verdade, sinão uma inquirição; os jurados não eram distinctos das outras testemunhas sinão pelo juramento que deviam prestar, por seu numero limitado, pela ordem que a lei assignava, pela qualidade de foreiro nos diversos graus da hierarchia territorial, e pela influencia que d'ahi resultava.

« Eu julguei necessario definir as funcções do antigo jury, para prevenir as falsas inducções que se podiam tirar d'esta instituição. A mór parte de seus apologistas suppoem que ella nos foi transmittida sem alteração, desde o reinado de Alfredo, e não suspeitam o verdadeiro character que primitivamente lhe pertencia. Segundo a lei normanda, os accusados eram convencidos ou desencarregados da accusação por uma inquirição composta de vinte e quatro bons e leaes habitantes do paiz, convocados pelo *sergeant* na visinhança do logar onde havia sido perpetrado o crime. Este official devia escolher as pessôas que suppunha mais bem instruidas de todas as circumstancias do facto. O accusador e o accusado recusavam aquellas cuja probidade e veracidade lhes pareciam suspeitas; os amigos ou inimigos declarados e os parentes chegados das partes eram igualmente eliminados da lista. Essas testemunhas deviam comparecer sem demora e citação previa, afim de não serem intimidadas nem subornadas. Antes de ser o accusado submettido ao debate, procedia-se a uma informação preliminar, perante quatro cavalleiros, a quem se perguntava si o julgavam criminoso; depois o bailio, na presença d'esses cavalleiros, interrogava os vinte e quatro jurados em particular e separadamente, e os confrontava depois com o accusado, que podia recusal-os por causa legitima. Si a reprovação era acceita, o testemunho do jurado era rejeitado. Emfim, o juiz *recordava*, isto é, consignava na minuta ou registro de audiencia e declarava o verdict, o qual não era válido sinão pelo concurso de vinte jurados. »

No periodo anglo-saxonio, ainda os jurados conservavam

o character de testemunhas ; juravam, com a mão levantada, n'estes termos : « Ouví isto, vós, juizes ! nós diremos a verdade ácerca das cousas que perguntardes sob a fé do rei, e nenhum receio nos impedirá de dizêl-a. » É inutil observar que a palavra verdict (*verè dictum*) se applicava com mais exactidão ainda a um testemunho do que a um julgamento.

É difficil admittir-se como ponto de doutrina esta convocação de doze ou vinte individuos, para affirmarem por juramento, tanto em materia civil como em materia criminal, que conhecem positivamente os factos e as questões litigiosas. Faremos porêm observar que, nos principaes casos civis para os quaes se recorreu primeiramente a jurados, taes como os casos chamados pela lei normanda *mort d'ancester* e *novel disseisin* (questões de petição de herança e de revindicação), os factos podiam ser provados pela notoriedade. Assim, no cantão podia ser geralmente reconhecido que o defunto possuia tal ou tal dominio, que o requerente era seu herdeiro, que seu adversario tinha indirectamente tomado posse da herança, que tal ou tal predio havia sido usurpado; e, em materia possessoria, que, tendo o requerente sido recentemente expulso do terreno de que estava de posse, havia logar a reintegração. Seus visinhos podiam depôr ácerca de todos estes factos. Quanto ás difficuldades do direito em materia de successão e de evicção, foi sómente pelo tempo adiante e com os progressos da civilisação que ellas deveram nascer e complicar-se; deve crer-se que, primitivamente, só o juiz se encarregava de resolvêl-as. Maravilha com razão que, nas causas criminaes, se recorresse exclusivamente ao testemunho isolado dos jurados; mas é provavel que o sherif não punha na sua lista sinão aquelles que se apresentavam espontaneamente para provarem a sinceridade da accusação ou da petição.

Seria curioso indagar em que épocha foi a prova oral introduzida nos tribunaes inglezes, e como os progressos d'este modo de processo levaram o jury do papel de testemunha ao de juiz dos factos litigiosos. È provavel que se começou por ler aos jurados alguns fragmentos de informação escripta, uso que não foi inteiramente abolido sinão na épocha da restauração. Procurou-se depois obter-se, não importa por que meios, a confisão do accusado; porêm hesitamos em

crer e nada faz constar que a prova oral fôsse nunca recebida diante dos tribunaes anglo-normandos. Parece impossivel que, em certas occasiões, não tenha a consciencia dos jurados tido precisão de ser esclarecida, e que as pessôas que, sem estarem comprehendidas no quadro do jury, podiam depôr sobre um facto, não fôssem ouvidas antes de ser pronunciado o verdict. Tudo era irregular n'essa infancia do processo, até ao momento em que uma tradição constante fixou os costumes, e em que os escriptos dos juristas fizeram um corpo de doutrina; mas nenhuma parte do nosso direito foi tão tarde erigida em lei, nem assignalada de uma maneira tão vaga nos textos antigos, como a instrucção oral. Foi sómente no reinado de Carlos II que ella veio a ser um módo legal e regular de se chegar ao descobrimento da verdade.

Nas instancias civis em acção pessoal, o jury era empregado menos frequentemente que nas causas criminaes ou em acção real. O requerente affirmava o seu direito diante do juiz, e o defensor era admittido a offerecer o seu juramento, *wage his lavv* (empenhar a sua fé,), de que elle não devia ou que tinha sido desonerado da obrigação. Mas esta declaração devia ser sustentada pela apresentação de pessôas não suspeitas que, com o titulo de *compurgateurs*, juravam qne tinham fé no seu juramento. As acções reaes levadas ante os tribunaes de domicilio eram justificadas da mesma maneira, bem como todos os incidentes que podiam sobrevir diante do tribunal do rei, taes, por exemplo, como a falta de citação opposta por um vassallo ao seu suzerano. Não se sabe em que épocha foi o jury competente em acção pessoal, porêm não deveu ser sinão quando, tendo-se modificado o seu papel primitivo, a prova por testemunhas foi admittida perante elle.

Comquanto estivessem as raças teutonicas submettidas ao systema federativo, entretanto estavam todos os poderes do estado concentrados nas mãos de um chefe supremo. Reis, pontifices e guerreiros, os chefes anglo-saxonios exerciam jurisdicção soberana sobre todas as causas que os tribunaes ordinarios não tinham o poder nem a energia de julgar. Assim, sem que se remonte ás prerogativas muito obscuras do *bretvvalda* ou presidente da heptarchia, os principes anglo-saxonios eram juizes feudaes de seus *thanes*, e magistrados supremos quanto á execução das leis militares. Sem inter-

venção de nenhum outro juiz, castigavam os delictos commettidos nos seus exercitos, e ordenavam a confiscação dos bens dos condemnados: tal é ao menos a opinião de M. Palgrave, opinião que nos parece muito arriscada no que diz respeito aos delictos militares. Elle a funda na citaçao seguinte, extrahida da historia antiga do mosteiro de Ely: *Eodem tempore Oslacus fortè fuit accusatus apud regem Edgarum, jussitque rex ut dessaisitus de totâ terrâ suâ fuisset, et privaretur omnibus quæ habebat.* Nada, n'esta passagem, indica que Oslaco fôsse accusado de crime militar.

Em materia civil, o recurso ao tribunal do rei não tinha logar sinão por denegação de justiça, á maneira do que, no tempo de S. Luiz, a jurisprudencia feudal de França concedia, na *falta de direito*, quando no tribunal de um senhor se evitava ou se refusava fazer justiça ás partes. « Ninguem, diz um estatuto de Edgard, levará sua acçao perante o rei, salvo si não tiver sido tratado no logar de seu domicilio como digno de ser julgado segundo o seu direito (*law-worthy*). Si a lei tiver sido demasiado severa a seu respeito, elle poderá sollicitar do rei que lhe seja mitigada a condemnação. » A parte devia apresentar-se tres vezes diante do *hundred-court* para pedir justiça segundo o seu direito. O *write* de *right close* (recurso em consequencia de *exclusão*), que se introduziu segundo a jurisprundencia normanda, era igualmente fundado na supposição de uma falta de direito no tribunal do senhor. A antiga prerogativa que a corôa possuia de mitigar a severidade da lei, na sua applicação, foi continuada na jurisdicção do conselho do rei, e depois na do tribunal de chancellaria. Demais, é duvidoso que, no periodo anglo-saxonio, este privilegio se estendesse alêm das penas pecuniarias, ou composições.

O rei era o conservador da paz publica, tomava directamente conhecimento dos crimes commettidos nas estradas (não se comprehendiam a principio debaixo d'este nome sinão as quatro vias romanas que atravessam a Inglaterra; depois estendeu-se esta designação a todos os caminhos que iam de uma a outra cidade). A perturbação causada á paz do rei, no raio ou *verga* de sua residencia, era então muito mais severamente punida do que o foi pelo tempo adiante. Esta medida fantastica era de tres milhas, tres estadios, tres geiras correntes, nove pés, nove palmos e tres grãos

de cevada de comprimento, calculados desde a cidade ou castello onde o rei tinha a sua côrte. O recinto d'esse raio offerecia asylo inviolavel; por isso o vagabundo, o ladrão de gado, o devastador de bosques, estavam quasi certos da impunidade. Si o direito de guerra não estava tão espalhado em Inglaterra como no resto da Europa feudal, as rixas entre os *thanes* omnipotentes entretinham em suas familias e entre seus vassallos um espirito de odio e de vingança marcado pelo homicidio e pela pilhagem. Mas, pouco tempo depois da conquista, penas severas foram comminadas contra todos aquelles que, fazendo-se justiça pela espada, perturbassem o reino; e, para melhor assegurar a execução das leis, Guilherme convocava todos os annos tres *placités* em Winchester, Westminster e Glocester.

O christianismo estabeleceu-se entre os Anglo-Saxonios no reinado de Etelberg, rei de Kent; sua esposa Bertha, filha de Chariberto, rei de Pariz, foi o primeiro apostolo do novo culto. O monge Agostinho ou Austinho, enviado em 597 com quatro missionarios pelo papa Gregorio, ahi prégou com proveito a fé christãa e foi o primeiro bispo de Cantuaria. Pouco tempo depois, um d'estes missionarios chamado Paulino, que tinha seguido a filha de Etelberg á côrte de Edwin, rei de Nortumberland, converteu-o á fé christãa. Nos diversos estados que compunham a heptarchia, como entre quasi todos os barbaros, vemos a religião introduzir-se por meio das mulheres. Este phenomeno se explica facilmente pelo predominio que sobre ellas devia exercer um Evangelho de paz e de amor, interpondo-se em toda a parte entre o oppressor e o opprimido, ao passo que consagrava os direitos de um e a obediencia do outro; explica-se tambem pela veneração quasi religiosa que as raças teutonicas professavam por um sexo ao qual unico era dado adoçar sua selvagem rudeza. Comtudo, depois que o christianismo se tinha propagado entre nós, elles não tinham perdido nada de sua ferocidade e de seus vicios: era idolatria debaixo de outro nome, e que consistia no culto dos santos e das reliquias e nas praticas monstruosas. Não se viam, não se contavam sinão milagres. Os crimes se expiavam com prodigas liberalidades aos monges e ás igrejas. Os grandes mesmos julgavam fazer-se santos, tomando o habito monastico; e o que acaba de provar que falsa idéa esses barbaros tinham da virtude, é que dez

reis e onze rainhas da heptarchia se retiraram para o claustro, e que outros abandonaram o cuidado do governo para fazerem a peregrinação de Roma. A mesma ignorancia produziu as contendas absurdas que por mais de um sécu/o agitaram a igreja anglo-saxonia; as mais vivas tinham por objecto a escolha do dia em que devia cahir a festa de Pascoa, e a fórma da tonsura clerical. Os Saxonios queriam que a corôa dos padres fôsse redonda, á semelhança da corôa de espinhos de Jesus-Christo, e pretendiam que a tonsura de seus adversarios os Bretões e Escossezes, estendendo-se de uma á outra orelha, era uma invenção de Simão o magico.

Os Bretões e Escossezes não estavam subjeitos á jurisdicção do papa, e decidiam os negocios ecclesiasticos em seus synodos, segundo o antigo direito commum das igrejas: esta jurisdicção se exercia sómente sobre a igreja saxonia, fundada no pontificado de S. Gregorio por monges que elle mesmo tinha enviado, e foi consagrada pela célebre sentença que em 679 deu o papa Agathon, ácerca da appellação de Wilfrid, arcebispo de York, contra uma sentença do arcebispo de Cantuaria.

Quanto ás immunidades ecclesiasticas, eram ellas sanccionadas, n'esses tempos barbaros, por fortes composições, e não cediam sinão diante da força brutal dos reis ou dos *thanes* mais poderosos, de quem a igreja não tardava a vingar-se no momento em que os revezes por elles soffridos restituiam alguma força aos anathemas da mesma igreja. Segundo um synodo congregado em 697, todo aquelle que perturbava a paz da igreja era obrigado a pagar 50 shellings de composição, equivalentes a mais de 300 lib. st. Os membros do clero não deviam ser julgados sinão por ecclesiasticos.

È provavel que o modo de instrucção e de julgamento era analogo á prova do jury em cada congregação religiosa e nos diversos graus da hierarchia, e que os accusadores e accusados produziam o testemunho juramentado de certo numero de monges ou padres, chamados por analogia jurados ou *compurgateurs*.

O famoso abbade Dunstan, ministro director do rei Edred pelo meado do decimo século, o mesmo que, si devemos dar credito ao historiador de sua vida, vendo-se suspeitado na côrte de viver vida licenciosa, se enterrou n'uma pequena

cella onde nem si-quer podia estender-se nem dormir, estabeleceu no mosteiro uma reforma severa. Até então tinham os monges anglo-saxonios vivido sempre como simplices ecclesiasticos, sem laço entre si, sem regras communs ás diversas ordens; eram livres de casar, e viviam com suas mulheres até no claustro. Dunstan os constrangeu a um celibato rigoroso; multiplicou os mosteiros, que, graças ao seu valimento para com Edred, Edgard e Eduardo, dito o Martyr, enriqueceram-se de dominios consideraveis, de que haviam sido despojados os *thanes* rebeldes ou condemnados pelos crimes privados. N'essa época, a edificação de um mosteiro era um acto expiatorio que os principes se impunham para remirem os crimes de sua ambição. Foi assim que a sogra de Eduardo, dito o Martyr, tendo-o mandado apunhalar á volta de uma caçada, fez construir, para expiar este attentado, um dos mais ricos conventos do paiz.

Foi sómente no reinado do Conquistador que o papa mandou legados á Inglaterra. Este principe serviu-se habilmente d'elles para conservar sob sua dependencia os bispos de origem anglo-saxonia: exigiu que os actos dos synodos e até as bullas de Roma fôssem revestidos do sello de suas armas, antes de serem postos em execução, e que nenhum de seus ministros ou de seus barões podesse ser excommungado sem consentimento d'elle, fôsse qual fôsse a causa; não isentou da grande divisão feudal do reino em feudos de grandes barões e sub-feudos de cavalleiros sinão as terras possuidas pelos pequenos mosteiros, curatos, beneficiados, hospitaes, hospicios e lazaretos, com o titulo de possessões conservadas em franca esmola *(frank almoign)*. Os grandes mosteiros, as abbadias, foram n'ellas comprehendidos, assim como os dominios concedidos aos bispos, e o numero de seus feudos se elevava de vinte e oito a vinte e nove mil. Muitos d'esses feudos passaram ás mãos dos capitães normandos, pelo effeito das confiscações que se seguiram á revolta.

Como grandes foreiros, os bispos e abbades entravam na assembléa geral da nação anglo-saxonia, conhecida pelo nome de *wittenagemote* (assembléa dos sabios). Quaes eram a composição e attribuições d'essa assembléa? eis o que é difficil determinar no meio das trevas condensadas sobre esta materia importante, pelo silencio da mór parte dos historiadores, e sobretudo pelas falsas luzes que se procurariam nos es-

criptos dos monges, mais occupados em documentar os privilegios e acquisições de seus mosteiros do que em colligir os elementos primitivos do systema representativo na sua patria. No emtanto póde-se conjecturar, por analogia com o que se praticava entre as raças teutonicas, que essas assembléas se compunham de todos os capitães que, depois do estabelecimento dos Saxonios, tomaram successivamente o nome de *eorls*, *eorlcundmen*, *thanes*; os bispos e abbades entraram depois.

Os membros do *wittenagemote* apresentavam-se por um direito que lhes fôsse proprio ou em consequencia de uma eleição? Não se póde admittir a segunda hypothese, e entretanto não se póde negar que, si no tempo da heptarchia os grandes eram muito pouco numerosos para formarem uma só assembléa em cada um dos estados que a compunham, desde a reunião da Inglaterra sob um sceptro unico, era difficil que todos os *thanes* ou *eorls*, que todos os bispos e abbades do reino, comparecessem no grande conselho da nação; porêm tinham direito para isso, e esse direito era ligado, não ás suas propriedades, porêm á sua pessôa. Foi sómente depois do estabelecimento do governo inglez, segundo os principios do systema feudal, por Guilherme o Conquistador, que o direito de tomar assento no parlamento foi territorial e pertenceu a cada foreiro grande ou pequeno, que tinha immediatamente suas terras do rei.

O grande conselho da nação não se compunha sinão de uma só assembléa, formada dos *grandes* do reino, na ordem civil ou ecclesiastica. O governo saxonio era portanto uma monarchia aristocratica, temperada pela superstição. Quanto ás attribuições do *wittenagemote*, não parece que elle exercesse este poder legislativo, que consiste em apresentar ou discutir e redigir as leis. Pronunciava-se como conselho ácerca da paz e da guerra, offerecia ao rei os recursos de que podia dispôr, indagava a causa dos abusos internos, indicava-lhes o remedio, e o principe redigia os estatutos conformemente ao que havia sido resolvido ou simplesmente aconselhado no *vittenagemote*. Demais, é assim que, no tempo de Carlos-Magno, procediam as assembléas do Campo de Maio, e não é provavel que os dous reis anglo-saxonios, Offa e Egbert, que tinham sido amigos d'este grande monarcha, e um dos quaes até residira muito tempo junto d'elle, não hajam

introduzido fórmas analogas nas assembléas geraes de seu paiz.

Tal é o quadro das instituições anglo-saxonias, tão resumido quanto o exigiam os limites d'este artigo. Este exame offerece tanto mais interesse, por isso que a nossa bella patria nunca transtornou o seu estado social e politico nem passou a rasoura por suas instituições, mesmo no seio das guerras civis as mais sanguinolentas. Comprazemos-nos em remontar, a travéz das idades, a esse berço da nossa liberdade; folgamos de vêl-a surgir do seio das trevas da barbaria, e, de reforma em reforma, de século em século, apresentar-se mais magestosa e mais pura á admiração dos povos.

(*Edinburgh Revievv.*)

POESIA.

A QUEM LER.

Si tivessemos uma traducção da *Eneida*, como a temos dos *Martyres* de Mr. de Chateaubriant pelo excellente poeta Francisco Manuel, eu não emprehendêra esta; mas, apezar dos talentos e merito de João Franco Barreto, e do nosso contemporaneo o Sr. Antonio José de Lima Leitão, creio que o Publico, sem se enfastiar, ainda póde ler mais uma traducção d'esta magnifica epopéa.

O progresso da nossa lingua, ainda no meio dos gallicismos e outras corruptelas, é evidente; e quem, afastando as fezes e vicios introduzidos, ajuntar ás riquezas dos classicos antigos as dos nossos bons modernos, mais se habilitará para luttar com as difficuldades do latim, e com o mais puro, sublime e insigne dos poetas romanos. Muitas palavras, muitas locuções novas, aliás necessarias, têm sido adoptadas por escriptores, alguns dos quaes ainda vivem e florecem: si ás vezes o meu trabalho se avantajar aos anteriores, a esta circumstancia o devo, e não á superioridade do meu engenho.

João Franco é um grande mestre da lingua, um thesouro de formosas locuções poeticas; e tocára a meta, si mais se atrevesse na composição, e si o maldito consoante não lhe tivera sopeado os vôos, ora tornando-o pouco apanhado, ora obrigando-o a servir-se de modos de fallar um tanto fóra do natural.

O Sr. Leitão é mais conciso, mais ousado: comtudo, o poeta, suavissimo e delicadissimo entre todos, não póde ser traspassado em versos duros; e o escriptor mais corrente e exacto, dos que versejaram, não se representa bem em um estylo aspero e forçado. No poema didactico das *Georgicas*, para cuja traducção o habilitaram sobremaneira os seus conhecimentos nas sciencias naturaes, e quando o Sr. Leitão pinta objectos horriveis, seu estro assaz o ajuda: é menos feliz nas situações ternas e maviosas, frequentissimas no original, e que fazem principalmente a estrondosa reputação do cantor de Roma. Posto que eu já tivesse lido nos meus primeiros annos a *Eneida* do Sr. Leitão, não a possuia quando escrevi este quarto

livro, e só a reli depois, emprestando-m'a o meu amigo, e pintor nosso, o Sr. Araujo Porto-Alegre: sem embargo, encontrei-me com ella em algumas expressões, e até em um verso inteiro; que não me era custoso mudar, mas julguei desnecessario. Aquelle mesmo traductor confessa ter-se encontrado em muitas expressões, e em alguns versos, com Manuel Mathias, que tambem verteu este quarto livro, e a quem não pude consultar.

Pretendo, si Deus me favorecer, ir publicando os outros livros, bem que muito de vagar, pois que outras occupações, de que tiro para minha familia o pão quotidiano, não me deixam espaço e folga para entregar-me de todo, como desejo, ao estudo das lettras, principalmente á divina poesia; e si ainda o faço, é por nutrir a mania velha, e assim alliviar as magoas e pezares, companhia inseparavel dos que já temos trasposto os alegres dias da juventude.

Na edição *Ad usum Delphini* achar-se-ha o porque em varias passagens me aparto, já de João Franco, já de Delille, já de outros eruditos; e nem sempre sigo as opiniões d'aquella edição, como observará o leitor attento. Quiz addir algumas notas; mas desisti da tenção, porque tudo quanto dissesse já está escripto, e por authores conhecidos; e qualquer mostra de erudição (facillima em taes casos) não prestava sinão para encher algumas paginas, e avolumar a obra.

Peço venia para as palavras novas *pubente*, *legifero*, *degeneroso*, *genitriz*. E' pobreza traduzir *mater*, *parens*, *genitrix*, sempre com a palavra *mãe* ou *madre;* alêm de que já temos na lingua *genitor*. De *generoso* deduz-se *degeneroso*: este adjectivo melhor traduz o *degeneres* do original, do que *degenerantes* ou *degenerados*. *Legifero* poupa um circumloquio; alêm de que são innumeraveis os vocabulos nossos d'este cunho. Temos *puberdade*, *pubere*, e não temos *pubente*: outra palavra não traspassa o *pubentes* de Virgilio; que d'este modo compara o buço dos puberes com a lanugem das hervas.

Quanto ás demais palavras, creio que não ha uma que não seja classica; e algumas phrases, que pareçam latinismos, já foram dos nossos maiores, e de bom século. Quem tentar exprimir Virgilio em portuguez, ou ha-de pôr em contribuição toda a lingua antiga e moderna; ou, querendo só servir-se dos termos usuaes, fará uma insipida e acanhada versão.

ADVERTENCIA.

Este livro quarto principia pela conjunção *mas* (at), que o ata aos ultimos versos do livro terceiro. Ainda que o publico em separado, guardei a letra do original.

A ortographia não he minha; é dos editores.

O Traductor.

LIVRO IV.

Mas de grave paixão muito ha ferida,
Ceva nas veias a rainha a chaga,
E langue em cego fogo. N'alma os brios
Revolve do varão, da estirpe as honras:
O vulto no intimo estampou, e as fallas,
E o cuidado socego aos membros nega.
Mal o postero albor do polo a sombra
Humida espanca, a lampada phebéa
Lustrando as terras, com a irmãa concorde,
Assim louca se exprime: « Anna, ó querida,
Que visões me suspendem, me apavoram ?..
Que hospede novo aporta em nossas plagas?
Quam gentil parecer! que acções! que esforço?
Creio, nem creio em vão, dos céos procede.
O medo argúe degenerosos peitos.
Ai! quanto foi da sorte contrastado!
Que exhauridas batalhas decantava!
Proposito a não ter, immoto e fixo,
De em grilhões nupciaes não mais prender-me,
Dês que fallaz com morte o amor trahiu-me;
Asco a não ter tomado ao facho e thalamo,
Talvez que eu, Anna, succumbir podesse
A esta culpa só. Depois que os fados
Me roubaram Sicheu, misero esposo,
Mão fraterna os Penates cruentando,
Este unico abalou-me, eu t'o confesso,
E a vontade impelliu-me titubante:
Sinto os vestigios da primeira chamma;
Mas antes se abra o abysmo, ou fulminada
Me lance o pae supremo ás sombras pallidas,
Profundas sombras do ennoitado Erebo,
Que eu te viole, ó Pudor, e as leis te infrinja:
Quem a si conjuntou-me, e a flôr colheu-me,

Comsigo minha fé na campa guarde. »
Cala, e borbulham pelo seio lagrimas.
Anna lhe torna: « O' mais que a luz dilecta,
Magoada, irmãa, em viuvez perpetua,
Mancharás teu verdor, sem doces filhos,
Sem gozares de Venus? D'isto pensas
Curam a cinzas e os sepultos manes?
Bem: nunca a maridar-fe, em Lybia ou Tyro,
Dobraram-te anojada, e rejeitaste
Iarbas, e outros cabos que em triumphos
Africa nutre; pois tambem repugnas
Aò grato amor? Nèm onde estás recordas?
Cá te cerca a pugnaz Getulia invicta,
E Syrte inhospita, e Numidia infrene;
Lá por sequiosa a região deserta,
E á larga soltos os Barceus furentes.
Das guerras que direi que em Tyro engrossam,
De ameaças do irmão? Divino auspicio,
Mercê de Juno esta arribada julgo
Das quilhas de Ilion. Como a cidade
Verás crescer? com tal consorcio, quantos
Reinos pular? A que auge a gloria punica
Acompanhada irá das teucras armas?
Venia, irmãa, pede aos céos, e, abençoados
Os sacrificios, o hospede agazalha,
De o reter causas tece, até que as vagas
A invernada embraveça, e Orion chuvoso,
E, em destroço, os baixeis embrusque o tempo. »
Com taes razões lhe atiça o interno incendio,
E alenta de esperança o animo dubio,
E desata o pudor. Vão ter primeiro
Aos delúbros, e a paz nas aras catam,
De usança ovelhas biennaes degolam
Á legifera Ceres, mais a Phebo,
E ao pae Lieu, mórmente a Juno, guarda
Dos vinculos jugaes. Taça na dextra,
Por entre os cornos de alvadia vacca
Verte-a Dido pulcherrima: ou dos deuses
Passêa em face pelas aras pingues;
Sagra o dia a oblações; consulta, as rezes
Pelos peitos abertas, respirantes

Entranhas, congoxosa. Ai ! cegos vates!
Delúbros, votos. á paixão que montam ?
Roe as medullas molle chamma, e tacita
No amago vive a chaga. A infeliz Dido
Arde insana, e a cidade erra vagando:
Qual cerva, a quem, zunindo a setta aguda,
Atirando o pastor nos cressios bosques,
Varou de longe incauta, e nescio a farpa
Volatil prega e deixa; ella na fuga
Discorre as selvas e dictéas mattas:
A lethal frecha ao lado se lhe aferra.
Ora a Enéas conduz entre as muralhas
E ricas obras, e a sidonia pompa
E o vasto plano da cidade ostenta:
Vai fallar, e se atalha a voz troncando.
Ora o convida, ao descahir o dia,
Ás lautas mesas, e outra vez sem tino
Ouvir demanda iliacos trabalhos,
E da narrante bôcca outra vez pende.
Já retirados, quando á Lua obscura
Encolher toca o lume, e somno infundem
Cadentes astros, só na vacua sala
Mesta ao sofá se encosta em que elle esteve:
N'ausencia o escuta, e o vê n'ausencia; ou tendo
No gremio Ascanio, enleva-se na imagem
Do pae, como illudindo o amor infando.
Nem medram torres, nem se exerce em armas
A mocidade; os portos não concertam,
Nem, defensas da guerra, os baluartes;
Impendentes merlões, fabricas param;
Ao céo machina igual já não labora.
Tanto que a persentiu da peste iscada,
Sem ao furor a fama obstar, Saturnia,
Chara esposa de Jove, n'estes termos
Commette a Venus: » Tu e o teu menino,
Certo, um louvor eximio e espolios amplos
Ganhaes, e gran renome, a ser vencida
Uma mulher por dolo de dous numes!
Não me escapou, receaste nossos muros,
D'alta Carthago a estancia te é suspeita.
Onde isto irá? tantas contendas onde?

Porque antes não firmamos paz eterna
E ajustes conjugaes ? Lograste o intento :
Ama Dido e se abraza , e pelos ossos
Prende a furia. Os auspicios compartindo ,
Em commum pois rejamos este povo :
Servir marido phrygio se lhe outorgue ,
Dá que os Tyrios em dote ás mãos te passem. »
Venus (sentindo-a cavillar , de Italia
Porque o reino transfira ás margens libyas)
Retorque assim : « Quem ha que a tal se furte
Doido , ou mais queira guerrear comtigo ?
Seja o que lembras , si a fortuna o approva.
Mas traz-me o fado incerta se he do gosto
De Jupiter manter em sociedade
Com os de Troia os Tyrios, ou lhe apraza
Os povos confundir , ou federal-os.
Es consorte : com preces a ti cabe
Sondar seu pensamento. Anda , eu te sigo. »
« Isso fica a meu cargo (replicou-lhe
A real Juno) : adverte agora , o modo
De completar o que insta em breve explano.
A miserrima Dido ir com Enéas
Caçar propõe-se, mal Titan no oriente ,
O orbe arraiando, crastino desponte.
Eu com basto granizo atro chuveiro ,
No açodar-se o tropel, de alãos e tralhas
Cingindo a mata , arrojarei das nuvens
Crebros trovões estremecendo o polo.
Derramada a companha , ha-de abafal-a
Noite opaca : o Troiano ir-se-ha com Dido
Á mesma gruta. Eu lá , si teu consenso
Me asseguras , attada em jugo estavel
Lh'a offertarei , sendo Hymeneu presente. »
Não adversando , ao rogo Cytheréa
Annue , e riu do solapado engano.
A roxa Aurora do Occeano surge.
Dos mancebos a flôr madruga ás portas :
Trapas , redes subtis , laços , venabulos
De larga choupa , e os equites massylios ,
Com a matilha farejante , accorrem.
No camarim detendo-se a rainha ,

Á entrada os Penos principaes a esperam:
Em ostro e ouro o palafrem cosido,
Tasca o freio espumante, ardego e fero.
Assoma alfim da côrte ladeada:
A chlamyde Sidonia lhe circumda
Bordada franja; á banda aljava d'ouro,
Trança em ouro a madeixa, e lhe conchega
Fivela d'ouro a purpurina veste.
Não falta a phrygia companhia, e alegre
Marcha Iulo. Galhardo mais que todos,
Socio Enéas se agrega, e a sua escolta.
Qual Phebo, a Lycia hiberna e o caudal Xantho
Quando abandona, e a Delos visitando
Materna, instaura os coros: mistos fremem,
Em torno ás aras, Dryopes, Cretenses,
E Agathyrsos pintados; pelos serros
Do Cyntho airoso pisa, e o crino undante
Atilando, enredado em molle folha,
D'ouro ennastra: o carcaz aos hombros tinne.
Não menos senhoril Enéas ia:
Tanto garbo transluz no egregio rosto.
Chega-se a alpestes montes e invias furnas:
Eis, de ingreme rochedo despenhando-se,
Bravias cabras pelos picos pulam:
D'alêm cervos, ligeiros a planicie
Transpondo, aos esquadrões pulverulentos
Ennovelam na fuga, e as brenhas deixam.
Mas no ardido ginete o môço Ascanio
Dos valles folga em meio; e aquelles passa,
Estes avança, e anhela que um javardo
Surda espumante d'entre o bando inerte,
Ou que fulvo leão da serra desça.
Entra a embrulhar-se o céo múrmuro e rouco:
D'envolta cahe saraiva e grossa chuva;
E a tyria comitiva e os jovens Teucros,
Do medo atropellados, e o Dardanio
De Venus neto, agreste abrigo esparsos
Buscam: ribeiras das montanhas ruem.
Vão-se á mesma caverna Dido e Enéas;
Tellus signal dá logo, e Juno pronuba.
Corisca, e o ether sabedor das bodas

Fulge, e no cimo as nymphas ulularam.
Este do fim lethal primeiro dia,
E a causa foi primeira de seus males:
Reputação, decoro, nada a move;
Não mais Dido medita amor furtivo;
Chama-o consorcio, e o nome é véo da culpa.
Já corre a Fama as lybicas cidades;
Nem ha contagio mais veloz que a Fama.
Mobil vigora, e força adquire andando:
Timida e fraca, eis se remonta ás auras;
No chão caminha, e a fronte ennubla e esconde.
Da ira dos deuses Terra mãe picada,
Posthuma a Céo e Encelado, é constante,
De pés leve engendrou-a e de azas lestes:
Horrendo monstro, ingente, que, oh prodigio!
No corpo quantas plumas tem, com tantos
Olhos por baixo vela, tantas linguas,
Tantas bôccas lhe sôam, tende e alerta
Ouvidos tantos. Pelo céo de noite
Revôa e ruge na terrena sombra,
Nem os lumes declina ao meigo somno:
De dia, em celsa torre ou summo alcaçar,
Sentada espreita, e as capitaes aterra;
Do falso e ruim tenaz, do vero nuncia.
Varia e palreira então com gaudio os povos
Aturde, e o feito e por fazer pregôa:
Que, troico illustre sangue, é vindo Enéas,
Ao qual varão dignava a bella Dido
Juntar-se; que ora todo o longo inverno
Nos braços da volupia, em luxo torpe
Se acalentando, os reinos esqueciam.
Isto de bocca em bocca a feia deusa
Diffunde, e o curso para Jarbas torce;
Brada, inflamma-lhe o peito, iras cumula.
Nado de Ammon, da rapta Garamantide
Nympha, em amplo dominio ao pae cem bravos
Templos, cem aras poz; e um fogo eterno
Sagrou, dos deuses vivas sentinellas;
E o solo pingue do cruor das rezes,
E em mil festões florentes liminares.
Fòra de si, do ruido amargo acceso,

Nas aras supplice, ante os numes, contam,
Muito, as palmas alçando, a Jove orára:
« Poder supremo, a quem mourisca gente,
Banqueteada em marchetados leitos,
O leneu mimo e honra está libando,
Reparas n'isto, ó padre? ou, retorcendo
Os raios, por demais nos amedrentas?
E em vão cegos fuzis nas nuvens mesclam
Horrificos mugidos? Uma errante
Mulher, que em nossa extrema, o chão marcando,
Ergue exigua cidade, e ara uma praia
Por nós doada e a nossas leis foreira,
Repulsou-nos as bodas, e recebe
Em seus estados por senhor a Enéas.
E esse Paris, guiando uns semiviros,
Guedelha madida em meonia mitra,
Sob o mento enlaçada, o rapto logra.
Encher-te os templos, fomentar nos baste
Um ôco nome. » Assim queixoso, e ás aras
Seguro, ouvido foi do omnipotente,
Que os olhos vira aos regios muros, onde
D'honra e fama os amantes se deslembram.
Falla então com Mercurio, isto lhe intima:
« Eia, vae, chama os Zephyros, deslisa-te
Nas pennas, filho; e ao capitão dardanio,
Que na tyria Carthago em ocio aguarda,
Sem respeito ao que os fados lhe incumbiram,
Sobre ás azas do vento este recado
Leva-me. Tal a genitriz formosa
Não nol-o prometteu, nem duas vezes
Para isso o vindicou das armas gregas;
Mas que seria quem regesse a Italia
De imperios gravida e a bramir por guerras;
Quem, de Teucro estendendo o altivo sangue,
Avassallasse o orbe. Tanta gloria
Si o não incende, nem se afana e lida
No alcance do louvor; é pae d'Ascanio,
E lhe inveja as romanas fortalezas?
Que faz? que espera entre inimiga gente?
Nem lhe importa Lavino e a prole ausonia?
Navegue: em summa, esta a mensagem; parte. »

Á voz do excelso pae se curva e apresta:
Calça os aureos talares, com que adeja
Sublime sobre as terras, sobre as aguas,
Como rapido sopro. A vara empunha,
Com que as pallidas almas do Orco evoca,
No Tartaro tristonho outras afunda;
Tira e dá somnos, e da morte o sello
Das palpebras desprega. Afouto as brizas
Com ella fende, e os nevoeiros trana.
E já no surto avista o pino e encostas
Arduas d'Atlante duro, que em seu tope
Aguenta o firmamento; o velho Atlante,
Que de assiduos bulcões tolda a cabeça
Pinifera, açoitado de aguaceiros
E vendavaes: de infusa neve a espadoa
Forra; do queixo precipita rios,
E em caramello enrija horrida barba.
Cyllenio, equilibrando-se nas azas,
Paira; de chofre atira o corpo ás ondas:
Qual gaivota que, as praias e piscosos
Cachopos rodeando, humilde alêa
Á flôr dos mares. Entre o céo e as terras,
D'est'arte ao longo da arenosa costa
Libyca, do materno avô descendo,
Sulcava os ares de Cyllene a prole.
Assim que a planta alada os palhaes toca,
A fundar casas, torreões, castellos,
Descobrê a Enéas; cuja espada o fulvo
Jaspe estrellava-lhe, e dos hombros solta
A capa em tyrio murice lhe ardia,
Lavor das proprias mãos da rica Dido,
Que d'ouro fino entretecéra as telas.
Com elle investe: «Os alicerces lanças
D'alta Carthago, e maridoso traças
Lindos muros? teu reino, ah! tudo esqueces!
O regedor dos numes, cujo aceno
Abala a terra e os céos, veloz pelo ether
Do estellifero polo a ti me envia:
Que meditas? na Libya com que intuito
Gastas esse vagar? Si não te excita
Gloria tanta, nem lidas e te afanas

Trás o louvor, ao pullulante Ascanio,
Ao teu herdeiro esperançoso attende,
D'Italia ao sceptro e a Roma destinado.»
Mercurio nem acaba, e, os mortaes visos
Depondo, em fumo se esvaece tenue.
Do aspecto Enéas mudo e pasmo, a coma
Se lhe arrepia, e a voz se apega ás fauces.
Partir, largar anceia as dôces margens,
Do aviso e mando summo estupefacto.
Ai! como ousar? frenetica a rainha,
Com que ambages dispôl-a? com que exordios
Começar? Transportada a varias partes,
Aqui e alli, por tudo a mente gyra;
Pareceres alterna, emfim resolve:
A Sergesto, Mnesteu, Cloanto forte
Convoca; e a frota apromptem ás caladas,
E, recolhendo a bordo a marinhagem,
Providos d'armas, da mudança as causas
Disfarcem: que, apanhando elle entrementes
A bonissima Dido descuidada,
Sem suspeitar que tanto amor se rompa,
De conversal-a as avenidas tente,
O ensejo mais suave e o melhor geito.
Todos com alvoroço as ordens cumprem.
Mas a rainha os dolos (quem a amante
Póde enganar?) pressente, e o que se urdia
Primeiro aventa, e o mais seguro teme.
Impia a Fama a exaspera e lhe delata
Que a vogar se arma a frota. Urra, chammeja,
Debaccha, raiva pelas praças, ruas:
Qual Thyas, quando, ao sacudir dos vultos
E thyrsos incitada, evoé troando,
Trietericas orgias a estimulam,
E o Cythero nocturno a invoca a brados.
Topa a Enéas por fim: Perfido «exclama!
Poder inda encobrir tão feio embuste,
E te escoar do meu paiz contavas?
Nosso amor, a fé dada não te embarga,
Nem d'Elisa a funesta morte crua?
E até na hiberna quadra as naus fabricas,
E na força dos Aquilos te apressas

A emmarar-te, cruel? Que! si não fôsses
A estranho solo e clima, Troia antiga
Si em pé tivesses, pelas crespas vagas
Navegáras a Troia? E a mim me foges?
Por este pranto meu, por essa dextra
(Pois nada já me reservei mesquinha),
Por nosso matrimonio, pelas nupcias
Encetadas, si um'hora te fui dôce,
Ou bem te mereci, dôa-te a minha
Casa em ruina; e si é que as preces cabem,
Despe tal pensamento, eu t'o supplico.
Por ti me odêam nomades tyrannos,
E a Libya inteira, infensos os meus Tyrios:
Por ti mesmo extinguiu-se o pejo, e aquella
Fama que d'antes me elevava aos astros.
A quem me entregas moribunda, ó hospede?
Que este só nome do consorcio resta.
Que mais aguardo? que os fraternos muros
Pygamalião me arrase? que á Getulia
Seu rei me arraste escrava? Si eu ao menos
Concebêra de ti, si antes da fuga
Nos paços pequenino me brincasse
Outro Enéas, retrato unicamente
D'essas feições, de todo escarnecida,
Ou tão desamparada, eu me não crera.»
Disse. Quedo no olhar, submisso a Jove,
O heroe se esforça em reprimir a magoa
No fundo d'alma. Pouco emfim responde:
«O muito que te devo, e narrar podes
Ao vivo, eu nunca o negarei, rainha;
Nem de lembrar-me Elisa, emquanto eu tenha
De mim lembrança, e os membros reja o espirito,
Me hei-de pezar. He breve a minha escusa.
Nem a furto ausentar-me, tal não finjas,
Cuidei, nem pretendi jámais as tedas,
Ou vim para ajustar esta alliança.
Por meu auspicio a consentir-me o fado
Compôr a vida, a bel-prazer guiar-me,
Eu cultivar preferiria Troia
E dos meus as dulcissimas reliquias;
Os palacios de Priamo extariam,

E a recahida Pergamo aos vencidos
Meu braço refizera. A' grande Italia
Porêm grineu Apollo, á Italia as sortes
Lycias agora demandar me ordenam.
Lá tenho o amor, lá patria. As libyas torres
De Carthago si a ti Phenissa encantam,
N'Ausonia estranhas que os Troianos pousem!
Novos reinos é licito habitarmos.
A mim do padre Anchises, quantas vezes
De humida treva a noite enluctá o globo,
Quantas surgem igniferos luzeiros,
Insta em sonhos, me aterra, a imagem torva:
Môço instiga-me Ascanio, e o vituperio
De cabeça tão chara, a quem defraudo
Do hesperico dominio e fataes campos.
Inda agora, da parte do Tonante,
O interprete divino (ambos attesto),
Frechando as auras, trouxe-me recados:
A's claras eu vi mesmo entrando os muros
O deus, b bi-lhe a voz n'estes ouvidos.
De lastimar-te cessa, e não me inflammes:
Involuntario para Italia sigo. »
Emquanto elle discorre, aversa o encara,
Volvendo aqui e alli tacitos lumes,
E o mira e mede todo, e em braza estronda:
« Nem de mãe deusa, nem provens de Dardano,
Perfido! mas gerou-te em broncas penhas
Caucaso horrente, e amamentado fôste,
De hyrcanas tigres. Dissimulo ainda?
Para que mais me guardo? Ao pranto nosso
Gemeu? chorou? moveu siquer os olhos?
Deu um suspiro? ou se doeu da amante?
Qual é mais agro? Em tal nem Juno summa,
Nem o saturnio padre attenta, iniquos.
Fé segura não ha. Naufrago e pobre
Da praia o recolhi, sem tino o reino
Parti com elle: do sossobro a frota,
Remi da morte os seus. Ai! transportada
Ardo, enfureço! Ora agoureiro Apollo,
Ora as sortes de Lycia, ora expedido
Por Jupiter, o interprete divino

Traz pelas auras horridos mandados:
Dos supremos que emprego! Uma tal ancia
Quebra o seu repousar. Nem te detenho;
Nem te refuto. Para Italia segue,
Vai; busca imperios pelas bravas ondas.
Se os numes valem pios, certo espero
Que mil supplicios entre escolhos tragues,
E invoques a miude o nome Dido.
Com negro facho ao longe hei de acercar-te;
E, quando a morte fria destas carnes
A alma apartar, ser-te-hei continua sombra;
Terás o pago, hei-de, perverso, ouvil-o;
E a nova ha-de baixar-me ao centro escuro. »
N'isto, cortando a pratica, á luz foge,
Some-se afflicta, e o deixa de medroso
Muito dizer querendo e retardando.
Levam-na em braços ao marmoreo thalamo,
E a deitam nos coxins desfallecida.
Bem que o piedoso Enéas consolal-a
Deseja, e as magoas remover-lhe affavel,
Solto em ais, do amor grande quebrantado,
Do céo comtudo executando as ordens,
Revista as naus. Os Teurcos se afervoram:
Celsos lenhos das praias desencalham;
Crenam-se e nadam quilhas, e das selvas
Trazem frondentes remos, toscos robres,
No afogo de escapar. De muda os viras,
Da cidade em torrentes borbotando.
Em tulha assim de farro dão formigas,
E em casa o poem, do inverno precatadas:
Campêa o negro exercito, entre as hervas
Por trilha estreita acarretando a presa;
Parte hombros mette e grossos grãos empurra;
Parte urge os pellotões, pune as ronceiras:
Da pressa e afan toda a vereda ferve.
Ao contemplal-o, que sentias, Dido?
Quaes teus gemidos, de cimeira torre
Das praias enxergando o borborinho,
E antolhando com grita o mar fundir-se?
Os corações mortaes a que os não fórças,
Improbo amor? A's lagrimas de novo,

De novo aos rogos desce, e humilde ao jugo
Do amor se curva, porque nada em balde
Lhe fique por tentar, antes que expire:
« Anna, revolta a praia vês; de roda
Concorre a chusma, o brim convida as auras,
E as pôpas já corôa o alegre nauta.
Si eu tal golpe temesse, irmãa, soffrêl-o
Melhor podera. Um gosto só na angustia
Faze-me, Anna: es prezada, o intimo arcano
Te fiava o traidor; só tu conheces
O ensejo e via de amolgar esse homem.
Ao soberbo inimigo, vae, supplica,
Por mim lhe falla, irmãa: que eu nunca em Aulide
Com os Danaos jurei de Troia o excidio,
Ou contra Pergamo esquipei navios;
Nem os ossos cavei do padre Anchises.
Duro a me ouvir se nega? Onde se arroja?
Ceda um favor extremo á triste amante:
Monção aguarde e fuja. A fé trahida
Já não requeiro; nem do ameno Lacio
Desista, reine. Um prazo curto peço,
Folga e espaço ao furor, té que a fortuna
Supere e á dôr me aveze. Esta só graça
(Ha dó da irmãa) lhe rogo: si a consigo,
Da minha morte satisfeito, parta. »
Taes lamentos, miserrima, taes preces,
Anna leva e releva; elle inconcusso
Razões nem choro admitte. Os fados obstam:
Um deus lhe obstrue os placidos ouvidos.
Qual, d'annos rijo, o valido carvalho,
D'aqui d'alli soprando alpinos Boreas,
Si arrancal-o porfiam, berram, silvam,
E, do tronco as entranhas sacudidas,
Juncam a terra as folhas; aos rochedos
Elle se agarra, e quanto com seu pico
Penetra o ethereo céo, tanto profunda
No Tartaro a raiz: não de outra sorte
Assiduas vozes mil o heroe combatem,
E a grande alma suspira; a mente immovel
Persiste, e rodam lagrimas baldias.
Do fado treme Dido e a morte exora;

A abobada do céo de olhar se anoja.
Na tenção mais se afinca e a luz detesta,
Quando o leite (que horror!) nos sacros vasos
Vê negrejar, e os derramados vinhos
Irem-se convertendo em sangue impuro.
Tal visão cala, nem da irmãa confia.
Do defunto Sicheu tambem nos paços
Marmoreo templo havia, em que esmerava
Seu culto e honras, de festões e vellos
Niveos ornado. Alli, tanto que a noite
Obumbra as terras, cuida ouvir queixumes
Do antigo esposo que ao sepulchro a chama,
E estar nas grimpas solitario bufo
Carpindo feral verso, e com tristura
Em flebil tom piando. Até dos vates
Mil velhas predicções a aterrorisam.
Enfurecida, o mesmo fero Enéas
Em sonhos a perturba, e se imagina
Sempre sózinha, ao desamparo sempre,
Ir por veigas extensas, por desertos,
Em busca dos seus Tyrios. Tal, demente,
Penteu figura batalhões de Eumenides,
Gemios sóes, duas Thebas: tal, nas scenas
O Agamemnonio Orestes agitado,
Da mãe, que fachos brande e atras serpentes,
Foge, e assentam-se á porta as Diras cruas.
Fraquêa á dôr; e assim que aloja as furias
E decreta morrer, comsigo elege
Tempo e modo, e, investindo a irmãa tristonha,
Simula o mau conselho, e de esperança
O semblante serena: « Achei maneira
Congratula-te, irmãa, ou de attrahil-o,
Ou de me desprender do amante ingrato.
Nos confins do Oceano, para o occaso,
Um logar derradeiro ha na Ethiopia,
Onde o maximo Atlante ao hombro o ardente
Eixo estrelado vira. Entre os Massylios
D'alli sacerdotiza me apontaram,
Do templo das Hesperides custodia,
Que, n'arvore a guardar os sacros ramos,
Dava cevo ao dragão, succo espargindo

De mel e dormideiras. Com seus carmes
Livrar promette os animos, ou duras
Magoas introduzir, pôr freio a rios,
Planetas recuar; desperta os manes
Da noite sepulchral: aos pés a terra
Verás mugir, descer do monte os ornos.
Pelo céo, doce irmãa, por vida tua,
Juro que invita á magica recorro.
Tu no interior ao ar secreta pyra
Erige, e as armas sobrepõe d'esse homem,
Que impio as deixou na camara pregadas,
E o mais despojo, e o leito em que o veneno
Traguei funesto. A maga o ensina e mostra.
Todas do infame apaguem-se as memorias. »
N'isto emmudece. Occupa-lhe a pessôa
Simultaneo pallor. Mas que ella encubra
Funereo fim com sacrificios novos
Nem Anna o póde crer, nem tantas furias
Concebe, ou mais desastres que na morte
De Sicheu teme. Tudo emfim prepara.
Ao ar, com hachas de azinheira e pinho,
N'um claustro escuso erecta ingente pyra,
Colgado de capellas, a rainha
De rama funebre o logar corôa.
No leito, nada ignara do futuro,
D'elle o alfange colloca, a roupa, a effigie.
Cercam altares; em cabello a saga,
Tres vezes tôa, invoca a cem déidades,
E Chaos, e Erebo, e a trina Hecate virgem,
Tergemina Diana. Alli fingidos
D'agua do Averno despejára vasos.
Segadas ao luar com foice ahenca,
O leito espremem de pubentes hervas,
Veneno tetrico. Extrahido alcançam
O amor da fronte de nascente poldro,
E subtrahido á mãe. Frouxa a petrina,
Mola nas pias mãos, de um pé descalça,
Ella, entre as aras, morredora, os deuses
Attesta, e os astros de seu fado conscios:
Si ha nume que os amantes justo ampare,
Da ingratidão vingança lhe depreca.

Era noite, e em repouso os lassos corpos
Jaziam: dorme a selva, o mar sanhudo;
Em meio gyro os astros escorregam;
O campo todo cala, as alimarias
E aves de côres mil, quanto povôa
Liquidos lagos, asperas charnecas,
No silencio nocturno, os seus trabalhos
Adormentando, a pena alliviavam:
Só a Phenissa não se rende ao somno;
Triste, nunca em seus olhos ou no peito
A noite acolhe: brotam-lhe os cuidados;
Surgindo e resurgindo, o amor braveja,
N'um fervedouro d'iras fluctuando.
Comsigo insiste, e n'alma assim voltêa:
« Que faço? escarnecida hei-de aos primeiros
Rivaes tornar? mendigarei consorcios
Que em Numidia engeitei já tantas vezes?
Ou na Iliaca armada hei-de embarcar-me,
Conforme ás Teucras derradeiras ordens?
Gratos ao beneficio e brando auxilio,
Quão lembrados que são! Eha, quando eu queira,
Quem m'o consinta, ou nas soberbas quilhas
Execrada me acceite? Nem tu sabes,
Nem inda sentes, misera! os perjurios
Da gente laomedoncia? E então! fugida
Irei sózinha atrás do nauta ovante,
Ou com todo o poder dos meus Sidonios?
E os que desarreiguei de Tyro apenas,
De novo ao pego arriscarei, mandando
Dar a vela?.... Antes morre, es digna d'isso:
Com ferro atalha a dôr. Primeiro a furia
Tu me aggravaste, irmãa, cedendo a lagrimas,
E, expondo-me ao traidor, me arruinaste.
Tantos martyrios sem provar, não pude
Como fera viver, solteira e casta!
Fui, fui ás cinzas de Sicheu perjura! »
Taes de seu peito as queixas rebentavam.
Já, tudo a ponto, certo de ir, Enéas
Adormecia á ré. Torna-lhe em sonhos
A apparecer do deus a bella imagem,
E outra vez o admoesta: inteiro é elle

Mercurio, em voz, em côr, na loura trança,
No talhe esbelto e juvenil meneio.
« Como! filho da deusa, em tal perigo
No somno pegas? Nem, demente! enxergas
O que ha de roda? Os Zephiros suaves
Não ouves respirar? A morrer prestes,
Ella enganos revolve e atroz maldade
N'alma, e d'iras fluctua em varia enchente.
Inda é tempo, e o fugir não precipitas?
Com madeiros o mar verás turbar-se,
Sevos os fachos reluzir, nas praias
Chammas ferver, si te encontrar a Aurora
Ancorado. Eia sus! rompe a tardança.
Varia e mudavel a mulher foi sempre. »
E eil-o na treva se envolveu da noite.
Todo assombrado, o heroe se ergue do somno,
E os seus esperta: « Gente ácima, álerta!
Pannos largae, remeiros, abancae-vos:
Insta commigo o mensageiro ethereo
A que a fuga apressure e pique amarras.
Nós, santo deus, quem sejas, te seguimos,
E ovantes outra vez te obedecemos.
Oh! sê propicio e placido, e nos tragas
Faustas estrellas. » Disse, e da bainha
Saca o fulmineo gume, e os cabos talha.
Lavra na gente o ardor, á faina acode;
Celeuma, rue, as praias desertaram:
De naus coalha-se o mar; a espuma as vogas
Batem, varrendo a cerula campina.
E a prima Aurora já de novo lume,
A crocea cama de Tithão deixando,
O orbe alastrava. Apenas da atalaia
Vê Dido alvorecer, e arfar a armada
Em cheio, e de maruja as praias sente
E os portos nús, lacera o peito bello,
E tres vezes e quatro os aureos fios
Arrepela: « Que! Jupiter! ha-de ir-se,
E zombar-nos do reino esse estrangeiro?
Meu povo armas não toma, e o corre, e os vasos
Dos arsenaes despede? Já, de pressa,
Vibrae fachos, dae velas, forçae remos.

Que profiro ? onde estou ? desvairo insana ?
Impios fados, ai ! Dido, ora te apertam.
Quando o sceptro abateste, isso convinha.
Que fé, que dextra aquella ! E é quem se affirma
Que da patria os Penates conduzira,
Que o pae caduco aos hombros carregára !
E empolgal-o não pude, esquartejal-o,
Pelo mar desparzil-o ? os seus á espada
Passar, e o mesmo Ascanio, e por comida
Pôl-o em paterna mesa ? Mas do prelio
Fôra a fortuna duvidosa. Fôsse.
Vou morrer ; de que hei medo ? A bordo os fachos
Levára, e o bojo ás naus de fogo enchêra ;
Com tal raça extinguira o pae e o filho,
E eu tambem após elles me lançára.
Sol, que lustras o globo e tudo aclaras ;
Juno, interprete e conscia d'estas penas ;
Pelas cidades, em nocturnos trivios,
Tu, Hecate uludada, e ultrices Furias,
Ouví-me, ó deuses da expirante Elisa,
Vosso nume volvei contra os malvados,
E attendei nossos rogos. Si é forçoso
Que inda aporte esse monstro e poje em terra ;
Si o fadou Jove assim, fixou-lhe o termo,
Beligero audaz povo o assalte e vexe,
E errante, foragido, arrebatado
Dos abraços de Iulo, auxilio implore,
Veja dos seus os funeraes indignos ;
Nem, sob iniqua paz tendo acurvado,
O reino ou luz appetecida goze ;
Mas ante tempo caia, e sobre a arêa
Sem sepultura jaza. Isto depreco :
Esta voz com meu sangue ultima verto.
Tyrios ! vosso rancor toda essa estirpe
Futura acosse ; tal offerta ás cinzas
Mandai-me : alliança nunca irmane os povos.
D'estes ossos me nasce, e a ferro e fogo
Esses colonos Dardanos persegue,
O' vingador : já, logo, em todo o sempre
Que haja forças, com praias travem praias,
Ondas com ondas guerra, armas com armas :

Com seus netos, impreco, os meus pelejem. »
  Por tudo então versando a phantasia,
Já já traça cortar odiosa têa.
Falla em breve com Barce, ama que fôra
De Sicheu, porque a d'ella em cinza escura
Ficou na antiga patria: «Ama querida,
Chama cá minha irmãa; que asperja o corpo
Com agua fluvial; não tarde, e as rezes
Venham com ella, e as purgações prescriptas:
E tu com pia fita as fontes venda.
Os, que encetei, solemnes sacrificios
A Jove Estygio concluir ordeno,
Findar meu males e entregar á pyra
A imagem do infiel. » Termina. A serva
Com senil zelo accelerava o passo.
  Na fera empresa encarniçada e trepida,
Vibrando olhos sanguineos, e ás trementes
Faces de nodoas salpicada, e pallida
Com a morte futura, entra no claustro
Recondito a rainha, e furibunda
Sobe á fogueira, o troico alfange despe,
Não para tal crueza reservado.
No Iliaco despojo e nota cama
Depois que attenta, em lagrimas, cuidosa,
Fica um pouco suspensa, e rescostada
Finaes vozes repete: » O' dôces prendas,
Quando o queriam Deus e o fado, est'alma
Recebei, libertae-me de pezares.
Vivi, perfiz o destinado curso:
Grande irá minha sombra agora ao Orco.
Fundei clara cidade; eu vi seus muros;
No truculento irmão vinguei o esposo;
Feliz, ah! mui feliz, si as quilhas teucras
Aqui nunca abordassem! » Disse, e o rosto
No leito impresso. » Inulta morremos! . . .
Pois morramos! bradou; que assim aos Manes,
Assim desço contente. O crú Dardanio
Do mar embeba os olhos n'estas chammas,
E estes mortaes agouros o acompanhem. »
  Mal acabava, sobre o ferro as damas
A vem cahir, de sangue as mãos tingias,

E a lamina espumando. O clamor altos
Atrios atrôa; ás tontas corre a Fama
De cabo a cabo; com soluços, gritos,
Com femineo ululado os tectos zunem;
Todo o ar retumba do alarido e pranto:
Qual, de hostil assaltada, si em ruinas
Carthago ou Tyro antiga ardesse em alas
Furentes, ateadas nas dos homens,
Nas cumieiras dos deuses. Aturdida,
A irmãa convulsa, exanime, açodada,
Carpe-se, afeia o rosto, os peitos rasga,
Rompe o tropel, á moribunda exclama:
«Irmãa, tu me illudias? Que! foi isto
Que aras, tochas, fogueiras, me aprestavam?
Coubesse-me o teu fado; um golpe, um'hora,
Ambas uma só dôr nos igualasse.
Armei-te a pyra eu mesma, e os patrios deuses
Invoquei, para assim, cruel! jazares
Na minha ausencia? A ti, e a mim, e o povo,
E os Tyrios padres, e a cidade tua,
Mataste, irmãa. Com lympha, dae-ma, o golpe
Vou lavar; e, se algum vaga em seus labios,
Colherei com a bôcca o extremo alento.»
Falla, e, os degraus salvando, ao collo aperta,
Beija a irmãa semiviva; entre ais, enxuga
Na touca o tetro sangue. Ella, os pesados
Olhos provando erguer, desmaia e tomba:
Sob o peito o golphar range a ferida.
Tres vezes se estribando ao cotovello,
Levantar-se intentou, tres de pancada
Rolou no toro; e, baça a vista errante,
A luz no céo procura, e achando-a geme.
A omnipotente Juno, da agonia,
Dor e ancia longa, então commiserada,
Do Olympo Iris despacha, que a luctante
Alma desate dos liados membros.
Pois nem de merecida, ou fatal morte,
Mas subito (coitada!) em raiva accesa,
Perecia immatura; inda Proserpina
Não lhe tirara a flava coma, á Estyge
Votando-lhe a cabeça. Eis do céo Iris,

Cambiando côres mil do Sol opposto,
Nas croceas pennas orvalhada vôa;
Sobre ella pára: » O sacro dom, mandada,
Levo a Dite, e do corpo eu te desligo. »
Disse, e corta o cabello: o calor todo
Se exhala, e em ventos esvaiu-se a vida.

MISCELLANEA.

SCIENCIAS NATURAES.

Singular phenomeno observado nas montanhas de Cumberland. —No cume das montanhas mais elevadas do norte da Gran-Bretanha, a algumas milhas de Hirkland, levanta-se em certas épochas do anno uma columna de nuvens que, accumulando-se em um só ponto, parecem cobril-o de uma especie de capacete formidavel. Esta massa de nevoeiros prolonga-se até varias milhas, e envolve em sua circumferencia a metade da montanha sobre a qual assenta; o resto do céo está puro, e raras vezes então as elevaçōes visinhas se corôam de vapores, mesmo leves. O *helm*, é assim que se chama este phenomeno, que tira o seu nome da armadura guerreira *(helmet)* de que tem a fórma, apresenta aos olhos alguma cousa de magestoso e de solemne. O sol colorêa a parte superior, no emtanto que o terreno sito por baixo está mergulhado em profunda obscuridade. O vapor rodomoinha, toma alternativamente mil côres, descança sobre o cume da montanha, e parece d'ahi querer invadir o firmamento: tudo isto inspira primeiramente um sentimento grandioso, porêm infunde receio n'aquelle a quem presagia desgraças. Quando esta massa está inteiramente condensada, avista-se uma pequena mancha preta apparecer primeiramente, crescer a vista d'olhos e encobrir emfim a parte coloreada. É o *helm-bas*. Está sempre n'uma direcção parallela á nuvem principal: vê-se então agitar-se, rodomoinhar; parece estar luttando contra a tempestade a mais furiosa; rasga-se emfim e se dispersa, entretanto que o *helm* superior continúa a occupar o mesmo logar com uma especie de magestade. O vento sahe logo com rapidez, sopra com extrema violencia nos valles jacentes por baixo, arrebata homens e animaes, arranca arvores e faz grandes estragos. É na primavera

e no outomno que apparece mais frequentes vezes este phenomeno. O vento do *helm (helm-wind)* faz-se sómente sentir a duas ou tres milhas; viu-se no emtanto elle levar a desolação até a uma distancia de onze milhas; mas este caso é muito raro. Sua rapidez está sempre na razão inversa da corrente dos ventos que sopram em sentido contrario. Elle é sempre mais terrivel na falda das montanhas do que nas planicies; sopra ás vezes por espaço de quinze dias, e causa frios bastante intensos.

ESTATISTICA.

POSSESSÕES INGLEZAS.

O governo inglez, em todas as epochas, mostrou-se o mais usurpador do globo. Eil-o que acaba n'este momento a invasão e conquista do Kabul nas Indias. Ultimamente em plena paz apoderou-se da cidade de *Aden*, no Golfo Arabico. Agora occupa-se em estabelecer o que elle appelida — *Direito de sua soberania* — comprado por alguns milhões de libras sterlinas na Nova Zelandia. Ambiciona com paixão a posse da Syria e do Egypto, e já designa Suez, Rosetta, ou Alexandria como os primeiros pontos de conquista. Um escriptor francez, M. Leblanc de Prebois, calcula que a Inglaterra possue uma superficie de 217,000 leguas quadradas. e 88,170,000 habitantes, alêm do seu territorio e povo da Grã-Bretanha. Eis o quadro, que demonstra o termo medio d'esta potencia.

America do Norte.—Alto e Baixo Canada, Ilha do Principe Eduardo, Cabo Bretão e Terra Nova, e Hudson-Bay — superficie 48,333 leguas quadradas, — população 1,500,000 habitantes.

America do Sul.—Demerara, Essequibo, Honduras, Berbice, e Ilhas de Falkland, — superficie 18,330 leguas quadradas, população 120,000 habitantes.

Indias Occidentaes. —Jamaica, Trindade, Tabago, Granada, S. Vicente, Barbadas, Santa Lucia, Domingo, Antigoa, Monserrat, Nevins, S. Kitts, Anguilla, Tortola, Ilhas Virgens, Nova Providencia, Bermudes, Bahama, e S. Jorge, — superficie 1,444 leguas quadradas, — população 1,000,000 de habitantes.

AFRICA. — Cabo da Boa Esperança, Mauricias, Sechellas, Santa Helena, Assumpção, Serra Leôa, Gambia, Acera, e o Cabo Costa, — superficie 29,000 leguas quadradas, — população 350,000 habitantes.

ASIA AUSTRAL.—Nova Galles do Sul, Van— Diemen, Rio do Cisne, Estreito do Rei Jorge, e Ilhas Norfalse, —superficie 55,550 leguas quadradas, — população 2,000,000 habitantes.

ASIA. — Ceylão, Bengala, Madras, Bombaim, e o Decan, —superficie 64,182 leguas quadradas,— população 83,400,000 habitantes.

EUROPA. — Gibraltar, Malta, Gozzo, Corfú, Cephalonia, Zante, Ithaca, Santa Moura, Paxos, Cerigo, e Heligoland, — superficie 166 leguas quadradas, — população 400,000 habitantes.

EMPRESTIMOS INGLEZES.

Em 22 annos, de 1793 á 1814, a somma total dos emprestimos e subsidios, pagos pela Inglaterra ás potencias do continente europeu, montou á 1,157,425,000 de francos. Somente os dous annos de 1813 e 1814 custaram-lhe 381 milhões N'esta enorme somma despendida para colligar os estados europeus contra a França, tocou a Russia 218 milhões, a Austria recebeu 240, Portugal e Hespanha 363, a Prussia 84, a Suecia 95, os Estados Sardos e a Sicilia 80, o Hanover e os Estados da Allemanha 77 milhões. Em presença d'este quadro, torna-se curioso seguir o acrescimo da divida publica em Inglaterra. Em 1793, antes da guerra, o capital montava á 6 milhares de milhões; cresceu em tal proporção que em 1802 chegou á 16 milhares, e no principio de 1816, epocha de seu apogeo, excedia já á 22,300,000,000 de francos.

AGRICULTURA.

Valor comparativo de differentes variedades de batatas. — A sociedade de agricultura de Escossia tinha, em 1832, offerecido um premio á melhor memoria, firmada de experiencias, sobre o valor comparativo das differentes variedades de batatas. Esse premio foi conferido a M. André Howden, cultivador de Lothian: imos dar a conhecer os principaes resultados de seus ensaios.

M. Howden conseguiu alcançar em Inglaterra, Irlanda, Hollanda e outras partes, grandissimo numero de especies de batatas, de sorte que pôde, no decurso de tres annos que duraram suas experiencias, examinar pelo menos cento e setenta variedades differentes.

Tendo destinado a seus ensaios duas porções de terreno de dezeseis pés de largura cada uma, mandou estercal-as com estrume de gallinheiro decomposto, na proporção de 16 toneladas por geira. Este estrume, estendido sobre o terreno, foi depois enterrado profundamente com o arado. Cem batatas de cada variedade e escolhidas foram plantadas á pá e inteiras n'este terreno, a 15 de maio de 1832, em raias afastadas de 2 pés e 3 polegadas inglezas (68 centimetros). O terreno foi conservado em bom estado de cultura, livre de más hervas, e as batatas cercadas de terra com o alvião. A colheita das batatas fez-se na segunda semana de outubro. Cada lote foi exactissimamente pesado, contado e posto em depositos separados. As colheitas de 1833 e 1834 faram dirigidas do mesmo modo, com a unica differença de que, em 1834, a plantação foi feita na ultima semana de abril, e que na época do meado de outubro se arrancaram sómente as hastes prematuras, isto é, aquellas cujas folhas se achavam já seccas, e que tinham a casca das excrescencias dura e solida; as outras, cujas folhas estavam ainda verdes, foram consideradas como tardias e deixadas mais quinze dias na terra.

M. Howden mandou a M. Dudgeon, seu amigo, que tem uma fabrica consideravel de fecula, sessenta e quatro variedades de batatas, dás quaes este se encarregou de mandar extrahir a fecula. A differença que existiu na fecula produzida pelas differentes variedades fez temer a M. Dudgeon que seus operarios não tivessem empregado para extrahil-a toda a attenção necessaria. M. Howden pensa, pelo contrario, que esta extracção foi feita convenientemente, e que cada variedade dá não só uma quantidade differente de fecula, sinão tambem que essa quantidade é maior ou menor na mesma variedade, segundo que a estação lhe foi mais ou menos favoravel, e, emfim, segundo que a extracção da fecula se faz n'um tempo mais ou menos approximado da época em que as batatas foram colhidas.

M. Howden fez tambem constar que não é vantajoso su-

bstituir na cultura em grande das batatas o trabalho da pá ao do arado, podendo este, com muito menos gastos, servir a cultivar esta planta de uma maneira bastante perfeita para dar optima colheita. Certificou-se igualmente que, plantando-se antes batatas inteiras do que cortadas em varios pedaços, se obtêm em geral colheitas mais certas e mais abundantes. Tendo-plantado dous terrenos de 1/5° de geira cada um, pouco mais ou menos, o primeiro de batatas inteiras, distantes entre si 18 polegadas inglezas, o segundo de batatas cortadas, distantes 12 polegadas sómente; a colheita do primeiro terreno, cultivado exactamente da mesma maneira que o segundo, deu-lhe em peso 811 libras mais do que este. Emfim M. Howden mostrou que a suppressão das ffôres durante a vegetação produz bons resultados, sobretudo quando se sabe escolher o tempo propicio. Eis-aqui quaes foram os principaes resultados de seus ensaios:

Mappa do producto de uma geira de Escossia (0,514 de geira ou um pouco mais de meio hectare) cultivada com batatas de differentos variedades.

Nomes inglezes.	Forma.	Côr.	Producto.	Fecula.
White Secling	redonda	branca	15,336 kil	? kil
Wild	oblonga	roxa	13,976	1,056
Gamekeeper's	redonda	branca	13,249	?
Dudgeon's black	oblonga	azul	12,786	?
Nec plus ultra	oblonga	vermelha	13,945	?

As variedades precedentes saõ prematuras. — As seguintes saõ tardias:

London-white	oblonga	branca	12,241	1,432
Wellington	oblonga	vermelha	12,163	1,140
Sawger's	obloaga	vermelha	11,747	1,680
Jersey	oblonga	avermelhada	11,747	1,680
London blue	redonda	azul	8,880	930
Sanderson's	redonda	braaca	12,391	1,436
Red-roses	redonda	vermelha	11,979	1,336
Cups	oblonga	vermelha	14,882	1,592
Lancashire-pink	redonda	roxa	15,427	?
Bread-fruit	oblonga	branca	13,784	?

Conservámos aqui os nomes inglezes de cada variedade porque nos teria sido impossivel vertêl-os, até mesmo por equivalente.

INDUSTRIA.

Exportação da quincalharia ingleza. — A quincalharia é um dos ramos da nossa industria que vai todos os annos tomando maiores desenvolvimentos. Em 1832, exportámos 16,500 toneladas de quincalharia, representando um valor de 1,466,361 lib. st. Em 1834, este algarismo elevou-se a 16,275 toneladas, e a 1,485,233 lib. st. As agulhas, os alfinetes, as tesouras, as navalhas, os canivetes, e mil artiguinhos d'esta especie, entram para mais de metade com esta somma. Entre elles se vêem tambem figurar alguns modelos em ponto pequeno de machinas de vapor, destinados sem duvida a divertir os ocios dos nababs da India. Um mechanico de Sheffield conseguiu construir uma que não pesa mais de duas onças e meia; seu volume não excede o tamanho de um ôvo de gallinha, e no emtanto todas as suas partes estão executadas com a maior precisão. A agua põe-se em ebullição, e a pequena machina desenvolve um vigor espàntoso em suas differentes evoluções.

ECONOMIA DOMESTICA.

Do ranço da carne das aves aquaticas, e dos meios de fazer desapparecer esse mau gosto. — É da relação do commandante Ross que tiramos as observações seguintes:

« Em geral, tem havido esquecimento em notar-se que o gosto de peixe que têm sempre as aves aquaticas não se acha impregnado sinão na sua banha, cuja totalidade está sempre collocada immediatamente debaixo da pelle, e particularmente sobre os quadris. As outras partes nunca têm gosto oleaceo, rançoso ou de peixe. Basta portanto esfolar estas aves principalmente pelas costas para se lhes tirar todo vestigio de mau gosto. Com esta precaução, o corvo marinho, o *petrel* e o *puffin*, apezar da má reputação que tem sua carne, mudam inteiramente de sabor e offerecem um alimento sadio e agradavel. Os navegantes devem procurar certificar-se da verdade d'esta observação, porque poderiam em muitos casos variar sua alimentação, nutrindo-se da carne das aves aquaticas que hoje desdenham. A mesma operação praticada em outras especies produz os mesmos re-

sultados. Assim, em Suecia, a carne dos gallos do matto e a das gallinholas, que no inverno sobretudo se alimentam sómente das bagas do zimbro e do abeto, não são comiveis por causa de seu gosto pronunciado de terebenthina; mas, logo que lhes é tirada a pelle, perdem o mau gosto e tornam-se um manjar muito agradavel. »

CHRONICA DRAMATICA.

Uma representação de Romeo e Julieta, em Baltimore. — Miss Kemble, joven actriz do maior talento, que, depois de haver sustentado em Londres a reputação theatral de sua familia, acabou por casar com M. Butler, rico negociante americano, e por fixar-se com elle na America, acaba de publicar um diario curioso em que muitissimas vezes se fazem na verdade sentir a garridice e vaidade da actriz, porêm que encerra picantes anecdotas, descripções brilhantes e particularidades de costumes muito curiosas. Insigne por sua belleza e por sua graça, quanto por sua intelligencia e pela sagacidade com que comprehendeu o character de certos papeis e sobretudo os de Shakspeare, ella é, entre as numerosas actrizes inglezas que a gloria tem conduzido á fortuna e a um bom casamento, a unica que haja publicado suas Memorias. Escolhemos uma anecdota no numero d'aquellas de que está cheio o seu diario. Ella devia fazer o papel de Julieta, em *Romeo e Julieta* de Shakspeare. Eis como ella descreve a ultima scena d'esta singular representação.

« O meu Romeo trazia calções largos cujo estofo entufado era repartido em compartimentos de um azul carregado e de um vermelho carmezim muito ardente. Terieis dito um enorme melão de Florença d'onde sahiam, de um lado, duas perninhas finas, e, do outro, um busto desproporcionado. Chinelas encarnadas completavam este trajo. Tudo foi menos mal, posto estivesse de quando em quando a pontos de soltar uma gargalhada nas barbas do meu Romeo. Quando chegou a scena em que Julieta é representada sentada sobre o seu leito e bebendo o veneno, o machinista fez obrar muito cedo suas decorações, e o publico teve o prazer de ver um batalhão inteiro de môços de servir, occupados em fazer a cama e collocar os travesseiros de Julieta. A ultima

scena sobretudo não me ha-de sahir nunca da memoria. No momento em que o meu Romeo repetia esses versos que Garrick emprestou a Shakspeare: « Levanta-te, minha Julieta, sahe d'este tumulo medonho; são os braços de teu amante que te enlaçam! » o pobre actor precipitou-se sobre mim, tomou-me, não em braços, mas debaixo de seu braço esquerdo, e, com risco de me deixar cahir, poz-se a correr para o bastidor. Minha situação era desagradavel, e eu não pude deixar de dizer-lhe baixinho: « Haveis-de me ferir, ides deixar-me cahir; largae-me antes no chão. » Romeo não me escutava e continuava: « Meu amor, meu terno amor! meus labios te restituam a vida! vem, vem em meus braços! » Eu proseguia no meu á-parte: « Eu caio! eu caio! » Entretanto o seu punhal, que lhe havia de ser preciso no fim da peça, tinha cahido n'esse momento. Elle largou-me no chão, e eu, parecendo abraçal-o ternamente, tive o cuidado de repôr o punhal em sua bainha: « Meu coração se parte! exclamou elle; Julieta, Julieta! » E fechou os olhos, e eu o apertei com um abraço amoroso; e, como via que seu cadaver parecia muito agitado, perguntei-lhe baixinho: « Estou-vos suffocando? — Oh! não; mas poderieis ter a bondade de apanhar a minha cabelleira que acaba de cahir? — É impossivel, ella está muito longe; mas vou estender o meu lenço por cima. Vós acabais de quebrar o vidrinho do veneno. » O cadaver respondeu-me por um aceno de cabeça. « Mas o punhal, que fizestes d'elle? — Por minha vida, não sei.... ah! meu pé acaba de fazêl-o cahir no buraco do ponto. »

VIAGENS.

Como os zelandezes bravios respeitam os europeus. — Os indios da Nova Zelandia, refere o *Diario Asiatico* publicado em Londres, manifestam o apreço que fazem do valor dos europeus de uma maneira peculiar e caracteristica. Um dos caudilhos daquelles naturaes contou a um missionario inglez, que um troço da sua gente haviam morto, poucos dias antes, um europeu, e que o haviam comido; porem que respeitando o extraordinario valor com que se tinha defendido, resolveram não comer os braços nem as mãos de um homem tão valente.

1841. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
Rua do Hospicio N. 66.